

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**RENATO FERREIRA MACHADO**

**DESGRAÇADO. MISERÁVEL.  
O DISCURSO TEOLÓGICO DE HOUSE M.D.  
SINTOMAS DE UMA TEOLOGIA DO DESENCANTAMENTO**

São Leopoldo  
2013



RENATO FERREIRA MACHADO

**DESGRAÇADO. MISERÁVEL.  
O DISCURSO TEOLÓGICO DE HOUSE M.D.  
SINTOMAS DE UMA TEOLOGIA DO DESENCANTAMENTO**

Tese de Doutorado  
Para obtenção do grau de  
Doutor em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Área de concentração: Religião e Educação

Orientador: Prof. Dr. Remí Klein  
São Leopoldo  
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M149d Machado, Renato Ferreira

Desgraçado. Miserável. O discurso teológico de House M. D.: sintomas de uma teologia de desencantamento / Renato Ferreira Machado ; orientador Remí Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2013.

187 p.

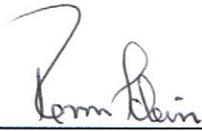
Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. House (Programa de televisão). 2. Pessimismo. 3. Morte – Aspectos religiosos. 4. Sentido (Filosofia). 5. Fé. I. Klein, Remí. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

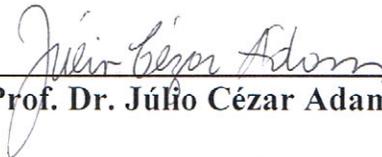
## BANCA EXAMINADORA

1º Examinador:



Prof. Dr. Remí Klein (Presidente)

2º Examinador:



Prof. Dr. Júlio César Adam (EST - PPG)

3º Examinador:



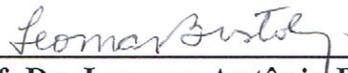
Prof. Dr. Iuri Andreas Reblin (EST - PPG)

4º Examinador:



Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad (FAJE)

5º Examinador:



Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin (PUC/RS)



Para Carine,  
que conhece meus desencantos.



## **AGRADECIMENTOS**

*À Carine, minha amada, por ser quem é.  
Ao meu pai, Cléo que trabalhou de sol a sol para que eu pudesse estudar.  
Ao meu irmão, André, meu gênio preferido.*

*Ao meu orientador, Prof. Dr. Remí Klein, que me apresentou suas perguntas.*

*A todos os colegas e professores da EST, companheiros de uma jornada inesquecível e muito divertida.*

*Ao PROEX/CAPES, que financiou minha pesquisa.*

### **Em memória de...**

*Minha mãe, Maria Luiza.*

*Meu sogro, Günther, que me mostrou o caminho para a EST.*

*Irmã Francisca, minha catequista.*

*Irmão Firmino, que viu um educador em um adolescente rebelde.*

*Irmã Arlinda, que me apresentou a desencantada realidade dos migrantes.*



Love, love is a verb  
Love is a doing word  
Fearless on my breath  
Gentle impulsion  
Shakes me makes me lighter  
Fearless on my breath

*(Teardrop - Massive Attack)*



## RESUMO

Leitura teológica do seriado House M. D., tomando o personagem principal como figura estética que simboliza o *status* existencial humano da época presente e as narrativas da produção como mitologias existenciais contemporâneas. Afirma-se o desencantamento como possibilidade teológica de ressignificação da identidade humana, a partir da discussão a respeito da condição humana, das experiências de fé retratadas no seriado e da perspectiva de resgate de sentido existencial diante da realidade da morte. No primeiro capítulo apresenta-se a série e seus personagens, enfatizando-se a figura do protagonista Gregory House. No segundo capítulo elabora-se um quadro referencial teológico a partir de determinados pontos da produção intelectual de Paul Tillich e Jürgen Moltmann. No terceiro capítulo discute-se a condição humana, enfatizando-se a experiência da alteridade como superação de uma ética deontológica. No quarto capítulo reflete-se sobre experiências de fé retratadas no seriado, enfatizando-se a dimensão religiosa como abertura a um horizonte absoluto de ressignificação da vida. No quinto capítulo, através de uma análise narrativa do episódio final do seriado, apresenta-se a experiência do morrer como desencantamento final e possibilidade de sentido para a conclusão da vida.

**Palavras-chave:** House. Cultura Pop. Desencantamento. Condição Humana. Fé.



## ABSTRACT

This is a theological reading of the House M.D. serial, using the main character as an esthetic figure which symbolizes the human existential *status* of current times and the narratives of the production as contemporary existential mythologies. Disenchantment is affirmed as a theological possibility of re-signifying the human identity based on the discussion about the human condition, the faith experiences pictured in the serial and the perspective of the recovery of existential meaning faced with the reality of death. In the first chapter the serial and its characters are presented, emphasizing the protagonist, Gregory House. In the second chapter a theological referential framework is elaborated based on certain points of the intellectual production of Paul Tillich and Jürgen Moltmann. In the third chapter the human condition is discussed emphasizing the experience of otherness as an overcoming of deontological ethics. In the fourth chapter the religious dimension is emphasized as an opening to an absolute horizon of re-signification of life. In the fifth chapter, through a narrative analysis of the final episode of the serial, the experience of dying is presented as a final disenchantment and a possibility of meaning for life's end.

**Keywords:** House. Pop Culture. Disenchantment. Human condition. Faith.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 CONSULTANDO GREGORY HOUSE .....	29
1.1 O mundo não precisa de mais um medical drama: um breve histórico de House .....	30
1.2 Conceituações, referências e identidades: se Gregory House for um sintoma, qual será o diagnóstico? .....	33
1.3 Chamem uma ambulância: um olhar panorâmico sobre a série .....	35
1.3.1 James Wilson, oncologista: o próximo de House .....	36
1.3.2 Eric Foreman, neurologista: a casa sobre a rocha.....	38
1.3.3 Allison Cameron, imunologista: a humanitária .....	40
1.3.4 Robert Chase, intensivista: o filho pródigo.....	41
1.3.5 Lisa Cuddy, diretora: a grande mãe .....	44
1.3.6 Remy “Thirteen” Hadley, clínica geral: a samaritana à beira do poço.....	45
1.3.7 Christopher Michael Taub, cirurgião plástico: servindo a dois senhores.....	47
1.3.8 Amber Volakis, radiologista e Lawrence Kutner, especialista em medicina esportiva: se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. (Jo 11, 32b).....	47
1.3.9 2004-2012: oito anos de diagnósticos sobre a condição humana .....	50
2 SINTOMAS TEOLÓGICOS DE HOUSE: A QUE DIAGNÓSTICO CHEGAREMOS? ...	55
2.1 Diagnosticando Paul Tillich: sintomas de uma síndrome de fronteira .....	57
2.1.1 As forças metabólicas da realidade: diagnósticos de Paul Tillich a respeito da cultura.....	58
2.1.2 Religião como busca do Incondicional: a desintoxicação da idolatria .....	62
2.1.3 O método da correlação: quando a religião recebe alta da ala de isolamento.....	67
2.2 Diagnosticando Jürgen Moltmann: cicatrizes da cruz e sintomas de esperança.....	71
2.2.1 As cicatrizes da cruz: sofrer não é uma opção.....	74
2.2.2 Saúde não significa exatamente não estar doente .....	78
2.2.3 Morrer muda tudo .....	81
2.3 Um diagnóstico teológico de House .....	87
3 DESGRAÇADO. MISERÁVEL. HOUSE E A TEOLOGIA DO DESENCANTAMENTO.	91
3.1 A identidade humana como sintoma: o desencantamento da condição humana .....	95
3.2 Eu sou fisicamente incapaz de ser educado .....	100
3.3 Antídotos para a desumanização.....	103
3.4 A alteridade como profilaxia existencial .....	111
4 CREIA NO QUE QUISER, MAS NÃO SEJA IDIOTA: O DESENCANTAMENTO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA .....	117
4.1 Uma alergia a Deus: assumindo as próprias cruzes .....	123
4.2 Por que Deus sempre leva a fama? Fé, ciência e dúvida .....	129
4.3 Deus não é uma alucinação .....	140
4.4 Algumas conclusões a respeito da fé de Gregory House.....	149
5 TODO MUNDO MORRE: O DESENCANTAMENTO NO FIM DA VIDA HUMANA	153

5.1 Ninguém morre com dignidade: o fim da vida é um prédio em chamas, desabando sobre sua cabeça.....	156
5.2 Conversando com os fantasmas existenciais: a recapitulação de todas as coisas .....	160
5.3 A estrada aberta da eternidade.....	170
CONCLUSÃO .....	177
REFERÊNCIAS.....	185
Videografia.....	185
Wikipedia e web em geral .....	186
Bibliografia.....	189

## INTRODUÇÃO

O que sobrou do ser humano neste início de Século XXI? Melhor dizendo, que humanidade emerge da modernidade tardia, que insistimos em já nomear como pós-modernidade? Indubitavelmente, uma variada gama de respostas pode vir ao encontro destas perguntas, lançando olhares através de tantos prismas quanto são possíveis ao conhecimento humano: partindo-se da Filosofia, por exemplo, poder-se-ia levantar questões como as da *hipermodernidade*, do *pós-moralismo* e da *sociedade da decepção*, conforme as categorias construídas por Gilles Lypovetsky<sup>1</sup>, bem como toda teoria da complexidade formulada por Edgar Morin<sup>2</sup>. Na Sociologia encontraríamos pistas em concepções como a *modernidade líquida*, de Zygmunt Bauman<sup>3</sup>, e na ideia de *sociedade em rede*, de Manuel Castells<sup>4</sup>. Na

---

<sup>1</sup> Gilles Lipovetsky é um filósofo francês, professor de filosofia da Universidade de Grenoble, teórico da Hipermodernidade, autor dos livros *A Era do Vazio*, *O luxo eterno*, *O império do efêmero*, *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*, entre outros. Em suas principais obras, sobretudo em *A Era do Vazio*, analisa uma sociedade pós-moderna, marcada, segundo ele, pelo desinvestimento público, pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas e por uma cultura aberta que caracteriza a regulação *cool* das relações humanas, em que predominam tolerância, hedonismo, personalização dos processos de socialização e coexistência pacífico-lúdica dos antagonismos - violência e convívio, modernismo e *retrô*, ambientalismo e consumo desbragado etc. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilles\\_Lipovetsky](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilles_Lipovetsky)>

<sup>2</sup> Edgar Morin, pseudônimo de Edgar Nahoum, é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês judeu de origem sefardita. Pesquisador emérito do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*), é formado em Direito, História e Geografia, tendo realizado estudos em Filosofia, Sociologia e Epistemologia. Autor de mais de trinta livros, entre eles *O método* (em 6 volumes), *Introdução ao pensamento complexo*, *Ciência com consciência* e *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*, é considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos da complexidade. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar\\_morin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_morin)>

<sup>3</sup> Zygmunt Bauman é um sociólogo polonês que iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde teve artigos e livros censurados e em 1968 foi afastado da universidade. Logo em seguida emigrou da Polônia, reconstruindo sua carreira no Canadá, nos Estados Unidos e na Austrália, até chegar à Grã-Bretanha, onde em 1971 tornou-se professor titular da universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Lá, conheceu o filósofo islandês Ji Caze, que influenciou sua prodigiosa produção intelectual, pela qual recebeu os prêmios *Amalfi* (em 1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto*) e *Adorno* (em 1998, pelo conjunto de sua obra). Atualmente é professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. Tem mais de dezesseis obras publicadas no Brasil, dentre as quais *Amor Líquido*, *Globalização: as Conseqüências Humanas* e *Vidas Desperdiçadas*. Bauman tornou-se conhecido por suas análises das ligações entre a modernidade e o holocausto e o consumismo pós-moderno. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Zygmunt\\_Bauman](http://pt.wikipedia.org/wiki/Zygmunt_Bauman)>

<sup>4</sup> Manuel Castells é um sociólogo espanhol. Entre 1967 e 1979 lecionou na Universidade de Paris, primeiro no campus de Nanterre e, em 1970, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. No livro *A sociedade em rede*, o autor defende o conceito de *capitalismo informacional*. Durante a década de 1970, Castells teve um importante papel no desenvolvimento da sociologia urbana marxista e enfatizou o papel dos movimentos sociais na transformação conflitiva da paisagem urbana. Castells introduziu o conceito de "consumo coletivo" para compor um amplo alcance dos esforços sociais, deslocado do campo econômico para o campo político pela intervenção do Estado. Ao abandonar as estruturas marxistas no início da década de 1980, começou a concentrar-se no papel das novas tecnologias de informação e comunicação na reestruturação econômica. Nos meados da década de 1990, juntou os lados de sua pesquisa em um sólido estudo, chamado *A Era da Informação*, publicado como uma trilogia entre 1996 e 1998. O primeiro volume da trilogia, *Sociedade em Rede*

Neurociência, nos depararíamos com as recentes construções de identidade humana a partir do conhecimento do cérebro e seu complexo funcionamento, em teorias defendidas, por exemplo, pelo brasileiro Miguel Nicolelis<sup>5</sup>. Enfim, seria uma lista infindável de concepções acerca de nossa situação no tempo presente, cada uma com sua complexidade, suas possibilidades e seus limites. Nesta pesquisa, fazemos opção por um ponto de vista bem definido para buscar respostas a estas perguntas: sem desconsiderar nada daquilo que tem sido elaborado por estas diversas áreas do conhecimento, realizaremos nosso itinerário pelos caminhos da Teologia.

Esta afirmação, por um lado, delimita bastante o itinerário de nosso estudo sobre o caso, mas, por outro, abre um grande leque de possibilidades, intrínseco à própria Teologia. Nesse sentido, há pelos menos duas perguntas importantes para se fazer a respeito deste campo do saber: a Teologia ainda tem algo relevante a dizer sobre nosso contexto histórico, social e cultural? E, ainda, por quais Teologias se pode optar para contribuir com alguma reflexão consistente sobre o caso? Consideramos necessário respondê-las, ainda que brevemente, para situarmos os leitores e interlocutores no contexto desta pesquisa e, desde já, revelar nossas intenções ao realizá-la.

A primeira pergunta descortina um contexto. A segunda aponta para possibilidades de contextualização. Questionar a relevância da Teologia no tempo atual significa perguntar se ela já teve importância e também por que a perdeu. Lançando-se um olhar para o recém findado Século XX, perceberemos a ascensão de uma cultura secular que, na passagem para o Século XXI, ensaia transmutar-se em cultura de diversidade e complexidade.<sup>6</sup> Neste movimento dos tempos, a Teologia foi sofrendo mudanças de papel e lugar. Se, inicialmente, ela é como o *cimento* que sustenta a construção político-cultural europeia, na qual o *espírito do ocidente* foi concebido, ela vai sendo substituída, aos poucos, por outras ligas, variadas e diversas, na medida em que esta construção vai sendo reformada. Da mesma forma, a Teologia perde o papel de intérprete do *Zeitgeist*, uma vez que, com o estabelecimento do

---

- *A Era da informação: Economia, sociedade e cultura*, mapeia um cenário mediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação - TICs - e como estas interferem nas estruturas sociais. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_castells](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_castells)>

<sup>5</sup> Miguel Angelo Laporta Nicolelis é um médico e cientista brasileiro, considerado um dos 20 maiores cientistas do mundo no começo da década passada, segundo a revista *Scientific American*. Nicolelis é o primeiro cientista a receber da instituição americana no mesmo ano o *Pioneer* e o *Transformative R01* e o primeiro brasileiro a ter um artigo publicado na capa da revista *Science*. Lidera um grupo de pesquisadores da área de Neurociência da Universidade Duke (*Durham*, Estados Unidos), no campo de fisiologia de órgãos e sistemas, na tentativa de integrar o cérebro humano com máquinas (neuropróteses ou interfaces cérebro-máquina). O objetivo das pesquisas é desenvolver próteses neurais para a reabilitação de pacientes que sofrem de paralisia corporal. Nicolelis e sua equipe foram responsáveis pela descoberta de um sistema que possibilita a criação de braços robóticos controlados por meio de sinais cerebrais. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_nicolelis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_nicolelis)>

<sup>6</sup> Cf. GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 11.

estado laico, de tendência secularizante, o objeto do qual a Teologia fala deixa de ter caráter universal, passando a ser preocupação de grupos definidos e identificados com uma experiência de *fé em comum* e exclusiva.

Pelo fato de, desde os primórdios do pensamento crítico da era moderna, os próprios fundamentos e métodos da Teologia terem se tornado questionáveis, os teólogos modernos lançaram-se com intensidade especial sobre esses prolegômenos da dogmática e, com a ajuda da Filosofia, Psicologia ou Ciência da Religião, ciências que naquele momento eram novas, procuraram responder às seguintes questões básicas: de que maneira a Teologia Cristã é possível sob as condições do mundo moderno? E: Uma ética cristã própria é possível de alguma forma?<sup>7</sup>

Não sendo nossa intenção realizar um inventário da caminhada histórica da Teologia no Século XX e início do Século XXI<sup>8</sup>, sintetizaremos a questão da relevância teológica com uma proposição: talvez, algumas das respostas importantes que a Teologia possa oferecer no tempo atual digam respeito aos discursos de fé elaborados sobre as realidades que percebemos e as identidades que construímos. Tratando-se especificamente da Teologia elaborada a partir da experiência cristã, como é o caso, pode-se dizer ainda que estes discursos de fé estão culturalmente embasados no ideário judaico-cristão e são motivo de crise para o projeto de realidade e identidade nascidos desta tradição religiosa, que é um dos grandes referenciais arquetípicos do mundo ocidental. Perguntar pelo humano que emerge neste tempo a partir da Teologia, então, pede uma reformulação da pergunta que propomos inicialmente: Quem o ser humano acredita ser neste início de Século XXI? Como se configura a realidade a partir desta crença? Junto a isso, cabe também o seguinte questionamento: Quem, realmente, é este ser humano e como ele pode reaproximar-se de uma identidade original? Estas perguntas são teológicas e, dificilmente, quaisquer outras áreas do conhecimento poderiam respondê-las.

Nesse sentido, ao afirmarmos que a identidade humana e a realidade são construídas a partir de crenças a respeito delas, precisamos perguntar no que se baseiam estas crenças, uma vez que todo ato de fé pressupõe uma experiência de sacralidade. Ora, se a Teologia e o ambiente sagrado institucional, conforme já afirmamos, foram perdendo sua universalidade e migrando para a particularidade de grupos determinados e suas respectivas crenças, faz-se necessário investigar a existência de novos lugares, onde de fato estejam ocorrendo experiências universalizantes de sacralidade no tempo atual. Nisso, seguramente podemos apontar o ambiente midiático como *lôcus* relevante. Considerando-se que o desenvolvimento

---

<sup>7</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológica – Caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004. p. 09.

<sup>8</sup> Para isso, ver as duas obras supracitadas, nas quais os autores elaboram uma verdadeira arqueologia do saber teológico de nossa época.

rápido dos meios de comunicação de massa e a conseqüente implementação de uma *indústria cultural* no mundo ocidental tiveram boa parte da responsabilidade nas mudanças de paradigma em nosso contexto social, podemos facilmente constatar que o envolvimento e a afinidade de grandes parcelas populacionais com produções cinematográficas, televisivas, musicais e, mais recentemente, a intensidade com que acontecem as conexões a redes sociais e outras instâncias do mundo virtual, revelam dimensões de uma busca por sentido e significância para a vida. Chegamos, com isso, a outra delimitação necessária a esta pesquisa: considerando o contexto midiático como *lócus teológico*, o que, especificamente, tomaremos como objeto de análise no vasto campo das produções de mídia para elaborarmos um discurso teológico sobre identidade humana na atualidade e que ponto de vista adotaremos?

Por isso, desde já, queremos deixar claro que não abordaremos o contexto de mídia como um lugar *profano* que se contrapõe a um *lugar sagrado* legitimado institucionalmente. Reconhecendo toda idolatria provocada e existente na *mídia* (idolatria que não deixa de existir, de forma tão prejudicial quanto, nas tradições e instituições religiosas) abordaremos estas produções como expressões da transcendência humana. Tratando-se de labor artístico, assumimos que sua gênese se dá a partir de elementos de inspiração, portadores de uma revelação, provocada pela intensidade da experiência estética que se estabelece no contato com a obra.<sup>9</sup> Manteremos, assim, um diálogo de categorias teológicas com as produções culturais, levantando a seguinte suspeita: Muito mais do que oferecer modelos prontos, não seriam estas produções o lugar onde emergem alguns dos arquétipos mais representativos da identidade humana deste tempo?

Para dar conta desta suspeita e desta proposição, tomaremos, como primeiro referencial teórico, o teólogo Paul Tillich e sua abordagem teológica da cultura. Assumimos a concepção deste autor a respeito de uma Teologia que se realiza na fronteira entre o discurso religioso historicamente estabelecido e o *novum* que surge nas expressões artísticas, frutos de inspiração e possíveis reveladoras de *sentido último* para a existência. Posto isso, faz-se necessária nova delimitação: Que opção fazer em um campo tão vasto quanto o das produções culturais midiáticas? Há muitas alternativas válidas e que resultariam em excelentes análises e pesquisas, porém, em se tratando de arte, o critério que mais pesa neste tipo de escolha é a preferência do próprio autor. Afinal, se vamos tratar de experiência estética, não podemos subtrair aquilo que pessoalmente vivemos neste sentido. Assim, dentre tantas produções

---

<sup>9</sup> CALVANI, Carlos Eduardo. *Teologia da Arte*. São Paulo: Paulinas. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 76-77.

artísticas, optamos por uma que nos impactou e atraiu a ponto de, involuntariamente, nos levar a uma leitura teológica de seu conteúdo: o seriado televisivo *House M.D.*

Séries de televisão podem ser compreendidas de diversas formas. É possível classificá-las de acordo com gêneros narrativos, ambientações, personagens etc. Existem muitas em exibição, simultaneamente, há bastante tempo. O fato é que ouvir falar de uma produção deste tipo e assistir a alguns episódios esparsamente se torna uma situação bem distinta de acompanhar semanalmente um seriado, inteirando-se não apenas das histórias apresentadas, mas das interligações entre os episódios e da forma como estes atingem e transformam os personagens.<sup>10</sup> Nesse sentido, podemos afirmar que *adotar um seriado* e assisti-lo de forma constante e sistemática, equivale a adentrar em um universo particular, decodificando símbolos e linguagens, reconhecendo os *cânones* que dão coerência e autoridade ao discurso adotado na produção e, sobretudo, estabelecendo uma comunicação empática com os personagens que habitam este universo e encarnam todos os seus elementos. Mais do que isso, em um segundo momento, passa-se a reconhecer o universo originário do espectador retratado no universo dramatúrgico e, logo a seguir, começa-se a perceber o universo fictício revelando-se no não-fictício. Arriscamos dizer que, em tal processo, se estabelece uma comunhão entre os dois lados da tela, onde o desenrolar do seriado fornece chaves de leitura para o cotidiano do espectador e este, involuntariamente, abastece o universo do seriado com os desdobramentos de sua própria realidade. Ao levantar todo esse quadro, suspeitamos que este processo seja desencadeado a partir de três movimentos: identificação, revelação e inspiração. Ou seja: primeiramente há um reconhecimento *de si próprio* naquilo que o seriado está propondo como narrativa. Depois, este espelho midiático acaba revelando possibilidades renovadoras para quem, assistindo, experimenta a alteridade com os personagens. Por último, há a inspiração para novas possibilidades de significação do cotidiano, onde o espectador pode perguntar-se, por exemplo, o que *tal* personagem faria em determinada situação que ele precisa enfrentar pessoalmente. Obviamente, não podemos deixar de entrever nisso tudo a ação de um *mercado de entretenimento*, que cria histórias, personagens e universos fictícios com o claro objetivo de lucrar com a audiência e com o consumo relacionado à produção. Por esta razão, encontram-se muitos elementos apelativos neste meio, colocados em histórias e personagens para *fidelizar* o espectador e manter a lucratividade do produto. Não se pode, porém, adotar uma postura totalmente condenatória

---

<sup>10</sup> Neste sentido, é interessante notar como no Brasil os seriados que fazem sucesso são estrangeiros (majoritariamente estadunidenses) e que seriados nacionais, com algumas exceções, acabam não perdurando. As novelas, por outro lado, atraem sobre si o mesmo *status* que os seriados detêm nos Estados Unidos.

diante destes fenômenos de comunicação, sob o risco de, assim, agir-se tão ingenuamente quanto ao adotar uma postura extremamente oposta. Chegamos, assim, a *House*.<sup>11</sup>

Partindo-se dos critérios que propusemos acima, é necessário que saibamos que identificação, que revelação e que inspiração este seriado tem desencadeado e, de certa forma, adiantamos que a resposta para esta questão se constitui em nosso objeto de pesquisa e que, portanto, será desenvolvida ao longo de todo este escrito. Mesmo assim, desejamos apresentar ainda as razões teológicas mínimas para a abordagem desta produção. *House* é um *drama hospitalar*, ou seja, suas histórias são desenvolvidas a partir de tramas envolvendo a saúde humana, seus problemas e todos os sentimentos envolvidos neste tipo de situação. A identificação do espectador com uma série portadora desta temática é, portanto, óbvia: todos adoecemos e vivemos o drama de buscar a cura para nossas enfermidades e a recuperação para nossa saúde. Da mesma forma, todos nós já acompanhamos alguém em consultas a médicos ou internações hospitalares. Alguns de nós, certamente, já vivemos a crise da perda de pessoas próximas em consequência de alguma enfermidade que não pôde ser revertida. Junto a isso, a grande maioria das pessoas que busca cuidados médicos provavelmente alimenta certa curiosidade sobre o cotidiano dos profissionais da saúde, perguntando-se, por exemplo, como as pessoas desta área conseguem descobrir que enfermidade está ameaçando a saúde de alguém através da observação de sintomas, ou, ainda, como se sentem estes profissionais ao realizarem uma intervenção cirúrgica em um paciente. Há curiosidade, também, acerca da vida privada de médicos e médicas: De que forma alguém que lida com a saúde, a vida e a morte de muitas pessoas resolve seus problemas, cuida de suas relações e de sua própria saúde? Não raramente, aliás, profissionais da saúde gozam de certa *fama de santidade*, sendo vistos pela maioria da população como pessoas abnegadas, que renunciam à própria vida para cuidar e salvar a vida alheia: são os *bons samaritanos*, que se dedicam ao *próximo*, não importando quem seja ele. Pessoas que, certamente, são exemplos a serem seguidos. Pensando-se por este viés, poderíamos enumerar vários seriados que, ao longo de décadas, têm narrado histórias embasadas nestas questões e perguntas, consagrando personagens que, certamente, inspiraram muitas pessoas a seguirem carreira nesta área. *House* insere-se nesta linha de dramaturgia, mas revela-se completamente diferente. As histórias exibidas semanalmente mostram, sim, personagens que enfrentam o drama de lutar pela cura de enfermidades, bem como todos os outros elementos que compõem o *medical drama*: o

---

<sup>11</sup> Trataremos o seriado pelo simples título de *House*, como se tornou popularmente conhecido. Adotamos esta decisão pelo fato de que raramente alguém se refere a esta produção como *House M.D.*, apesar deste ser seu título oficial. Não utilizaremos, da mesma forma, o título *Dr. House* por este ter sido escolhido exclusivamente pela TV aberta para nomear a série.

hospital que serve de cenário para as narrativas, o núcleo de personagens-médicos, com seus dramas pessoais, personalidades marcantes e atos de heroísmo. Há, porém, um fator que, agindo como um catalizador no ambiente do seriado, desconstrói aquilo que se esperaria de um seriado hospitalar: o personagem principal, *Dr. Gregory House*.

Diagnologista que chefia uma equipe médica multidisciplinar, House é considerado uma autoridade em sua área, assumindo apenas casos nos quais a enfermidade se apresenta de forma tão misteriosa que o diagnóstico correto fica praticamente impossibilitado. Seu grande talento é o de desvendar estes mistérios através da leitura dos sintomas apresentados no paciente, o que, na maioria das vezes, se constitui em um verdadeiro enigma para ele e os demais membros da equipe. Fosse apenas isso, não haveria nada de novo. O diferencial que o seriado apresenta é que o grande enigma que House precisa desvendar não é outro senão ele próprio. Racional e pragmático ao extremo, o médico é obcecado pela verdade – tanto a ponto de ter desenvolvido um acurado senso de observação e uma intuição fora do normal. Por esta razão, House realiza uma leitura de mundo a partir daquilo que ele distingue como realidade, em meio às tantas ilusões assumidas pelas pessoas com quem ele convive e a quem atende. O ponto central disso tudo encontra-se em um problema que atinge o personagem e que, mesmo compreendido racionalmente por ele, se torna um mistério muito maior que a totalidade de seus conhecimentos: a dor. House tomou uma decisão equivocada a respeito de uma enfermidade que o acometia e, como consequência, passou a sentir dores crônicas, que só podem ser aliviadas através de um fortíssimo analgésico, do qual ele se tornou dependente. Ele sabe, portanto, a origem de seu sofrimento e compreende os motivos pelos quais continua sofrendo, mas vive a angústia de não compreender o sentido de viver o sofrimento. Com a dor, vieram a amargura e a solidão e, com elas, a absoluta incapacidade de lidar com pessoas. House, portanto, é um médico doente e viciado que, por não conseguir lidar com suas próprias dores, prefere a solidão. Ao mesmo tempo, este sofrimento o leva a identificar os sofrimentos alheios e os analgésicos emocionais ou sociais nos quais os outros se viciam para não sofrer: para House, todos mentem e ninguém realmente muda. Assim sendo, ele não vê necessidade em manter aparências ou agradar a quem quer que seja.

Ao longo de oito anos, este herói improvável levou milhões de pessoas, no mundo inteiro, a acompanharem a história de sua dor e de muitas outras dores alheias que a série apresentava. Em termos de identificação com o público, portanto, este quadro apresenta algo que, não sendo inédito, é no mínimo inusitado no atual contexto cultural: a identificação não se baseia em histórias de superação do sofrimento ou abnegação para aliviar o sofrimento alheio, como é comum na dramaturgia norte-americana, mas na integração do sofrimento com

a vida. O seriado, assim, acaba travando o seguinte diálogo com seu público: todos sofrem e ninguém deseja sofrer e o que se faz a respeito disso define muito daquilo que acabamos nos tornando. Outro elemento importante nesta análise é a pergunta sobre o tipo de modelo que Gregory House se acaba tornando, uma vez que esta, geralmente, é a função do personagem principal. Considerando-se que, geralmente, ao abordarmos conceitos como *modelo* e *exemplo*, estamos nos referindo ao que se aspira como ideal de vida, House facilmente pode ser identificado como oposto disso. Por outro lado, se abordarmos *modelo* e *exemplo* como categorias que revelam realidades que nem sempre estão suficientemente esclarecidas no cotidiano, então House se torna algo inigualável. Neste sentido, pode-se aqui abordar o seriado, especialmente na figura de seu personagem principal, na qualidade de um *arquétipo*, que sintetiza em si algumas das grandes questões e características dos tempos em que vivemos. Ao assumirmos esta ideia, já podemos intuir que tipo de revelação e inspiração pode vir da série: *House* revela o que sobrou do ser humano no final do Século XX, que humanidade emerge neste início de Século XXI, que discursos de fé sustentam estes modelos e que perspectiva de superação e libertação destes modelos podem ser intuídas nesta dinâmica de relações. Voltamos, com isso, ao início deste texto e podemos, agora, apresentar nossa proposta de pesquisa.

Assumimos que House, o personagem, é o arquétipo de um ser humano desencantado e que, nele, podemos reconhecer algumas das realidades profundas da identidade humana que dão rosto, voz e nome a este ser humano: razão para reconhecer a realidade, sofrimento que, transbordando a razão, se revela como mistério e uma insaciável busca por uma verdade última, que faça a síntese entre razão e mistério. Nesse sentido, House desconstrói quase tudo que embasa as relações e as crenças estabelecidas na hipermodernidade, mostrando, por exemplo, que as pessoas mentem a respeito de qualquer coisa que contradiga a imagem que elas desejam ter diante dos outros, até que elas adoçam e precisem revelar suas facetas ocultas para salvar a própria vida. Identificando este *leitmotiv* no seriado, reconhecemos nele um ideário teológico a partir do qual podemos afirmar que estas narrativas não tratam de outra coisa senão da mais originária das experiências religiosas: a busca de sentido para o vazio provocado pelo desmoronamento dos discursos de fé diante das realidades de sofrimento e morte. Tal experiência, em si, é portadora de *desencantamento*: ela é sentimento de falta absoluta e pergunta sobre um sentido último que torne a vida minimamente suportável. Abordaremos o desencantamento, portanto, não como algo a ser superado, mas como qualidade a ser assumida e integrada ao viver, como memória de nossa insignificância e medida para nossa liberdade. Nesta perspectiva, podemos concluir que os

miseráveis e desgraçados são aqueles que realizam a experiência religiosa mais profunda em nosso tempo, uma vez que vivem em estado de falta e ausência e que Gregory House é um desgraçado miserável: em meio à dor, disfarçada com sarcasmo, ele busca graça e misericórdia para sua vida voltar a ter sentido. Neste ponto, faz-se necessário apresentarmos um segundo referencial teológico para a construção desta tese: a teologia de Jürgen Moltmann, especialmente naquilo que se refere ao sofrimento humano. No pensamento deste teólogo, encontraremos a própria teologia como intérprete da história do sofrimento humano, sendo que o sentido para este sofrimento se encontra na solidariedade entre os sofredores e não em supostas recompensas ou castigos prometidos para o pós-morte. Para Moltmann, a paixão humana está integrada na salvação que vem de Deus, uma vez que Deus é atingido pelo sofrimento humano, não por carência, mas por escolha amorosa. Todo sofrimento humano, portanto, é *calvário*, pois a história acontecida na cruz é a *história da história*: ali se encontram todos os abismos da condição humana e, a partir dali, não há sofrimento humano que não seja sofrimento de Deus.

Postos os elementos que consideramos suficientes para introduzir o leitor no âmago desta pesquisa, queremos apresentar o roteiro que nos propomos para desenvolver esta temática. Com o objetivo de identificar o discurso teológico presente no seriado *House*, assumindo-o como experiência estética reveladora de um espírito de desencantamento que irrompe no tempo presente, estruturamos nossa tese em cinco capítulos que, obviamente, se complementam gradativamente na abordagem do tema. No primeiro capítulo apresentaremos a série, sua estrutura, personagens, temporadas e *leitmotiv*. Concluimos afirmando a produção como objeto de pesquisa teológico.

O segundo capítulo apresenta nosso quadro teórico, através de uma visão panorâmica sobre a teologia de Paul Tillich e de Jürgen Moltmann. Do primeiro, enfatizamos sua elaboração a respeito da experiência estética como experiência de revelação e da experiência religiosa como *experiência de falta*. Do segundo, enfocamos principalmente a questão do sofrimento humano na perspectiva messiânica e salvífica. Finalizando esta seção arriscaremos apresentar algumas características de uma categoria teológica que pretendemos construir a partir desta tese: a Teologia do Desencantamento.

Nos três capítulos seguintes elaboramos uma análise pormenorizada do discurso teológico do seriado, referindo-se sempre à base teórica de Tillich e Moltmann, com apontamentos para a questão do desencantamento. Desenvolvemos, assim, três grandes aspectos que, em nossa opinião, reúnem a essência dramática desta produção: a questão da

identidade humana, a crise dos modelos de fé presentes na cultura atual e a crise da busca humana por um sentido último para seu existir.

Obviamente, não estamos oferecendo nenhuma palavra definitiva sobre as temáticas que nos propomos a discutir. Esta tese é apenas uma contribuição, dentre tantas outras já existentes, abordando o seriado e suas facetas em uma área de conhecimento específica. Empreendemos esta jornada por termos sido tocados pela Teologia que supomos encontrar nesta produção. Mais do que isso, por aquilo que sentimos ao acompanhar, ao longo de oito anos, os complexos casos tratados pelo médico aleijado. Como muitos espectadores, sabemos que boa parte do sucesso deste programa vem de uma profunda empatia pelo personagem principal: todos querem ser como House, porque ele parece ser realmente livre e por sua liberdade não vir apenas de sua competência, mas do fato dele ter assumido integralmente aquilo que se tornou, de forma brutalmente sincera. A maioria de nós inveja House pelo fato de nos encontrarmos presos a tantas convenções que praticamente já esquecemos quem somos. O Deus de Jesus Cristo, neste sentido, deseja de cada um de nós aquilo que realmente somos, pois nos conhecia “antes de nos formarmos no ventre de nossa mãe” (Jr 1, 5). Sua libertação não significa mudança (as pessoas não mudam, conforme diz House), mas erupção da identidade mais profunda que temos e somos.

## 1 CONSULTANDO GREGORY HOUSE

Uma tese de Teologia que pretenda ter como objeto de pesquisa um programa de televisão como *House* precisa delimitar cuidadosamente seu discurso para poder alcançar seus objetivos. Há muitos pontos de vista possíveis para abordar o seriado e é interessante notar como ele tem se prestado a diversas análises de cunho científico e a livros voltados para diversos públicos.

Em termos de publicações editoriais, talvez, *A Ciência Médica de House*, de Andrew Holtz, tenha sido uma das primeiras incursões bibliográficas a respeito da série: trata-se de uma obra na qual o autor explora, de forma didática, alguns casos tratados no seriado, aprofundando suas bases científicas.<sup>12</sup> Nesta linha, a editora *Zahar* publicou, em 2010, a obra *Todo paciente tem uma história para contar*, escrito por Lisa Sanders, médica consultora de *House*, no qual são narradas diversas curiosidades a respeito de diagnósticos em casos complexos de medicina. O livro, em si, baseia-se em uma coluna mensal chamada *Diagnosis* que a autora escreve para a *New York Times Magazine*. Esta coluna, por sua vez, viria a inspirar a criação de *House*<sup>13</sup>. Em nosso caso, porém, podemos adiantar que esta linha de abordagem nunca nos interessou tanto quanto os aspectos relacionados à identidade humana que transpareciam no seriado.

Assim, nossa primeira leitura sobre a série se deu com um livro intitulado *A Filosofia em House*, também publicado pela Editora *Best Seller* em 2009. Nesta obra, um grupo filosófico italiano aborda *House* a partir de categorias da Filosofia, como ética, razão e lógica, lançando mão, para isso, da análise de personagens, diálogos e tramas desenvolvidas ao longo das então seis temporadas da série.<sup>14</sup> Nesta linha, podemos colocar também *Il Vangelo secondo... Dr. House*, do sacerdote católico Diego Goso. A obra italiana, que não ganhou tradução no Brasil, realiza uma leitura de aspectos marcantes do personagem principal do seriado por um viés pastoralista, muito próximo de uma leitura teológica. O autor utiliza como principal referencial teórico algumas encíclicas e o próprio Evangelho, organizando seu escrito em capítulos que correspondem a departamentos de um hospital. Assim, no primeiro capítulo, intitulado *Departamento de Neurologia*, Goso desenvolve sua análise a respeito de *House* e a verdade; no *Departamento de Psiquiatria*, aborda a questão religiosa no seriado e

---

<sup>12</sup> HOLTZ, Andrew. *A Ciência Médica de House*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

<sup>13</sup> SANDERS, Lisa. *Todo paciente tem uma história para contar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

<sup>14</sup> BLITRIS. *A Filosofia em House*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.

assim por diante.<sup>15</sup> Por fim, não se pode esquecer de citar o *Guia Oficial de House*, escrito por Ian Jackman. Obra voltada à série em si, o livro traz entrevistas com atores, produtores e diretores de *House* e análises pormenorizadas de cada personagem, junto a aspectos mais técnicos sobre a produção e a rotina das filmagens, constituindo-se em um verdadeiro compêndio sobre o seriado.<sup>16</sup>

O mais importante nesta consulta, enfim, é a constatação de o quanto o seriado se estendeu para além da grade de programação televisiva. Quando personagens, situações e tramas de uma produção como esta começam a ser amplamente problematizados, como se apresenta este caso, temos claramente uma dinâmica identificatória, revelatória e inspiradora se desdobrando e deixando marcas em diversos âmbitos da comunicação humana. Em outras palavras, *House* não foi um seriado que passou *em branco* e, sem dúvida, continuará levantando hipóteses e polêmicas mesmo após seu término, acontecido na metade de 2012. Assim, ainda no início desta pesquisa, consideramos importante situar o leitor frente à série em si, apresentando seu histórico, suas fontes inspiradoras e seus personagens, adentrando, assim, no universo dramaturgicamente de Gregory House e dos habitantes do *Princeton-Plainsboro Teaching Hospital*.

### 1.1 O mundo não precisa de mais um *medical drama*: um breve histórico de *House*

No ano de 2003 o produtor David Shore<sup>17</sup> foi procurado pelos também produtores Katie Jacobs e Paul Atanasio<sup>18</sup>, que lhe propuseram criar um seriado em parceria para a *Universal Network Television*. Imaginava-se algo que trabalhasse com elementos de suspense, mas que não fosse ambientado em delegacias ou tribunais, uma vez que já havia vários seriados explorando isso.

---

<sup>15</sup> GOSO, Diego. *Il Vangelo secondo... Dr. House*. Cantulapa: Effatà, 2010.

<sup>16</sup> JACKMAN, Ian. *O guia oficial de House*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

<sup>17</sup> David Shore é um escritor canadense que cria e produz para televisão. Sua criação mais conhecida é exatamente o Dr. House. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/David\\_Shore](http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Shore)>

<sup>18</sup> Katie Jacobs é diretora e produtora de televisão. Ela e seu marido, Paul Attanasio, comandam a *Heel and Toe Films*, produtora do seriado *House, M.D.*. Katie fez sua estreia como diretora em *House*, dirigindo dois episódios da terceira temporada. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Katie\\_Jacobs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Katie_Jacobs)>

Paul Attanasio ficou entusiasmado com uma ideia inspirada na coluna *Diagnosis* do *New York Times Magazine*, escrita por Lisa Sanders. Na coluna, médicos analisam os sintomas estranhos de um paciente e chegam a um diagnóstico. Paul e Katie sabiam que a emissora queria um programa processual, do tipo drama policial tradicional. Essa ideia fazia surgir algo como um programa policial, só que ambientado em um hospital.<sup>19</sup>

Até então, o seriado, que ainda não havia ganhado um nome definitivo, caminhava para se caracterizar mais pela atuação de uma equipe e pelo próprio ambiente hospitalar e seus desafios e não necessariamente por um personagem específico. Uma nova perspectiva começou a se desenhar a partir de uma experiência ocorrida com David Shore quando este precisou de atendimento médico. O escritor narra que lesionou o quadril e não conseguiu atendimento imediato, tendo sua consulta agendada para quase um mês depois. Recuperando-se em casa, o escritor acabou indo ao hospital da mesma forma, no dia marcado. Como era um hospital universitário, ele foi atendido e examinado sob a observação de vários estudantes que faziam sua residência. Tendo sido constatado que seu quadril estava em perfeitas condições, Shore imaginou o quanto havia feito aquela equipe perder tempo e o quanto eles, chateados, deviam ter se queixado dele depois que a consulta terminou. O escritor começou a imaginar como seria, então, ser atendido por um médico que não se deixasse medir por boa educação e gentileza, mas que fosse amargamente sincero com seus pacientes, fazendo-os ver o quanto algumas de suas preocupações com saúde eram ridículas. Pode-se dizer, assim, que estavam colocados os principais elementos que confeririam a identidade do seriado.

Com o roteiro de um episódio-piloto pronto e aprovado, o estúdio contratou o diretor Bryan Singer<sup>20</sup> para dirigi-lo e iniciou a seleção de atores e atrizes para desempenharem os papéis no seriado. Nesse sentido, sabe-se que o papel do Dr. Wilson foi definido antes do papel de House e que, para interpretar o protagonista, houve uma longa e complexa seleção. Gregory House precisava ser um homem de meia-idade que transparecesse os conceitos elaborados por David Shore, tarefa que o próprio criador do personagem começou a considerar impossível após alguns testes com vários atores. Um dos candidatos para o papel era o britânico Hugh Laurie.

Nascido em Oxford, no ano de 1959, James Hugh Calum Laurie é formado em Antropologia e Arqueologia pela *Faculdade de Selwyn*, da *Universidade de Cambridge*. No início da década de 1980 começou sua carreira como ator juntamente ao comediante Stephen

---

<sup>19</sup> JACKMAN, 2010, p. 28.

<sup>20</sup> Bryan Singer (Nova Iorque, 17 de setembro de 1965), produtor e diretor norte-americano, dirigiu grandes produções cinematográficas recorde de bilheteria para o cinema como *Os Suspeitos* (1995), *X-Men* (2000) e *Superman Returns* (2006). Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bryan\\_Singer](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bryan_Singer)>

Fry, atuando, a partir daí em inúmeras produções para cinema e televisão<sup>21</sup>. Na época das seleções para *House*, Laurie se encontrava no deserto da Namíbia, em meio às filmagens de *O Vôo da Fênix*, produção norte americana de 2004.

Havíamos passado o dia inteiro no deserto e estávamos todos um tanto desganhados, com a barba por fazer, e eu fiz algumas brincadeiras bastante arriscadas na fita, me apresentando e pedindo desculpas pelo meu aspecto decorrentes de as coisas não estarem indo bem nos últimos tempos. Pensei que se eles achassem isso engraçado, tanto melhor e, caso contrário, eu provavelmente não deveria mesmo fazer o papel. Felizmente, eles gostaram bastante.<sup>22</sup>

Alguns fatores chamam atenção na trajetória desta escolha. Primeiramente, até a definição de quem daria corpo, voz e rosto ao personagem, *House* não passava de uma ideia. Se hoje, quando nos referimos ao seriado, logo nos remetemos à interpretação que Hugh Laurie elaborou ao longo de quase uma década, não se pode esquecer que as coisas poderiam ter sido bem diferentes e que, talvez, *House* não tivesse adquirido a importância que teve se a escolha do ator principal tivesse sido diferente. Outro fator foi a configuração de fatos que levaram o ator britânico a gravar seu teste da forma como gravou: inadvertidamente, Hugh Laurie criou não apenas o visual de Gregory House, mas o próprio *physique du rôle* que caracterizaria o personagem.

A grande corrente que arrasta todo filme suscita um intercâmbio entre homens e coisas, entre rostos e objetos. O rosto da terra é continuamente expresso pelo lavrador e, reciprocamente, a alma do camponês é nos dada pelo trigo que o vento agita. Do mesmo modo, o oceano exprime-se no rosto do marinheiro e o rosto do marinheiro no do oceano. Porque, no ecrã, o rosto se torna paisagem e a paisagem rosto, isto é, *alma*<sup>23</sup>.

Cabe, por isso, perguntar sobre o rosto que foi reconhecido como sendo o de Gregory House e sobre a paisagem que pode ser lida neste rosto. Conforme a própria declaração de Hugh Laurie, a gravação que serviria de teste para sua possível interpretação foi realizada em um lugar pouco confortável, após um dia de trabalho árduo, em pleno deserto. De antemão, reconhece-se aqui a *alma* de House: estamos diante do ser humano em sua exaustão, sem ilusões ou artificialidades. Estamos diante de um homem que traz, em seu rosto e em sua fala, a desolação e a solidão do deserto, longe de casa, sem conforto e quase sem alternativas.

<sup>21</sup> Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hugh\\_laurie](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hugh_laurie)>

<sup>22</sup> LAURIE, Hugh. A Linha de Partida. In: JACKMAN, 2010, p. 35.

<sup>23</sup> MORIN, Edgar. *O Cinema ou o Homem Imaginário*. Lisboa: Relógio D'Água. p. 92.

Imagine-se esta pessoa como um médico que realiza seu trabalho neste constante *estado de deserto* e começa-se, aí, a vislumbrar a face de Gregory House. O fato, por isso, é que uma abordagem a produções televisivas como *House* precisa adentrar, antes de mais nada, no campo conceitual.

## 1.2 Conceituações, referências e identidades: se Gregory House for um sintoma, qual será o diagnóstico?

Toda construção de natureza dramatúrgica, seja para teatro, cinema ou televisão, tem como ponto de partida a eleição de conceitos sobre os quais trabalhar e o desenvolvimento de linhas narrativas focadas neste conceito. Uma questão importante, por isso, é afirmar, desde já, que a ideia de *conceito* não é algo que esteja dado e perpetuamente definido: um conceito sempre é um conjunto de componentes articulados, com a função de fazer emergir, de um caos inominado, um ideário cosmicamente ordenado. Mesmo conceitos que se pretendam universais precisam eleger componentes para estabelecer um mínimo diálogo com a realidade que pretendem analisar ou esclarecer.<sup>24</sup>

Afirmamos, assim, que personagens como Gregory House são conceituais: na unidade do médico aleijado encontram-se linhas de pensamento, ideários, ideologias, concepções e até mesmo outros personagens. Visivelmente, percebe-se nesta figura dramática conceitos de *Darwinismo*, com sua fixação na evolução aplicada à identidade humana e os decorrentes conflitos entre ciência e fé. Ainda nesta linha, notam-se ecos da *Era Vitoriana*<sup>25</sup>, de onde vem o saber enciclopédico e a fascinação pela ciência. Neste mesmo contexto, House reflete, ainda, um dos grandes personagens literários desta época, o detetive *Sherlock Holmes*<sup>26</sup>, que trazia em sua intuição a chave para resolver mistérios insolúveis. No médico se

<sup>24</sup> DELLEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?*. São Paulo: !34, 1992. p. 25-27

<sup>25</sup> A *Era Vitoriana* no Reino Unido foi o período do reinado da Rainha Vitória, em meados do Século XIX, a partir de junho de 1837 a janeiro de 1901. Este foi um longo período de prosperidade e paz (*Pax Britannica*) para o povo britânico, como os lucros adquiridos a partir da expansão do Império Britânico no estrangeiro, bem como o auge e consolidação da Revolução Industrial e o surgimento de novas invenções, isso permitiu que uma grande e educada classe média se desenvolvesse. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Era\\_vitoriana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_vitoriana)>

<sup>26</sup> Sherlock Holmes é um personagem de ficção da literatura britânica criado pelo médico e escritor Sir Arthur Conan Doyle. Holmes é um investigador do final do século XIX e início do século XX que aparece pela primeira vez no romance *Um estudo em Vermelho*, editado e publicado originalmente pela revista *Beeton's Christmas*

reconhecerá, também, ares de *libertarianismo*<sup>27</sup>, *pragmatismo*<sup>28</sup> e *anarquia*<sup>29</sup>: House sempre coloca sua vontade acima de qualquer regra estabelecida e aposta naquilo que dará resultado, custe o que custar.

Cinematograficamente, Gregory House evoca personagens típicos do cinema ocidental, principalmente o norte-americano: ele, ao mesmo tempo, é o *herói solitário*, imortalizado em arquétipos como *cowboys*, *aventureiros* e *detetives* e o *anti-herói*, reconhecido em personagens imortalizados por atores como *John Wayne*, *Humphrey Bogart* e *Clint Eastwood*. Por fim, transparecem em House cientistas obcecados como *Victor Frankenstein*<sup>30</sup> e o *Dr. Moreau*<sup>31</sup>.

Ao reunir todas estas realidades em sua unidade dramaturgicamente, Gregory House ultrapassa a simples popularidade pré-fabricada da indústria televisiva e desafia seus espectadores em uma contínua interlocução ética e existencial.

Ele não é simplesmente um personagem com características extraordinárias em torno das quais foi construída uma série de televisão, e sim, em primeiro lugar, uma figura estética excepcional. E poderíamos arriscar aqui a hipótese de que apenas uma figura estética, e não um mero personagem, tem a força para suportar o peso da coisa. Existe uma diferença entre *personagem* e *figura estética*, embora os dois

---

*Annual*, em Novembro de 1887. Sherlock Holmes ficou famoso por utilizar, na resolução dos seus mistérios, o método científico e a lógica dedutiva. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sherlock\\_holmes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sherlock_holmes)>

<sup>27</sup> Filosofia política que tem como fundamento a defesa da liberdade individual, da não-agressão, da propriedade privada e da supremacia do indivíduo, também chamada de libertarismo. Suas raízes remontam ao taoísmo na China antiga, ao pensamento Aristotélico grego e ao renascimento e iluminismo que foram responsáveis por moldar o liberalismo clássico. Ver mais em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Libertarianismo>>

<sup>28</sup> Escola Filosófica estabelecida no final do século XIX, com origem no *Metaphysical Club*, um grupo de especulação filosófica liderado pelo lógico Charles Sanders Peirce, pelo psicólogo William James e pelo jurista Oliver Wendell Holmes, Jr., congregando em seguida acadêmicos importantes dos Estados Unidos da América. Segundo essa doutrina metafísica, o sentido de uma ideia corresponde ao conjunto dos seus desdobramentos práticos. Ver mais em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pragmatismo>>

<sup>29</sup> *Anarquismo* (do grego ἀναρχος / *anarkhos*, que significa *sem governantes*) é uma filosofia política que engloba teorias, métodos e ações que objetivam a eliminação total de todas as formas de governo compulsório. De um modo geral, anarquistas são contra qualquer tipo de ordem hierárquica *que não seja livremente aceita* e, assim, preconizam os tipos de organizações libertárias baseadas na livre associação. Ver mais em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anarquismo>>

<sup>30</sup> *Frankenstein ou o Moderno Prometeu* (*Frankenstein: or the Modern Prometheus*, no original em inglês), mais conhecido simplesmente por *Frankenstein*, é um romance de terror gótico com inspirações do movimento romântico, de autoria de Mary Shelley, escritora britânica nascida em Londres. O romance relata a história de Victor Frankenstein, um estudante de ciências naturais que constrói um monstro em seu laboratório. Ver mais em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein>>

<sup>31</sup> *The Island of Dr. Moreau* é um romance de ficção científica de H.G.Wells lançado originalmente em 1896. O enredo fala de um médico que cria criaturas monstruosas em uma ilha tropical. Moreau é um cientista obcecado pela ideia de transformar animais em homens através de cirurgias e hipnose. A chamada vivissecção é o crime de que Moreau é acusado ao fazer suas experiências dolorosas em animais. Isto o leva a se refugiar na ilha onde desenvolve suas ideias. Há, nesta obra, toda uma discussão sobre religião, ética científica, behaviorismo e evolução. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Ilha\\_do\\_Dr.\\_Moreau](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ilha_do_Dr._Moreau)>

conceitos pertençam ao campo da ficção. House é uma figura estética por possuir traços que o associam a alguns personagens extraordinários da literatura.<sup>32</sup>

Figuras estéticas são potências de afeto e percepção, compostas como microimagem do universo. Muito mais do que levar à discussão de ideias, uma figura estética desperta sentimentos e leva à tomada ou mudança de atitudes. Em outras palavras, a figura estética é um pensar sobre o mundo realizado através da arte e, como tal, acaba se tornando iluminador de nuances existenciais que o cotidiano acaba ocultando.<sup>33</sup>

Voltamos, assim, à pergunta que dá título a esta seção do primeiro capítulo: se Gregory House for um sintoma, qual será o diagnóstico? O que nos parece, a partir da análise que realizamos, é que o médico parece ser como uma daquelas enfermidades que parecem ter sido completamente erradicadas, mas que ressurgem mais fortes e contagiosas. Quem sabe, por outro lado, se House, ao invés de doença, não seja uma espécie de terapia para curar alguns males surgidos na hipermodernidade? Afinal, a cada episódio, parecem ser demonstradas claramente algumas das atitudes que mais tem caracterizado nossa cultura no últimos tempos, atitudes estas que, no confronto com a realidade da dor e da morte iminente, revelam sua inconsistência e mesmo sua falsidade. Para analisarmos estas possibilidades, precisamos avançar para além do personagem principal e lançar um olhar para o ambiente do seriado, principalmente no que diz respeito aos demais personagens que circulavam no *Princeton-Plainboro Teaching Hospital*.

### **1.3 Chamem uma ambulância: um olhar panorâmico sobre a série**

Obviamente, a dramaturgia de um seriado não pode ser construída apenas com o personagem principal: é necessário que este encontre interlocutores à altura, para, em diálogo e em crise com estes, revelar as complexas nuances de sua identidade. No fundo, esta teia de relações figurativas entre identidades fictícias, possibilitará a interação mais importante, que é a destas figuras estéticas com o espectador. Assim, se Gregory House sintetiza todo um

---

<sup>32</sup> REGAZZONI, Simone. A Hiperética de House. In: BLITRIS. *A Filosofia em House*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. p.16.

<sup>33</sup> DELLEUZE; GUATTARI, 1992, p. 87-89.

ideário da modernidade tardia, conforme descrevemos acima, precisamos nos perguntar com que outros arquétipos e ideias esta figura precisa entrar em contato para tecer as narrativas do seriado.

Ao longo de suas oito temporadas, o seriado apresentou vários personagens coadjuvantes que, interagindo com Gregory House, revelaram muito da complexidade que esta produção se propôs a abordar. Na interação com o médico, eles deram forma às histórias e aos grandes conflitos que se inseriram na narrativa. De certa maneira, poderia se dizer que cada um destes personagens apresentavam, em sua constituição, um complexo de nuances dramáticas que, em crise com o personagem principal, deixavam transparecer algumas das grandes questões que emergem no tempo em que vivemos. Reiterando que esta pesquisa parte da Teologia para, realizando uma leitura de *House*, expressar alguns dos discursos de fé mais significativos deste tempo, abordaremos, na sequência, o núcleo fixo de personagens da série a partir de categorias teológicas. Acreditamos que haja inúmeras análises possíveis de serem realizadas, mas desejamos revelar aqui a presença de arquétipos que, surgidos nos ideários religiosos, circulam no cotidiano e dialogam com nossas dores, esperanças e possibilidades.

### 1.3.1 James Wilson, oncologista: o próximo de House

Uma das linhas narrativas adotadas para elaborar a *persona* de Gregory House remete ao clássico personagem de Sir Arthur Conan Doyle, o detetive *Sherlock Holmes*. De certa maneira, o médico é quase que uma *versão hospitalar* do detetive londrino e alguns elementos colocados ao longo da trama remetem diretamente a este personagem.

O flerte de House com o detetive anticonvencional Sherlock Holmes e seu apêndice, Dr. Watson, de Sir Arthur Conan Doyle, já é bem conhecido. House e Wilson são remotamente baseados em Holmes e Watson; são mais inspirados do que propriamente baseados neles – afirma David Shore. Holmes e Watson; House e Wilson. A primeira paciente de House é Rebecca Adler, sobrenome já usado por Doyle. House leva um tiro de um homem chamado Moriarty – Holmes foi morto por Moriarty (e posteriormente ressuscitado por Doyle). Holmes e Watson moram em 221 B Baker Street; o endereço de House era 221 B. Holmes é usuário de cocaína, toca violino, gosta de *literatura sensacional* e é um quebra-cabeça, como House. Porém, na dupla original, era Watson que apresentava um problema na perna.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> JACKMAN, 2010, p. 30.

Se o Dr. Watson é interlocutor de Holmes enquanto este investiga seus casos, o Dr. Wilson revela-se o único amigo de Gregory House. Seus diálogos, porém, não são travados tanto em função das doenças e dos diagnósticos, mas a respeito de questões que House não trata com mais ninguém.

Interpretado pelo ator Robert Sean Leonard<sup>35</sup>, James Wilson chefia o departamento de oncologia do *Princeton-Plainsboro Teaching Hospital* e, de certa forma, parece ser o oposto de House, sem necessariamente se tornar um opositor. Gentil e dedicado aos seus pacientes, mostra-se como um profissional envolvido com aqueles de que trata, sendo que muitas destas pessoas são pacientes terminais de câncer. Nesse sentido, enquanto House salva grande parte dos seus pacientes, Wilson sabe que perderá a maioria dos seus, uma vez que está lidando com pessoas diagnosticadas com câncer. Wilson procura conhecer seus pacientes a fundo, não apenas por consideração a eles, mas para melhor observar a evolução de seus quadros de saúde. House, por outro lado, não trata de pacientes, mas de doenças difíceis de diagnosticar. Outra questão importante sobre Wilson é sua inconstância em relacionamentos amorosos, o que acaba se tornando um dos motivos que o leva a repartir um apartamento com House.

Realizando-se uma leitura arquetípica, o personagem de Wilson levanta a questão da alteridade como possibilidade de compreensão da própria identidade. Sendo House o humano desencantado, em constante crise com as próprias dores, Wilson se mostra como pessoa esperançosa, que anima seus pacientes até o último momento, sem deixar de ser realista em relação ao diagnóstico destes. A relação conflitiva e absolutamente desinteressada entre os dois revela o peso da gratuidade e mesmo a possibilidade do sacrifício em nome do outro. Wilson, por isso, pode ser considerado o *próximo* de House, no sentido evangélico que o termo ganha na parábola do *bom samaritano*<sup>36</sup>.

House e Wilson são os únicos personagens no programa que escolheram ficar juntos. Não trabalho para ele e ele não trabalha para mim. É a única relação no programa na qual isso é verdade. O único relacionamento verdadeiramente escolhido. Toda história precisa disso de certa forma. É disso que eu gosto nela.<sup>37</sup>

O que se dá entre estes dois personagens revela uma profunda relação de cuidado mútuo. House e Wilson protegem um ao outro, justificando mutuamente suas atitudes e

---

<sup>35</sup> Robert Sean Leonard nasceu em Jersey City, EUA, em 28 de fevereiro de 1969. Ficou conhecido principalmente por atuar no filme *Dead Poets Society* (A Sociedade Dos Poetas Mortos, 1989) fazendo o papel de Neil Perry. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Seal\\_Leonard](http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Seal_Leonard)>

<sup>36</sup> Lc 10, 25-37.

<sup>37</sup> LEONARD, Robert Sean. Wilson. In: JACKMAN, 2010, p. 316.

corrigindo-se mutuamente quando necessário. De certa forma, pode-se dizer que a base sólida de onde House parte para atuar em seus casos é sua relação fraterna com Wilson. Nesse sentido, os episódios, ao abordarem esta relação, assumem a dimensão do cuidado como matriz das relações e escolhas da vida.

Cada um de nós tem consciência de que deve a sua vida a quem nos cuidou desde o início; temos lembrança dos cuidados imediatos, mas nem sempre esticamos a memória à longa e cuidadosa peregrinação da vida pelo tempo, até nós. A interdependência, componente básico da vida humana, torna-a necessariamente coparticipante de todas as demais formas de vida.<sup>38</sup>

Tanto isso é verdade que o seriado se encerra com um grande sacrifício de House pelo amigo: abrir mão da própria vida para que Wilson, diagnosticado com câncer, pudesse finalizar sua vida de forma digna.

### 1.3.2 Eric Foreman, neurologista: a casa sobre a rocha

Eric Foreman é o maior crítico de House e o médico mais parecido com ele. Interpretado por Omar Epps<sup>39</sup> (Nova York, 1973), Foreman está sempre em crise com seu passado e busca tornar sua presença meritória, pois sente que não pertence ao lugar onde está: o personagem já havia sido preso por roubo, quando era adolescente e House o contrata por causa de sua habilidade em arrombar casas.

House – *Esteve na casa dela?*

Foreman – *Ela mora em Trenton. Posso pedir a chave para ela e ir lá amanhã cedo.*

House – *A Polícia pediria permissão antes de entrar para verificar a cena de um crime?*

Foreman – *Não é a cena de um crime.*

House – *Pelo que sei ela pode produzir drogas no porão.*

Foreman – *Ela é professora do Jardim de Infância!*

<sup>38</sup> MARTINI, Antonio. Cuidar: aspectos éticos e espiritualidade na saúde. In: MARTINI, Antonio. MARTINS, Alexandre Andrade (orgs.). *Teologia e Saúde: Compaixão e Fé em meio à vulnerabilidade humana*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 183.

<sup>39</sup> Omar Hashim Epps nasceu em Nova York, EUA, em 20 de julho de 1973. Participou de diversos filmes, como *Juice* (1992), *Higher Learning (Duro Aprendizado)*, 1995), *Love & Basketball (Além dos Limites)*, 2000), *In Too Deep (Sem Limites)*, 1998) e *The Wood (Noivo em Pânico)*, 1999). Teve um pequeno papel no filme *Scream 2 (Pânico 2)*, 1997) e um personagem regular (Dr. Dennis Gant) na série *ER* (1996-1997). Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Omar\\_Epps](http://pt.wikipedia.org/wiki/Omar_Epps)>

House – *Se eu fosse uma criança do Jardim da Infância eu confiaria nela. (...) Quero que examine a casa da paciente atrás de contaminantes, lixo, medicação.*  
 Foreman – *Não posso invadir a casa dela.*  
 House – *Não foi assim que entrou na casa dos Felkers? É, eu sei. O arquivo é confidencial. Você tinha dezesseis anos. Um erro bobo. Mas o seu professor de ginástica era linguarudo. Devia agradecer-lo.*  
 Foreman – *Eu devia?*  
 House – *Bom... Eu precisava de alguém familiarizado com a malandragem. Ok? Alguém que saiba trapacear enquanto está sendo trapaceado.*  
 Foreman – *Eu devia te processar!*  
 House – *Não pode processar alguém por contratar o cara errado.*  
 Foreman – *Mas posso te processar se for me demitir por eu não invadir a casa da moça.*<sup>40</sup>

Mais tarde, no mesmo episódio, ao conversar com a Doutora Cameron, House diz que não enxergou em Foreman um negro com ficha na Polícia, mas um médico com ficha na polícia. Esta abordagem, de certa maneira, chama a atenção para o fato de Foreman ser o único negro da equipe: longe de querer ser politicamente correta, a série parece reforçar o estereótipo para revelar o que existe por trás dele.

Até hoje os norte-americanos negros compõem a massa dos desempregados, dos sem-teto, dos doentes e dos soldados. Os EUA podem até ser um *melting pot* para imigrantes, embora nem isso corresponda à realidade; os norte-americanos negros, porém, sempre ficaram de fora. Atualmente se pratica o “pluralismo” como ideologia democrática. Os norte-americanos negros nunca fizeram parte dessa tolerância pluralista, porque não pode haver pluralismo entre os descendentes dos antigos algezes e suas vítimas. Um dos legados da escravidão é a doença do racismo branco.<sup>41</sup>

O personagem remete, de certa forma, à parábola da casa sobre a rocha<sup>42</sup>, imagem daqueles que ouvem a Palavra e a põem em prática. Na vida de Foreman esta firmeza significa manter sua competência acima de seu passado. Para House, porém, este passado precisa ser integrado ao presente, pois aquilo que foi considerado crime oculta uma série de habilidades e atitudes raras de serem encontradas em uma equipe médica. Ao longo do seriado, por isso, Foreman geralmente é visto roubando as chaves da casa dos pacientes para investigar o ambiente onde estes viviam. Este elemento é importante na trama, pois, na *metodologia* adotada por House, só se chega a um diagnóstico correto olhando-se para o todo da vida da pessoa, preferencialmente sem consultá-la.

Foreman se torna, também, uma rocha sobre a qual House consegue se reestruturar: Assumindo a chefia do departamento de diagnósticos quando o diagnologista está internado

<sup>40</sup> TODO mundo mente (episódio piloto). In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido e produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 1.

<sup>41</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 166.

<sup>42</sup> Mt 7, 24-27; Lc 6, 46-49.

na clínica psiquiátrica e a direção do hospital quando este está preso e Lisa Cuddy deixa a instituição, é ele quem readmite o antigo chefe após uma temporada na prisão e coloca regras rígidas em sua atuação, para que este consiga sua liberdade condicional e volte a atuar.

### 1.3.3 Allison Cameron, imunologista: a humanitária

No primeiro episódio do seriado, ao longo do qual vai se conhecendo a equipe chefiada por House, o médico conta para a médica imunologista Allison Cameron que a contratou por sua beleza, o que a deixa indignada. House lhe diz que mulheres deslumbrantes como ela não precisam se tornar médicas e que, por isso, ela deve ser tão problemática quanto bonita. Interpretada por Jennifer Morrison<sup>43</sup>, Cameron representa, no início do seriado, uma espécie de altruísmo ingênuo, que intervém na vida alheia com a premissa de ajudar. Na verdade, porém, ela age no intuito de modificar a realidade de acordo com aquilo que ela acredita ser o melhor, não conseguindo integrar a dimensão do sofrimento na própria vida.

As atitudes humanas na vigência da doença, da dor e da morte podem seguir várias direções. Entre elas podemos identificar a revolta, a passividade, o abandono de toda esperança, a negação do sentido da existência, o encapsulamento em si mesmo. A experiência humana da dor, por vezes, implica uma busca inconsciente ou consciente, implícita ou explícita de bem-estar e felicidade, desejo de superação de condições adversas, estabelecimento de situações mais harmônicas para a existência.<sup>44</sup>

Sabe-se que a personagem, ainda jovem, casou-se com um paciente terminal de câncer e cuidou dele até o fim da vida. Por esta razão, ela se aproxima afetivamente de House: ao perceber o sofrimento do médico, ela deseja ajudá-lo. House a rejeita por isso. Segundo o criador da série, David Shore, Allison Cameron pode ser descrita com a palavra “humanidade”. Ela é uma espécie de anti-House, preocupada com as pessoas, mas com muitas

---

<sup>43</sup> Jennifer Marie Morrison nasceu em Chicago, EUA, em 12 de abril de 1979. Atriz, modelo e produtora cinematográfica, atualmente é protagonista da série *Once Upon a Time*, interpretando *Emma Swan*. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jennifer\\_Morrison](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jennifer_Morrison)>

<sup>44</sup> VILHENA, Maria Angela. Viver, adoecer, sofrer e morrer nas religiões. In: MARTINI, Antonio. MARTINS, Alexandre Andrade (orgs.). *Teologia e Saúde: Compaixão e Fé em meio à vulnerabilidade humana*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 72.

dificuldades para transmitir más notícias aos pacientes e seus parentes.<sup>45</sup> Ao longo do seriado, Cameron amadurece em alguns aspectos, mas não deixa de lado sua dimensão humanitária.

#### 1.3.4 Robert Chase, intensivista: o filho pródigo

Na parábola do *Pai Misericordioso*, mais conhecida como *Parábola do Filho Pródigo*<sup>46</sup>, conta-se a história de um jovem que pede sua parte na herança do pai e parte para longe, buscando viver de forma independente de sua família. Quando seu dinheiro acaba e ele cai na miséria, o jovem resigna-se a voltar para o pai, que o espera desde o dia em que ele partiu. Em parte, esta é a história de Robert Chase, interpretado pelo ator australiano Jesse Gordon Spencer<sup>47</sup>, exceto pela parte de reconciliação com o pai e volta para casa.

Robert Chase foi contratado por House através da influência de seu pai, um renomado médico australiano. Por conta disso, House nunca respeitou Chase e Chase sempre tentou mostrar seu valor para House. A relação de Chase com a figura paterna é conflituosa e o personagem vai revelando sua identidade ao longo do seriado, na medida em que se torna reconhecido por suas próprias habilidades. De certa maneira, percebe-se que a fonte desta crise era a ausência do pai na vida do filho e, principalmente, o fato do pai não ter auxiliado a esposa, mãe de Chase, com os problemas que esta tinha com o alcoolismo.

*CHASE - Eu o amei até entender que dói muito menos simplesmente não ligar. É só não esperar que ele apareça no seu jogo de futebol, e não haverá decepções. É não esperar telefonemas no seu aniversário e não esperar vê-lo ao longo de meses e, pronto, nada de decepções. Você quer que a gente se reconcilie – que a gente tome algumas cervejas juntos, que nos abracemos gentilmente como se faz em família? Eu já o abracei o suficiente. E ele já me deu decepções o bastante.*<sup>48</sup>

<sup>45</sup> JACKMAN, 2010, p. 68-69.

<sup>46</sup> Lc 15, 11-32.

<sup>47</sup> Jesse Gordon Spencer nasceu em Melbourne, Austrália, em 12 de fevereiro de 1979. Atualmente desempenha o papel do tenente *Matthew Casey* do corpo de bombeiros de Chicago na série *Chicago Fire*, exibida no Brasil pelo *Universal Channel*. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesse\\_Spencer](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesse_Spencer)>

<sup>48</sup> AMALDIÇADO. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Matt Witten e Peter Blake. Dirigido por Daniel Sackheim. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 13.

Junto a este conflito, outra dimensão que define o personagem é sua relação e crise com a questão religiosa. Chase foi seminarista e considera ter perdido sua fé e, talvez para não se machucar, evita relacionar-se com qualquer coisa ligada a instituições religiosas. Isso fica estabelecido no episódio *Criticado de uma forma ou de outra*, quando uma religiosa está sendo tratada pela equipe de House. Em determinado momento, ela é colocada em uma sala isolada, devido a uma forte alergia. Após a equipe médica instalá-la no quarto, Chase permanece por mais alguns instantes. Como, ao longo deste episódio, Chase rejeitou e não cessou de criticar as religiosas que procuraram o hospital – atitude que chegou a chamar a atenção do próprio House, que, por si só, rejeita qualquer instituição religiosa – o diálogo que se segue entre o jovem médico e a Irmã Augustine se constitui em um verdadeiro *ponto de virada* na trama para ele.

Chase – *Daqui a pouco voltaremos para ver como você está.*

Ir. Augustine – *As outras irmã podem entrar aqui para rezar comigo?*

Chase – *É melhor não receber nenhuma visita. Ao descobrirmos a causa da alergia seremos um pouco menos rígidos.*

(Augustine chora.)

Chase – *Eu posso rezar com você.*

Ir. Augustine – *Eu não quero morrer. Por que Ele me abandonou?*

Chase – *Eu estudei em um seminário. Uma vez me perguntaram qual passagem eu preferia. Eu escolhi a Primeira Carta de Pedro 1, 7: “Estas provações testam sua fé para ver se ela é ou não forte e pura. A sua fé está sendo testada, como o fogo testa o ouro e o purifica.”*

Ir. Augustine – *E sua fé é bem mais preciosa para Deus do que o ouro. E se sua fé permanece forte depois de ser testada, vai lhe trazer muito louvor, glória e honra no dia do seu retorno.*

Chase – *Ele não te abandonou. A única coisa no caminho para saber que Ele está lá é o seu medo. Você tem escolha, a fé ou o medo. Esse é o teste.*

Ir. Augustine – *Escolher a fé não significa que não vou morrer.*

Chase – *Mas vai afetar a forma de experimentar a morte e portanto a sua vida. Está nas suas mãos.*

Ir. Augustine – *Por que abandonou o seminário?*

Chase – *Esse teste que você está passando. Eu não consegui passar.<sup>49</sup>*

No final do episódio, quando o diagnóstico conclusivo da enfermidade de Irmã Augustine é encontrado, Chase vai lhe comunicar a *boa notícia* de sua cura e eles tem um novo diálogo.

Ir. Augustine – *Você me contou sua passagem preferida. Quer ouvir a minha? “Comemore e fique feliz porque seu irmão estava morto e vive novamente.”*

Chase – *O Filho Pródigo.*

Ir. Augustine – *Ele estará aguardando quando você estiver pronto.<sup>50</sup>*

<sup>49</sup> CRITICADO de uma forma ou de outra. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Sara B. Cooper. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 5.

A questão de Chase parece ser a de encontrar uma identidade original e isso vai transparecendo ao longo das oito temporadas do seriado: se inicialmente ele flerta com a maioria das mulheres que encontra, mais tarde ele acaba se casando com Allison Cameron. Se, por algum tempo, ele parece disposto a fazer qualquer negócio para se dar bem, acaba tomando atitudes drásticas por causa de suas crenças e da ética decorrente disso, como acontece no episódio *O Tirano*: Chase provoca a morte de um ditador ao concluir que este provocaria um genocídio em seu país se voltasse para lá.

Foreman – *Fui ao necrotério para repetir os exames de anticorpos.*

Chase – *Fizemos duas vezes.*

Foreman – *Só que não pude entrar. Havia guardas armados. Mas vi isto. O registro de entrada do necrotério. Tem a sua assinatura, as 9h45min da manhã. Foi um pouco antes de fazerem o exame. O que foi fazer lá?*

Chase – *Revisão de um caso.*

Foreman – *Que caso?*

Chase – *Acha mesmo importante?*

Foreman – *Um dos corpos era de uma mulher de setenta anos que tinha esclerodermia! Se você e a Cameron colheram o sangue desta mulher, podem ter alterado os resultados para darmos a Dibala o tratamento errado.*

Chase – *A Cameron não teve nada a ver com isso.*

Foreman – *Seu filho da mãe!*

Chase – *Ele ia matar o sitibis. Todos eles.*

Foreman – *Não me interessa o que ele ia fazer! Ele nos procurou e pôs a vida dele em nossas mãos!*

Chase – *Tudo de bom que já fizemos, todas as vidas que já salvamos, não teriam valido de nada se o liberássemos para matar centenas de milhares de pessoas. Veja os jornais! Os moderados estão assumindo. Podem haver negociações de paz. Se contar ao mundo que adulterei o exame, Dibala vai se tornar um mártir. O massacre vai começar.*

Foreman – *Se eu o acobertar vou virar seu cúmplice. Acha que vou ficar com a consciência pesada?*

Chase – *Se a Polícia vier me prender, por favor, me diga, para eu contar à minha esposa antes.*

Foreman – *Chase, acha mesmo que pode matar outra pessoa sem sofrer as consequências?*

Chase – *Não.*<sup>51</sup>

Por isso, é interessante constatar que, no final do seriado, Chase assume o lugar que era de House, chefiando o departamento de diagnósticos do hospital. De certa forma, ele acaba se tornando o *pai* de uma nova equipe que deverá ser formada.

---

<sup>50</sup> CRITICADO de uma forma ou de outra. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Sara B. Cooper. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 5.

<sup>51</sup> O TIRANO. In: HOUSE – SEXTA TEMPORADA. Escrito por David Blake. Dirigido por David Straiton. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2010. 6 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 4.

### 1.3.5 Lisa Cuddy, diretora: a grande mãe

Sendo ambientado em um hospital, *House* dispõe de personagens que buscam tornar realistas suas histórias. Assim, o *Princeton-Plainsboro Teaching Hospital* conta com alguém que o dirige: a Doutora Lisa Cuddy. Frente a uma complexa figura estética como Gregory House, a definição de alguém que comandasse e tivesse a responsabilidade final pelos atos do excêntrico diagnologista foi uma tarefa bastante difícil.

Com um chefe, você normalmente tem duas opções. Você tem o chefe que o impede de fazer tudo, e House faz tudo às escondidas. Se tomarmos este caminho, o chefe se torna um imbecil. [...] E não queríamos que ela dissesse sim para tudo, porque então não precisaríamos dela. Tornou-se uma corda bamba sobre a qual tínhamos que andar e Lisa faz um trabalho muito bom, de alguém que sabe que House está fora de controle, mas que também é um gênio e que, se ela o puder encaminhar corretamente, limitá-lo, moldá-lo e controlá-lo um pouco, poderá fazer um grande trabalho.<sup>52</sup>

Lisa Cuddy contratou House por causa de seu talento com diagnósticos e chegou a criar um departamento apenas para ter o médico trabalhando na instituição. Ela o conheceu quando era universitária e ele estava em uma pós-graduação. Atraída pela inteligência do colega, ela acabou ficando uma única noite com ele e não tornou a encontrá-lo até ele estar casado. Em inúmeros episódios, a diretora impede House de colocar algum plano em prática e, ao mesmo tempo, é sabotada por ele de diversas formas. O que salta aos olhos, porém, é a profunda relação que vai se estabelecendo entre ela e o médico, na medida em que o tempo passa e o seriado vai revelando dimensões mais complexas de cada personagem. Assim, já na primeira temporada, Cuddy é a pessoa que se dá conta de que o vício de House pelo analgésico *Vicodin* está se agravando, o que inicia uma verdadeira via-sacra do personagem rumo à perda de sua sanidade. Da mesma forma, nesta mesma temporada, é revelado que a médica foi responsável pela cirurgia que extirpou o músculo enfartado da perna de House, ou seja, toda a dor que atormenta o médico é, de certa forma, causada por ela. Nesse sentido, ela é diretamente mãe de House: é sua decisão médica que acaba parindo a personalidade amargurada de seu colega.

Ele (*o homem*) foi cindido num sujeito de razão e vontade, com o qual ele foi obrigado a identificar-se, num objeto de coração, sentimento e necessidade, do qual

---

<sup>52</sup> JACKMAN, 2010, p. 270-271.

ele devia distanciar-se. Juntamente com o seu próprio corpo, também a natureza e exterior e o *sexo mais fraco* caiu então no âmbito de sua dominação objetivadora. (...) Porém curiosamente todo dominador necessita também de um trono no qual possa sentar-se. O trono do homem regente é o colo da mãe, como pode ser visto nos casos de Ísis e Horus, Astarte e Baal, Maria e o Jesus Menino e em muitos outros símbolos religiosos. A cisão da mulher na mãe adorada e na dona de casa prestativa é um produto do patriarcado.<sup>53</sup>

Sinteticamente, pode-se reconhecer em Lisa Cuddy a figura materna, não apenas no sentido do cuidado com toda a instituição e com cada pessoa a ela ligada, mas, principalmente no sentido de gestar a dar a luz à vocação da instituição, que é a de salvar e promover a vida. Interpretada por Lisa Edelstein<sup>54</sup>, a médica tem como grande projeto de vida exatamente o desejo de ser mãe, objetivo que a leva a tentar engravidar de várias formas, até adotar uma criança. Indubitavelmente, porém, é a relação com House que vai definindo as características de Cuddy. A condição feminina dela é muito bem colocada na série, ao se mostrar o desenrolar das tramas também por seu ponto de vista. Cuddy não se torna um objeto para House, mas lhe confronta com suas próprias convicções, expondo seus sofrimentos e sacrifícios.

O ápice da relação entre os dois se dá na sétima temporada. Após auxiliar no resgate de vítimas de um desabamento, House acaba causando, involuntariamente, a morte de uma mulher. Desesperado, ele volta para sua casa, pronto para voltar ao *Vicodin*. Quando está prestes a ingerir as pílulas, Cuddy entra no lugar onde ele está e declara o quanto o ama e o quanto a vida dela está travada por ela não saber se a relação entre os dois poderia ou não dar certo. Ao lado de Wilson, a Dr.<sup>a</sup> Lisa Cuddy é aquela que mais se aproxima de Gregory House e, exatamente por isso, mais é atingida pelo sofrimento dele.

### 1.3.6 Remy “Thirteen” Hadley, clínica geral: a samaritana à beira do poço

---

<sup>53</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 244.

<sup>54</sup> Lisa Edelstein nasceu em Boston, EUA, em 21 de maio de 1966. Ganhou o *Satellite Award* em 2005 e o *People's Choice Awards* em 2011, pelo seu papel em House. Trabalha, atualmente, na série *The Good Wife*. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisa\\_Edelstein](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisa_Edelstein)>

No final da terceira temporada, House perde toda sua equipe e precisa contratar novos médicos. A Doutora Remy Hadley, interpretada por Olivia Wilde<sup>55</sup>, candidata de número 13, uma das escolhidas, é dona de uma personalidade misteriosa e reservada, o que, obviamente, deixa House intrigado. Até que, ao ler o atestado de óbito da mãe da médica, o diagnologista descobre que ela é portadora de uma grave doença degenerativa e hereditária, a doença de *Huntington*.

A doença de Huntington não está sempre na cabeça dela. Eu cheguei à conclusão de que ela não poderia seguir em frente se esse fosse o caso. O motivo pelo qual ela gosta de mergulhar no trabalho é porque é o único momento em que ela consegue esquecer isso, mesmo que só por um momento. Isso a leva a ser uma médica melhor, a salvar mais vidas, já que ela não pode salvar a própria. Essa é a terrível ironia da coisa toda: nem House pode salvá-la. Uma vez que eles estão sempre fazendo o impossível, fico imaginando se alguma parte dela não pensa que poderia acontecer um milagre.<sup>56</sup>

Em função disso, *Thirteen* leva uma vida radical e até perigosa, agindo como se cada dia fosse o último. A médica é bissexual, mas acaba se envolvendo afetivamente com Foreman, que inicia nela um tratamento experimental para a doença de Huntington. Na sétima temporada, House a reintegra à equipe, após esta ter se afastado espontaneamente por um tempo e não ter dado mais notícias: ela estava cumprindo pena, por ter realizado uma eutanásia em seu próprio irmão. House promete fazer o mesmo por ela, quando a doença a deixar em estado terminal.

A partir deste quadro, pode-se observar uma certa similaridade de *Thirteen* com a mulher samaritana, conforme narra o Evangelho de João<sup>57</sup>: assim como Jesus, ao dialogar com esta mulher, acaba trazendo à luz as questões que a afligiam e lhe promete a *água viva*, House, assumindo uma faceta messiânica, também desvela aquilo que faz com que a médica se oculte nas sombras. Como nem ele conhece a cura para a doença que a atinge, a *salvação* a ela oferecida é a de um fim rápido pelas mãos do próprio House.

---

<sup>55</sup> Olivia Jane Cockburn nasceu em Nova Iorque, EUA, em 10 de março de 1984. Ela adotou o sobrenome artístico *Wilde* do escritor irlandês, *Oscar Wilde*. Começou atuando no início da década de 2000 e desde então tem aparecido em vários filmes e séries. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Olivia\\_Wilde](http://pt.wikipedia.org/wiki/Olivia_Wilde)>

<sup>56</sup> WILDE, Olívia. *Thirteen*. In: JACKMAN, 2010, p. 170.

<sup>57</sup> Jo 4, 1-42.

### 1.3.7 Christopher Michael Taub, cirurgião plástico: servindo a dois senhores

Membro da segunda equipe contratada por House, Taub é um brilhante cirurgião plástico que acaba tendo que abandonar sua profissão: após ter um caso com uma das filhas do dono da clínica onde trabalhava, deixa seu trabalho em troca do silêncio de seu ex-patrão, para não arruinar sua carreira. Por isso, candidata-se à vaga aberta por House e faz de tudo para ser contratado. Casado, Taub não consegue conter seus impulsos sexuais e coleciona vários casos extraconjugais. O personagem, interpretado por Peter Jacobson<sup>58</sup>, tem dificuldades para assumir integralmente aquilo que a vida revela com as escolhas que ele faz: Como cirurgião plástico, ele é bem sucedido, mas perde seu lugar por conta de sua infidelidade crônica. Quando tem chance de atuar como cirurgião geral, tem dificuldades em aguentar a carga de exigências do ofício, principalmente as que são feitas por House. Em seu relacionamento conjugal, tem um bom casamento com uma mulher que ama, mas sempre acaba buscando outras, pelo simples prazer de viver novas experiências sexuais.

Se nos remetermos ao discurso de Mt 6, 24, facilmente identificaremos este personagem como alguém que *serve a dois senhores*. Não se tratando aqui da dicotomia entre Deus e as riquezas, conforme o texto matiano descreve, Taub vive a cisão entre a satisfação de seus impulsos sensuais e as responsabilidades decorrentes de suas atitudes. Nesse sentido, o fim dado ao Dr. Taub é bastante emblemático: no final da série, ele se torna pai de duas meninas, frutos de dois relacionamentos diferentes. As duas nascem no mesmo dia e recebem o mesmo nome das respectivas mães: *Sophie*, ou seja, *sabedoria*. Não tendo alternativa, Taub precisa assumir a guarda compartilhada de ambas, abrindo espaço para a presença da sabedoria em sua vida.

### 1.3.8 Amber Volakis, radiologista e Lawrence Kutner, especialista em medicina esportiva: se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. (Jo 11, 32b)

---

<sup>58</sup> Peter Jacobson nasceu em Chicago, EUA, em 24 de março de 1965. Atuou em inúmeros programas de televisão, seriados e filmes. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter\\_Jacobson](http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Jacobson)>

Amber Volakis é a verdade mais dura que House precisou admitir. Lawrence Kutner é o mistério que House não conseguiu resolver. Ambos foram contratados na segunda equipe de diagnósticos montada pelo médico e os dois morreram de forma abrupta: a primeira como consequência da crise de House com sua própria vida e o segundo deixando House com perguntas sem resposta.

Amber Volakis foi interpretada pela atriz Anne Dudek<sup>59</sup> e era uma radiologista inscrita na seleção de novos médicos para a equipe chefiada por House. Ambiciosa e disposta a tudo para conseguir a vaga, chegou a convencer outros candidatos a desistirem, para não serem humilhados por House. O diagnologista, por sua vez, mesmo admitindo-a, mantinha com ela uma relação de desconfiança e animosidade, lembrando-a sempre de sua falta de honestidade. O grande golpe de Amber, porém, veio de um jeito que nem o astuto médico esperava: ela começou a namorar com Wilson, ameaçando afastar de House seu único amigo. A estas alturas, a personagem parecia se encaixar como mais uma antagonista do médico, como o foram o administrador Vogler e o policial Tritter. O que estava reservado a ela, entretanto, determinaria boa parte daquilo que House viveria dali por diante.

No episódio *A Cabeça de House*<sup>60</sup>, sabe-se que o médico envolveu-se em um acidente de trânsito e está amnésico. Aos poucos, ele relembra que sofrera o acidente em um ônibus, enquanto voltava embriagado para casa. House fixa-se na ideia de que havia observado algum sintoma de doença em um dos passageiros e, ao longo do episódio, ele e sua equipe reconstroem todo o cenário do acidente, localizando cada passageiro, menos a pessoa que estava sentada mais próxima dele. No final, a identidade desta pessoa emerge das memórias de House: era Amber. Ela havia ido buscar o médico no bar porque Wilson estava atendendo a uma emergência. Como House estava bêbado, o barman impediu o médico de voltar para casa de motocicleta. House ligou para Wilson, para que este o buscasse e Amber acabou indo no lugar do namorado. Esta revelação encerra o episódio e abre o seguinte, chamado *O Coração de Wilson*. Esta história, que fecha a quarta temporada do seriado, trata da tentativa de salvar a vida Amber, que sofreu um trauma bastante sério no acidente. Nisso, entra a memória diagnóstica de House: ele havia observado que Amber estava gripada e usara um medicamento durante a viagem de ônibus. A utilização desta substância e os ferimentos sofridos por ela acabaram comprometendo seu coração, levando-a a falecer.

---

<sup>59</sup> Anne Louise Dudek nasceu em Boston, EUA, em 22 de março de 1975. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Anne\\_Dudek](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anne_Dudek)>

<sup>60</sup> A CABEÇA de House. In: HOUSE – QUARTA TEMPORADA. Escrito por Sara Hess & Liz Friedman. Dirigido por David Straiton. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2008. 4 DVD (702 min.), widescreen, color. Episódio 15.

Premiado com o *Emmy*<sup>61</sup>, este episódio duplo traz uma impactante visão sobre a memória humana, explorando as tentativas de House para lembrar os acontecimentos e sua visão subjetiva dos fatos. Da mesma forma, a história apresenta uma abordagem sensível e profunda sobre o morrer e o processo de luto: a sequência onde os médicos vão se despedir de Amber, ao saber que seu quadro é irreversível, a cena em que Wilson desliga o coração artificial que a mantém viva e, principalmente, o diálogo entre Amber e House, que se passa no ônibus, projetado no subconsciente do médico após a morte dela, são, sem dúvida, algumas das abordagens mais sinceras sobre o assunto já produzidas no contexto da cultura midiática.

House – *Você está morta.*

Amber – *Todo mundo morre.*

House – *Eu estou morto?*

Amber – *Ainda não.*

House – *Deveria estar.*

Amber – *Por quê?*

House – *Porque a vida não deveria ser aleatória. Porque viciados solitários e misantropos deveriam morrer em acidentes de ônibus e jovens de boa vontade e apaixonadas que são arrancadas de casa no meio da noite deveriam sair ilesas.*

Amber – *Autocomiseração não faz o seu estilo.*

House – *Estou tentando variar de ódio de mim e autodestruição... O Wilson vai me odiar.*

Amber – *Você meio que merece.*

House – *Ele é meu melhor amigo.*

Amber – *Eu sei. E agora?*

House – *Poderia ficar aqui com você.*

Amber – *Desça do ônibus.*

House – *Não posso.*

Amber – *Por que não?*

House – *Porque... Porque aqui não dói. E eu... Eu não quero sentir dor. Não quero ser infeliz. E não quero que ele me odeie.*

Amber – *Bem... Nem sempre conseguimos o que queremos.*<sup>62</sup>

A outra grande crise relacionada à morte, acontece com o Dr. Lawrence Kutner. Interpretado pelo ator Kal Penn<sup>63</sup>, o médico foi se mostrando um profissional brilhante, com tanta capacidade para decifrar enigmas quanto House. Ao mesmo tempo, revelou-se solitário, deprimido e impulsivo, talvez em consequência de, sendo de origem indiana, ter sido adotado por uma família norte americana. É então que, em um episódio intitulado *Simple assim*, o corpo de Kutner é encontrado em seu apartamento: o médico pôs fim à própria vida com um

<sup>61</sup> O Emmy (*Emmy Award*) é uma premiação atribuída a programas televisivos focados no entretenimento. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Emmy\\_award](http://pt.wikipedia.org/wiki/Emmy_award)>

<sup>62</sup> O CORAÇÃO de Wilson. In: HOUSE – QUARTA TEMPORADA. Escrito por Peter Blake, David Foster, Doris Egan, Russel Friend e Garrett Lerner. Dirigido por Katie Jacobs. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2008. 4 DVD (702 min.), widescreen, color. Episódio 16.

<sup>63</sup> *Kalpen Suresh Modi* nasceu em Montclair, EUA, em 23 de abril de 1977. Ator, produtor de cinema e ativista político nos Estados Unidos, destacou-se por papéis de protagonista em filmes como *The Namesake* (2007), *Epic Movie* (2007) e *Harold & Kumar Escape from Guantanamo Bay* (2008). Em 2009 foi contratado pela Casa Branca no governo Barack Obama para ser um dos diretores do Departamento de Relações Públicas da Presidência dos Estados Unidos. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Kal\\_Penn](http://pt.wikipedia.org/wiki/Kal_Penn)>

tiro em sua própria cabeça. House não se conforma em não ter percebido esta tendência em seu subordinado depois de tanto tempo de convivência.

House fica desesperado por respostas. Liga para os amigos de Kutner; analisa a ficha pregressa dele. House vai ao apartamento de Kutner e se convence que ele foi assassinado. Em seguida, House não consegue mais dormir e inicia sua descida alucinatória até o Mayfield Hospital. Cuddy diz a House que é normal ele ficar abalado porque Kutner pensava como ele; era inovador como ele. Mas House não se convence: “Se ele pensasse como eu, saberia que viver no sofrimento é um pouquinho menos ruim do que morrer nele.”<sup>64</sup>

Da busca por respostas, House vai para a busca de culpados: ele responsabiliza os colegas por não terem percebido a tendência suicida de Kutner e os pais adotivos por terem neutralizado a identidade original do médico, fazendo-o se adaptar a uma cultura estrangeira. Finalmente, House culpa a si próprio, por não ter tido perspicácia para prevenir o pior.

Estes dois fatos são determinantes para a decadência emocional e psíquica de House, levando-o a uma internação em uma clínica psiquiátrica e, de certa forma, aos outros problemas que ele viria a enfrentar nas temporadas derradeiras do seriado. Amber e Kutner revelam o peso da morte sobre a vida e o quanto o viver vai sendo atingido pela inevitabilidade desta contingência que fragiliza a existência.

### *1.3.9 2004-2012: oito anos de diagnósticos sobre a condição humana*

*House* teve a duração de oito temporadas, tendo estreado nos Estados Unidos em 16 de novembro de 2004. O último episódio foi ao ar em 21 de maio de 2012. Geralmente, os episódios de *House* se iniciavam com um *teaser*<sup>65</sup>, mostrando personagens não usuais na trama: homens, mulheres, crianças, jovens ou idosos vivendo algum momento comum de suas vidas, ou mesmo algum momento especial, sendo abruptamente interrompidos pela manifestação de alguma enfermidade. Em seguida, passava-se à abertura da série, com um

<sup>64</sup> JACKMAN, 2010, p. 237.

<sup>65</sup> O *teaser* (em inglês *aquele que provoca* ou *provocante*, do verbo *to tease, provocar*) é uma técnica usada em marketing para chamar a atenção para uma campanha publicitária, aumentando o interesse de um determinado público alvo a respeito de sua mensagem, por intermédio do uso de informação enigmáticas no início da campanha. No caso específico a que nos referimos, o *teaser* inicial provoca a curiosidade do espectador quanto ao caso que House terá de resolver no episódio.

tema instrumental baseado na música *Teardrop*, da banda *Massive Attack*<sup>66</sup>, imagens dos personagens e os nomes dos atores e produtores, entremeadas por ilustrações de órgãos do corpo humano. Estas ilustrações transmitem uma ideia de complexidade a respeito do corpo e do nível de dificuldade do trabalho de House e sua equipe: descobrir doenças ainda não diagnosticadas através da leitura do comportamento deste corpo, colocando-o em crise com o discurso do paciente.

De maneira geral, pode-se identificar alguns grandes *arcos históricos* através dos quais a personalidade do personagem principal foi sendo aprofundada e que trouxeram as causas e consequências de seus atos para o conhecimento do público. Assim, na primeira temporada, apresentam-se os personagens e o contexto no qual a série se desenvolverá: House e a equipe formada por especialistas ainda em começo de carreira e recém-contratados, que integrarão o departamento de diagnósticos chefiado por ele. Nesta equipe estão o neurologista Eric Foreman, a imunologista Alison Cameron e o médico intensivista Robert Chase. Junto a eles há o oncologista James Wilson, único amigo de House e a Dr.<sup>a</sup> Lisa Cuddy, diretora do hospital. Este é o grupo que acompanha House durante as três primeiras temporadas e que, de certa forma, estabelece o *Leitmotiv* das histórias, como por exemplo, o vício de House em *Vicodin*. No último episódio da temporada de estreia, revela-se o que ocorreu a House, para que ele ficasse com sua perna em permanente estado de dor.

Na segunda temporada aprofunda-se conhecimento da personalidade e das motivações de House e alguns outros personagens. Há, por exemplo, a presença da ex-esposa e dos pais do médico: através da primeira, revelam-se importantes nuances emocionais de House e através de seus pais, parte de suas frustrações. Da mesma forma, personagens como Cameron e Foreman também mostram mais de suas motivações e personalidades: a médica revela seu interesse sexual por Chase e o neurologista reata com sua família, com quem tinha deixado de relacionar-se após ser preso. A temporada encerra-se com House sendo baleado pelo marido de uma paciente. No meio deste acontecimento, ele consegue diagnosticar o próprio problema de saúde e, ao ser operado para a extração do projétil, orienta a equipe médica a lhe aplicar um determinado medicamento que eliminaria as dores de sua perna. Na terceira temporada, por isso, House está locomovendo-se sem utilizar sua bengala e ensaia uma leve mudança de personalidade. Com o tempo, porém, suas dores voltam, sua amargura fica ainda mais acentuada e sua dependência de analgésicos se agrava. No meio desta

---

<sup>66</sup> *Massive Attack* é uma banda de *trip hop* inglesa, formada na cidade de Bristol no ano de 1988. Os seus membros são *3D* (Robert Del Naja) e *Daddy G* (Grant Marshall). A música *Teardrop* é a terceira faixa do álbum *Mezzanine*, de 1998. Quem a canta é Elizabeth Frazer, vocalista da banda inglesa *Cocteau Twins*. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Massive\\_attack](http://pt.wikipedia.org/wiki/Massive_attack)>

temporada, House tem um atrito com um policial, que passa a persegui-lo, com a intenção de prendê-lo. Neste processo, todas as pessoas próximas de House são prejudicadas e, ao final, o médico perde toda sua equipe.

A quarta temporada é dedicada, em parte, à seleção de uma nova equipe médica. Montando uma espécie de *Reality Show*, House testa a competência e a paciência de vários profissionais. Seu novo grupo acaba sendo integrado pela clínica geral Remy Hadley – apelidada por House de *Thirteen*, devido ao número de inscrição da médica na gincana que ele promoveu – pelo cirurgião plástico Chris Taub e pelo médico desportivo e fisiatra Lawrence Kutner. Remanescente da equipe anterior, o Dr. Eric Foreman permanece no hospital, a pedido da diretoria da instituição. Esta temporada é finalizada com o episódio duplo *A cabeça de House/ O coração de Wilson*, no qual House tem que lidar com a responsabilidade pela morte da namorada de seu melhor amigo. Esta culpa se acentuará na quinta temporada, quando também ocorrerá o suicídio do Dr. Kutner: em função destas tragédias, House aumenta seu consumo de analgésicos e acaba se internando em uma clínica de reabilitação.

A sexta temporada se inicia com um episódio de duas horas de duração, mostrando a rotina de House na clínica psiquiátrica *Mayfield Hospital*. Tendo alta, House mantém a terapia iniciada na clínica e se mantém abstinente dos analgésicos. Nesta temporada, a equipe original volta ao hospital, trabalhando junto ao Dr. Taub e à Doutora 13. No episódio final da temporada, House perde uma paciente de forma trágica e quase volta aos analgésicos, mas é resgatado pela Dr.<sup>a</sup> Cuddy, que confessa amá-lo. Assim, a sétima temporada dedica um bom tempo ao romance entre House e Cuddy, ao mesmo tempo em que a estudante de medicina Martha Masters passa a integrar o departamento de House. Quando o médico volta a usar os analgésicos, Cuddy rompe com ele. No final da temporada, House destrói a casa de Cuddy.

A oitava e última temporada se inicia com House cumprindo pena de prisão e acompanha o médico em sua volta ao hospital, em liberdade condicional. No final, o Dr. Wilson descobre estar com câncer, com uma previsão de sobrevivência de poucos meses. House acaba perdendo sua condicional e, desesperado por não poder acompanhar o amigo em seus últimos dias de vida, acaba forjando a própria morte. Livre de sua pena e de seu passado, House leva Wilson a uma viagem sem destino, para viver intensamente o tempo que restava ao amigo.

De forma muito resumida, pode-se considerar o que descrevemos como uma visão panorâmica do seriado. Tal exercício foi realizado em nosso estudo para fornecer uma espécie de guia referencial ao leitor, que possa servir como uma espécie de mapa para o que

desenvolveremos a partir de agora. Conforme já afirmamos, todo este complexo de elaborações dramáticas remete a um horizonte teológico e a afirmações de fé e práticas de fundo religioso reconhecidas na compreensão de mundo erigida a partir da tradição judaico-cristã. Nesse sentido, um dos aspectos que salta aos olhos, no contexto do seriado, é o fato do personagem principal atritar-se constantemente com religiões instituídas, suas práticas e afirmações de fé: House resgata, constantemente, velhos argumentos anti-religiosos de teor modernista, como a ausência de provas quanto à existência de Deus ou a falta de racionalidade da fé. Em função disso, muitos trechos de episódios e frases do personagem são utilizadas como reforço ou justificativa para posições ateístas e anti-religiosas. Este fato, de certa forma, apenas confirma o impacto que o seriado vem causando no senso comum: citar uma frase de House parece conferir certa autoridade a quem a utiliza, elevando as opiniões deste personagem quase ao nível da *infallibilidade*.

House é ateu. O que um ateu escolhe ao se deparar com o universo frio e vazio? Ele pode se jogar num rio; pode sair em busca da felicidade, como alguém já disse memoravelmente; ou pode fazer piadas sobre isso. Para House, o ateu, acho que brincar é, na verdade, algo bastante sagrado. É a essência que define sua humanidade. Aliviar o sofrimento e fazer a coisa certa são regras que House é obrigado a respeitar; mas ele as cumpre de má vontade, com incerteza, suspeitando de que nada vale a pena, de que tudo não passa de vaidade. A piada, em compensação, é um grito de alegria, uma centelha do divino, uma forma de cutucar na ferida o universo transgressor. Basicamente, House zomba da morte. O que não deixa de ser uma opção, crianças.<sup>67</sup>

Diante deste quadro, seria um verdadeiro equívoco reduzir o personagem principal ou o próprio seriado a uma propaganda ateísta em forma de drama hospitalar e, se tais interpretações existem, acreditamos que se devam ao fato de que as discussões acerca da questão religiosa têm se dado de maneira unilateral e superficial no atual contexto cultural. A questão, portanto, é identificar o tipo de experiência religiosa com a qual o personagem acaba se atritando e, mais do que isso, reconhecer a trajetória religiosa do próprio personagem como ser humano. Nisso, é importante dar-se conta que a dramaturgia do seriado, intencionalmente, agendou vários encontros do ateísmo do personagem principal com representações da religião institucionalizada e que, nestes encontros, sempre se explicitaram as contradições de práticas religiosas construída por frases feitas, moralismo asfixiante e crenças que beiram à superstição.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> LAURIE, Hugh. Prefácio. In: JACKMAN, 2010, p. 12.

<sup>68</sup> GOSO, 2010, p. 25.

Por isso, posto o cenário, em seu entendimento mínimo, passamos ao referencial teórico que acreditamos poder dialogar com o seriado e seus personagens.

## 2 SINTOMAS TEOLÓGICOS DE HOUSE: A QUE DIAGNÓSTICO CHEGAREMOS?

No episódio de estreia de House há uma cena em que a equipe está discutindo um possível diagnóstico da paciente que está sendo tratada e o Dr. Foreman sugere determinada enfermidade embasada nos sintomas apresentados. Para justificar-se, ele diz que na faculdade de medicina aprendera que, quando se ouve o barulho de um galope, pode-se ter certeza de que um cavalo irá aparecer. House contra-argumenta, questionando se o barulho do galope não poderia estar anunciando uma zebra, ao invés de um cavalo. De certa forma, esta pequena sequência revela algo que é uma constante no seriado: a descoberta da verdade dá-se pela atenção aos sinais visíveis desta, mas é necessário ficar atento para não confundir aquilo que é verdadeiro com o que aparenta ser verdadeiro. Afinal, zebras e cavalos galopam e produzem sons muito semelhantes ao se deslocar. Zebras e cavalos, porém, são animais bastante diferentes entre eles.

Analisar o discurso teológico de House pode nos levar a confundir zebras com cavalos. Se percebermos apenas os conflitos de House com experiências de fé institucionalizadas, o sarcasmo do personagem com as questões religiosas ou mesmo a ligação de outros personagens com tradições religiosas mais específicas, ficaremos na superficialidade da questão, esperando a passagem de um pangaré, após termos escutado o galope religioso do seriado. Acreditamos, porém, que uma zebra surgirá no horizonte, pois a problemática teológica da série é bem mais complexa.

Primeiramente, chamamos atenção para o fato de uma produção televisiva sem nenhuma ligação com instituições religiosas trazer uma marca teológica tão profunda: quando um discurso teológico surge fora de seu *locus* habitual, pode-se suspeitar que a teologia, em si, está sendo buscada para responder a questões importantes que circulam no cotidiano. Esta análise só é possível através de uma correlação entre a teologia e a cultura mediada pela arte, ou seja, na fronteira entre os discursos de fé e as questões culturais.

Na fronteira, para Tillich, não é apenas um dado biográfico, mas também cultural e espiritual: estar na linha fronteira não significa apenas estar entre dois continentes, entre terra natal e terra estrangeira, mas, ao mesmo tempo, estar entre os mundos, entre os tempos, estar em tensão e em movimento, pensar não em monólogos, mas em diálogo: A fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento. A teologia de fronteira de Tillich evidencia-se sobretudo na relação que ele institui entre religião e

cultura secular, e no método da correlação constantemente praticado em teologia sistemática.<sup>69</sup>

House lida constantemente com o paradigma da fronteira e as crises decorrentes desta condição: no seriado observa-se as consequências de viver no limiar entre saúde e doença, sanidade e loucura, fé e ceticismo, verdade e mentira, vida e morte, além da própria fronteira entre sagrado e profano à qual já nos referimos. Assim, seria impossível arriscar-se em uma pesquisa como a que nos propomos sem o referencial teórico elaborado por Paul Tillich. Nesse sentido, além do método da correlação em si, também será necessário discutir a elaboração tillichiana a respeito da fé como *realidade última* e entrega ao *incondicional*, uma vez que, constantemente, referenciais consagrados a respeito destas questões são questionados e desconstruídos nos episódios de House. Junto a isso, obviamente dialogaremos com as concepções do autor a respeito de Deus e do lugar da religião na cultura. Em seu conjunto, por isso, os sintomas tillichianos que encontramos em House remetem a uma vontade de trazer o elemento religioso de volta ao debate das grandes questões cotidianas, livre de amarras dogmáticas e doutrinárias, ou seja, para além das instituições historicamente formadas pelas experiências religiosas.

Há sistemas teológicos que não pretendem apenas estar livres de contradições internas, mas também ficar livres de interpelação externa. A teologia transforma-se, para eles, numa estratégia de auto imunização. Tais sistemas são como fortalezas em que não se consegue penetrar, mas das quais tampouco se consegue escapar e que, por isso, são derrotadas à míngua pelo desinteresse público. [...] Minha imagem de teologia não é *Castelo forte é nosso Deus...*, mas o êxodo do povo de Deus no seu caminho para a Terra Prometida da liberdade, onde habita Deus.<sup>70</sup>

Partindo-se deste pressuposto, desde já podemos afirmar que o discurso teológico presente em House remete a uma *Teologia do Cotidiano*, que compartilha os sofrimentos desta época e formula esperanças em Deus no lugar em que vivem seus contemporâneos. É uma teologia crítica e profética frente aos assuntos públicos da sociedade, que evoca publicamente a memória do Reino de Deus e sua justiça.<sup>71</sup> Esta elaboração é uma das marcas de Jürgen Moltmann na teologia contemporânea: o teólogo alemão sempre buscou, em suas contribuições teológicas, resgatar a dimensão religiosa de uma esfera privada, reavivando seu caráter de análise e discussão de questões centrais da existência humana. Isto se encontra presente em House nos diversos símbolos, metáforas e diálogos que interpelam os grandes sofrimentos e esperanças da humanidade, buscando sentidos para estas situações. Neste

---

<sup>69</sup> GIBELLINI, 2002, p. 85.

<sup>70</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 13.

<sup>71</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 13.

mesmo autor encontramos ainda dois outros referenciais que servirão como base teórica para a tese: a *Teologia da Cruz*, que identifica o calvário como *história da história* humana e as recentes incursões de Moltmann no diálogo entre teologia, medicina e ciência em geral.

Obviamente, estamos propondo um recorte na vasta e complexa obra de Tillich e Moltmann, frente à necessidade que temos de focar em nosso objetivo de, analisando teologicamente o seriado, propormos a categorização que nominamos Teologia do Desencantamento. Ao mesmo tempo, temos consciência de que nada do que estes autores produziram (e, no caso de Moltmann, ainda produzem) pode ser isolado do todo e que, mesmo as obras que não selecionamos se farão presentes de uma forma ou de outra. Passamos, então, a apresentar estes dois autores, focando nas questões que, formuladas por eles, sustentarão aquilo que esta tese deseja afirmar.

## **2.1 Diagnosticando Paul Tillich: sintomas de uma *síndrome de fronteira***

Em 1886, na aldeia de *Starzedell*, Prússia, nascia Paul Johannes Oskar Tillich. Já em seu nascimento, o teólogo parece ser marcado pelo emblema da fronteira: sua terra natal se situava na província de Brandemburgo, hoje situada na Polônia, a poucos quilômetros da fronteira com a Alemanha. Fronteira também encontrava em seu ambiente doméstico, pois o pai, pastor luterano, era pessoa de caráter rígido e autoritário, enquanto a mãe revelava-se mais maleável e democrática. Ela falece, vítima de câncer, quando Tillich estava com dezessete anos e, em 1900, a família se transfere para Berlim, onde o futuro teólogo vivencia uma nova experiência de fronteira: entre a vida aldeã que trazia como recordação e o cotidiano de uma grande metrópole, onde passava a viver.

A partir de 1904 realiza seus estudos de Teologia na Universidade de Halle, onde toma contato com o pensamento de Kierkegaard. Doutora-se em Filosofia no ano de 1911, na Universidade de Breslau e, no ano seguinte, licencia-se em teologia na Universidade de Halle. Entre 1912 e 1914 atua como pastor assistente em uma paróquia luterana em Berlim, trabalhando principalmente com a catequese dos jovens e na articulação de um grupo de discussão sobre cristianismo e cultura. Casando-se com Margareth Wever em 1914, alista-se,

em seguida, como capelão do exército prussiano, indo para o *front* da Primeira Guerra Mundial.<sup>72</sup>

Da experiência da guerra nasce uma mentalidade mais realista e menos heterônoma: Tillich, em meio ao conflito, acaba ficando na fronteira entre os valores que cultivava e a dura realidade da morte que enxergava diante de seus olhos.

A experiência bélica foi decisiva para o pensamento e a personalidade de Tillich. Ele, que crescera admirando a disciplina militar, a solidez e a estrutura da sociedade prussiana e nunca questionara a aristocracia, de repente viu-se diante da trágica realidade da guerra. A convivência com a dor, o desespero e o sofrimento humano fez com que se despisse das vestes burguesas e idealistas e reestruturasse sua vida.<sup>73</sup>

Nesse sentido, Tillich descobre no socialismo uma alternativa viável para contrapor-se aos valores burgueses, tornando-se um dos principais pensadores do *socialismo religioso*. Nestas alturas, findada a Primeira Guerra, já lecionava em Berlim, abordando aquilo que será o fio condutor de toda sua produção teológica: a relação entre religião e cultura.<sup>74</sup> Seu casamento acaba em 1922, em um momento de grande instabilidade pessoal. Em 1924 casa-se com a pintora e poetisa Hannah Werner Gottschow, que permaneceu com o teólogo até ele morrer, em 1965.<sup>75</sup>

Em 1933, com a chegada de Hitler ao poder, Tillich é o primeiro professor universitário não-judeu a ser deportado da Alemanha. Aconselhado por Horkheimer, emigra para os Estados Unidos, onde inicia a segunda fase de sua carreira universitária, que se estenderá até o fim de sua vida.<sup>76</sup>

### 2.1.1 As forças metabólicas da realidade: diagnósticos de Paul Tillich a respeito da cultura

É preciso que voltemos ao *front* de batalha da Primeira Guerra Mundial, onde se encontrava Paul Tillich, para compreendermos a gênese de suas elaborações a respeito das possíveis correlações entre fé e cultura.

---

<sup>72</sup> GIBELLINI, 2002, p. 83-84.

<sup>73</sup> CALVANI, 2010, p. 17.

<sup>74</sup> GIBELLINI, 2002, p. 84.

<sup>75</sup> CALVANI, 2010, p. 18.

<sup>76</sup> GIBELLINI, 2002, p. 84.

A transformação aconteceu durante a batalha de Champagne, em 1915. Houve um ataque noturno. Durante toda a noite não fiz outra coisa senão andar entre feridos e moribundos. Muitos deles eram meus amigos íntimos. Durante aquela longa e horrível noite, caminhei entre filas de gente que morria. Aquela noite, grande parte de minha filosofia clássica ruiu aos pedaços. [...] Lembro-me que sentava sob as árvores das florestas francesas e lia *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, como faziam muitos outros soldados alemães, em contínuo estado de exaltação. Tratava-se da libertação definitiva da heteronomia. O niilismo europeu desfraldava o dito profético de Nietzsche, “Deus está morto”. Pois bem, o conceito tradicional de Deus estava mesmo morto.<sup>77</sup>

Com aquilo que se acreditava ser Deus e, por consequência, toda estrutura religiosa subsequente, mortos em uma trincheira da primeira grande guerra do Século XX, era necessário reencontrar sentidos e caminhos novos para narrar Deus em uma cultura desencantada de suas razões. Empreendendo esta busca, Tillich se tornará peregrino em um caminho repleto de fronteiras e, portanto, de rompimentos e novas aprendizagens. Por isso, voltando da guerra, ele se dedica a sanar o desacordo entre religião e cultura secular, dando início ao que, mais tarde, será conhecido como *método da correlação*, no exercício de uma teologia da cultura.<sup>78</sup> Para compreendermos o sentido daquilo que é buscado por Tillich, é necessário lançar um olhar sobre as grandes forças culturais com as quais o autor está lidando em seu contexto, reconhecendo nelas também as grandes forças religiosas que lhes deram origem.

A cultura atual deve ser descrita em termos de um movimento predominante e, de outro lado, de um protesto enérgico e cada vez mais forte contra ele. O espírito do movimento predominante é o da sociedade industrial. O espírito de protesto é da análise existencialista do destino humano contemporâneo.<sup>79</sup>

Assumindo-se o pressuposto de duas potências culturais em conflito – uma estabelecida como normalidade e outra opondo-se como denúncia e alternativa – tem-se claro o fato de que o Deus e a estrutura religiosa que morrem na frente de batalha europeia são o ideário da cultura industrial a respeito disso. Nesse sentido, toda concepção a respeito de Deus e de estruturas religiosas será, também, concepção a respeito do ser humano e do sentido de sua vida: portanto, a derrocada de uma estrutura religiosa industrial, tal como intui Tillich, abrirá um significativo vazio existencial em uma humanidade baseada nesta qualidade de

<sup>77</sup> TILLICH, Paul. Entrevista à revista Time, 06 de março de 1959, p. 47. Apud. CALVANI, 2010. p. 17-18.

<sup>78</sup> GIBELLINI, 2002, p. 85.

<sup>79</sup> TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 84.

projeto. É importante, portanto, sabermos de que imaginário falamos ao nos referirmos a esta cultura. Para Tillich, a sociedade industrial apresenta duas características marcantes: a substituição de Deus pelo universo e a centralidade do ser humano neste universo.

A primeira característica diz respeito à perda da dimensão da profundidade no contato humano com a realidade. A partir da ciência cartesiana que se desenvolve na modernidade oitocentista, passa-se a habitar um universo calculável e, aparentemente, apreensível ao ser humano em sua totalidade. Perde-se, neste processo, o dado da transcendência presente nos elementos que formam a realidade, exilando a ideia de eternidade e a presença de Deus para uma espécie de dimensão paralela à que habita a humanidade. Longe da criação, este Deus já não interfere ou orienta suas criaturas. É a criatura, por sua vez, que assume o lugar de criadora em uma realidade que parece estar sob seu domínio. Eis a segunda característica.

Um ser humano que assuma o lugar de criador precisa estar de posse plena da sua criatividade. Essa prerrogativa, apesar de parecer favorável a uma ascensão definitiva da autonomia humana, acaba se tornando um fardo pesado demais para a pessoa. Homens e mulheres, vivendo sob esse pressuposto, assumem uma identidade messiânica de forma autorreferente, colocando-se no centro referencial da tessitura da realidade. Para bem desempenhar este papel vai se fazendo cada vez mais necessário eliminar todo tipo de crise ou conflito que abra espaço para falhas e erros. O preço disso é um crescente processo de desumanização.<sup>80</sup>

Para realizar seu destino, o ser humano precisa estar de posse de processos criativos, análogos aos que eram antigamente atribuídos a Deus. A criatividade tornou-se qualidade humana. Não mais se pensa no conflito entre o que somos essencialmente e a nossa realidade cotidiana, com nossa alienação que, nos termos tradicionais, se chama queda. A morte e a culpa foram banidas até mesmo da pregação do início da sociedade industrial. Era preciso esquecê-las para que não interferissem na conquista progressiva da natureza, fora e dentro dos seres humanos.<sup>81</sup>

Nesse sentido, é interessante notar como boa parte da ritualística penitencial cristã parece referir-se sempre ao reconhecimento das falhas humanas, pedindo perdão pelos erros que cometemos. Essencialmente, porém, as liturgias penitenciais deveriam remeter à inexorável condição da miséria humana, que nos torna participantes da misericórdia divina e capazes da misericórdia para com o próximo. Pedir perdão pelos erros cometidos prometendo não mais errar serve apenas para que, inutilmente, o ser humano tente se tornar Deus. Este simbolismo parece permear House: o próprio médico, que parece infalível em seus

---

<sup>80</sup> TILLICH, 2009, p. 84-85.

<sup>81</sup> TILLICH, 2009, p. 85.

diagnósticos, vive em profunda miséria existencial e é isso que lhe permite comungar com o sofrimento de seus pacientes, ainda que pela via da ironia e do sarcasmo. House, aliás, seria o típico ser humano produzido por uma mentalidade industrial tendo que lidar com a inexorável natureza de falibilidade humana. Já nos referíamos a esta imagem do personagem na introdução e no primeiro capítulo.

Em oposição ao espírito industrial, Tillich reconhece uma atitude existencial, que se expressa de variadas maneiras no tecido cultural da sociedade. Tillich identifica esta atitude no movimento existencialista que, no final do Século XIX e início do Século XX, colocava no ser humano e em sua existência o princípio de todo pensamento filosófico e, portanto, de todas as buscas por um sentido para viver. Este ser humano, porém, não é aquele idealizado pelo pensamento industrial, mas aquele que, tomando consciência de seu existir, traz em si toda carga caótica desta condição. Assumindo esta atitude para compreender a vida, o ser humano se dará conta de que boa parte de sua identidade foi construída pelas exigências do meio e que, na verdade, ele provavelmente não saiba quem seja.

O existencialismo, em sentido amplo, é o protesto contra o espírito da sociedade industrial a partir dela mesma. O protesto se dirige contra a posição do ser humano no sistema de produção e consumo. Achamos que somos mestres do mundo e de nós mesmos. Mas, na verdade, fazemos parte da realidade que criamos, objetos entre objetos, coisas entre coisas, parte da engrenagem da máquina universal, à qual devemos nos adaptar para que ela não nos esmague. Essa adaptação nos transforma em meios para fins que também, por sua vez, são meios, sem finalidade alguma. Resultam daí experiências de vazio e falta de sentido, de desumanização e alienação. Não mais achamos sentido na realidade que, em suas formas e estruturas, nada no diz.<sup>82</sup>

Para Tillich, a atitude existencialista pode resultar em duas reações: a neurose ou a coragem de ser. A primeira reação resulta de uma tentativa de esconder-se do mundo opressor, encastelando-se em universos fictícios, que nada mais fazem do que nos anestesiarem e, vagarosamente, nos readaptar às exigências da sociedade industrial. A outra reação, porém, pode ser profundamente libertadora: trata-se de, assumindo todas as limitações, dores e feridas do ser, expressá-lo corajosamente por meio de produções culturais. Por isso, para Tillich, a arte, de maneira especial a existencialista, é a grande chave de leitura do mundo contemporâneo e, quando esta arte acaba sendo um canal de revelação da situação humana na sociedade e no universo como um todo, ela se torna, também, teologia.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> TILLICH, 2009, p. 87.

<sup>83</sup> TILLICH, 2009, p. 87-88.

### 2.1.2 *Religião como busca do Incondicional: a desintoxicação da idolatria*

Se considerarmos a arte produzida a partir da atitude existencialista como teológica, por trazer em si uma importante chave de leitura sobre as buscas e a identidade humana contemporânea, precisamos nos perguntar a respeito do lugar e da função da religião neste processo. Ora, se toda produção cultural que expressa a situação humana é teológica, pode-se dizer que o conteúdo da cultura é religioso. Ao mesmo tempo, facilmente constataremos que toda manifestação religiosa, em sua forma, é cultural, pois se utiliza de linguagens, rituais e símbolos elaborados a partir da experiência humana com o sagrado.<sup>84</sup> Desta forma, a partir do pensamento de Tillich, conclui-se que o elemento religioso circula pela cultura humana muitas vezes de forma independente das instituições religiosas que os guardam.

A Igreja, no seu papel profético, é a guardiã que revela as estruturas dinâmicas da sociedade e se opõe ao seu poder demoníaco, revelando-o, mesmo quando dentro dela. Ao assim fazer, a Igreja ouve, também, as vozes proféticas fora dela, que julgam a cultura e a ela mesma como sua parte. Já nos referimos a essas vozes proféticas em nossa cultura. Muitas delas não fazem parte da Igreja manifesta. Mas, talvez, pudéssemos chama-las de participantes da Igreja latente, Igreja na qual a preocupação suprema está oculta sob formas e deformações culturais.<sup>85</sup>

Esta compreensão, porém, só se torna possível a partir da desconstrução de um ideário fortemente institucionalizador a respeito da questão religiosa, que, tornando-se senso comum, tem reduzido a herança da tradição judaico-cristã à mera obediência moral de normas ou promessa de realização pessoal mediante a adesão a um suposto salvador. O ponto de partida para esta desconstrução encontra-se na compreensão do ser humano e no entendimento dos processos que possibilitam a ascensão do elemento religioso no seio da cultura humana.

Homens e mulheres, em sua trajetória de humanização, despertam para a consciência a respeito do ambiente em que vivem, do reconhecimento dos outros seres que o cercam, diferenciando identidades e relações, mas, acima de tudo, desenvolvem consciência a respeito deles mesmos. Com esta consciência surgem inúmeros questionamentos e preocupações a respeito da existência em si, sendo que a maior de todas surgirá diante da inevitabilidade da finitude. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a descoberta da condição humana vem junto com um diagnóstico terminal: todos estamos morrendo, apenas não sabemos quanto tempo de vida ainda temos. Assim, da mesma maneira que um enfermo em situação

---

<sup>84</sup> TILLICH, 2009, p. 88-91.

<sup>85</sup> TILLICH, 2009, p. 92.

irreversível que é informado de sua real condição, a consciência da morte nos coloca em uma busca por sentido para uma vida que, cedo ou tarde, acabará.

Todo este processo leva à descoberta de que se tornar humano é aceitar-se como ser condicionado que busca superar o condicionamento. À busca por uma realidade incondicional, que dê significado ao espaço de existência que será abreviado pelo *não-ser*, Paul Tillich denomina de dimensão religiosa. À abertura e à acolhida a uma realidade incondicionada e, portanto, plenificadora, Tillich dá o nome de fé.

Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente. Como todos os outros seres vivos, o homem se preocupa com coisas tão necessárias como alimento e moradia. Mas à diferença de outros seres vivos, o homem também tem preocupações espirituais, isto é, estéticas, sociais, políticas e cognitivas. Algumas dessas preocupações são urgentes, muitas vezes até extremamente urgentes, e cada uma delas, tanto quanto as exigências do sustento, pode ser considerada como imprescindível para a vida de um indivíduo bem como de toda uma comunidade. Quando isto acontece, a preocupação em foco exige dedicação total por parte daquele que aceita esta exigência. Mas ao mesmo tempo ela promete realização perfeita, mesmo se outras exigências passam para o segundo plano ou mesmo precisam ser rejeitadas.<sup>86</sup>

De forma sintética, pode-se constatar que Tillich situa a gênese religiosa para além de quaisquer instituições e a descreve como contínua busca, sacrifício e promessa. Neste processo, muitas serão as realidades que, apresentando-se como possibilidade de incondicionalidade, exigirão todos os sacrifícios possíveis, mas não conseguirão corresponder ao que o ser humano realmente está buscando. Em seu contexto histórico, Tillich faz esta comparação com os Estados Nacionais, que exigem sacrifícios como a guerra, em nome de uma suposta realização pessoal e comunitária. Ao mesmo tempo, o autor já apontava para o fortalecimento de um espírito capitalista que, prometendo realização por meio da prosperidade econômica, exige o sacrifício do trabalho. Isto será identificado pelo autor como idolatria, ou seja, uma promessa de incondicionalidade que se revela, ao final, como mais um dos tantos condicionamentos aos quais o ser humano acaba se submetendo. O resultado deste processo é um enorme vazio existencial, que pode se tornar neurose ou força para buscar aquilo que realmente é incondicionado.<sup>87</sup>

Há práticas e discursos assumidos por grupos religiosos que também revelam características de idolatria, segundo a dinâmica religiosa elaborada por Tillich. Nesse sentido, pode-se falar da existência de dois grandes problemas: a redução da experiência religiosa à

---

<sup>86</sup>TILLICH, Paul. *A Dinâmica da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 6.

<sup>87</sup> TILLICH, 1974, p. 5-7.

dimensão moral e as ideias a respeito de Deus elaboradas em nossa cultura. Aliás, é exatamente com estas duas tendências religiosas que House vive se atritando.

House não entende a religião como uma troca de favores com Deus, com regras a serem seguidas rigorosamente sob pena de uma danação eterna. Não concebe Deus como origem do mal, sobretudo dos males físicos, mas julga a saúde e a vida por aquilo que a razão consegue descrever: uma obra-prima excepcional, mas finita, destinada a deteriorar-se e que a medicina deve proteger a qualquer custo. (tradução nossa)<sup>88</sup>

Para House, viver é estar sujeito às contingências biológicas, que podem se transformar em enfermidades. A grande questão, nesse sentido, é o significado que o ser humano atribui a esta situação: entender um mal físico como castigo de uma divindade ou provação para testar a fé resulta de uma profunda alienação da pessoa a respeito dela própria. Talvez se encontre aqui um dos significados da expressão *todo mundo mente*, utilizada pelo personagem: a primeira grande mentira é a negação da dimensão de sofrimento da existência como parte integrante desta e isso, em boa parte, talvez se dê pelo tipo de orientação na fé à qual as pessoas se conformaram com o tempo. Por isso, Tillich nos lembra de que *sagrado* é o que nos toca incondicionalmente, ou seja, é a experiência de adentrar o *santíssimo* da vida, onde vislumbra-se o divino que, revelando-se, nunca deixa de ser mistério: ele nos atrai e nos amedronta, revelando-se como *fascinosum* e *tremendum*. Ao tomar contato com o infinito e, diante dele, dar-se conta de sua realização integral, o ser humano também experimenta a distância infinita entre o finito e o infinito e o veredicto negativo sobre todas suas tentativas de alcançar o sagrado. De certo modo, experimentar o adoecimento e a cura ou o adoecimento e a morte pode ser lido como experiência de sagrado: aquele que adoece encontra-se esmagado pela condicionalidade de seu próprio corpo e vive a radicalidade da separação entre natureza e vontade, entre consciência e corporeidade. Ao mesmo tempo, a esperança em curar-se ou a perspectiva de morrer trazem, ambas, um horizonte de síntese que supera o estado de enfermidade. Curar-se é voltar a ter certo controle sobre seu próprio corpo e morrer significa abandonar qualquer contingência para mergulhar em algo misterioso e desconhecido.

O *sagrado*, portanto, encontra-se com o ser humano como força criadora (*fascinosum*) ou como força destruidora (*tremendum*), sendo que a dimensão criadora pode conter uma dimensão destruidora e vice-versa. Nesta dinâmica, o sagrado assume aspectos divino-demoníacos: o divino se manifesta com a vitória das possibilidades criadoras sobre as destruidoras e vice-versa. Tillich lembra que, no AT, o aspecto divino-demoníaco do Sagrado

---

<sup>88</sup> GOSO, 2010, p. 28.

tem sua compreensão mais aprofundada na religião profética. Posteriormente, porém, renega-se o elemento demoníaco do Sagrado, caracterizando-o exclusivamente como justiça e verdade: Deus não é mais destruidor, mas apenas criador e o sacrifício para agradá-lo consiste na obediência da lei. Com isso, questões como a santidade passam a ser identificadas estritamente com a perfeição moral. Tal redução de sentido tirou o caráter de *totalmente outro* do sagrado, uma vez que ele se torna fascinante sem ser atemorizador. Santidade tornou-se sinônimo de retidão moral e verdade racional, perdendo seu caráter originalmente sagrado. Tudo que é sagrado ou santo, porém, é divino e demoníaco simultaneamente e, por isso, toda religião tem caráter ambíguo e toda experiência de fé é perigosa.<sup>89</sup>

Um segundo aspecto que se depreende deste diz respeito à qualidade de experiência de fé que pode ou não levar a um encontro verdadeiro com o sagrado. Se o fortalecimento da dimensão moral anulou a faceta atemorizadora do divino, pode-se perceber que, junto a isso, erigiu-se uma imagem de Deus conformada a este mesmo moralismo. Como a busca humana pelo incondicional não pode se dar apenas de forma abstrata, acaba-se intuindo algumas realidades palpáveis de representação desta incondicionalidade. Assim, de cada experiência religiosa emergem símbolos que, utilizando-se de linguagens e formas conhecidas, ou seja, da cultura, abrem ao ser humano a comunicação com a dimensão indizível e incomensurável do sagrado. Símbolos nascem e morrem com as experiências que lhes deram origem, mas, quando se perpetuam para além da significação mais profunda destas experiências arriscam-se a se absolutizarem e, de símbolos, a se transmutarem em ídolos. Tal coisa parece ter acontecido com o símbolo denominado Deus.

Sempre que, utilizando-se do simbólico, se busca descrever a ação do sagrado no cotidiano, cria-se *mitologia*, ou seja, atribui-se ao divino características humanamente compreensíveis e se insere sua presença, que é eterna, na temporalidade da história. Sendo a mitologia um mero recurso didático, ela não pode se tornar a absolutização do mistério, sob o risco de esvaziá-lo. Nesse sentido, é preciso que nos questionemos se muitas atitudes e orientações vindas da própria tradição cristã não demonstram exatamente esta redução de sentido daquilo que é verdadeiramente absoluto.<sup>90</sup>

A oposição à demitização se mostra num rígido agarramento à letra. Os símbolos e os mitos são entendidos literalmente. [...] Entende-se então a criação como um ato mágico no *era uma vez...* da fábula; a queda de Adão é localizada no espaço e atribuída a um homem determinado; o nascimento virginal do Messias recebe uma interpretação biológica; ressurreição e ascensão se apresentam como eventos físicos

<sup>89</sup> TILLICH, 1974, p. 13-15.

<sup>90</sup> TILLICH, 1974, p. 30-38.

e o retorno de Cristo é entendido como uma catástrofe que atingirá a Terra ou o cosmo. A condição para semelhante crença literalística é a suposição de que Deus tem uma localização no tempo e no espaço e influencia o curso das coisas bem como é por ele influenciado como todo outro ente no mundo.<sup>91</sup>

Desta forma, a mais inútil das discussões que envolvem a questão religiosa é aquela a respeito da existência de Deus. Se Deus é compreendido com um ser que habita em algum lugar e possui poderes ilimitados, Ele se torna contingenciado ao que compreendemos como divino, ou seja, deixa de ser incondicionado. A resposta para tal discrepância é o ateísmo, que busca desconstruir os argumentos que, tomando o mitológico ao pé da letra, se revestem de uma autoridade tradicional, colocando-se como representantes deste ser onipotente.

Deus não é objeto para nós, sujeitos. Ele sempre precede esta divisão. Mas, por outro lado, falamos a respeito dele e agimos sobre ele. Não podemos evitar, porque tudo o que se torna real para nós faz parte da relação entre sujeito e objeto. Vem daí a paradoxal situação que criou o conceito meiolasfemo e meiomitológico da *existência de Deus*. Da mesma forma, as tentativas fracassadas de provar sua existência como se ele fosse um objeto. O ateísmo é a resposta correta e teológica a essas tentativas. É o que bem sabia a piedade mais profunda de todas as épocas. É extraordinária a terminologia ateia do misticismo. Conduz-nos para além de Deus e nos faz chegar ao incondicional, transcendendo todas as fixações do divino em objetos. [...] Não se pode imaginar qualquer verdadeira religião sem algum elemento ateuista.<sup>92</sup>

Por isso, o ateísmo exercido por Gregory House é profundamente teológico, pois intervém junto às pessoas em um momento de real experiência religiosa, que é a enfermidade e a perspectiva da morte. Que crenças podem sustentar o ser humano face ao desespero do não ser? Que promessas podem tranquilizar uma pessoa que sofre em seu corpo as contingências que a natureza lhe impõe? Parece ficar bastante claro que este tipo de situação não se resolverá com a crença em um *deus ex machina*, que a tudo resolve de forma intervencionista, mas na compreensão existencial de saúde, doença e identidade humana, na qual se intuirá uma dinâmica religiosa que aponta para a superação da condicionalidade. Por isso, em Tillich, entende-se que a questão religiosa não pode estar restrita a uma instituição: ela se encontra em tudo aquilo que é humano, pois o humano, ao buscar o incondicional, confere uma dimensão de profundidade a tudo que faz. A religião, assim, não é um elemento da cultura, mas a própria base desta. As tradições e instituições religiosas, por sua vez, são as guardiãs das experiências religiosas originárias. Quando estas tradições e instituições perdem sua dimensão de profundidade, caem na idolatria. Por isso, precisam estar sempre abertas para a leitura do

---

<sup>91</sup> TILLICH, 1974, p. 37.

<sup>92</sup> TILLICH, 2009, p. 63.

religioso que circula no cotidiano: é isso que possibilitará a continuidade de sua comunhão com a realidade, sua purificação dos elementos idolátricos e a renovação de sua vocação profética.

### 2.1.3 O método da correlação: quando a religião recebe alta da ala de isolamento

Perscrutar a realidade, buscando discernir as forças religiosas que, ocultas nas manifestações culturais, dinamizam a busca humana pelo absoluto parece ser a grande tarefa à qual Tillich se dedicou ao elaborar aquilo que ficou conhecido como método da correlação: contagiado pela estética artística de seu tempo, Tillich integra, sem dicotomia, teologia e arte em sua produção intelectual. Contra as grandes tendências eclesiais que sempre demonizaram a cultura ou a relegaram ao *status* de meio para promover discursos de conversão, Tillich a assumiu como espaço revelatório, ou seja, como *locus teológico*: manancial de experiências revelatórias e espaço onde se manifestavam sinais de busca pelo Sagrado e rastros de contato com o Incondicional.<sup>93</sup> Este *incondicional*, porém, é revelado pela obra de arte, mas não produzido por ela.

Tillich defende a ideia de que a religião não é parte da cultura, mas seu fundamento, uma vez que esta, ao se fundamentar na experiência de sagrado, guarda seu referencial no *Incondicionado*, que não pode ser reduzido a estruturas eclesiais ou sociais. Assim, a tarefa de uma *Teologia da Cultura* seria identificar a *substância religiosa* na esfera cultural ou, ainda, estudar o conteúdo religioso de toda cultura, admitindo que o Incondicional sempre está agindo e esperando ser redescoberto para além do âmbito eclesial. Para tanto, Tillich proporá um método de análise teológico-cultural, que possibilitará uma classificação tipológica de produções culturais, de acordo com a substância religiosa nelas encontradas. Este método buscará reconhecer três elementos nas produções culturais: a realidade objetiva da produção (*Inhalt*), o conteúdo substancial da produção (*Gehalt*) e o elemento mediador entre os dois (*Form*). Assim, buscando-se o *Gehalt* das diversas expressões da cultura, de modo especial das produções artísticas, a teologia entraria em contato com o Incondicional que se encontra oculto nelas.<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> CALVANI, 2010, p. 60.

<sup>94</sup> CALVANI, 2010, p. 61-64.

Assim, a tarefa da teologia da cultura é penetrar nos subterrâneos espirituais da vida e mostrar que toda realidade cultural e finita pode ser revelatória do divino e todo objeto criado pode se tornar símbolo da realidade última. Cabe ao teólogo da cultura discernir essa profundidade religiosa em todas atividades criativas humanas, mesmo as mais profanas e seculares.<sup>95</sup>

Um elemento importante neste processo é o fato de não haver possibilidade de neutralidade nesta análise. O conteúdo profundo, oculto na cultura, revela-se por ele mesmo através de uma experiência estética que remete o ser humano às mais primordiais vivências transcendentais, onde se faz contato com o *fascinans* e *tremendum*: na experiência estética se tomará contato com o divino ou com o demônico, que são aspectos arquetípicos da humanidade como um todo.<sup>96</sup> Nesse sentido, a natureza do contato que se realiza com a arte é diferenciada da racionalidade e da emotividade. A experiência estética é intuitiva, pois é diretamente percebida pelos sentidos: nela, ocorre um choque sensorial, provocado no sujeito pela obra de arte, o que corresponde à erupção da revelação. Assim, considerando-se que toda obra de arte é uma criação, pode-se afirmar que toda criação possui uma revelação.<sup>97</sup> Por isso, intui-se um elemento de profundidade que perpassa toda obra cultural e permeia seu conteúdo com o Incondicional, mesmo que seus autores não tenham esta intenção: a dimensão mística.<sup>98</sup>

É exatamente deste ponto de vista teológico que partimos para afirmar a existência de uma substância teológica relevante em *House*: o seriado não foi criado para discutir religião e tampouco necessita de uma elaboração teológica para funcionar dramaturgicamente. É a teologia que necessita lançar seu olhar sobre produções como essa e fazer sua releitura à luz de teorias como a de Tillich. Assim, pode-se perguntar: que princípios religiosos estão ocultos e em ação no seriado? Que discurso de abertura ao *incondicional* é assumido na série? De que forma este discurso expressa as grandes buscas e rompimentos que se encontram em movimento no seio da humanidade deste tempo?

É possível, por exemplo, traçar um paralelo inicial entre o personagem principal, Gregory House, e o próprio Tillich, no sentido de identificar experiências de vida marcadas pelo paradigma da fronteira. Semelhante a Gregory House, Tillich perde muitas de suas convicções ao realizar a radical experiência de mergulho no caos, na dor e na morte. Apesar de ficar subentendido no seriado, tudo leva a crer que House pode ter sido um grande idealista quando jovem: apaixonado pela medicina e pela possibilidade de chegar à cura de

---

<sup>95</sup> CALVANI, 2010, p. 64.

<sup>96</sup> CALVANI, 2010, p. 65.

<sup>97</sup> CALVANI, 2010, p. 77.

<sup>98</sup> CALVANI, 2010, p. 69.

enfermidades, considerava-se imbatível em termos de diagnósticos, até cometer um grande erro que nunca mais pode ser corrigido. Isso é revelado no episódio *Três Histórias*, onde, de certa forma, narra-se a *origem de House*.

Nesta história, o médico é convocado pela Dr.<sup>a</sup> Cuddy, diretora do hospital, a substituir um colega, dando uma aula sobre diagnósticos aos residentes. Sua metodologia é bem peculiar: expondo a história de três pacientes que ingressam no hospital sentindo dores na perna, o médico pede que os alunos apontem possíveis diagnósticos e tratamentos. Na medida em que a aula avança, percebe-se quanto o conhecimento dos residentes é marcado por um academicismo especulativo, a partir do qual se chega apenas a respostas estatísticas e tratamentos-padrão. A grande questão do episódio, porém, é o motivo pelo qual House dá sua aula contando estas histórias: o que ele está relatando não é nada além de seu próprio problema de saúde e sua constatação é a de que os jovens residentes, com toda formação e vontade de atuar que possuem, cometeriam os mesmos erros que o levaram a ficar com sua perna defeituosa. E estes erros não são outros senão a demora em chegar a um diagnóstico correto por *acomodação científica* e a falta de coragem para tomar as decisões corretas e assumir as consequências. No caso específico, quem tomou a decisão errada quanto ao tratamento foi o próprio House, uma vez que não aceitou que sua perna fosse amputada. O tratamento alternativo que ele mesmo havia proposto tem por consequência dores insuportáveis, a ponto de ele precisar ser colocado em coma induzido. Quando ele se encontra neste estado, sua esposa autoriza a amputação, que a Dr.<sup>a</sup> Cuddy substitui pela extirpação do músculo necrosado de sua perna. O resultado disso, porém, deixa nele sequelas para o resto de sua vida.

House – *Por causa da extensão do músculo removido a mobilidade da perna do paciente ficou gravemente comprometida. Por causa do atraso em fazer o diagnóstico, o paciente continua sentindo dor crônica.*

Aluna – *Ela não tinha o direito.*

Aluno – *Ela tinha uma procuração.*

Aluna – *Sabia que ele não queria operar.*

Aluno – *Ela salvou a vida dele.*

Aluna – *Não sabemos.*

Aluno 2 – *Quem sabe ele ficaria bom?*

Aluna – *Isso não importa. A decisão é do paciente.*

Aluno – *O paciente é um idiota.*

House – *Geralmente são.*<sup>99</sup>

Assim, House atesta em si mesmo a falência de todo um sistema de pensamento: ele foi o grande idiota que, iludido por uma lógica que não leva o todo em consideração e cheio

---

<sup>99</sup> TRÊS Histórias. In: HOUSE M.D. 1ª temporada. Escrito por David Shore. Dirigido por Paris Barclay. Produzido por David Shore: Universal Studios, d2005. 6 DVD (964 min), widescreen, color. Episódio 21.

de autossuficiência, condenou a si próprio a uma vida de sofrimento por conta das dores que sente. O tratamento, em si, funcionou, pois sua vida foi salva e a dor seria apenas um *efeito colateral* da intervenção cirúrgica. Na realidade, porém, o peso deste *efeito colateral* interferirá na totalidade da vida do médico. Chama atenção, também, uma sequência do episódio na qual House, em coma, passa por uma espécie de experiência fora do corpo. Sua consciência visita outros pacientes que tiveram problemas semelhantes ao seu e aceitaram a amputação. Ao vê-los continuando suas vidas, adaptados à perda do membro amputado, ele, de certa forma, se dá conta de que, ao manter seu corpo *inteiro*, acabou fragmentando sua vida por causa da dor. Questionado pelos alunos se ele considerava esta visão uma experiência religiosa, ele responde dizendo que foi uma simples reação de sua mente à situação que vivia. Questionado novamente, ele responde que sua opção era acreditar nisso.

Da mesma forma que o personagem, Tillich deixa-se transformar pelos fatos presenciados no *front* de batalha, fazendo uma releitura crítica de tudo aquilo que defendia: deixando o monarquismo, adere ao socialismo; abandonando o perfil de ingênuo crente cristão, torna-se um pessimista cultural; superando uma personalidade puritana e reprimida, adota uma vida boêmia junto a artistas, jornalistas e escritores críticos da visão burguesa de mundo.<sup>100</sup>

Da experiência da guerra surgiu seu método da correlação. A mensagem cristã não faria sentido se não pudesse responder às questões existenciais sobre a vida e a morte. Assim, abandonava a mensagem burguesa e domesticada da igreja de sua juventude. Começou a atacar as formas irrelevantes e antiquadas do evangelho cristão embora jamais tenha rejeitado a substância da mensagem evangélica. Ao contrário, e é o que importa, temia que a genuína substância da mensagem cristã tinha sido enfraquecida por meio de símbolos e de categorias estagnadas. Para Tillich, a existência não era mera abstração, mas a questão básica que confrontava o cristianismo.<sup>101</sup>

Se recorrermos ao método elaborado por Tillich para analisar os elementos teológicos ocultos nas produções culturais, podemos propor a seguinte categorização para o seriado: o *Inhalt* seria o conjunto de narrativas sobre um médico obcecado pela verdade, com tendências antissociais; a forma seria a de seriado televisivo; o *Gehalt*, finalmente, seriam as questões levantadas sobre sofrimento, verdade e salvação, que, nesta tese, buscamos reunir e ressignificar sob a ideia de uma *teologia do desencantamento*.

<sup>100</sup> CALVANI, 2010, p. 18.

<sup>101</sup> PARRELLA, F.. Vida e Espiritualidade no pensamento de Paul Tillich. *Correlatio*, Brasil, 3, apr. 2010. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1764/1750>>. Acesso em: 30 Mar. 2013.

## 2.2 Diagnosticando Jürgen Moltmann: cicatrizes da cruz e sintomas de esperança

A presença de Paul Tillich como referencial teórico para esta tese justifica-se por sua *teologia de fronteira*, possibilitando a correlação entre teologia e cultura de maneira profunda e significativa. Além disso, Tillich questionará substancialmente os referenciais adotados por nossa civilização a respeito do universo religioso, propondo outras concepções a respeito de Deus, da fé e da religião em si, que não aquelas às quais já nos acomodamos. Ao se elaborar uma *teologia do desencantamento*, como estamos nos propondo, porém, faz-se necessário discutir com mais atenção um ponto que consideramos central nesta tese: o sentido e a possibilidade de integração do sofrimento à vida e as consequências que advirão disso. Nesse sentido, é necessário diagnosticar a elaboração teológica realizada por Jürgen Moltmann, um dos teólogos mais importantes da atualidade.

Nascido em Hamburgo, Alemanha, em 1926, o teólogo alemão é neto de um grão-mestre da Maçonaria e teve sua adolescência marcada por uma educação secular e pela admiração a *Max Planck*<sup>102</sup> e *Albert Einstein*<sup>103</sup>. Com o advento da Segunda Guerra mundial, é alistado na *Luftwaffe*, em 1943. A exemplo de Tillich, foi sua experiência com a guerra que o levou a rever seus conceitos a respeito de questões básicas da existência. Porém, se para Tillich o horror bélico causou uma mudança de rumos em sua vida religiosa prévia, para Moltmann a guerra tornou-se uma experiência de conversão. Constantemente, em seus relatos autobiográficos, ele se refere ao ocorrido durante o bombardeio a Hamburgo, em 1943, quando servia o exército.

Para mim, a fé cristã teve início com uma busca desesperada por Deus e com uma luta pessoal com os aspectos obscuros *da face oculta* de Deus. Como ajudante da Aeronáutica presenciei, no final de julho de 1943, a destruição de minha cidade natal, Hamburgo, pela *Operation Gomorrah* da RAF (*Royal Air Force* britânica) e

<sup>102</sup> *Max Karl Ernst Ludwig Planck* nasceu em Kiel, em 23 de abril de 1858 e morreu em Göttingen, em 4 de outubro de 1947. Foi um físico alemão e é considerado o pai da física quântica e um dos físicos mais importantes do século XX. Planck foi laureado com o Nobel de Física de 1918, por suas contribuições na área da física quântica. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Max\\_Planck](http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Planck)>

<sup>103</sup> Albert Einstein nasceu em Ulm, em 14 de março de 1879 e morreu em Princeton, em 18 de abril de 1955. Foi um físico teórico alemão posteriormente radicado nos Estados Unidos, que desenvolveu a teoria da relatividade geral, um dos dois pilares da física moderna, ao lado da mecânica quântica. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Albert\\_Einstein](http://pt.wikipedia.org/wiki/Albert_Einstein)>

sobrevivi por pouco à tempestade de fogo que carbonizou 40000 pessoas. O amigo que se encontrava ao meu lado foi esfaqueado pela bomba que me poupou. Venho de uma família secular, mas naquela noite clamei pela primeira vez por Deus: *Meu Deus, onde estás?*, e, desde então, persegue-me a pergunta: *Por que estou vivo e não morto como os demais?*<sup>104</sup>

Prisioneiro de guerra dos britânicos entre 1945 e 1948, Moltmann fez de seu tempo de cativo o período de elaboração de um *locus teológico* embasado no próprio sofrimento, culpa e depressão. Neste contexto, encontra, na fraternidade dos cristãos com quem convivia e nas leituras do evangelho, o irmanamento com o próprio Cristo sofredor, que na cruz pergunta: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*<sup>105</sup> Este Cristo, ressuscitado, torna-se fonte de esperança viva, que supera a própria morte.<sup>106</sup>

De volta à Alemanha, em 1948, ingressa na *Universidade de Göttingen* e passa a aprofundar estudos teológicos na linha da ética social, que, mais adiante, desaguarão nas questões pertinentes ao horizonte escatológico da Igreja e à vinda do Reino de Deus. Doutora-se em 1952, passando a lecionar na *Kirchliche Hochschule de Wuppertal* em 1958, onde convive muito proximamente de *Wolfhart Pannenberg*<sup>107</sup>. Em 1963 começa a trabalhar na Faculdade de Teologia de *Bonn* e, no ano seguinte, publica sua obra seminal, intitulada *Teologia da Esperança*. Nela, em diálogo com *Ernst Bloch*<sup>108</sup>, Moltmann coloca o sentido da teologia na esperança pela vinda do Reino de Deus, que é expectativa de um futuro prometido pelo Criador concretizado na *Cristoprática*. Entre outras coisas, a *Teologia da Esperança* será um dos elementos mais importantes a alicerçar a vindoura *Teologia da Libertação*. Em 1972, Moltmann dá continuidade à temática com *O Deus Crucificado*, onde apresenta um Deus solidário aos sofrimentos da criação no sofrimento de Cristo na cruz. *A Igreja na Força do Espírito*, lançada em 1975, aborda a ação do Espírito Santo, a partir da cruz e da ressurreição, como motor da realidade em direção à *glorificação parusíaca*, dando à Igreja um papel de *mediação pneumatológica*, como comunidade comprometida ética e politicamente com a ascensão de uma sociedade mais justa e fraterna no mundo.

---

<sup>104</sup>MOLTMANN, 2004, p. 17.

<sup>105</sup>Mt 27, 46.

<sup>106</sup>MOLTMANN, 2004, p. 18.

<sup>107</sup> Wolfhart Pannenberg nasceu em 2 de outubro de 1928, em *Estetino*, Polônia. É um teólogo cristão alemão que defendeu a ideia de que a teologia é uma disciplina que possui rigor acadêmico, com capacidade de interação com a filosofia crítica, a história e as ciências naturais. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfhart\\_Pannenberg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfhart_Pannenberg)>

<sup>108</sup> Ernst Bloch nasceu em *Ludwigshafen*, em 8 de julho de 1885 e morreu em *Tübingen*, em 4 de agosto de 1977. Foi um dos principais filósofos marxistas alemães do século XX, tendo escrito sobre os mais diversos assuntos, mas especialmente sobre utopia, pelo qual hoje é conhecido. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst\\_Bloch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Bloch)>

Uma segunda fase do teólogo pode ser identificada a partir de 1978, quando ele inicia uma série de *contribuições teológicas* para a teologia sistemática. Assim, em 1980, publica *Trindade e reino de Deus*, doutrina social trinitária sobre o Deus relacional, onde rejeita concepções monoteístas ou monárquicas do Deus cristão; em 1985 é a vez da obra *Deus na Criação*, onde enfatiza a ética presente nas doutrinas trinitárias e escatológicas. Com o subtítulo de *Doutrina Ecológica da Criação*, esta obra lança um olhar sobre as questões ecológicas a partir do conceito de panenteísmo, onde se entende um criador profundamente unido e presente em sua criação. Quatro anos depois, publica sua síntese sobre a história recente do pensamento teológico, principalmente a partir do Século XVIII, onde evidencia quatro grandes momentos: o da consciência crítica, o da Teologia da Secularização, o da Teologia da Libertação e o da Teologia Cristã da era moderna, onde se enfatiza a questão do futuro. Em 1989 publica *O Caminho de Jesus Cristo*, cristologia na qual o Cristo é ação de Deus no mundo sofredor, onde o próprio Deus se revela afetável pelas ações de suas criaturas. Em 1991, com a obra *O Espírito da Vida – Uma pneumatologia integral*, apresenta seu tratado pneumatológico e, em 1995, com *A Vinda de Deus – Escatologia cristã*, seu tratado escatológico, onde sintetiza toda a sua reflexão teológica.

Suas obras mais recentes são *Ciência e Sabedoria*, de 2007, onde discute as relações entre ciências naturais e teologia e *Vida, Esperança e Justiça: um testamento teológico para a América Latina*, de 2008, inspiradas em sua última visita ao Brasil, ocorrida em outubro de 2008.<sup>109</sup> Em 2010 lançou *Ética da Esperança*, em que busca vislumbrar o futuro através de uma ética cristã embasada na esperança do Reino revelada em Cristo.

Com uma produção teológica abrangente e ao mesmo tempo focada na questão da esperança como dado soteriológico, Moltmann dialogará com esta pesquisa a partir de três pontos específicos. Considerando-se que House lida com a questão humana inserida no mistério do sofrimento e com a experiência de salvação no contexto da medicina, onde a ciência instrumental se confronta com as fronteiras da consciência humana a respeito de sua condicionalidade, interessa-nos abordar as visões de Moltmann a respeito do sofrimento, da saúde e do destino humano para além da morte. Acreditamos que estas questões perpassam todo seriado e apontam para a compreensão do desencantamento como experiência religiosa, conforme nos propomos a defender.

---

<sup>109</sup> PINHO, Arnaldo de. Notas Biográficas e Teológicas sobre Jürgen Moltmann. *Humanística e Teologia*. Porto, tomo XXVIII, fascículo 1 / 2. p. 51-65. dez. 2007.

### 2.2.1 As cicatrizes da cruz: sofrer não é uma opção

Sofrer não é uma opção para o ser humano, mas uma contingência de sua própria natureza. Obviamente, não estamos afirmando que sofrer seja algo desejável ou que deva ser buscado, mas, sim, que este é um fator que precisa ser integrado ao todo da existência. Para que isso aconteça, faz-se necessário que o sofrimento encontre algum sentido no existir humano, revelando alguma perspectiva em seu processo. Nisso, encontramos sérias dificuldades.

No âmbito religioso diversas são as interpretações a respeito do sofrer, de suas causas e seus sentidos. Provavelmente, uma das mais conhecidas seja a lei do *Kharm*, segundo a qual se vive regido por uma dinâmica de causas e consequências de nossos atos. Desta forma, ações boas são retribuídas com boas consequências e ações más com sofrimento. Sendo o *Kharm* uma formulação oriunda de tradições reencarnacionistas, recompensas e sofrimentos geralmente se concretizam ao longo de diversas encarnações, o que explicaria o sofrimento de pessoas que nunca praticaram o mal. Fora do contexto reencarnacionista, as tradições monoteístas geralmente direcionam seu discurso a respeito do sofrimento a uma associação com castigo ou impureza diante de Deus, muito mais por senso comum do que por embasamento teológico. Poderíamos, ainda, referir-nos às tradições ancestralistas, que geralmente interpretam o sofrimento como intervenção de entes ancestrais que exigem sacrifícios para retirarem sua ação da vida da comunidade. Com essa brevíssima contextualização, desejamos apenas colocar alguns alicerces naquilo que Moltmann desenvolve, principalmente na obra *O Deus Crucificado*, de 1972, propondo a teologia como interpretação da história do sofrimento humano.

Um ponto de partida para a compreensão desta questão é o olhar sobre a morte de Cristo: para além do ponto de vista político e social, Moltmann a descreverá como uma situação existencial de profundo abandono.

Os evangelhos contam a história da paixão como um esvaziamento cada vez mais profundo de Cristo. Seus discípulos homens fogem após a prisão do líder pelos romanos; um o trai, o outro o nega – e Cristo perde a sua identidade como seu mestre. Os sacerdotes de seu povo o entregam aos romanos – e Cristo perde sua comunhão como judeu. Pilatos permite que seja torturado e que seu corpo seja

destruído. Ele é morto como inimigo da humanidade, a qual supostamente é representada pelo Império Romano – e Cristo perde a sua vida.<sup>110</sup>

A questão mais profunda desta situação, porém, é o sentimento de abandono que Jesus sente por parte de Deus. Se, ao longo das narrativas evangélicas, Cristo vai se mostrando intimamente ligado ao Deus de Israel, a ponto de chamá-lo de *pai* e considerar-se com autoridade suficiente para perdoar pecados, sua condenação, tortura e consequente morte revelam-se como uma trajetória de radical afastamento e silêncio da parte desse mesmo Deus. Não há intervenções divinas, milagres para salvá-lo ou castigos para aqueles que lançam mão da violência sobre o jovem de Nazaré. O que acontece é uma árdua caminhada até um último e angustiante grito, lançado do alto da cruz.

Sua morte não foi uma *bela morte*. Os sinóticos falam unânimes de seu *tremor e temor* (Mc 14, 34) e de uma tristeza mortal da alma. Morreu *com um grande grito e lágrimas* (Hb 5,7). Segundo Mc 15, 37, morreu dando um grito forte, inarticulado. Ainda que a tradição cristã tenha suavizado cada vez mais em seus relatos da paixão este terrível grito, substituindo-o com palavras consoladoras e triunfantes, podemos, no entanto, afirmar um núcleo histórico. Jesus morreu, indubitavelmente, com todos os sintomas de um profundo espanto. (tradução nossa)<sup>111</sup>

A desconstrução realizada por Moltmann a respeito da paixão de Cristo parece-nos ser central para o entendimento do que estamos levantando como hipótese. Ora, se estamos nos referindo a uma possibilidade de teologia embasada na experiência de desencantamento, o que se mostraria mais desencantador do que uma divindade que vivencia a dimensão humana de sofrimento e perecimento no abandono? Tal imagem remete diretamente à figura de House: se, na maioria das vezes, o médico se apresenta como uma figura messiânica, com uma capacidade quase infalível de chegar a diagnósticos corretos e salvar vidas, o que ele vive intimamente é um enorme abandono frente às suas dores. E é exatamente neste abandono que se encontra a radicalidade de sua identidade humana. Nesse sentido, vamos encontrando uma possibilidade de resposta teológica para a questão do sofrimento: ele é uma situação existencial de abandono, na qual um clamor por justiça é lançado à eternidade, na esperança que algo maior o aplaque. Por isso, partindo do Cristo crucificado, precisamos verificar a situação humana em si na formulação teológica de Moltmann.

<sup>110</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Vida, esperança e justiça: um testamento teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008. p. 45-46.

<sup>111</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *El Dios Crucificado: la cruz de Cristo como base y crítica de toda teología cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1975. p. 208.

O homem desenvolve sempre sua humanidade na relação com a divindade de seu Deus. Experimenta sua existência na relação com aquele que lhe parece evidentemente o ser supremo. Canaliza sua vida para o valor definitivo. Decide-se fundamentalmente conforme aquilo que lhe interessa de forma incondicional. De sorte que o divino é a situação na qual o homem experimenta, desenvolve-se e se configura. Por isso mesmo, a teologia do *Deus Crucificado* se encaminha igualmente para uma antropologia. (tradução nossa)<sup>112</sup>

Buscando-se o entendimento de divindade e humanidade no antigo mundo greco-romano, nos deparamos com a imagem da *apatheia* como idealização do divino e ideal a ser perseguido pelo ser humano. Segundo este ideário, aquilo que se poderia chamar de deus, para ser reconhecido como tal, precisaria ser inalcançável e eternamente imutável. Para tanto, esta divindade não poderia se deixar atingir por quaisquer sentimentos que fossem, sob o risco de deixar de ser divindade. Obviamente, o ideal humano, frente a este modelo, passa a ser a mesma qualidade de relações, ou seja, apatia e uma suposta superioridade. Ao observarmos a experiência do povo de Israel, porém, perceberemos uma substancial diferença de experiência com o sagrado, principalmente no que diz respeito ao profetismo veterotestamentário: nestes homens e nestas mulheres que verbalizam a vontade de Javé, encontra-se o que se pode chamar de *situação de Deus*. Assim, inspirados a partir de uma profunda experiência de fé, os profetas expressam o desconforto diante da injustiça e a alegria pela fidelidade à aliança a partir da expressão de *sentimentos vividos por Deus* no decorrer da história. Com isso, vai-se intuindo a presença de um Criador interessado por sua criação e que, acompanhando-a, comunga de suas aflições, suas dores e seus sofrimentos.<sup>113</sup>

Se Deus revelou seu coração na aliança com seu povo, quer dizer que a desobediência deste o afeta, fere e o faz sofrer os sofrimentos deste povo. Aquilo que o Antigo Testamento chama de *ira de Deus* não pertence à categoria das aplicações antropomórficas de sentimentos humanos inferiores a Deus, mas ao *pathos* divino. Sua ira é amor querido e, portanto, um modo de reagir a respeito do homem. O amor é a fonte e a base que torna possível a ira de Deus. O contrário do amor não é a ira, mas a indiferença. Indiferença frente ao direito e à justiça seria uma retirada de Deus de sua própria aliança. Mas sua ira é expressão do constante interesse pelo Homem. (tradução nossa)<sup>114</sup>

Diante de um Deus apático, o ideal humano é a indiferença. Na situação do *pathos* de Deus, chega-se a um *homo sympatheticus*, que reflete em suas esperanças e seus sofrimentos a

---

<sup>112</sup> MOLTSMANN, 1975, p. 382.

<sup>113</sup> MOLTSMANN, 1975, p. 387-388.

<sup>114</sup> MOLTSMANN, 1975, p. 390.

própria vontade e sofrimento divino que anseia pela vida plena de sua criação. Se esta compreensão, no contexto do Antigo Testamento, está embasada na contingência da aliança de Deus com o povo de Israel, a partir da qual se tem um Deus que não abandona seu povo e o acompanha inclusive no cativeiro, a experiência cristã trará uma nova dimensão da comunhão empática de Deus com o ser humano. Esta comunhão dá-se exatamente por aquilo que iguala os seres humanos historicamente e os coloca diante das mais profundas perguntas existenciais, sem possibilidade de encontrar respostas: a experiência de sofrimento como abandono e solidão de proporções cósmicas. Isso se dá mediante a encarnação do Filho que, como Jesus de Nazaré, perfaz toda a experiência humana em sua totalidade: nasce do ventre de uma mulher, humaniza-se na aprendizagem familiar e social, engaja-se politicamente nas lutas de seu contexto e vive uma inédita comunhão com o sagrado através de sua tradição religiosa. Sua mais significativa experiência, porém, é o despojamento total que sofre em seu processo de morte na cruz. O abandono de Cristo é o abandono de toda criatura que, em situação de sofrimento, vislumbra a chegada do horizonte do *não-ser*.

O sofrimento de Jesus é o de abandono e rejeição da parte de Deus, seu Pai. Deus não se faz uma religião, de modo, que se participe dele mediante ideias e sentimentos religiosos. Deus não se faz lei, de modo que se participe dele pela obediência. Deus não se converte em um ideal, de modo que se chegue à sua comunhão através de um esforço constante. Ele se humilha e arca com a morte eterna dos ímpios e abandonados por Deus, de modo que qualquer ímpio e abandonado de sua parte possa experimentar comunhão com Ele. (tradução nossa)<sup>115</sup>

Fica óbvio, nesta reflexão, que a abordagem teológica do sofrimento, em Moltmann, não se dá por uma teorização abstrata a respeito do assunto, mas pela concretude desta contingência que perpassa o existir de todos os seres vivos. Assim, se, ao adotarmos o Cristo crucificado como paradigma de experiência religiosa, o fazemos olhando para o sofrer imposto pela injustiça e pela violência, precisamos ampliar um pouco este enfoque para atingirmos o objeto de nossa pesquisa. Por isso, não só as dores da violência atingem o âmago do Deus-Amor, mas todo e qualquer sofrimento de sua criação, inclusos ai aqueles que advêm da própria natureza. Ou seja: situações de enfermidade podem ser situações de calvário, pois o mesmo abandono e a mesma angústia do crucificado comungam com a pessoa enferma. Por esta perspectiva, pode-se fazer uma leitura de House como a narrativa de diversos calvários, perpassados pela *Via crucis* do personagem principal, que, em meio à dor e ao abandono, reage apaixonadamente buscando forças para resgatar a vida naquilo que lhe seja possível.

---

<sup>115</sup> MOLTSMANN, 1975, p. 396.

### 2.2.2 Saúde não significa exatamente não estar doente

Sendo um médico, Gregory House preparou-se para diagnosticar doenças, prescrever tratamentos que as eliminem e, de certa forma, devolver a saúde aos seus pacientes. O problema com esta fórmula tão simples, no caso de House, é que saúde e doença nem sempre são aquilo que todos imaginam. No episódio *Controle*<sup>116</sup>, por exemplo, a CEO<sup>117</sup> de uma grande empresa é acometida por um mal súbito durante uma importante reunião de negócios. Quando começa a sentir a estranheza da doença em seu corpo, ela segue a reunião normalmente, até seu limite de tolerância à dor e ao desconforto. Após encerrar diplomaticamente o encontro, chama sua assistente pelo celular, com a palavra *help*: seu sofrer não pode ser público, uma vez que sofrer não está no rol de qualidades necessárias a uma executiva de alta performance quanto esta personagem. A única a saber é sua assistente direta que, durante a internação hospitalar e o tratamento, manterá os negócios em dia. Diante deste quadro, House recusa-se a ter contato com a paciente, exatamente por entender que ela não conseguirá fazer uma avaliação sincera dela mesma, tão absorvida que está pelas funções que assumiu. Sua investigação dá-se de forma indireta, através daquilo que mais o incomoda: a *pose* mantida pela paciente, mesmo diante de uma grave doença que lhe pode tirar a vida. Quando chega ao diagnóstico final da enfermidade, House tem um único e emblemático diálogo com ela. Tendo descoberto que todo o quadro de saúde era consequência de bulimia e da ingestão de um medicamento que ajudava a disfarçar os sinais do distúrbio alimentar, o que levava a um quadro agudo de disfunção cardíaca e à necessidade de um transplante, o médico comunica a situação à paciente.

House: *Você precisa de um transplante de coração.*

Paciente: *Eu me exercito... corro...*

House: *Você se corta! [...]*

Paciente: *Não entendo o que isso tem a ver...*

---

<sup>116</sup>CONTROLE. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Lawrence Kaplow. Dirigido por Randy Zisk. Produzido por Gerrit Van Der Meer: Universal Studios, d2005. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 14.

<sup>117</sup> Sigla para *Chief executive officer*, que corresponde ao cargo de executivo.

House: *Você sofre de intensa bulimia e se obriga a vomitar. Tinha que descobrir uma maneira eficiente de vomitar sem dar sinais de bulimia, o que seria inadequado para alguém em sua posição.*<sup>118</sup>

Ele continua, então, dizendo que o comitê de transplantes se reunirá para discutir o caso dela e que ele terá de falar sobre a bulimia e as condições psicológicas da paciente, o que provavelmente a excluirá da lista de candidatos a recepção de órgãos. House diz, então, que pode mentir para o comitê, mas que isso arriscaria a carreira dele. De forma sarcástica, ele fala que seria uma boa oportunidade para que pedir uma propina.

House: *Quanto acha que vale a sua vida? Quanto vale o meu trabalho?*

Paciente: *Por que veio fazer isso comigo? O que você quer?*

House: *Eu quero saber o que é correto.*

Paciente: *Eu valho tudo isso? Você me acha patética. Alguém que tem um bom emprego e tudo que quer, mas não gosta da própria aparência.*

House: *Pare de se esconder! Estou perguntando se quer viver ou morrer. Pode ao menos me responder? [...] Quero que me diga que sua vida é importante para você, porque eu não sei. Porque é o que está em jogo neste momento. Sua vida.*<sup>119</sup>

Ora, não é por acaso que o episódio se intitula *Controle*: ao tentar manter tudo sob controle em sua carreira, em nome do sucesso profissional, a personagem perdeu a noção de valores sobre a sua própria vida. Assim, aquilo que a personagem imaginava ser saudável, por corresponder às exigências de um mercado competitivo, na verdade havia se tornado um comportamento doentio, que acabou afetando diretamente seu metabolismo. Naquele momento, porém, em que se encontrava internada, ao ser levada a uma reflexão mais profunda a respeito do valor de sua vida, a personagem vivenciava um estado de saúde, mesmo metabolicamente enferma.

Situações como esta parecem tornar-se cada vez mais paradigmáticas na definição do papel e do lugar da pessoa no atual contexto sociopolítico e cultural: voltando-se para a própria imagem corporal como sacramento da realização pessoal, o ser humano passa a perseguir um estado de saúde que possa manter esta imagem. Nesse sentido, Moltmann tem lembrado que herdamos da sociedade industrial um conceito de saúde ligado à capacidade de trabalhar e ter prazer, considerando-se qualquer estado que impeça estas duas ações como

<sup>118</sup> CONTROLE. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Lawrence Kaplow. Dirigido por Randy Zisk. Produzido por Gerrit Van Der Meer: Universal Studios, d2005. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 14.

<sup>119</sup> CONTROLE. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Lawrence Kaplow. Dirigido por Randy Zisk. Produzido por Gerrit Van Der Meer: Universal Studios, d2005. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 14.

enfermidade. Esta concepção é praticamente uma tradução daquilo de que este modelo de sociedade necessita para manter-se – trabalho e consumo – e acaba reduzindo a pessoa saudável a estes dois estados: trabalhador e consumidor. Neste contexto, a própria saúde se torna bem de consumo, visto a iminência de aderir a algum plano de saúde privado para garantir um bom atendimento médico, em detrimento da saúde pública, como é o caso no Brasil.<sup>120</sup>

Ao se buscar a definição de saúde feita pelo órgão responsável por ela na *Organização das Nações Unidas*, a *Organização Mundial de Saúde*, encontra-se a seguinte ideia: “saúde é uma situação de total bem-estar corporal, espiritual e social e não apenas uma ausência de doença ou enfermidade”.<sup>121</sup> Se, por um lado, este pensamento sobre saúde parece humanizar a herança da sociedade industrial sobre este assunto, por outro ele coloca a situação em um patamar inatingível pela sociedade como um todo e pelo próprio ser humano em si. Pior ainda: na forma como se apresenta, este estado de saúde é possível para poucos, chegando a se tornar um estado utópico que ultrapassa a própria natureza humana. Viver em um estado de total bem-estar é buscar vida sem sofrimento, felicidade sem dor e convívio social sem conflito, condições que impedem o conhecimento dos processos de morte e da própria condição humana de mortalidade. Atingir este estado significa abrir mão da saúde em si, pois um estado que não permite conflitos acaba sendo opressor e escravizador. Viver neste contexto requer abrir mão da própria vida e da própria morte.<sup>122</sup>

O culto moderno da saúde produz exatamente aquilo que quer ultrapassar, nomeadamente o medo da doença, o receio perante o morrer e perante a morte. Em vez de ultrapassar as doenças e as enfermidades, produz uma utopia de bem-estar universal, da qual são excluídas as doenças incuráveis, os deficientes e os moribundos. Sempre que o morrer e a morte não são considerados, qualquer definição de saúde torna-se ilusória.<sup>123</sup>

Nisso tudo se percebe o quanto que o ideal de saúde varia de acordo com o sistema de valores de cada meio social. Geralmente, ele vem carregado daquilo que é eleito como o ideal que sustenta esta sociedade, levando as pessoas a se adaptarem a este ideal. Em uma sociedade movida por trabalho e capital, saúde é força para trabalhar e prazer para usufruir;

---

<sup>120</sup>MOLTMANN, Jürgen. O que é a Vida Humana? Antropologia e desenvolvimento biomédico. *Humanística e Teologia*. Porto, tomo XXVIII, fascículo 1 / 2, p. 67-87, dez. 2007. p. 81.

<sup>121</sup> A definição encontra-se no preâmbulo da Constituição da Organização Mundial de Saúde, cuja versão em inglês está disponível em <<http://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf>> Acesso em 11 de maio de 2013.

<sup>122</sup>MOLTMANN, 2007, p. 81-83.

<sup>123</sup>MOLTMANN, 2007, p. 83.

em uma sociedade fragmentária, de mudanças aceleradas, poucas certezas e egoísmo crescente, a saúde acaba se relacionando com o bem-estar pessoal, em uma suposta *qualidade de vida* que esconde os processos de sofrimento e evita conflitos e questionamentos. Em tudo isso, parece que a pessoa acaba sendo a última a ser considerada, em detrimento de um funcionamento harmônico da sociedade. Levando-se isso em consideração talvez seja necessário partir daquilo que define o ser humano para se pensar na saúde.

Se, conforme afirmávamos anteriormente, doença, dor e morte são contingências inerentes ao ser humano, sua eliminação pode tornar-se eliminação da própria essência humana. Por isso, mesmo não sendo realidades desejáveis, estas são, sim, realidades inalienáveis e escamoteá-las não ajudará a enfrentá-las. Saúde, portanto, não pode ser nada que retire estas condições do horizonte das pessoas, mas deve ser força para viver com elas. Pode-se começar a pensar, então, em saúde como atitude da pessoa diante das situações que mudam sua vida, como força para enfrentar as adversidades. Esta força revela-se como capacidade para a felicidade e para o sofrimento, com disposição para a vida e confiança diante da morte. Pensando-se por esta linha, um estado saudável acaba sendo entendido como *estado humano*, ou seja, um sentir-se integrado e aberto para as relações e perspectivas futuras, mesmo em situações que trazem sofrimento. Este processo torna-se claro em algumas situações específicas que envolvem a dimensão da vitalidade humana: a autorrelação do enfermo que o leva a uma nova experiência de si, na qual fortalece a consciência sobre seu valor e admite-se enfermo; na relação social do enfermo, que se abre à ajuda alheia, voltando-se ao seu semelhante; na revisão de sua história de vida na enfermidade, quando vivencia a esperança de ressurreição no prenúncio de morte que é a doença; finalmente, na revelação de um sentido de vida trazido pela experiência de adoecimento, colocando em perspectiva todos os valores cultivados até então.<sup>124</sup> Neste sentido, percebe-se que, uma vez que tratar saúde e doença incide em levantar a questão da morte, não é possível fazê-lo sem o devido aporte teológico, que levará à discussão das crenças que movem a pessoa ao longo de sua vida. Em nosso caso, a partir da herança e da tradição judaico-cristã, isso significa levantar a questão da ressurreição da carne.

### 2.2.3 *Morrer muda tudo*

---

<sup>124</sup> MOLTMANN, 2007, p. 83-85.

No primeiro episódio da quinta temporada<sup>125</sup>, House está enfrentando uma crise de relacionamento com seu melhor amigo, Wilson. A crise se deve à morte da namorada de Wilson, sobre a qual House tem uma responsabilidade indireta<sup>126</sup>. Acostumado com seu amigo, House, a princípio, não leva muito a sério a decisão tomada por Wilson de abandonar o Hospital e mudar de cidade. Na medida em que o tempo passa, porém, ele vai percebendo que seu amigo está irredutível e que, desta vez, nem sua capacidade persuasiva parece estar funcionando. Algo mudou e este *algo* não parece estar sob o controle de House. Assim, ao longo do episódio, ao mesmo tempo em que trata de mais um caso complexo, o médico vai vendo todas as suas tentativas de demover o amigo de suas intenções falharem, até ele perceber que não apenas a situação é diferente: Wilson está mudado e o que o mudou foi a morte de Amber. Por isso, House se dá conta de que, por mais que a morte seja algo que ocorre cotidianamente, cada morte afeta as pessoas de um jeito e que, assim como o morrer é irreversível, seus efeitos também são transformadores. Neste episódio, a mudança se expressa principalmente quando Wilson diz que não está indo embora por causa da morte de Amber, mas por causa da relação que construiu com House.

House: *Me desculpe. Sei que não tentei matá-la. Sei que não quis feri-la. Sei que foi um acidente bizarro, mas me sinto péssimo e ela morreu por minha causa.*

Wilson: *Não culpo você. Eu quis. Tentei. Revisei o caso da Amber cem vezes para achar um jeito, mas não foi culpa sua.*

House: *Então, estamos bem?*

Wilson: *Sei que você não está, mas...*

House: *Talvez eu possa ajudar.*

Wilson: *Não estamos bem. Não vou embora por causa da Amber. Eu não quis lhe dizer porque... Porque eu queria, como sempre faço, proteger você. E esse é o problema. Você espalha sofrimento porque não sente nada além disso. Você manipula os outros porque não dá conta de relações de verdade, e eu possibílii estei isso durante anos. Os jogos, os excessos, as ligações no meio da noite. Eu devia estar no ônibus, não... Você devia estar sozinho no ônibus. Se aprendi algo com Amber foi a cuidar de mim. Não somos mais amigos, House. Nem sei se fomos um dia!*<sup>127</sup>

Viver em meio à dor constante, anestesiando-se para sofrer menos, parece ter também eliminado a sensibilidade de House quanto ao sofrimento alheio. Para Wilson, que sempre sofreu para proteger House – talvez por acreditar que seu amigo um dia amadureceria nestes

<sup>125</sup> MORRER muda tudo. In: HOUSE – QUINTA TEMPORADA. Escrito por Eli Attie. Dirigido por Deran Sarafian. Produzido por David Shore: Universal Studios, d2008. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 1.

<sup>126</sup> A morte de Amber Volakis acontece no último episódio da quarta temporada, em consequência de um acidente de trânsito. Descrevemos o fato no primeiro capítulo da tese, mais especificamente na seção 1.3.8.

<sup>127</sup> MORRER muda tudo. In: HOUSE – QUINTA TEMPORADA. Escrito por Eli Attie. Dirigido por Deran Sarafian. Produzido por David Shore: Universal Studios, d2008. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 1.

aspectos – as coisas chegam a um limite do qual não há mais volta: a vida de Amber se perdeu e não há nada que ninguém possa fazer para tê-la de volta. Wilson sempre foi o *próximo* de House e agora está indo embora. De certa forma, o drama mostrado neste episódio pode ser reconhecido no cotidiano, diante da mesma questão: o que fazemos com o fato irreversível da morte? É possível que as relações continuem em frente, deixando os mortos para trás, de modo que os vivos não tenham que arcar com o peso de sua memória? O que se sabe é apenas que aquilo de que somos separados com a morte não poderá mais ser recuperado da mesma forma.

Neste mesmo episódio destaca-se a personagem da Doutora *Thirteen* que, no final da temporada anterior, tem confirmado seu diagnóstico para a *Doença de Huntington*. Sabendo se tratar de uma doença degenerativa, a médica tem consciência de que não tem mais do que doze anos de vida pela frente. Nisso, ao tratar de uma paciente que ficou enferma por causa de seu trabalho, a médica a questiona a respeito de mudar de profissão, dizendo que, ao saber de seu curto prazo de existência, tenta conferir à sua vida um sentido, ajudando a salvar a vida de outros. A paciente que, a princípio aceita a proposta e busca outra colocação profissional, acaba voltando atrás e ficando com seu antigo trabalho. Para a médica, a experiência de quase morrer deveria ter causado uma renovação de vontade na paciente. É quando House faz a observação que dá título a esta seção e ao próprio episódio: quase morrer não muda nada. Morrer muda tudo.

A questão do morrer e das interpretações a respeito deste fato são pontos centrais da teologia em geral. Em nosso caso, para conceituarmos uma teologia do desencantamento, faz-se necessário olhar com atenção para esta questão e propor algumas reflexões a respeito dela. Para tanto, abordamos aqui a visão de Jürgen Moltmann a respeito do assunto, em continuidade ao que já realizamos quanto ao sofrimento e à saúde.

Reprimir qualquer pensamento na morte e viver como se tivéssemos uma quantidade infinita de tempo, torna-nos superficiais e indiferentes. Sabendo, no fundo, que a morte pode nos atingir a qualquer momento, vivemos então com a consciência reprimida da morte e isto nos rouba o contato com a realidade. A concepção de viver sem morte e a teoria de que a morte não seria *um acontecimento da vida* igualmente tem o efeito de um estímulo à rejeição da vida e são uma fraude irreligiosa. Elas contradizem a experiência concreta da vida e nada são além de idolatria da vida. Todo ser humano sabe que sua vida tem um prazo. Viver como se não houvesse morte é uma ilusão da vida. Todo ser humano que vive com consciência sabe que a morte não é só *um*, mas *o* acontecimento da vida e que todas as suas posturas em relação à vida contem posturas em relação à morte desta sua vida.<sup>128</sup>

<sup>128</sup> MOLTMANN, Jürgen. *A Vinda de Deus – Escatologia Cristã*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. p. 66-67.

Para Moltmann, portanto, o ponto de partida para tratar do assunto é a integração deste fato ao viver, ou seja, perceber que o que parece ser a interrupção da vida, na verdade é o grande processo para o qual a vida se encaminha. Experimenta-se a morte com toda nossa vida e a vida com toda a sua morte. Por isso, o grande problema que atinge nossa relação com este processo, em nossa cultura, parece ser a ascensão de uma consciência exclusivamente individual, em detrimento de um senso comunitário de com-vivência. Ao associar, narcisisticamente, tudo a si mesmo, quem reduz sua consciência ao indivíduo, percebe a morte como fim de tudo, pois nada há além dele mesmo. Consequência disso é o próprio descaso com a morte e com os mortos, que, cada vez mais, são escondidos e esquecidos pelos vivos: é necessário que sejam deixados para trás para que a vida continue.<sup>129</sup> Este é o processo pelo qual House parece passar no episódio ao qual nos referimos: Amber está morta, isto é lamentável, mas é preciso olhar para frente e continuar em frente. Por isso, saber de Wilson que a própria relação entre os dois está sendo ressignificada à luz deste fato, leva o personagem a fazer a experiência de viver na presença dos mortos, suportando o fardo da memória e daquilo que não foi dito ou feito a tempo. Isto, aliás, adquirirá um peso muito grande nas histórias posteriores a este episódio, levando o personagem a sofrer consequências profundas e inesperadas.

Tendo esta análise de conjuntura como horizonte, desejamos lançar um olhar sobre as concepções de Moltmann a respeito do ideário de vida após a morte e de seu entendimento da *ressurreição da carne* elaborada na Tradição Cristã. Levantamos esta questão por compreender que o seriado, no fundo, trabalha com este tema ao abordar casos nos quais a vida é ressignificada pela proximidade da morte. Assim, são bastante relevantes as elucidações de Moltmann a respeito das concepções mais comuns a este respeito, como por exemplo, a existência de uma alma imortal ou a própria imaginação a respeito de uma vida após a morte. Segundo o autor, ao se falar em alma imortal, geralmente nos remetemos ao ideário que tem início em Platão e que, em linhas gerais, identifica uma essência vital preexistente no ser humano e que, conseqüentemente, sobrevive à morte. Nesta concepção, o corpo é pensado como uma espécie de prisão da alma e a morte como libertação desta. Vida após a morte, neste contexto, significaria uma vida livre das limitações da carne. Mais do que isso: se a alma estiver consciente da morte, mais tranquila será esta passagem e, disso, virá a ideia do *memento mortis*, que, antecipando a sensação de morte, prepara a alma para se tornar autoconsciente, sem a mediação dos sentidos corpóreos. Como resultado, chega-se à *apatia*,

---

<sup>129</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 67-68.

que identificará o ser humano com a divindade, que já habita o mundo para onde irá a alma após a morte.<sup>130</sup> Moltmann chama atenção para o fato desta ser a ideia mais corriqueira entre grande parte dos cristãos a respeito da morte e de uma possível vida após a morte e do quanto esta ideia é oposta ao que se professa como *ressurreição da carne*.

Por mais incomparáveis que sejam estas duas concepções, se nós, pessoas de nossa sociedade, perguntarmos que esperança o cristianismo dá aos moribundos, a maioria responderá: a esperança de uma *vida após a morte*, a esperança da imortalidade da alma. *Salva tua alma* foi, por muito tempo, o chamado dos movimentos cristãos de avivamento. As confissões de fé, no entanto, dizem: *Creio [...] na ressurreição da carne e na vida eterna*, ou [...] *aguardamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo vindouro*.<sup>131</sup>

Este é um ponto central de nossa pesquisa. Já faz muito tempo que o problema da morte e da vida eterna se encontram distorcidos nas práticas e nos discursos de grupos e instituições religiosas. Nesse sentido, a forma como House aborda a questão nos foi profundamente impactante, pois, fugindo do lugar comum a respeito deste assunto, o seriado sempre enfatiza a urgência de viver e a dimensão aniquiladora da morte. Vários são os episódios nos quais House insiste em afirmar que não há nada do *outro lado* ou que não há nada de digno na morte.

O entendimento de *ressurreição da carne* em Moltmann, portanto, parte de um outro pressuposto, que não o de supressão corpórea ou migração da alma para outra dimensão. Muito pelo contrário: ao compreender-se a morte como grande evento da vida, compreende-se também a ressurreição como processo que estende ao longo da vida como um todo. Ao invés de se tratar, porém, de uma preparação para outra vida, a ressurreição abarca a vida presente, de forma concreta, na opção e capacidade de amar. Nesse sentido, se as antigas concepções de alma imortal insistem em uma descoberta e afirmação de identidade profunda, uma vez que esta seria a identidade que viveria eternamente após o perecimento corpóreo, a concepção cristã falará de um esvaziamento cada vez maior até a *kenosis* total, à semelhança de Cristo.<sup>132</sup> Não abordaremos aqui maiores detalhes das concepções bíblico-históricas a respeito da ressurreição por entendermos não ser este o foco de nossa pesquisa, mas desejamos, por outro lado, discutir brevemente os aspectos existenciais deste conceito.

Nesse sentido, o ponto de partida para a compreensão da afirmação cristã a respeito do destino final daqueles que vivem precisa ser o entendimento do tipo de relação que Deus

<sup>130</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 74-76.

<sup>131</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 74-75.

<sup>132</sup> Cf. MOLTSMANN, 2003, p. 82-83.

mantém com suas criaturas. Ora, ao se afirmar a existência de uma alma imortal no ser humano como depositária de sua verdadeira identidade, geralmente esquece-se que esta alma, sob a ótica judaico-cristã é criada por Deus com o ser humano, não sendo divina, mas igualmente mortal. O dado imortal na vida da criação se encontra, então, não na alma, mas na *Ruah Yahweh*, hálito de vida que o criador sopra nas narinas de sua criatura: esta é a descrição do Espírito da Vida, que mantém toda criação, integralmente, na presença do Criador. Segundo esta lógica, por mais que a vida natural pereça, a história desta vida se encontra eternamente registrada junto de Deus e nunca poderá ser apagada. Portanto, ao se pensar em vida eterna, está se afirmando uma nova qualidade de relação com este mesmo Deus: ao se desfazer a unidade natural do ser, subsiste a totalidade da relação mantida com Deus, transformada e acolhida na misericórdia deste mesmo Deus.<sup>133</sup>

Através da morte, o ser humano é transformado da vida aprazada para a vida imortal e da existência limitada para a existência onipresente. A morte desfaz os limites do espírito do ser humano tanto em termos temporais quanto espaciais. Os mortos não mais são interlocutores com prazo estabelecido e espaço limitado, mas nós sentimos a sua presença, onde quer que estejamos conscientes de estar vivendo *diante de Deus*, e onde quer que sintamos a sua presença, percebemos o *amplo espaço divino* que nos une.<sup>134</sup>

É claro que esta concepção terá mais ou menos sentido dependendo da imagem de Deus segundo a qual se vive. Se o imaginário a respeito da divindade for pautado pelo paradigma do poder, a relação com Deus será de submissão e de autojustificação, uma vez que a vida eterna seria um prêmio pela fidelidade da criatura ao criador. Se, por outro lado, o paradigma for de compaixão, conforme aquilo que é revelado em Cristo, a relação passa a ser de intensa interlocução e companheirismo. Vida eterna, nesta concepção, é algo que se experimenta toda vez que se vivem relações semelhantes com o próximo. Assim, o ser humano não possui uma identidade imutável e oculta na alma, mas constrói uma identidade plena de sentido na alteridade, sendo porque o outro é. Como fica a história de Gregory House por esta perspectiva? É isto que desenvolveremos nos próximos capítulos.

---

<sup>133</sup> Cf. MOLTSMANN, 2003, p. 88-94.

<sup>134</sup> MOLTSMANN, 2003, p. 94.

### 2.3 Um diagnóstico teológico de House

Ao emprendermos esforços para uma leitura teológica de um produto da *cultura pop* precisamos buscar a especificidade e o aprofundamento necessários para conferir relevância ao assunto. Assim, ao longo deste capítulo, procuramos apontar aquilo que nos parece ser o discurso teológico que transparece no seriado e desejamos, por isso, montar um pequeno quadro esquemático desta base teórica, no sentido de oferecer uma chave de leitura para aquilo que desenvolveremos nos capítulos seguintes. É importante ainda deixar claro que a opção por Paul Tillich e Jürgen Moltmann como referenciais teológicos se deu por nossa proximidade e conhecimento da obra destes autores e não por dedução quanto ao que percebíamos nos episódios. Assim, foi com estes teólogos no horizonte que nos sentimos tocados pela dramaturgia de House, a ponto de suspeitarmos da existência de um discurso teológico relevante no seriado. Queremos esclarecer isto para que se saiba que outros autores poderiam ser utilizados nesta análise. Partimos, assim, para os pontos relevantes de nosso mapeamento teológico.

- **O Método da Correlação:** A intuição de Paul Tillich a respeito do elemento religioso como dimensão de profundidade da cultura é o que possibilita uma pesquisa como a nossa. Pode-se arriscar dizer que, a partir daquilo que Tillich intui, cria-se a compreensão de que toda obra humana é ato de criação e que, como tal, traz consigo a revelação de uma vontade e uma simbolização da realidade, o que Tillich denomina como *forças religiosas*. House, certamente, pode ser assistido sob este prisma: o seriado é uma criação que revela uma vontade e simboliza a realidade de determinada forma. Aqui residem alguns de nossos questionamentos e suspeitas: que forças religiosas se movem nas narrativas do seriado? Como a realidade é simbolizada nas histórias de House? De certa forma, já apontamos algumas pistas disso desde a introdução da tese, mas exploraremos a complexidade destas questões naquilo que desenvolveremos no restante da pesquisa.
- **A atitude existencialista e o problema do sofrimento:** Se, para Paul Tillich, o modelo de Deus elaborado na sociedade industrial europeia morreu nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, para Moltmann, o Deus revelado na tradição judaico-cristã se caracteriza pelo esvaziamento e comunhão com os que sofrem. Tillich traduz suas suspeitas teológicas na cultura existencialista, segundo a qual o ser humano só se expressa verdadeiramente ao integrar todas as experiências de seu ser.

Moltmann, mesmo não recorrendo explicitamente ao existencialismo, aponta para a necessidade de integrar a dimensão do sofrimento à vida, percebendo o existir sob a ótica do *Deus Crucificado*. Gregory House é um personagem existencialista: ao longo do seriado ele não faz outra coisa a não ser assumir corajosamente sua identidade, sem concessões à hipocrisia do senso comum a respeito de sua profissão. Sua identidade, por outro lado, é profundamente marcada pela dor e pelo sofrimento. House integra estas dimensões na prática e demonstra claramente, tanto a atitude existencialista de Tillich quanto a dimensão do sofrimento de Moltmann.

- **Experiência religiosa e identidade humana:** Paul Tillich é irredutível ao afirmar a experiência religiosa como busca pelo incondicional e propõe uma leitura ontológica a respeito da identidade de Deus, desconstruindo quaisquer ideias a respeito da existência dEle para apresentá-lo como fundamento do ser em si. Moltmann, por sua vez, ao afirmar o caráter público da teologia e da religião em si, sugere uma imagem de ser humano que se caracteriza pela abertura às relações e ao futuro, integrando todas as contingências de sua história. Nesse sentido, Moltmann definirá saúde como o estado humano de disposição para viver e confiança diante da morte. Parece-nos clara a relação entre esta formulação de Moltmann com a questão do incondicional de Tillich e, conforme já demonstramos ao longo deste escrito, o *leitmotiv* de House não é outro senão este. House questiona todas as experiências religiosas cristalizadas em hábitos institucionais, da mesma forma que critica as convenções sociais que reduzem o humano à hipocrisia de relações artificiais e superficiais. Como enfermo e sofredor, House busca a incondicionalidade da lógica e da verdade para responder ao cotidiano, ao mesmo tempo em que assume existencialmente o sarcasmo como forma de traduzir sua dor. Ele se recusa a disfarçar seu sofrimento em nome de uma suposta harmonia de relações. Assim, ao propormos uma teologia do desencantamento, suspeitamos que uma experiência significativa de sagrado pode ocorrer quando cessa o efeito dos anestésicos existenciais e começamos a sentir as dores das próprias feridas: neste processo, estas dores são reconhecidas como legítimas e, ao procurar-se suas causas e sua possível superação, desencadeia-se um senso de esperança, que norteia todas as relações construídas ao longo da existência.

Posto isso, desejamos retomar aquilo que nos motivou inicialmente para esta pesquisa. Afirmamos que House apresenta-se como um lugar teológico, uma vez que reúne, sintetiza e revela diversas nuances existenciais, ao mesmo tempo em que transparece a profundidade abissal que separa o ser humano do incondicional. Nesta dinâmica, precisamos agora refazer

as narrativas do seriado e, amparados pelas elaborações teóricas de Paul Tillich e Jürgen Moltmann, propor o desencantamento apresentado na jornada do personagem principal como dimensão espiritual que, como tal, pode se tornar ponte sobre o abismo que separa o ser humano daquilo que lhe dá sentido à vida.



### 3 DESGRAÇADO. MISERÁVEL. HOUSE E A TEOLOGIA DO DESENCANTAMENTO.

No primeiro episódio da oitava e última temporada da série<sup>135</sup>, House está preso. Depois de ter destruído a casa da diretora do hospital com um automóvel, por não aceitar o final do relacionamento amoroso entre os dois, o médico é condenado a um ano de prisão. Abrindo mão de qualquer defesa, ele opta por cumprir sua pena integralmente, mesmo com a possibilidade de responder o processo em liberdade. House acredita que está melhor longe das pessoas. Na sequência de abertura, o médico está em uma audiência na qual vai se decidir sobre a possibilidade de sua liberdade condicional.

*Promotor: Como teve um comportamento razoável e cumpriu oito dos doze meses de pena, podemos conceder a liberdade condicional na sexta-feira, daqui a cinco dias. Você se arrepende do que fez?*

*House: Sim.*

*Promotor: Sim?*

*House: É a resposta certa, não?*

*Promotor: Está querendo nos irritar?*

*House: Não. Só quero dar as respostas para que protejam o de vocês, preencham os formulários e me soltem.*

*Advogada: Precisa mostrar remorso.*

*House: É assim que o sistema funciona? Soltam os melhores atores? Tremo só de pensar...*

*Advogada: Você entrou com o carro na casa da ex-namorada e ficou três meses fora do país.*

*House: Eu sabia que a filha dela estava com a avó, como fazia às sextas, e vi que todos tinham ido para a sala.*

*Advogada: Poderiam ter voltado.*

*House: Eu teria percebido, já que fui pra cima deles.*

*Promotor: Cale-se! Temos que diminuir a superlotação, mas serei claro: se responder a algum carcereiro, se levar alguma bandeja para a cela, se infringir qualquer regra, vai ficar aqui por mais quatro meses. Esqueça o arrependimento. Consegue ficar cinco dias sem arranjar encrenca?*

*House: Consigo.<sup>136</sup>*

É assim que o sistema funciona: argumentos sensatos não bastam, é preciso dramatizar, pois são os sentimentos que revelam a verdade. Certamente, se House *abrisse seu coração* e, em meio a um choro angustiado, falasse do quanto sua vida é sofrida, teria conquistado sua liberdade automaticamente. Ele teria *tocado* seus juízes e estes conseguiriam

---

<sup>135</sup> VINTE Vicodins. In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por Peter Blake. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Studios, d2011. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 1.

<sup>136</sup> VINTE Vicodins. In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por Peter Blake. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Studios, d2011. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 1.

compreendê-lo, mesmo que não o perdoassem. Mas, não: ele não está angustiado. Seu arrependimento não é sentimental, mas racional. Ele sabe o que fez e acredita que sua ex-namorada merecia isso dele. Seu arrependimento provavelmente se relacione apenas com a perda de tempo que ele está tendo na prisão. Ele é um desgraçado, um miserável e está muito bem sendo assim. Isto é desconcertante para o grupo que, representando a justiça e a própria sociedade, se coloca diante dele: a expectativa do promotor, da advogada e dos outros é que House se mostre mais humano e, portanto, apto a voltar ao convívio social. Acreditam que isso se mostra emocionalmente. O que os pega desprevenidos é que House se mostra humano, de um jeito que eles não conseguem prever ou controlar.

Um dos aspectos mais fascinantes do *medical drama* mais assistido de todos os tempos é a capacidade do personagem principal de descrever o comportamento da natureza humana como se possuísse um manual de instruções a respeito disso. Criticando atitudes e provocando reações nos outros personagens, Dr. House resume as regras sociais que seguimos e nosso comportamento demonstrando como frequentemente são nossos temores e hipocrisias que os criam e, sobretudo, justificam. (tradução nossa)<sup>137</sup>

A expectativa de um *bom comportamento* por parte das pessoas é uma herança, senão teológica, pelo menos religiosa, que carregamos em nossa convivência: conforme já abordamos, a redução da experiência do sagrado ao âmbito moral retirou o caráter *mistagógico* da dimensão religiosa, tornando-a, quase que exclusivamente, em fidelidade doutrinária. Esta fidelidade, por sua vez, foi se traduzindo em atitudes pessoais que, em conformidade com a doutrina, garantiam a salvação pessoal.<sup>138</sup> O estabelecimento de um estado laico, a partir do Século XVIII, provocou uma mudança de referenciais quanto a esta fidelidade: desvinculando-se da questão religiosa, buscava-se o cultivo de *deveres em relação a si* para garantir o estabelecimento de valores sociais. Esta dinâmica social, de certa forma, foi tornando o ser humano um instrumento de si mesmo, pois, ao cultivar determinados *valores sociais*, estaria trilhando o caminho para a felicidade e liberdade, ao mesmo tempo em que auxiliava na construção de uma sociedade livre e feliz. Nesse sentido, pode-se afirmar que a identidade humana, em boa parte, era definida pela observância ou não destes valores e atitudes pessoais. Obviamente, estes valores e atitudes nascem em uma sociedade movida pelo trabalho e produtividade, na qual o progresso se torna o sacramento de confirmação desta mesma sociedade e de cada pessoa que a compõe. Se, nos tempos atuais, encontramos esta

---

<sup>137</sup> GOSO, 2010, p. 35.

<sup>138</sup> Conforme já desenvolvemos, na abordagem do pensamento de Paul Tillich a respeito do sagrado e da idolatria, na perspectiva da fé como abertura ao incondicional.

rigidez moral abalada<sup>139</sup>, não se pode afirmar que a sociedade abriu mão de toda e qualquer atitude pessoal como idealização da identidade humana. O que se observa, por isso, é a manutenção de valores pessoais, mas em face à opinião alheia e não a si mesmo: ou seja, perde-se o valor das expectativas pessoais em detrimento da hipervalorização da imagem pública e daquilo que se espera como atitude de alguém em determinado contexto. Muito mais do que atitudes assumidas por crença pessoal a respeito da própria identidade, os valores alardeados e apregoados na cultura neoliberal se tornam uma questão de *gestão pessoal*, que permite a manutenção de um *status* produtivo no mercado de trabalho. Resulta disso uma moral sem substância, uma vez que é imposta ao indivíduo como vigilância da sociedade sobre ele e não como resposta livre e consciente à existência.<sup>140</sup> Por isso, House não se mostrou angustiado. Ele não estava.

No tocante a cada indivíduo, as obrigações de ordem interna ficaram obsoletas, mas a nova cultura sanitarista e profissionalizante não cessa de promover uma interiorização das normas coletivas. Ninguém põe em dúvida que a depreciação da moral individual tenha o sentido de um avanço ainda mais acentuado da lógica histórica do individualismo, desde que se tenha presente que o poder social de regularização dos comportamentos continua atuante, embora de modo totalmente diverso. O acréscimo de autonomia subjetiva só se compreende em conexão com um acréscimo de controle social heterônimo. Este, efetivando-se em razão do próprio interesse de cada indivíduo, é capaz de criar, cada vez mais, novas regulamentações existenciais, na órbita de um novo consenso social e sem injunções de natureza autoritária.<sup>141</sup>

Assim, tendo apresentado o seriado no primeiro capítulo e exposto nosso referencial teórico no segundo, desejamos, agora, problematizar algumas questões que consideramos centrais para a teologia: a identidade humana, sua relação com o sagrado e a busca por sentido para a vida diante da realidade da morte. Em tudo isso, queremos imprimir aquilo que parece ser a grande marca de House: o desencantamento a respeito dos modelos de normalidade que são impostos ao ser humano deste tempo, realizando um exercício de desconstrução e senso crítico, não apenas de forma coerente à série e ao seu personagem principal, mas em fidelidade ao *estilo teológico*, de autores como Paul Tillich e Jürgen Moltmann. Nesse sentido, parece oportuno que, neste momento de nossa produção, nos refiramos mais diretamente a um dos termos que dá título a esta tese e que se coloca como eixo de toda reflexão: o desencantamento.

<sup>139</sup> Em parte, pela própria atitude existencialista enaltecida por Tillich, que frutifica na contracultura ocidental da segunda metade do Século XX.

<sup>140</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A Sociedade Pós-Moralista*. Barueri: Manole, 2005. p. 59-61.

<sup>141</sup> LIPOVETSKY, 2005, p. 62.

Obviamente, não se pode fazer uso deste termo sem uma referência a Max Weber<sup>142</sup>, que, de certa forma, o coloca como chave de leitura para a compreensão do pensamento cultural do ocidente, em sua obra clássica *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Habitando o campo da sociologia, Weber busca entender o *Zeitgeist* da sociedade capitalista a partir da presença de confissões protestantes de forma majoritária onde florescem a propriedade privada e a livre iniciativa de mercado. Não é nossa intenção realizar um aprofundamento nesta obra ou tomá-la como referencial teórico, mas faz-se necessário uma pequena referência a um aspecto que consideramos importante. Para Weber, as sociedades eminentemente protestantes, ao eliminarem a *magia* de seu horizonte soteriológico, passaram a identificar salvação com o próprio progresso de suas vidas. O autor denomina esta atitude de *ascese intramundana*, ou seja, o cultivo de rigorosos hábitos religiosos de maneira inserida na realidade, tornando toda e qualquer obra pessoal um testemunho da glória de Deus. Nesse sentido, Weber contrasta a atitude católica de seu tempo – que parecia exortar a uma fuga do mundo – com a atitude protestante de viver no mundo segundo a vontade de Deus. Este viver no mundo, porém, trazia uma crise bastante séria: era necessário passar do *status naturae* a um *status gratiae* sem fugir da realidade. Isso exigia um estado de profunda racionalidade, pois tudo precisava ser pensado tendo uma santificação intramundana no horizonte. Daí, segundo o autor, deriva-se uma visão de mundo que procura desvendar a essência daquilo que é vivido para que a existência não perca seu norte.<sup>143</sup>

O atual contexto sociocultural parece trazer de volta uma espécie de reencantamento que, se não leva a uma negação do mundo, acaba provocando certa alienação a respeito da realidade. Assim, observa-se um ser humano encantado pelas possibilidades de autorrealização e sucesso financeiro, tendo por horizonte final uma identidade de *celebridade*. Esta dinâmica, por sua vez, é alimentada por uma *teologia de prosperidade*, embasada em manuais de autoajuda, que leva à crença de que tudo na vida se resolve com esforço e trabalho. Por sua vez, o dado explicitamente religioso, no panorama de reencantamento, retoma ares verdadeiramente medievais, com uma espiritualidade de demonização das questões cotidianas e busca por purificação para que se tenha uma vida melhor. Quanto à morte, ela acaba sendo extirpada da existência e isolada pelas unidades de UTI, cemitérios

---

<sup>142</sup> Maximilian Karl Emil Weber nasceu em Erfurt, em 21 de Abril de 1864 e morreu em Munique, em 14 de Junho de 1920. Foi um intelectual alemão, jurista, economista e considerado um dos fundadores do estudo moderno da sociologia, mas sua influência também pode ser sentida na economia, na filosofia, no direito, na ciência política e na administração. Ver mais em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Max\\_Weber](http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber)>

<sup>143</sup> WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

assépticos e uniformemente organizados e pelo silenciamento a respeito de sua existência.<sup>144</sup> De certa forma, pode-se observar House sob o prisma de um protesto contra esta condição. O personagem vive uma espécie de *ascese intramundana* ao rejeitar boa parte daquilo que é considerado normalidade em seu contexto, tomando por horizonte soteriológico a revelação da verdade sobre as pessoas e as relações entre estas, mesmo com esta verdade causando rompimentos irreconciliáveis entre os que a assumem. Por isso afirmamos que o personagem é *desgraçado e miserável*, pois assume na própria pele um desencantamento digno dos mais antigos ascetas: como criatura humana ele se vê tão longe de qualquer graça ou misericórdia que sua resposta acaba sendo o sarcasmo sobre sua desgraça e a desgraça alheia. Este desencantamento, no contexto dramaturgico do seriado, parece incidir sobre três pontos, que desejamos desenvolver nesta parte conclusiva da tese, em três capítulos distintos: este, sobre o desencantamento da condição humana, um quarto capítulo tratando do desencantamento sobre a experiência religiosa contemporânea e um capítulo final, abordando o desencantamento a respeito do destino final do ser humano.

### 3.1 A identidade humana como sintoma: o desencantamento da condição humana

Aquilo que reconhecemos como humanidade, seja em seu sentido coletivo, seja em seu sentido pessoal é um conceito construído. Não poderia ser diferente, uma vez que parece não existir nenhuma instância fora do humano que poderia fornecer modelos prontos de identidade.

O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, por meio do qual pensamos, a boca, pela qual falamos, a mão, com a qual escrevemos, são órgãos totalmente biológicos e, ao mesmo tempo, totalmente culturais. O que há de mais biológico – o sexo, o nascimento, a morte – é, também, o que há de mais impregnado de cultura. Nossas atividades biológicas mais elementares – comer, beber, defecar – estão estreitamente ligadas a normas, proibições, valores, símbolos, mitos, ritos, ou seja, ao que há de mais especificamente cultural; nossas atividades mais culturais – falar, cantar, dançar, amar, meditar – põem em movimento nossos corpos, nossos órgãos; portanto, o cérebro.<sup>145</sup>

House não faz outra coisa, senão lidar com os fatos biológicos mais centrais para o ser humano – viver e morrer – desconstruindo toda carga moral e cultural que estas questões carregam com elas. Nesta desconstrução fica-se com a impressão que, além do diagnóstico

<sup>144</sup> BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 194-195.

<sup>145</sup> MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita: Repensar a reforma. Reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 40.

para a enfermidade, o médico quer chegar a um diagnóstico a respeito da identidade formada naquela pessoa, identidade essa que, geralmente, tem alguma relação com a própria enfermidade que está sendo tratada. Por essa razão, House parece apresentar-se como um anarquista que ignora qualquer tipo de regra social estabelecida: se todo mundo mente, as identidades humanas adotadas como padrão na sociedade podem ser mentiras muito bem contadas e encenadas, muitas vezes, ao longo de toda uma vida. Qual é então, a compreensão de humanidade que emerge do seriado?

Se, conforme a afirmação de Morin, a síntese entre o biológico e o cultural é o fator que vai definindo o rosto humano no mundo e na história, pode-se intuir que nunca houve e dificilmente haverá algo de definitivo a ser dito a respeito desta questão. Por outro lado, há fatores que, por mais que recebam releituras ao longo do tempo, continuam perenes na existência humana: nascer e construir a própria identidade de forma histórica, experimentar os limites e potencialidades do próprio corpo ao criar consciência sobre ele e sobre a vida em si e saber que o fim desta vida é inevitável, ainda que não se saiba exatamente a finalidade da própria vida. Estas são, sem dúvida, as mais autênticas experiências que a humanidade tem realizado. Nisso se denota uma primeira questão importante: a identidade humana e o entendimento de uma condição humana são definidos pela indefinição, ou seja, a maior característica que transparece em homens e mulheres é a de buscar sempre um sentido para o todo da existência, mesmo com a intuição de que este nunca será alcançado. Desta forma, quaisquer definições éticas e morais que, historicamente se constroem como parâmetro de convivência humana precisam sempre ser revisadas, relativizadas e reformadas, sob o risco de se tornarem prisões existenciais que impedem o ser humano de responder à sua essência vocacional, ou seja, de eterno perguntador e buscador de respostas.

Na imagem de Pascal, o ser humano é anjo e burro ao mesmo tempo: quem desejar ser um anjo ou um burro exclusivamente cairá no inferno, pois a salvação do inferno está na aceitação das contradições, onde mora a verdade e a humildade. Desta forma, precisa-se superar o demoníaco que busca pretensões totalitárias e últimas, pois o inferno passa a existir quando se aceita apenas um dos lados, excluindo outras realidades sociais e individuais – principalmente a realidade básica do ser e do não ser.<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> DE SOUZA, Vitor Chaves. “O inferno está vazio e os demônios estão aqui”: uma reflexão existencialista sobre a história dos infernos em diálogo com o demoníaco em Paul Tillich. *Correlatio*, Brasil, 10, mar. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/2973>. Acesso em: 22 Jun. 2013. p . 63.

Guardando radicalidades opostas em si, o ser humano apresenta-se como ente fragmentado que persegue a possibilidade da unidade, sendo que esta busca é exatamente aquilo que se pode definir por existência ou, simplesmente, por vida. Para que esta jornada à procura de sentido histórico seja desencadeada, portanto, a primeira condição é a de que o indivíduo assuma sua incompletude e se sinta incomodado por isso. A segunda é que, saindo de uma inércia inicial, a pessoa se coloque a caminho. Entre uma coisa e outra, porém, faz-se necessário um despertar para a busca, o que pode se apresentar das mais diferentes maneiras. Para Tillich, esta dinâmica resulta em uma possibilidade de unidade existencial do ser humano, apontada pelo teólogo como imperativo moral: é através dele que as dimensões cultural e religiosa mantêm-se integradas à totalidade da vida, sem desintegrar-se em vazios estéticos, no caso da primeira ou em distorções emocionais do misticismo, no caso da segunda. Por imperativo moral, Tillich não se refere ao simples seguimento de regras sociais, mas a um compromisso ético com as demandas de justiça em cada época. Este seria o elemento que conferiria uma *seriedade última* a todas as dimensões da vida, que se desintegrariam sem ele. Para Tillich, é através deste elemento que a identidade humana se realiza, atualizando, no tempo e no espaço, aquilo que ela é em potencial.<sup>147</sup> Nesse sentido, pode-se afirmar que este imperativo moral é portador de uma dimensão religiosa, uma vez que responde àquilo que é incondicional ao ser humano. Nisso, é necessário um discernimento a respeito desse elemento: o cotidiano da vida apresenta vários imperativos e muitos deles são condicionais, no sentido de apresentarem opções que os substituem. Um imperativo incondicional, porém, seria aquele sem o qual o ser perde sua própria identidade.<sup>148</sup>

Qual seria, então o *imperativo moral* de Gregory House? No episódio *O Filho do Sujeito em Coma*, House está tentando obter informações de um paciente para salvar o filho deste. Este paciente despertou de um coma prolongado e, provavelmente, volte ao mesmo estado em pouco tempo. Como, ao voltar ao seu estado normal, ele começa a gozar de uma aparente boa saúde, seu interesse é o de viver seu *dia desperto* de maneira intensa, antes de voltar ao estado anterior. Assim, House e Wilson acompanham o homem em uma maratona de diversões *on the road*, na tentativa de obter informações para tratar o filho dele. O paciente, porém, faz um trato com House: para cada pergunta que o médico fizer, ele fará outra, que terá de ser respondida com sinceridade. Assim, quase no final do episódio, o homem pergunta para House por que ele se tornou médico.

---

<sup>147</sup> TILLICH, Paul. *Moralidad y algo mas*. Buenos Aires: America 2000, 1974. p. 9-13.

<sup>148</sup> TILLICH, 1974, p. 13-15.

Paciente: *Por que você quis ser médico?*

House: *Esta é a grande pergunta? Eu lhe dou o aval para me humilhar e isso é o melhor que consegue fazer? Muito bem. Vamos discutir a maravilha do corpo humano...*

Paciente: *Não. Você é um cara curioso. Gosta de descobrir coisas. Por que não fez pesquisa? Por que trabalha com pessoas, já que as odeia tanto?*

House: *Complexo de Édipo. Eu buscava amor materno. Minha mãe amava o médico de um seriado...*

Paciente: *Tudo bem... Acha que não precisa de minhas respostas? Pode me perturbar.*

*(silêncio)*

House: *Quando eu tinha quatorze anos, meu pai estava servindo no Japão. Fui fazer escalada com um colega de colégio. Ele caiu, se feriu e tive que leva-lo ao hospital. Entramos pela porta errada e passamos por um cara. Ele era faxineiro. O meu amigo teve uma infecção e os médicos estavam perdidos. Então eles trouxeram o faxineiro. Ele era médico e "buraku", um dos intocáveis no Japão. Os ancestrais dele eram assassinos, criminosos. Esse cara sabia que não era aceito pela equipe. Nem tentava. Ele não se vestia bem, nem fingia ser um deles. As pessoas daquele lugar não achavam que ele tivesse algo a oferecer, exceto quando precisavam dele, porque ele estava certo. Ou seja, nada mais importava e eles tinham que acatar o que ele dizia.<sup>149</sup>*

A imagem evocada por House a respeito de sua gênese vocacional se contrapõe claramente a uma *filosofia de valores*, que parece querer definir a moral humana em nosso contexto sociocultural: segundo esta tendência, há uma hierarquia de valores que seriam indicativos da evolução do sujeito. O problema com esta linha de pensamento, porém, é seu vazio ontológico, pois os valores apontados como os mais elevados, geralmente são imposições externas ao ser e não correspondem às aspirações verdadeiramente incondicionais da pessoa. O ser sempre precede o valor e o valor, enraizado na realidade, realiza o ser.<sup>150</sup> Isso encontra ecos significativos no Evangelho e parece ser um dos eixos daquilo que o texto sagrado quer firmar como verdade. A começar pelo próprio Jesus, que banqueteava com pecadores, escandalizando os fariseus<sup>151</sup>, garantia que as prostitutas e cobradores de impostos chegariam antes deles no Reino dos Céus<sup>152</sup> e chamava de bem-aventurados todos os excluídos de sua época<sup>153</sup> e de *sepulcros caiados* aos mesmos fariseus e doutores da lei<sup>154</sup>, condenando sua hipocrisia e dupla moral. Da mesma forma, Jesus é reconhecido como *pedra rejeitada pelos construtores, que se tornou pedra angular*, mas que continua sendo *pedra de tropeço* para muitos<sup>155</sup>. Além disso, Jesus conversa com uma samaritana<sup>156</sup> e propõe um

<sup>149</sup> O FILHO do sujeito em coma. In: HOUSE – TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por Dann Attias. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 7.

<sup>150</sup> TILLICH, 1974, p. 19-20.

<sup>151</sup> Lc 15, 1-2.

<sup>152</sup> Mt 21, 28-32.

<sup>153</sup> Mt 5, 1-12 e Lc 6, 20-26.

<sup>154</sup> Lc 23, 13-36.

<sup>155</sup> At 4,11 e 1Pd 2, 7-8.

<sup>156</sup> Jo 4, 1-26.

samaritano como arquétipo de misericórdia.<sup>157</sup> Ou seja, Jesus não integra o grupo socialmente aceito como autoridade religiosa de sua época, mas é reconhecido pelos párias e intocáveis de seu contexto como salvador pelo fato de comungar com eles em seus sofrimentos e aliviá-los em suas dores. Nenhum saduceu ou fariseu fizera isso. Assim, é na tensão entre aquilo que se assume como identidade e aquilo que é exigido pelo meio, que parece se experimentar a grande crise existencial dos tempos em que vivemos.

No exemplo que House apresenta como motivação inicial para seu projeto de vida também é consonante uma atitude existencial, na qual todas as convenções sociais são relativizadas diante das grandes emergências da vida. Tal atitude tem ecos da própria revolta existencialista, identificada, de maneira especial, na segunda metade do Século XIX, como contraposição ao naturalismo burguês, que apregoava a adaptação da pessoa a uma suposta *essência universal*, alcançada por meio do conhecimento. Contra isso, levantou-se a atitude de protesto contra uma cultura que, em nome do progresso e da unidade nacional, tornava o ser humano um objeto, desconsiderando todas as nuances e complexidades que cada pessoa traz em si.

O vôo naturalístico do pensamento burguês fez da pessoa um campo vazio; dentro de sua sensibilidade as impressões entram e prevalecem de acordo com o grau de sua intensidade. Em ambos os casos, o eu individual é um espaço vazio e o mensageiro de algo que não é ele próprio, algo estranho pelo qual o eu é extraviado de si próprio. Idealismo e naturalismo são iguais em sua atitude para com a pessoa existente; ambos eliminam sua significação infinita e fazem-na um espaço através do qual algo mais circula. Ambas as filosofias são expressões de uma sociedade que fora ideada para a libertação do homem, porém caiu sob a escravidão de objetos que ela própria criara. A segurança, que é garantida pelos mecanismos bem-funcionantes para controle da pessoa, pelo controle organizacional da sociedade rapidamente incrementado- esta segurança é comprada por um alto preço: o homem, para quem tudo isso foi inventado como meio, tornou-se um meio, ele próprio, a serviço dos meios.<sup>158</sup>

Assim como o samaritano da parábola de Lucas, o próprio House é alguém de quem não se esperaria muita coisa, segundo os padrões daquilo que se convencionou como jeito de ser de um médico e até mesmo de alguém minimamente sociável. Por essa razão, a identidade de House ajuda a compreender que boa parte das atitudes e posições convencionais são mentiras existenciais às quais as pessoas se acostumaram, para melhor se adaptarem ao meio: as pessoas não são sociáveis, solidárias ou proativas por acreditarem nos valores de onde estas atitudes são oriundas. Faz-se isso por uma questão de *currículo*, ou seja: preciso demonstrar

---

<sup>157</sup> Lc 10, 25-37.

<sup>158</sup> TILLICH, Paul. *A Coragem de Ser*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 107-108.

que falo a mesma língua do mercado, que atualmente rege as relações em nossa cultura, para não ser excluído deste meio. E o mercado não cultiva estas atitudes por acreditar nelas, mas por uma questão de oportunidade, pois estas atitudes acabam criando necessidades e, conseqüentemente, tornam-se novos *nichos mercadológicos*. Por isso, cabe-nos perguntar pelo elemento que pode desfazer estas estruturas e ajudar a revelar uma identidade mais verdadeira.

### 3.2 Eu sou fisicamente incapaz de ser educado

Ao lidarmos com um seriado televisivo que trabalha essencialmente com as crises humanas diante da enfermidade e das fragilidades da vida, logo poderíamos cair no paradigma do protagonista abnegado que sacrifica a si próprio para salvar aqueles que sofrem ou, ao menos, amenizar suas dores. Ou seja: como personagem principal de um seriado, House poderia, pelo senso comum, ser considerado o *herói* da trama, afinal, é através de seu ponto de vista que o espectador acompanha as narrativas da série. E, se assim fosse, seria sob esta perspectiva que construiríamos o ideário de identidade humana que se revela neste seriado. Sob esta perspectiva, porém, o que se obtém é uma identidade massificada: o arquétipo heroico age de acordo com aquilo que a sociedade espera dele, fazendo de todos os seus atos, exemplos a serem seguidos.

Ao observarmos o comportamento de House, as nossas intuições sobre tudo o que seria certo ou errado são frequentemente postas à prova. Em muitas circunstâncias, a conduta do personagem não apenas quebra as regras de convivência que esperamos que qualquer pessoa respeite – desde as leis aos regulamentos internos do hospital onde trabalha –, como ele também parece não responder a nenhum código deontológico que, como poderíamos imaginar, deveria ser respeitado por todos que exercem a profissão de médico. Além disso, House parece ignorar – e, muitas vezes, deliberadamente – muitos dos comportamentos que costumam ser apropriados entre colegas, entre amigos ou, de uma forma mais abrangente e mais simples, entre indivíduos que se reconhecem reciprocamente como seres humanos e que, enquanto tais, se tratam com respeito.<sup>159</sup>

---

<sup>159</sup> TESTINO, Chiara. A ética de House. In: BLITRIS. *A Filosofia em House*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. p. 46.

Esta *figura estética*, por isso, ao se rebelar ou simplesmente ignorar o código de valores imposto à sua profissão e à sua própria identidade social, apresenta-se como um pária de seu contexto, o que lhe dá liberdade para não conduzir suas relações de acordo com o que se espera dele, mas a partir do que ele identifica como urgente, relevante e inadiável. House, aliás, parece se encaixar perfeitamente na descrição feita por Moltmann a respeito do arquétipo do *homem sem qualidades*, elaborado por Robert Musil em seu clássico romance da década de 1930:

O *homem sem qualidades* luta com as possibilidades, apaixonadamente e indiferentemente ao mesmo tempo. Apaixonadamente porque esta batalha potencializa sua vitalidade; indiferentemente por saber que todas as qualidades que ele pode desenvolver nunca lhe pertencerão realmente. Ele desenvolve uma atitude experimental diante da vida, envolvendo-se como se fosse uma representação teatral, apenas na medida em que sempre consiga sair de cena. Ele é ocupado e ativo, mas não produtivo. Seu mundo desaba quando se dá conta que, por um lado, o mundo não tem sentido e que isso, por outro lado, é algo incomunicável com toda sensibilidade de sua alma. Ele próprio vive na desilusão de que todas as possibilidades que ele já teve não passam da mesma realidade na qual ele se encontra. (tradução nossa)<sup>160</sup>

Nesse sentido, Moltmann faz referências ao fato de que *homens sem qualidades* emergem de um mundo de *qualidades sem homens* e que tal atitude, a de renegar os valores socialmente estabelecidos, pode ser portadora de um caráter libertador e profundamente religioso. Aquele que toma a atitude de não assumir as características a ele impostas no contexto social coloca-se em relação com uma interioridade maior e mais poderosa que sua exterioridade, quase num ato de *secularização do mundo* – reduzindo todos os elementos da realidade à dimensão do circunstancial – e *sacralização* de sua interioridade – reconhecendo em sua vontade e intuição o norte que lhe aponta para um sentido incondicional de vida. Por outro lado, Moltmann alerta que esta atitude pode levar a uma alienação política, pois se tudo no mundo é circunstancial, não vale à pena lutar por nada.<sup>161</sup> House, porém, luta, sim, por alguma coisa, pois sua aparente indiferença, demonstrada por seu verdadeiro desprezo a regras e parâmetros preestabelecidos é exatamente o espaço de sentido aberto para aquilo que ele considera mais importante: compreender a verdade em uma situação de sofrimento.

---

<sup>160</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Man – Christian Anthropology in the conflicts of the present*. Philadelphia: Fortress, 1976. p.93.

<sup>161</sup> MOLTSMANN, 1976, p. 94-96.

Assim, se House, não é um *heroi*, pois por *heroi*, compreende-se o actante sujeito dotado de valores e ideais socialmente aceitos em nome de um suposto *bem-comum*<sup>162</sup> e se ele não encarna valores socialmente aceitos, mas os questiona e, na maioria das vezes os ignora, que identidade humana pode-se compreender nele? House se revela, na verdade, um *indivíduo* que, solitariamente, busca sentido para seu existir ao ligar-se a alguém que é *totalmente outro*<sup>163</sup>, tornando-se, nesse processo, um *sujeito*. Este *totalmente outro*, para ele, se apresenta na pessoa de cada paciente a ele encaminhado: ali está alguém que, sendo completamente diferente dele, faz-se seu próximo e semelhante por ser portador de sofrimento. Esta questão se revela importante para nós como chave de leitura do humano a partir de uma ideia de desencantamento: herdeira de uma tradição cultural embasada no dever moral e de uma ética construída a partir de um idealismo elitista, nos parece que a humanidade chega a um ponto de vazio diante desta realidade. Deste vazio, surge a pergunta pelo que, afinal, nos constitui humanos e, considerando uma alteridade embasada nas dores e feridas existenciais como possibilidade de resposta, podemos considerar que House se constitui sujeito exatamente neste tipo de alteridade, por mais egoísmo que ele aparente ter: sem colocar-se na presença de um *totalmente outro*, ele se reduz às suas dores, amarguras e ao próprio fracasso que o condenou a uma enfermidade crônica. Junto a outros doentes e amargurados, porém, ele parece transformar sua miséria existencial em projeto de vida.

Um eu que se tornou matéria de cálculo e manobra deixou de ser um eu. Tornou-se uma coisa. Você deve participar de um eu a fim de conhecer o que ele é. Porém, em participando, você o transforma. Em todo o conhecimento existencial, tanto o sujeito como o objeto são transformados pelo próprio ato de conhecer. O conhecimento existencial é baseado num encontro no qual uma nova significação é criada e reconhecida. O conhecimento de outra pessoa, o conhecimento da história, o conhecimento da criação espiritual, o conhecimento religioso – todos tem caráter existencial.<sup>164</sup>

Assim, diante de uma pessoa enferma, House faz uma verdadeira experiência mistagógica: no limite do viver ele busca a verdade a respeito daquele ser humano para que, vivendo ou morrendo, a vida adquira algum sentido. Encontramos nele a atitude de, sem excluir a objetividade teórica necessária para desempenhar sua função, saber mensurar esta objetividade como um elemento que não traduz o todo da pessoa em sofrimento. House sabe

<sup>162</sup> COURTÉS, Joseph; GREIMAS, Algirdas Julius. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 242-243.

<sup>163</sup> REGAZZONI, Simone. A Hiperética de House. In: BLITRIS. *A Filosofia em House*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. p.24-27.

<sup>164</sup> TILLICH, 2001, p. 98.

que só é possível tratar de uma pessoa, em termos médicos, na situação existencial desta.<sup>165</sup> Sua obsessão por este tipo de experiência o levou a reações como a descrita no início deste capítulo, ou seja, de questionamento a tudo que se encontra estabelecido como regra comportamental. House sabe que estes parâmetros morais são absolutamente superficiais e artificiais quando colocados diante do que constitui a base de construção da essência humana: a recusa em não-existir, que transparece na busca por assistência diante da enfermidade.

### 3.3 Antídotos para a desumanização<sup>166</sup>

Não sendo um *heroi*, House não participa das narrativas do seriado como aquele que guarda todas as respostas e soluções: em muitas situações, ele tem suas certezas desconstruídas e precisa mudar seu ponto de vista para se aproximar mais da verdade e chegar a decisões pertinentes. Assim, a visão de humanidade do protagonista, por mais que pareça fechada e predefinida, é colocada em crise em algumas situações de extrema fragilidade nas quais algumas decisões radicais lhe são exigidas. Situações como aborto e eutanásia, por exemplo.

No episódio *Um dia numa sala*<sup>167</sup>, a paciente de House é uma jovem que foi violentada. A princípio, isso se apresenta como uma exceção na série, uma vez que, geralmente, os casos encaminhados para o médico são de doenças para as quais ainda não se chegou a um diagnóstico, sendo que o caso é escolhido ou descartado por House, dependendo de sua complexidade. Nesta vez, é a paciente que escolhe o médico, a contragosto desse último: a princípio, ela é atendida por ele no plantão do hospital, solicitando exames para saber se está com alguma doença sexualmente transmissível. Quando House lhe apresenta o diagnóstico positivo para DST, ela tem uma reação exagerada para o quadro e isso lhe chama atenção. Logo, ele fica sabendo que ela foi violentada e tenta encaminhá-la para outro médico,

---

<sup>165</sup> TILLICH, 2001, p. 98.

<sup>166</sup> Utilizamos parcialmente, aqui, um artigo de nossa autoria: MACHADO, Renato Ferreira. House: a teologia subliminar de um seriado sobre saúde. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p.385-401.

<sup>167</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

mas ela acaba forçando o atendimento por parte dele, tentando, inclusive suicidar-se com alguns medicamentos. Mesmo sem entender direito os motivos da paciente, House acaba acompanhando o caso.

Dr.<sup>a</sup> Cuddy – *Designamos outro médico para cuidar de você.*  
 Paciente – *Quero continuar com ele.*  
 Dr.<sup>a</sup> Cuddy – *Por quê?*  
 Paciente – *Porque sim!*  
 Dr.<sup>a</sup> Cuddy – *Confie em mim. É melhor alguém especializado...*  
 Paciente – *Estou bem.*  
 Dr.<sup>a</sup> Cuddy – *Você disse ao Dr. House que faz menos de uma semana e que não contou a mais ninguém. Emocionalmente...*  
 Paciente – *Sabe o que estou enfrentando? Sabe pelo que estou passando?*  
 Dr.<sup>a</sup> Cuddy – *Não. Acha que o Dr. House sabe?*<sup>168</sup>

Pouco antes desse diálogo entre a paciente e a médica-chefe do hospital, o próprio House admite não ser a melhor pessoa para tratar de alguém fragilizado emocionalmente. Aqui se encontra um aporte teológico muito importante: a insistência da jovem em ser tratada pelo médico está no fato de ela ter identificado nele um sofrimento tão grande quanto o dela. Assim, ela está em busca de um interlocutor que dialogue com ela deste lugar – o sofrimento – e não apenas de alguém que lhe dê conselhos-padrão para casos como o dela. Essa dinâmica vai ao encontro da *theologia pathetica*, elaborada em contraponto à ideia de um *theós apathés*, herdada do pensamento helênico. Esta última, ao idealizar uma divindade incorruptível e impassível, oferece um modelo de sabedoria que, por ser apático, torna o sábio plenamente livre e superior ao mundo. Em contraponto, a *theologia pathetica*, compreenderá as dores e misérias humanas no *páthos* de Deus: o interesse de Deus pelo ser humano e por toda a sua criação, sendo radicalmente amoroso, levam Deus ao sofrimento e ao movimento libertador. A imagem do ser humano identificado com Deus, neste caso, não é a de um ser apático (*homo apatheticus*), que se considera inatingível por estes sofrimentos, mas de um *homo sympatheticus*, que integrará a realidade ao seu viver e nela encontrará a presença de Deus.<sup>169</sup>

Ao longo do filme, House e a paciente, chamada Eve, travam vários diálogos. Nestas conversas, o médico tenta fazer com que ela fale sobre o estupro que ela sofreu, o que ela se recusa a fazer. A insistência de Eve é apenas no diálogo em si e em saber mais sobre a vida do médico.

<sup>168</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

<sup>169</sup> GIBELLINI, 2002, p. 295-296.

House: *Você quer falar sobre o que aconteceu com você?*

Eve: *Não.*

House: *Quer falar sobre seus medicamentos de DST?*

Eve: *Não.*

House: *Você realmente não parece querer conversar.*

Eve: *Não, eu quero.*

House: *Sobre o quê?*

Eve: *Não sei. Qualquer coisa.*

House: *O tempo? Você foi estuprada e quer falar sobre o tempo?*<sup>170</sup>

Vai se revelando que o desejo de Eve é o de restabelecer laços de confiança com alguém para retomar a ordenação de sua vida. A escolha por House, além de ser motivada pelo reconhecimento do sofrimento do qual o médico é portador, parece ser também pelo fato dele ser um homem e um desconhecido. Eve parece estar se testando, para ver se conseguirá confiar novamente em um homem e aproximar-se de desconhecidos após ter sido violentada. Em um diálogo posterior, Eve revela ser formada em *Comparative Religion*, algo similar às *Ciências das Religiões* no Brasil. Este dado parece ser importante, no sentido de revelar um pouco mais da lógica de Eve junto a House: ela está tentando fazer uma experiência de *re-liquação*, uma vez que sua sacralidade foi violada. Interessante observar que, em nenhum momento, o enredo da história se volta para a descoberta de quem a estuprou ou para os motivos disso ter acontecido. Eve é uma mulher violentada que dialoga com um homem que vive pela lógica. Eve pode ser, por isso, todo o feminino da humanidade, historicamente violado pela lógica de conquista e pelo paradigma masculino, o que parece transparecer também nos nomes dos personagens: *Eve*, ou *Eva*, mãe de todos os viventes; *House*, que se traduz por *casa*, ou seja, o *oikos*, lugar habitável. A casa onde Eve habita é o lugar onde ela é violada. Talvez venha dessa lógica o título do episódio, *Um dia, numa sala*: em uma das conversas com House, Eve compara a vida a uma grande casa, na qual se troca de sala constantemente. Vive-se na medida em que ocorrem os encontros com as pessoas que habitam estas salas. Em uma das salas da casa da vida, Eve se encontrou com alguém que a violentou. Agora, quem está na sala com ela é House. Ela quer acreditar que não será violada novamente. Ao mesmo tempo, pode-se intuir que, nesta lógica, House não seria apenas mais uma pessoa com quem ela encontra, mas *a casa* em si: o médico representa o todo da realidade, em toda sua cruzeza. Como tal, ele exige respostas.

Uma questão que Eve tenta descobrir no diálogo com o médico são os motivos dele se apresentar tão frio e insensível. Em determinado momento, House inventa uma história,

---

<sup>170</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

contando que sua avó o tiranizava quando ele era criança. Eve não acredita, pois House ainda chama a avó por um apelido carinhoso de infância, mas ela pressente que há algo de verdadeiro naquela narrativa. Outro fator, porém, tomará lugar na história: Eve não foi apenas estuprada. Ela está grávida.

House: *O procedimento de aborto é desagradável.*  
 Eve: *Eu não quero abortar.*  
 House: *Você quer ficar com o bebê?*  
 Eve: *Aborto é assassinato.*  
 House: *Verdade. É uma vida. E você deve acabar com ela.*  
 Eve: *Toda a vida é sagrada.*  
 House: *Fale comigo, não fique citando frases de para-choques de caminhão.*  
 Eve: *É verdade.*  
 House: *É sem sentido.*  
 Eve: *Toda vida importa para Deus.*  
 House: *Não para mim, não para você. A julgar pelo número de desastres naturais, não para Deus também.*  
 Eve: *Você está apenas sendo argumentativo.*  
 House: *Sim! É o que eu faço. E Hitler? A vida dele é sagrada para Deus? E o Pai de seu filho? A vida dele é sagrada para você?*  
 Eve: *Meu filho não é Hitler.*  
 House: *Ou toda a vida é sagrada, ou ...*  
 Eve: *Pare com isso! Eu não quero conversar sobre filosofia!*  
 House: *Você não está matando seu "bebê-estupro" por causa de uma filosofia.*  
 Eve: *É crime! Eu sou contra. Você é a favor?*  
 House: *Não como uma regra geral.*  
 Eve: *Só para crianças ainda não nascidas?*  
 House: *Sim! O problema com as exceções às regras são os limites. Pode fazer sentido para nós matar o idiota que fez isso com você. Mas qual é o limite? Que idiotas acabaremos matando? Que idiotas permanecerão vivos e continuarão sendo idiotas? É fácil debater o aborto discutindo sobre tempo de gestação, mas em última análise, existe um limite claro - o nascimento. Moralmente, não há muita diferença. Na prática, a diferença é enorme.*  
 Eve: *Você está gostando dessa conversa.*  
 House: *Este é o tipo de conversa na qual dialogo melhor.*  
 Eve: *E o outro tipo? Sobre questões pessoais?*  
 House: *É uma conversa sem respostas. Se não há respostas, por que conversar?<sup>171</sup>*

Para House, finalmente há algo interessante nesse caso: ele precisa convencê-la a abortar e, finalmente, fica claro para ele o motivo de tanta angústia. Além da violência sofrida no próprio corpo, Eve vivia ainda o dilema de carregar, neste mesmo corpo, uma vida gerada por esta violência. No diálogo final entre House e Eve, ocorrido em um parque próximo ao hospital, estas questões vem à tona e encontram vazão por um viés teológico.

House: *A vida continua.*  
 Eve: *É essa a razão que estamos aqui?*  
 House: *Sabe por que eu venho aqui? Eu me sento, assisto, imagino...*  
 Eve: *Parece bom.*

<sup>171</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

House: *[apontando para corredores] Imagine se um deles quebrar uma perna. Apenas um passo em falso. Uma rachadura na calçada...*  
 Eve: *Você realmente não...*  
 House: *Eu sou mau.*  
 Eve: *As pessoas más não admitem que são más.*  
 House: *Parece fácil, assim. As pessoas podem fazer coisas boas, mas seus instintos não são bons. Ou Deus não existe ou ele é inimaginavelmente cruel.*<sup>172</sup>

Por não aceitar ou compreender o próprio sofrimento, House sempre é reticente quanto à existência e ao papel de Deus junto à humanidade. Seus questionamentos são ecos de uma sociedade secularizada, herdeira de uma lógica baseada na ciência instrumental, que embasa sua fé em fatos e consequências comprováveis. O que ele, ou quem quer que use estes argumentos não se dá conta, é que esta linha de pensamento é, em grande parte, agravadora dos sofrimentos e injustiças, uma vez que retiram do horizonte qualquer tipo de esperança. Por outro lado, discursos que romantizam estas situações tampouco ajudam em uma reflexão séria sobre as mesmas.

Eve: *Eu não acredito nisso.*  
 House: *No que você acredita? Porque você acha que isso aconteceu?*  
 Eve: *Eu não quero falar sobre isso.*  
 House: *Eu também não. Isso é muito ruim.*  
 Eve: *Sabe, eu não acho que houve uma razão!*  
 House: *Huh-huh. Então Deus existe e deixou você ser estuprada. Assim fica mais fácil de manter seu bebê-estupro, sem nenhuma razão.*  
 Eve: *Talvez Ele estivesse me desafiando!*  
 House: *Deus te machucou para te ajudar. Talvez seja melhor do que Ele te odiar.*  
 Eve: *Você está tentando me convencer de que não há Deus! Por que você está fazendo isso?*  
 House: *Porque você está jogando sua vida fora.*  
 Eve: *Eu estou fazendo o que eu acredito!*  
 House: *O que você acredita não faz sentido.*  
 Eve: *Isso não está me ajudando.*  
 House: *Então eu não posso te ajudar. Se você acredita na eternidade, então... a vida é irrelevante. Da mesma forma que um inseto é irrelevante em comparação com o universo.*  
 Eve: *Se você não acredita na eternidade, então o que fazemos aqui é irrelevante.*  
 House: *Nossas ações aqui são tudo o que importa.*  
 Eve: *Então, nada importa. Nada tem consequências. Eu não poderia viver com isso.*  
 House: *Então, você precisa pensar que o cara que fez isso com você vai ser punido?*  
 Eve: *Eu preciso saber que tudo isso significa alguma coisa. Eu preciso deste conforto.*  
 House: *Claro. Você está se sentindo confortável? Sente-se bem agora? Sente-se aquecida por dentro?*  
 Eve: *Eu fui estuprada. Qual é a sua desculpa?*<sup>173</sup>

<sup>172</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

<sup>173</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

Saber que há um sentido para tudo o que acontece não pode ser simplesmente um consolo, pois descobrir esse sentido pode não trazer conforto ou satisfação. A visão que House tem, assim, questiona esta linha de pensamento em um sentido muito concreto: afinal, para que serve descobrir o sentido das coisas? No fundo, a discussão sobre eternidade levanta a questão da identidade humana em si e, conforme afirmava-se no início deste escrito, a cultura ocidental tem se limitado a pensar questões como eternidade e salvação exclusivamente como experiências de pós-morte. No caso de Eve, House está forçando uma decisão que precisa ser tomada urgentemente, dado o estado emocional da jovem. Por outro lado, Eve lança um questionamento sério para House: o que, afinal, o deixa tão descrente e amargo?

Eve: *Você acha que o cara que fez isso comigo se sente mal?*

House: *Isso vai ajudá-la? Fazer você se sentir melhor?*

Eve: *Por que você sempre faz isso? Pergunta por que eu estou fazendo uma pergunta, em vez de apenas responder à pergunta.*

House: *A resposta não me interessa. Eu não me importo com o que ele está sentindo. Eu estou interessado no que você está sentindo.*

Eve: *É mesmo?*

House: *Eu estou preso em um quarto com você, certo? Por que você me escolheu?*

Eve: *Há algo sobre você. É como se estivesse machucado também.*

House: *Era verdade.*

Eve: *O quê?*

House: *Não era a minha avó, mas era verdade.*

Eve: *Quem foi?*

House: *Meu pai.*

Eve: *Eu gostaria de lhe dizer o que aconteceu comigo agora.*

House: *Eu gostaria de ouvi-la.<sup>174</sup>*

Além da constante dor física, House carrega com ele o peso das humilhações e violências infligidas nele por seu pai. Nisso se encontra o elo sensível que fez com que Eve o quisesse como interlocutor para suas dores: a solidariedade no sofrimento, que faz com que ambos se tornem próximos um do outro. Neste mesmo diálogo há ainda duas questões importantes: primeiro, a afirmação de que não é a culpa que traz justiça, mas a compaixão. A pergunta de Eve sobre a culpa de seu agressor é totalmente descabida, mas muito corriqueira em situações como essas. Deseja-se que o agressor se sinta mal, pois assim ele estará sendo castigado. Ao agir assim, na verdade, existe a pretensão de encarnar uma onipotência divina, que pune os maus e recompensa os bons. O Deus revelado na tradição judaico-cristã, porém, deseja a reconciliação e solidariza-se com o oprimido e o injustiçado. É um Deus que, antes

<sup>174</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

de mais nada, acompanha, consola e trata das feridas dos que foram violentados, até que se reergam e recuperem sua voz.

Um segundo ponto é a revelação de House a respeito de quem o havia maltratado na infância. Teologicamente, a relação salvífica se estabelece na afinidade filial de Cristo com o Pai, estendida a toda criação. Se a relação de House com o pai foi marcada pela opressão, medo e violência, estas serão as características que transparecerão em suas relações interpessoais. A grande crise do médico, por isso, parece ser a condição que ele acaba assumindo a partir de sua profissão: querendo ou não, ele desempenha um papel salvífico junto aos seus próximos, constituindo-se, então em uma figura messiânica. Por essa razão, o caminho por ele escolhido é o da salvação mediante a desconfiança e o desencanto de quaisquer ideais a respeito do ser humano que lhe sejam apresentados.

Na sequência final do episódio, em um diálogo entre House, Wilson e a Dr.<sup>a</sup> Cuddy, fica-se sabendo que Eve aceitou realizar o procedimento de aborto. Neste último diálogo, revela-se a verdadeira opinião de House sobre o que aconteceu.

House: *Ela fez o procedimento. Ela já foi embora.*

Cuddy: *Ela vai ficar bem.*

House: *Pois é... simples assim.*

Cuddy: *Ela está falando sobre o que aconteceu. Isso é muito importante. Você agiu bem.*

House: *É o que todo mundo vai dizer... que é isso que tínhamos que convencê-la a fazer. Nós tínhamos que ajudá-la, certo? Só que nós não conseguimos. Nós apenas arrancamos dela uma parte de sua história. Vamos dizer que isso vai ajudá-la a ficar melhor. Nos sentiremos muito bem a nosso respeito. Mas tudo o que conseguimos foi fazer uma garota chorar.*

Wilson: *Então por que você ...?*

House: *Eu não sei...*

Wilson: *Você vai voltar a encontrá-la?*

House: *Um dia, numa sala.<sup>175</sup>*

A obsessão de House pela verdade não se restringe a acertar diagnósticos. Sua grande questão é sempre a integridade de quem se apresenta à sua frente. Em função disso, também ele vai se dar conta de seus equívocos de julgamento quanto às questões que lhe cabem. Neste caso, reconhecer que foi um erro insistir com Eve para que ela realizasse um aborto, acaba denunciando o *locus cultural* de onde este tipo de decisão é incentivada: uma cultura que prefere fechar os olhos ao que não é desejável e seguir em frente como se nada tivesse acontecido. Tal atitude serve apenas para disfarçar o indisfarçável: o mal ocorrido àquela jovem não seria apagado com a eliminação do feto. Pelo contrário, isso apenas lhe traria um

---

<sup>175</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

sofrimento maior e um vazio impossível de ser preenchido. Novamente transparece aqui uma questão teológica: o problema do *outro* como portador daquilo que completa e reintegra a identidade pessoal. A opção pelo aborto, conforme mostrada nesta história, é típica de uma cultura individualista, que alimenta cada vez mais a tendência de negação ao sofrimento, extirpando todo e qualquer sinal do que possa ser indesejável frente aos projetos pessoais de vida que cada pessoa alimenta. Com isso, aceita-se o *outro* apenas quando ele confirma minhas opiniões pessoais e corrobora com minha visão de mundo. Obviamente, se esta for a expectativa a respeito do *outro* será também a respeito do *Totalmente Outro*, definidor misterioso da mais profunda identidade humana.

*Agonia é a outra da experiência da alteridade: se o Outro é outro, a relação com o Outro é luta. Agonia é experimentar a alteridade até o fim, teórica e existencialmente; é viver em si o limite. É essa a razão especulativa mais profunda da co-presença da fé e da não-crença de alguns de nós, porque todos, no momento em que somos não-negligentes no pensar e pensamos até o fundo a alteridade do Outro e tentamos abrir-nos a suas surpresas e a seu advento, vivemos a luta, a inquietude dessa alteridade inaferrável.*<sup>176</sup>

Para Eve, havia um *outro* que a violentara e um *outro* que habitava seu corpo, como sacramento desta violência ou da esperança de novos sentidos para seu existir. Para House, havia uma *outra* que, ao escolhê-lo, rompia a barreira de sua misantropia e com ele dialogava a partir do sofrimento mútuo. A decisão errônea pelo aborto, assim, parece mostrar também o quanto a alteridade que se estabelecia entre médico e paciente precisava de mais tempo para frutificar em novas possibilidades de integração da violência sofrida por ela na totalidade da vida. A pressa em tomar uma decisão demonstra exatamente o ritmo desumano de vida imposto por uma sociedade que alimenta egos e desnobre relações.

Interessante destacar que, paralelamente à história de Eve, o episódio apresenta outra trama, de fundo tão teológico quanto a primeira. Trata-se de um paciente, cujo nome não é revelado, que chega ao hospital com um diagnóstico de câncer em estado avançado. Pelo que tudo leva a entender, ele seria um morador de rua ou alguém que havia abandonado sua casa e sua família. Atendido pela Dr.<sup>a</sup> Cameron, ele faz dois pedidos: ficar internado durante aquela noite e não receber nenhum tipo de tratamento para sua doença, incluindo anestésicos. Atendendo ao primeiro pedido, Cameron nega-se a deixar o homem sentindo as dores decorrentes de seu tumor, mas é persuadida por ele pelo seguinte argumento:

---

<sup>176</sup> FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo – para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 68.

Paciente: *É o fim da minha jornada.*  
 Cameron: *Você não precisa sofrer. Isso é insanidade.*  
 Paciente: *Não. Não.*  
 Cameron: *Eu não vou te ver sofrer.*  
 Paciente: *Eu preciso que você lembre de mim.*  
 Cameron: *Eu vou lembrar de você!*  
 Paciente: *Por quê?*  
 Cameron: *Porque você é um bom homem.*  
 Paciente: *Você não sabe se eu sou. Você não sabe nada sobre mim.*  
 Cameron: *Ou você é um bom homem ou você é um idiota. De qualquer forma, você fez alguma coisa para alguém e será lembrado.*  
 Paciente: *Eu não tenho família, não tenho amigos. Eu nem sequer tive um emprego real. Se eu morrer em paz, então eu serei apenas mais um paciente. Mas se eu morrer sofrendo ...*  
 Cameron: *Vai ser horrível. Não faça isso para nós.*  
 Paciente: *Não! Eu só preciso morrer sabendo que algo está diferente, porque eu estava aqui.*<sup>177</sup>

Ao mesmo tempo em que se decidia pelo aborto de uma criança anônima, gerada em uma relação de violência, um homem anônimo optava por uma morte no sofrimento para ser lembrado por alguém. Nos dois extremos da vida, os anônimos silenciados aparecem neste episódio como forte sinal da injustiça a que são submetidos: a injustiça de uma sociedade superficial, que condena crianças não desejadas a não nascerem e pessoas não desejadas a morrerem como se nunca tivessem existido. No julgamento da médica, ele devia ser um *bom homem*. Ele sabia que não se enquadrava nos conceitos de bondade que a Dr.<sup>a</sup> Cameron tinha em mente. A questão, por isso, não era bondade ou maldade, mas o valor da vida em si: a vida não encontra seu valor naquilo que se faz ou se deixa de fazer, mas no encontro com o outro e na mútua sensibilidade e solidariedade com ele, na alegria e no sofrimento. O homem não quer *morrer em paz*, porque a verdadeira paz não se encontra nos anestésicos que eliminam a dor: a verdadeira paz se encontra na misericórdia de quem olha amorosamente para o rosto do sofredor. É neste olhar que a vida ganha sentido, pois ele é o espelho onde toda a história se integra e se torna legível e, com isso, encaminha o morrer como entrega final de uma vida que se deu.

### 3.4 A alteridade como profilaxia existencial

---

<sup>177</sup> UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

Ao se falar em alteridade, o *lugar comum* que logo aparece é que esta se dá na partilha de sonhos, projetos e, até mesmo, na piedade pela situação do outro. Ao acompanharmos as histórias de House, porém, a dura verdade que aprendemos é que, se temos algo realmente em comum é o fato de sofrermos, termos consciência disso e nem sempre sabermos os motivos. Inseridos em uma cultura de busca a manutenção de poder, o fato de sofrermos nos abala não apenas pelos desconfortos emocionais ou físicos, mas pela perda de parte de nossa suposta onipotência, marcada pelo exercício de nossa liberdade: no atual contexto cultural, ser livre parece significar, quase que exclusivamente, fazer valer a própria vontade. Na situação de sofrimento, porém, reaprende-se a liberdade como *ser presença* diante do outro – uma vez que, enfermos, precisamos assumir a própria fragilidade e nos deixarmos ajudar<sup>178</sup> – e também reaprende-se a liberdade como projeto.

É o que chamamos de *sociedade livre*; é o aspecto social da liberdade de que tantas vezes transcorremos e que dentro da comunidade cristã ganha o nome de amor e, na Doutrina Social, de solidariedade. Uma *sociedade livre*, assim, não é um aglomerado de indivíduos singularmente livres, mas uma *comunidade solidária* na qual as pessoas se empenham umas pelas outras, especialmente pelas mais fracas, pelos doentes, pelos jovens, pelos anciãos. É aqui que experimentamos a união entre indivíduos que, de outra maneira, estariam isolados, mas que nessa comunidade solidária juntam as forças e se opõem ao domínio inspirado no método do *divide et impera*. (tradução nossa)<sup>179</sup>

É nesse sentido que House parte sempre do pressuposto que todos mentem: estando em constante sofrimento, o médico conhece bem a prepotência que habita as pessoas e a dificuldade que estas têm para abrirem mão de suas fantasias de poder. House sempre precisa desconstruir aquilo que as pessoas estabeleceram como verdade para suas vidas e encontrar suas motivações mais profundas, para entender seus processos de adoecimento. O seriado, nesse sentido, parece evocar uma situação de *purgatório*, na qual a vida precisa ser reavaliada e relida, para que tudo volte a fazer sentido. O fator importante nesta constatação é que o sentido passa a ser dado pela fragilidade e não pela força, como na situação retratada no episódio *Família*<sup>180</sup>: um menino, que faria uma doação de medula para seu irmão – que sofre de leucemia – acaba adoecendo e ficando também à beira da morte. Não havendo mais tempo

<sup>178</sup> Conforme já nos referíamos na seção 2.2.2.

<sup>179</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Dio nel Progetto del Mondo Moderno* – Contributi per una rilevanza pubblica della teologia. Brescia: *Queriniana*, 1999. p. 154-155.

<sup>180</sup> FAMÍLIA – In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por Liz Friedman. Dirigido por David Straiton. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 21.

hábil para reverter o quadro dos dois, é o irmão leucêmico que acaba tendo que salvar a vida do outro com o sacrifício da sua própria vida. O diálogo de House com o jovem enfermo, na tentativa de convencê-lo a fazer o sacrifício por seu irmão revela o significado de alteridade ao qual estamos nos referindo:

*Não vai adiantar. Você está morrendo. Nada vai mudar isso. A medicação só ameniza as coisas. Quatorze anos no planeta, a maior parte do tempo sofrendo. Morrer antes de aprender a dirigir, antes de tirar o sutiã de uma garota, antes de beber uma cerveja... Acredite, você perdeu muita coisa. Coisas muito boas. Deve ser difícil acreditar em Deus ou justiça, ou num bem maior. Mas sua vida não precisa ser em vão. Você pode salvar seu irmão.<sup>181</sup>*

Afirmar que uma vida não foi em vão significa dizer que esta vida teve um horizonte de sentido tal que a inevitabilidade da morte pode ser acolhida como conclusão existencial e não como interrupção do viver. Esta reflexão só se faz possível, porém, quando nos perguntamos pelos sentidos conferidos à vida no atual contexto em que vivemos. Moltmann nos lembra que a humanidade, inicialmente, tinha como grande ideal de vida a simples sobrevivência, uma vez que sua existência no planeta estava sob constante ameaça da própria natureza. Na medida em que o ser humano evoluiu e conferiu maior complexidade à sua habitação na Terra, o horizonte vital passou da sobrevivência para a realização pessoal e, com isso, o sentido para a vida passou a ter um caráter moral: a realização humana se dá sempre mediante a responsabilidade sobre algo e, principalmente, diante de alguém.<sup>182</sup> Voltando ao diálogo entre House e seu paciente, observa-se que o médico mexe exatamente com este *senso de realização* presente naquele adolescente: ele enumera diversas possibilidades de experiências de vida – experiências estas que, geralmente, se constituem em ritos de passagem e aceitação para a vida adulta – para dizer que o menino não terá chance de passar por elas. Portanto, ele não se *realizará* como pessoa. Por último, porém, House lhe apresenta algo que parece ser maior e mais importante do que o conjunto destas experiências: oferecer a própria vida para salvar a de seu irmão. Neste ponto, é importante questionarmos o quanto esta atitude se apresenta como possibilidade de realização humana em nosso atual contexto sociocultural, pois aqui se encontra o cerne daquilo que denominamos *alteridade*.

---

<sup>181</sup> FAMÍLIA – In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por Liz Friedman. Dirigido por David Straiton. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 21.

<sup>182</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Ciência e Sabedoria*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 173-174.

Nesse sentido, Moltmann alerta que a superação da sobrevivência pela realização pessoal como dado que confere sentido à vida humana pode ser falsa, pois alguns sistemas morais simplesmente estilizaram a mesma luta por sobrevivência, disfarçando-a sob a forma de competição e produtividade. Assim se dá quando ao se assumir um *ethos* de luta pela existência, autoconservando-se contra os outros, formando grupos que vivem um *egoísmo de pares*, que exclui e segrega os que não atendem aos parâmetros destes grupos. Se nos primórdios da humanidade esta luta se dava contra forças naturais que ameaçavam a vida, hoje, no seio da sociedade tecnológica, a mesma luta pela sobrevivência se dá em nome do poder financeiro e do *status* que diviniza o ser humano de forma distorcida.<sup>183</sup> Paul Tillich colocará como possibilidade de superação destas tendências uma ética embasada no *ágape*, que possibilite a emersão do *kairós* na história humana, ou seja, uma perspectiva que confira sentido incondicional à vida, não importando a extensão cronológica desta. Esta dinâmica, segundo Tillich, não se dá a partir da lei, doutrina ou organização social, mas na conversão ao *próximo*, possível a qualquer pessoa em qualquer situação.<sup>184</sup> Neste ponto, é necessário que, pelo caminho do *ágape*, voltemos à questão da alteridade em si.

Converter-se em *próximo* do outro, significa alterar a própria rota, aproximar-se desarmado e cuidar das feridas de quem está em seu caminho. E esta conversão não exige nada além de humanidade, não sendo necessário pertencer a alguma confissão religiosa ou mesmo obrigação legal ou moral para fazê-lo. Assim, Gregory House se torna o próximo de seus pacientes, mesmo quando se recusa a visitá-los pessoalmente, por uma dimensão de conversão pessoal: ao longo do seriado observa-se que o médico precisa ser convencido pela diretora do hospital ou pelos médicos de sua equipe a aceitar determinados casos e ele aceita apenas aqueles que, apresentando alta complexidade diagnóstica, oferecem possibilidades de salvação do paciente. House parece sempre querer fazer aos outros o que ele queria que tivessem feito a ele, para que a vida de outra pessoa não se torne o sofrimento constante que é a dele próprio.

Para House, conseguir salvar uma vida é a única coisa que conta, porque é a única coisa pela qual ele é responsável; é uma responsabilidade que de maneira alguma ele pode evitar, da qual ele não pode ser exonerado. E, além de não poder evita-la, não é possível encará-la com leviandade. Não se pode fazer de conta que ser gentil com o paciente seja algo que se faz para o bem do próprio paciente ou algo que deve ser feito. Para House, é apenas algo que alivia a sensação de culpa do médico. A única

---

<sup>183</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 175.

<sup>184</sup> TILLICH, 1974, p. 103-104.

coisa feita para o bem do doente e que deve ser feita é aquela pela qual o médico é responsável, isto é, fazer de tudo para salvar a vida do paciente.<sup>185</sup>

Assim, ao nos perguntarmos pela identidade humana revelada no seriado *House*, na perspectiva de uma Teologia do Desencantamento, podemos chegar a três conclusões:

- Boa parte da identidade humana tem sido definida por parâmetros morais que não levam em conta o humano, mas a manutenção de uma sociedade de produtividade e consumo. Ao deixar-se definir por uma filosofia de valores impostos a pessoa se desumaniza, perdendo de vista a incondicionalidade de sua existência. Rebelar-se contra isso significa assumir um imperativo moral que, expressando a incondicionalidade humana, assume uma dimensão libertadora e profética.
- É necessário superar a *cultura do herói* pela *cultura do sujeito*, ou seja, ao invés de assumir como seus valores institucionais ou sociais, o ser humano precisa fazer uma experiência de valores em uma relação direta com o outro, seja ele quem for.
- A experiência de valores no contato com o outro se dá na conversão à identidade de *próximo*. É a partir desta dimensão que o ser humano faz a experiência do *ágape* e constitui uma base ética de alteridade.

No fundo de toda experiência humana, porém, existe uma dimensão de transcendência, que aponta para as grandes buscas da pessoa por um horizonte de incondicionalidade que confira unidade à sua existência. É necessário, assim, que também realizemos uma abordagem do seriado na perspectiva do desencantamento da experiência religiosa.

---

<sup>185</sup> TESTINO, Chiara. A ética de *House*. In: BLITRIS. *A Filosofia em House*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. p. 80-81.



#### 4 CREIA NO QUE QUISER, MAS NÃO SEJA IDIOTA: O DESENCANTAMENTO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA CONTEMPORÂNEA<sup>186</sup>

Ao longo da exibição de House, o protagonista foi sendo alçado, involuntariamente, à condição de porta-voz do ateísmo, devido à sua atitude frente a questões diretamente ligadas à religião. Observando-se as oito temporadas do seriado, percebemos a incidência constante de episódios abordando o universo das tradições religiosas e, fora isso, a presença permanente de personagens ligados a experiências ou manifestações religiosas: Cuddy, Wilson e Taub são judeus; Foreman é de alguma confissão evangélica; Chase é católico e House é, sim, um ateu assumido.<sup>187</sup> Posto isso, pode-se afirmar que o elemento religioso, também em sua dimensão institucional, é uma espécie de horizonte do seriado, pois, ao mesmo tempo em que aparece representado em personagens e situações que remetem às Tradições Religiosas, também se coloca como elemento de discussão sobre vida, morte e verdade, que são as grandes questões que compõem o *Leitmotiv* da produção. De certa forma, pode-se dizer que a própria ideia de elaborar uma tese sobre House nasceu diretamente desta intuição: se em uma produção midiática como esta o dado religioso é inserido de forma tão veemente e se este tipo de produção age como uma espécie de espelho do contexto sociocultural<sup>188</sup>, que leitura sobre o fenômeno religioso é possível realizar a partir do seriado?

A possibilidade de uma resposta precisa levar em conta não apenas a ficção exibida no seriado, mas, principalmente, o contexto sociocultural de onde ela surgiu. Assim, é bom lembrar que na década de 1990 se alardeava certo *retorno do sagrado*: superado o materialismo que predominou na década anterior, os últimos dez anos do Século XX são palco de mudanças rápidas e radicais em vários campos da convivência humana – em boa parte, capitaneadas pelo advento da informática – e trazem a ideia de que a globalização econômica e sua metodologia e o neoliberalismo emergiam como superação de todas as

---

<sup>186</sup> Utilizo-me, nesta seção, de elementos do artigo MACHADO, Renato Ferreira. Dr. House e a dúvida teológica: a crise das experiências de fé contemporâneas no limite da identidade corporal. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E XII SEMANA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO: A RELIGIÃO NA MÍDIA, A MÍDIA NA RELIGIÃO, 5., 2011, Goiânia. *Anais do V Congresso Internacional em Ciências da Religião e XII Semana de Estudos da Religião: A Religião na Mídia, a Mídia na Religião - Religião, Transformações Culturais e Globalização*. Goiânia: PUC - Goiás, 2011.

<sup>187</sup> Para mais detalhes, consultar a seção 1.3, na qual procuramos elaborar uma chave de leitura do seriado.

<sup>188</sup> Conforme afirmamos e sustentamos mais detalhadamente na introdução da tese.

ideologias e chave para entrar no novo milênio. Esta configuração de fatos e tendências acaba agindo como um marco de final da história ocidental – com a decadência das macrovisões que tentavam contá-la e projetá-la – e inaugurando um tempo de potencialização do presente.

*The future is now:* é o que afirma a propaganda para a internet. Se isso for verdade, então esse *now* eletrônico comporta em si todo o passado e não tem outro futuro diante de si além de si mesmo. Imobilizamos a história e damos um fim nela ao transferir o seu passado e o seu futuro para possibilidades presentes.<sup>189</sup>

Ainda nesta linha, Moltmann descreve três tendências que confirmam o imediatismo e a desistorização que nossa cultura passa a sofrer nesta época: a modificação de processos históricos em fatos do passado, arquivando como dados aquilo que ainda se encontra aberto ao futuro; a transformação de marcos utópicos em *datas comemorativas*, esvaziando toda reflexão pertinente a estes marcos em um *eterno retorno* ao que é sempre igual; finalmente, a supressão da consciência de tempo com a simultaneidade do processamento de dados, que, por não nos deixar esquecer de nada, impossibilita a construção de memórias. Moltmann chama isso de moderno complexo de Deus, através do qual o ser humano demonstra sua vontade de potência, para conquistar o título de moderno ou pós-moderno.<sup>190</sup> Em outras palavras, esta tendência é adotada quase como que uma religião à qual todos que desejassem transitar de milênio deveriam se converter. Isso trouxe desdobramentos às próprias Tradições Religiosas que, adaptando-se aos novos tempos, buscaram encaixar seus discursos às necessidades do mercado: observa-se uma tendência cada vez mais intimista e individualista nas práticas religiosas, em que fé e vida vão sofrendo uma verdadeira dicotomia. Predomina uma pregação de cunho psicológico, que leva a catarses emocionais e a certo *fortalecimento interior* para enfrentar os problemas do cotidiano e *vencer na vida*. Observa-se, igualmente, uma tendência de *pentecostalização* de práticas religiosas dentro e fora de igrejas pentecostais.

Assim, a busca de bênçãos e prosperidade desvia os olhares das pessoas do céu ou do além para o presente. O dualismo do pentecostalismo *clássico*, tipo Assembléia de Deus, que ainda enfatiza a rejeição do mundo, esmaece-se por completo nas pregações da Igreja Universal ou de outras instituições religiosas semelhantes. Não se busca mais uma superação dos males no além, mas no aquém. Além disso, os males do presente não são provações divinas, como sempre apregoou o pentecostalismo, mas sinais de que os demônios estão agindo, conforme a pregação

<sup>189</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 45.

<sup>190</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 45-46.

dos pastores da Igreja Universal. Em lugar de discursos apocalípticos, cujo objetivo também era o de forjar a conversão, a prédica dos pastores da Universal coloca a conquista do presente.<sup>191</sup>

Esta tendência de sacralização da realização pessoal através do progresso financeiro talvez seja o que, sinteticamente, possa descrever o *retorno do sagrado* que ocorreu no final do Século XX. Quando House começa a ser exibido, em 2004, vive-se uma certa ressaca desta tendência e, até certo ponto, o início de um questionamento a essa linha de espiritualidade, devido aos fatos ocorridos nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001: começa-se a questionar a validade das experiências religiosas historicamente construídas<sup>192</sup>, colocando-as em confronto com avanços e descobertas científicas contemporâneas e com a própria possibilidade de paz entre as nações. Surgem, inclusive, organizações civis de cunho ateuista e agnóstico, reivindicando espaços de opção e expressão no âmbito social, pelo direito de não afirmarem nenhum tipo de crença transcendente e deixarem de ser associados a fatores danosos à humanidade e ao planeta, como violência e criminalidade.<sup>193</sup> Parece-nos, por isso, que o seriado se serve desta crise, quase chegando a apontar para um *retorno da racionalidade* constituída e afirmada na modernidade através da atitude do protagonista.

Contra a limitação da teologia aos cristãos crentes perguntamos, pois: todo incrédulo que reflete sobre o seu ateísmo e sobre a sua decisão pela incredulidade não seria também um teólogo? Ateístas que tem algo contra Deus e a fé em Deus normalmente sabem muito bem a quem e o que estão rejeitando e tem as suas razões para isso. Aprende-se muito bem sobre o verdadeiro cristianismo do livro *O Anticristo*, de Nietzsche, e a moderna crítica à religião feita por Feuerbach, Marx e Freud, é teológica até na sua antiteologia. Existe, além disso, um *protestateísmo* que luta com Deus qual Jó e que, por causa dos sofrimentos da criatura, que clamam ao céu, renega a fé num bom governo do mundo por parte de um Deus Justo. Ele é profundamente teológico, pois a pergunta da teodicéia – *Se há um Deus bom, por que existe o mal?* – também é a pergunta fundamental de toda teologia cristã que leva a sério a pergunta por Deus feita pelo Cristo moribundo – *Deus meu, por que me abandonaste?*<sup>194</sup>

No contexto contemporâneo reacendem-se antigas discussões entre evolucionismo e criacionismo, muito bem retratadas em diversos episódios da série, levando novamente a

<sup>191</sup> BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e transversalidade Hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 39, n. 2, 1999.

<sup>192</sup> O Dossiê *Novo Mapa das Religiões*, publicado pela Fundação Getúlio Vargas em 2010, mostra que o número dos *sem-religião* cresceu de 5,1%, em 2003, para 6,7%, em 2009. Disponível em <[www.fgv.br/cps/religiao](http://www.fgv.br/cps/religiao)>

<sup>193</sup> A mais conhecida no Brasil talvez seja a ATEA (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos). Foi criada em 2008 por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli e conta atualmente com mais de 1600 associados.

<sup>194</sup> MOLTMANN, 2004, p. 26.

perguntas sobre a identidade humana e as origens de nosso universo. Assim, ao contemplar todo este panorama no contexto do seriado, vamos perceber que, em narrativas que abordam a crise humana diante da enfermidade e da morte, a produção acabará se concentrando no único *locus* possível para se tratar a experiência religiosa, que é o ser humano. Uma das riquezas de um seriado como este, por isso, é o fato de mostrar na concretude da vida as consequências das tendências religiosas assumidas pela sociedade e o quanto elas interferem, ajudam ou atrapalham em momentos como aqueles que a série exhibe. Tendo isso presente, após abordarmos a identidade humana na parte anterior deste capítulo, queremos agora compreender a fé como processo humano para respondermos a respeito da leitura de fenômeno religioso pela ótica do seriado.

Podemos, para tanto, partir da afirmação de que a experiência religiosa é a atitude dinâmica de abertura do ser humano ao sentido fundamental de sua existência e se encontra na raiz de todas as dimensões da vida, resignificando-a em transcendência<sup>195</sup>. Erroneamente, tem-se identificado esta capacidade como algo que remete para fora do real, possibilitando uma fuga do cotidiano e seus problemas. Tal interpretação decorre de uma herança positivista de metafísica, segundo a qual um discurso é válido somente se o seu objeto pode ser comprovado. Resulta disso uma *defesa da religião* na qual, ao se assumir o instrumental dessa herança, passa-se a buscar a comprovação dos objetos teológicos e a discuti-los em nível ontológico.<sup>196</sup>

Nossa visão permanecerá inevitavelmente superficial até que não tenhamos superado a metafísica da presença dos objetos teológicos e até que não tenhamos superado aquele vértice que, coincidente com a experiência efetiva da atualidade da religião, reconhece no discurso religioso uma perspectiva hermenêutica por meio da qual devemos olhar a vida.<sup>197</sup>

A experiência religiosa, na verdade, possibilita um mergulho no profundo da realidade, desfazendo ilusões e questionando certezas: através de uma *consciência religiosa*, o ser humano consegue resignificar os elementos levantados pela ciência instrumental e, mais importante, rebelar-se contra as limitações apresentadas nesta espécie de leitura da vida.<sup>198</sup> É desse tipo de experiência que se pode emergir com uma proposta de vida construtiva, possível de transformar a identidade pessoal e o meio onde se está inserido.

---

<sup>195</sup> GRUEN, Wolfgang. *O Ensino Religioso na escola*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 75-76.

<sup>196</sup> GARGANI, Algo. A experiência religiosa como evento e interpretação. In: DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni. *A Religião*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 125-129.

<sup>197</sup> GARGANI, 2000, p. 128.

<sup>198</sup> ALVES, Rubem. *O Enigma da Religião*. Campinas: Papirus, 1988. p. 19. 51-58.

Para Tillich, este processo se dá na medida em que a pessoa, acolhendo e buscando suprir suas necessidades, se depara com preocupações e necessidades incondicionais, identificadas por ela na medida em que percebe uma possibilidade de existência para além de seus condicionamentos. Este horizonte incondicional, porém, não pode ser identificado como simples objeto de busca do ser humano, na perspectiva de conquista por parte dele. Pelo contrário: ao deparar-se com uma realidade última, que responde à sua busca pelo incondicional, é o ser humano que se deixa tomar por ela, passando a viver segundo esta realidade a partir de então. O que não significa, necessariamente, que o ser humano ponha de lado suas buscas e anseios ao realizar esta experiência. O que acontece é que, diante de um horizonte de completude, as buscas e os anseios humanos se intensificam, pois passam a se identificar com o absoluto. Assim sendo, várias questões que antes pareciam absolutas se tornam relativas e a vida como um todo inicia uma infundável dinâmica de transformação pessoal, que inevitavelmente atinge o meio. O risco que se corre, neste processo, é tomar o condicional por incondicional, apostando a totalidade da vida em parâmetros que, com o tempo, acabam perdendo seu caráter absoluto e deixando um grande vazio em seu lugar.<sup>199</sup> Qual seria, então, o horizonte de absoluto de Gregory House?

Conforme já abordamos, House tem sua vida marcada profundamente pela dor, em consequência de sua própria prepotência como médico. Seguindo-se esta lógica, poderíamos dizer que House faz uma experiência religiosa significativa a partir da realidade do sofrimento e a experiência é religiosa por realizar a *re-liquação* de House com a realidade e, de modo especial com as pessoas. Nesse sentido, podemos considerar que toda experiência de sofrimento é uma experiência de ausência: aquele que sofre parece estar exilado do próprio corpo, uma vez que não consegue viver a dimensão da liberdade em sua corporeidade. Sendo experiência de falta, o sofrimento leva à busca daquilo que falta – desde o alívio para a dor até a prevenção de situações como aquelas no futuro. House encontra alívio para sua dor, inicialmente, nas pílulas de *Vicodin*<sup>200</sup> e previne situações parecidas com a sua buscando focar-se nos dados objetivos que resolverão o problema de seus pacientes. Ambas soluções, porém, além de ineficientes, geram um verdadeiro vazio existencial no protagonista: o *Vicodin* acaba deixando-o viciado e a obsessão por aquilo que é objetivo o leva a ficar

---

<sup>199</sup> TILLICH, 1974, p. 5-7.

<sup>200</sup> *Vicodin* é um medicamento a base de ópio que contém *paracetamol*, *acetaminofeno* e *hidrocodona* que agem sobre certos centros no cérebro para alívio da dor. Ele consegue ser ainda mais forte que o *Tramadol*, um dos medicamentos mais fortes para o controle da dor, tendo ação quase que imediata, mas deve ser utilizado com muita cautela, pois causa dependência química. A indicação é que seja usado uma vez ao dia. House era visto tomando vários a cada hora. Ver mais em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vicodin>>

insensível. É esta situação que o leva a se internar em um hospital psiquiátrico, na sexta temporada do seriado.

House: *Como isso funciona?*  
 Dr. Nolan: *Você senta, eu sento e conversamos.*  
 House: *Sobre o que?*  
 Dr. Nolan: *Sobre o que quiser.*  
 House: *Quer que eu reclame da minha mãe?*  
 Dr. Nolan: *Quer reclamar da sua mãe?*  
 House: *Posso falar de quando eu tinha cinco anos e meu peixinho morreu.*  
 Dr. Nolan: *Se quiser começar por aí.*  
 House: *Um bilhão de coisas aconteceram comigo. Como vou saber o que é relevante?*  
 Dr. Nolan: *Tudo é relevante.*  
 House: *Então é melhor começarmos, pois a sessão pode durar cinquenta anos.*  
 Dr. Nolan: *Você é resultado de tudo que te aconteceu e, sim, alguns acontecimentos são mais relevantes que outros, mas só há como descobrir os mais relevantes conversando. Então, me diga. No que está pensando? O que você quer?*  
 House: *Quero ficar bom. Seja lá o que isso signifique. Estou cansado de sofrer.*  
 Dr. Nolan: *Então, quer ser feliz?*  
 House: *Está refletindo de novo. Sim, eu quero ser feliz.*  
 Dr. Nolan: *Ser feliz é uma meta excelente. Poucos pacientes conseguem idealizar exatamente o que esperam.*  
 House: *Parabéns para mim.*  
 Dr. Nolan (pegando um recipiente de comprimidos): *O que precisamos fazer agora é descobrir como tirá-lo desse estágio e deixá-lo feliz.*  
 House: *Antidepressivos? Esta é sua técnica genial?*  
 Dr. Nolan: *Não podemos ignorar nada que possa ajudar. Não se incomoda em tomar remédios.*  
 House: *Para a perna. Para a dor.*  
 Dr. Nolan: *Pense que é uma dor psicológica.*  
 House: *Não quero mudar quem eu sou.*  
 Dr. Nolan: *Infeliz? Acha que se tomar remédios vai perder seu diferencial? Vai parar de fazer as associações que o tornam um médico de sucesso?*  
 House: *Se Van Gogh tivesse sido seu paciente, teria pintado casas ao invés de “A Noite Estrelada”.*  
 Dr. Nolan: *Van Gogh continuaria pintando belos quadros do céu à noite, mas talvez não do quarto do hospício.*  
 House: *Não tem como saber disso.*  
 Dr. Nolan: *Sei que as orelhas dele permaneceriam intactas. Eu sei que a vida dele teria sido melhor. Sei que não aceita de forma natural, mas quer que eu o ajude, então precisa confiar em mim.*  
 House (tomando o antidepressivo): *Delicioso.*<sup>201</sup>

Assim sendo, voltamos à nossa questão: Qual é o horizonte de absoluto a partir do qual House afirma sua identidade? Se, ao abordarmos a visão do seriado a respeito da condição humana, constatamos uma tendência à superação *deontológica* pela via de uma ética estabelecida na proximidade com o outro, podemos imaginar que algo semelhante se dê quanto a questões mais diretamente ligadas ao universo religioso. Por isso, desenvolveremos

<sup>201</sup> DERROTADO. In: HOUSE M.D. SEXTA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Katie Jacobs. Produzido por Bryan Singer: Universal Studios, d2010. 1 DVD (120 min.), widescreen, color. Episódio 1.

nossas reflexões a partir daquilo que é negado por House como experiência religiosa autêntica – mesmo que, aparentemente, o médico não considere nenhuma experiência religiosa como autêntica – para propormos pistas de outras possibilidades para esta realidade humana.

#### 4.1 Uma alergia a Deus: assumindo as próprias cruzes

No episódio *Criticado de uma maneira ou de outra*,<sup>202</sup> Gregory House trata de uma religiosa que chega ao hospital com um quadro de alergia bastante acentuado. Suas mãos apresentam uma grande escamação de pele, surgida repentinamente. É tempo de Natal e House está realizando, muito a contragosto, seu turno de plantão no hospital. Ao entrar na sala de atendimento e deparar-se com três religiosas trajadas com seus hábitos, é visível seu desconforto. Os problemas começam quando ele, acreditando que aquele seja um quadro alérgico simples, aplica *epinefrina* na paciente e ela acaba tendo uma parada cardíaca. Inicia-se, aí, a investigação de algo aparentemente inofensivo que acaba se mostrando muito perigoso.

O fio condutor do episódio é, claramente, o estranhamento do médico quanto à opção de vida da religiosa, principalmente por esta traduzir todos os acontecimentos cotidianos como manifestação da vontade de Deus. House se recusa a aceitar que haja um Deus que queira ou permita a morte daquela mulher e, principalmente, que a crença nesta possibilidade possa se tornar um projeto de vida para alguém. Por isso, como faz usualmente, o médico começa a investigar a vida pregressa de sua paciente, desconfiando da veracidade de sua história pessoal: ela afirmava ter sido adotada pela congregação aos doze anos de idade, após ser abandonada pelos pais, história que era confirmada pelas outras religiosas. Para House, não havia coerência entre o fato dela ter sido acolhida e se tornado uma religiosa da congregação e a resignação com a possibilidade de sua morte, caso o mal que a acometeu não fosse descoberto. Assim, em visita ao convento das irmãs, House conversa com uma das religiosas sobre o caso e acaba fazendo-a desmentir a história da paciente: quando o médico

---

<sup>202</sup>CRITICADO de uma forma ou de outra. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Sara B. Cooper. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 5. Este é o mesmo episódio ao qual nos referíamos no primeiro capítulo, quando apresentamos o Dr. Chase. Ver 1.3.4.

realizou uma reanimação cardiopulmonar na irmã doente, ele percebeu uma tatuagem em seu corpo, o que seria inexplicável para alguém que desde a infância teria morado em um convento. O que ele fica sabendo, então, é que sua paciente realmente fora adotada aos doze anos pela congregação, mas que saíra do convento aos quinze e acabara engravidando e abortando. Após isso, ela teria retornado para a congregação, onde permanecera até então. É de posse destes dados que House acaba tendo o primeiro e único diálogo com sua paciente, onde confronta sua visão de mundo com a dela.

*Irmã Augustine: Esta doença é um teste para minha fé. Se é da vontade d'Ele me levar, não importa onde eu esteja. Eu posso aceitar.*

*House: Alguém acredita no que você está dizendo? Você não está aceitando. Está fugindo. Como você sempre fez. Você fugiu do mosteiro, fez sexo, fugiu do mundo real quando fazer sexo não deu muito certo. Agora as coisas não estão dando certo de novo e lá vai você.*

*Irmã Augustine: Por que é tão difícil para você acreditar em Deus?*

*House: A minha dificuldade está no conceito de acreditar. A fé não tem por base a lógica e a experiência.*

*Irmã Augustine: Eu experimento Deus diariamente e o milagre da vida ao nosso redor. O milagre do nascimento. O milagre do amor. Ele está sempre comigo.*

*House: Onde está o milagre quando uma viciada em crack dá à luz e abandona a criança porque precisa de mais uma dose? Milagre do amor... A chance de ser morto por alguém que você ama é mais que o dobro em comparação a um estranho.*

*Irmã Augustine: Está tentando me fazer desistir da minha fé?*

*House: Você pode ter a fé quer quiser em espíritos, em vida após a morte, no paraíso e no inferno, mas se tratando desse mundo, não seja idiota. Porque você pode me dizer que deposita sua fé em Deus para protegê-la durante o dia, mas quando chega a hora de atravessar a rua, eu sei que você olha para os dois lados.*

*Irmã Augustine: Eu não acredito que Ele esteja dentro de mim e vá me salvar. Eu acredito que Ele está dentro de mim, quer eu viva ou morra.*

*House: Então, escolha viver. E você tem mais chances apostando em mim do que nEle.*

*Irmã Augustine: Quando eu tinha quinze anos utilizei todas as formas de prevenção e ainda assim fiquei grávida. Eu culpei Deus. Eu o odiei por ter destruído minha vida. Mas depois, percebi uma coisa. Não se pode ficar bravo com Deus e não acreditar nEle. Ninguém pode. Nem mesmo o senhor, Dr. House.<sup>203</sup>*

Uma primeira compreensão da situação da personagem pode dar-se em termos de espera e temor diante das possibilidades abertas em sua vida: professando sua fé a ponto de assumir uma vida consagrada, a Irmã Augustine acreditava ter deixado para trás um passado de sofrimento ao abraçar um futuro de total dedicação a Deus. Sua interpretação dos fatos, por isso, a levavam a crer em uma rejeição por parte de Deus, devido aos supostos pecados de sua vida pregressa.

---

<sup>203</sup> CRITICADO de uma forma ou de outra. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Sara B. Cooper. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 5.

Percebemos o futuro não só em nossas esperanças por tempos vindouros melhores, mas também – quando não predominantemente – em nossos temores e medos. A condição possível de tudo o que pode acontecer nos causa inquietação. Temor e medos são sistemas de alerta antecipados, vitais no caso de possíveis perigos. [...] Se, porém, as ameaças identificáveis aumentam e se convertem em perigos incompreensíveis, surgem medos difusos diante do nada ou da destruição total do mundo ou acerca da própria existência. Esses medos levam, em geral, à resignação desesperada e à inércia paralisante ou a reações exageradas que só aumentam os perigos.<sup>204</sup>

Nesse sentido, a compreensão da religiosa a respeito do sofrimento vivido em sua dimensão corporal é que este poderia ser um sinal de que Deus que, habitando em seu interior, mostrava sua vontade ao castigar seu corpo e levá-la a um estado caótico de saúde, no qual seu corpo, que guardava as marcas de seu pecado, seria finalmente dizimado para que ela pudesse ser aceita na eternidade. Moltmann busca referenciais para esta linha de interpretação e vivência de fé no pensamento platônico, segundo o qual o ser humano se torna autoconsciente em face da morte: na *meditatio mortis* cria-se consciência da existência de uma alma imortal que se libertará do corpo mortal quando este perecer. Com isso, o corpo torna-se peso a ser suportado e impedimento para se viver a plenitude da vida. Seguindo esta linha, o pensamento agostiniano elaborará a questão do autoconhecimento pelo conhecer da própria alma, uma vez que esta guardaria a *imago Dei*. O corpo, atingido pelo pecado original, é *vestigia Dei*, sendo então inferior à alma e, assim como o ser humano serve a Deus, o corpo deve servir à alma.<sup>205</sup> Nesta postura acontece uma tendência ao dualismo, no qual corpo e alma são compreendidos separadamente e o elemento imaterial da vida é supervalorizado.

No entanto, esta visão bidimensional tem também os seus impasses. Um deles é o dualismo. Porque nesta visão de homem se reconhece a visão de alguns platônicos, para os quais a alma está enclausurada no corpo e que deve se libertar do corpo. É o mito da caverna e muitos outros mitos que encontramos entre os antigos, que algumas vezes influenciaram o cristianismo. Nesta abordagem ter-se-á tendência a privilegiar o mundo da alma, desprezando e esquecendo o mundo do corpo.<sup>206</sup>

Na contramão desta atitude encontra-se a ideia de uma espiritualidade que responda à esperança de uma *ressurreição da vida*, na qual a corporeidade seja assumida como lugar onde a história da vida é registrada de forma integral e como espaço de possibilidade para a afirmação da vida pelo amor. Nesse sentido, ao nos remetermos à história da salvação, é

<sup>204</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 16.

<sup>205</sup> MOLTSMANN, In: *Humanística e Teologia*. dez. 2007. p. 69-71.

<sup>206</sup> LÉLOUP, Jean-Yves. A antropologia dos Terapeutas de Alexandria e de Graf Durckheim. In: BOFF, Leonardo. LÉLOUP, Jean-Yves. *Terapeutas do deserto*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 56.

preciso lembrar que, “na plenitude dos tempos, o Verbo se faz carne e habita entre nós” (Jo 1,14): não há, por isso, possibilidade de negação da dimensão corporal ao se assumir a fé em Cristo. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer de que deste mesmo Cristo se aprende que a chave para a significação mais profunda da vida como um todo se encontra no amor. Vida rejeitada e não amada, portanto, é experiência de morte antes da vida, que se expressa na indiferença, na apatia e no isolamento. A experiência de *ressurreição da vida*, por isso, não é simplesmente uma expectativa de vida após a morte, mas experiência de sentido, acolhida e amor no presente, através da renovação dos sentidos e do despertar para o prazer de viver.<sup>207</sup> Por isso, é importante perceber que, no diálogo travado entre os personagens, a insistência de House é com uma mudança de atitude da paciente frente a duas questões: suas constantes fugas da realidade quando se encontra frente a desafios e problemas e a identificação que ela faz de experiência de fé com passividade e ingenuidade. Ou seja, em sua busca por perdão e ressignificação da vida frente às crises que viveu, Irmã Augustine acabou se isolando do mundo e, com isso, perdendo a empatia necessária para a própria identidade humana. Neste ponto, revela-se um sério dilema quanto a experiências religiosas nos tempos em que vivemos: quando aquilo que é suposto como fé se torna negação da realidade, a vivência religiosa torna-se negação da vida. Se aquilo que nos dá conforto diante dos problemas passa a ser uma alienação da dinâmica existencial, que sempre apresentará novos problemas e desafios, a religião acaba assumindo uma função alienante e contrária ao viver.

Como se trata, no acontecimento de Cristo, de uma experiência de Deus, a escatologia cristã não pode se reduzir à escatologia humana nem a escatologia humana à salvação da alma num céu além. Não há alma humana sem corpo humano, nem existência humana sem o sistema de vida desta Terra, nem a Terra sem o universo.<sup>208</sup>

Cabe, nesta altura, uma pergunta sobre a questão da fé. No diálogo com a religiosa, House alega não ter problemas com Deus, mas com o conceito de acreditar. O entendimento que o médico tem a respeito de fé parece reduzir-se à comprovação ou não de fatos e, acompanhando-se o seriado como um todo, entende-se que esta reação tem muito mais a ver com aquilo que ele conhece em seu cotidiano como suposta expressão de fé do que de um conhecimento mais aprofundado a respeito da questão. Certamente, o que incomoda o médico são as tentativas de ingerência de algo tomado por fé no campo científico, o que é um equívoco tão grande quanto a ingerência científica no campo da fé: as verdades afirmadas a

---

<sup>207</sup> MOLTSMANN, 2012, p. 124-126.

<sup>208</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 98.

partir da fé diferem em sua natureza dos conhecimentos elaborados cientificamente. No primeiro caso, trata-se de verdade em um sentido existencial e, no segundo, de fatos comprováveis a partir da experimentação de hipóteses. Aquilo que ele observa na Irmã Augustine, por isso, não pode ser tomado como fé, uma vez que a religiosa partia do pressuposto de que sua doença era um sinal divino e que, como tal, estava além do alcance científico da medicina. Além disso, este sinal divino pedia que ela renegasse parte de sua identidade e de sua história para aceitar a *vontade de Deus*. Mais do que isso: para ela, estes fatos teriam sido *apagados* de sua existência com sua adesão à vida consagrada e com a profissão de seus votos. Nesse sentido, Paul Tillich enfatiza que a fé é um ato da pessoa inteira, que se realiza no centro da vida pessoal, com todos os elementos desta. Não sendo algo à parte da realidade existencial, a fé, ao envolver integralmente a pessoa, ressignifica cada dimensão da vida. Posicionada desta forma na vida pessoal, a fé coloca-se entre o consciente e o inconsciente, sem se reduzir a nenhum dos dois polos: uma fé resultante da inconsciência se torna obsessão; uma fé resultante de pura racionalidade torna-se uma tirania do *superego* sobre a vida.<sup>209</sup>

Sendo o ato global e mais íntimo da pessoa, a fé é *extática*. Ela é mais do que os impulsos do subconsciente irracional e também vai além das estruturas do consciente racional. Ela os transcende, mas não os destrói. O caráter extático da fé não exclui a razão, se bem que não é idêntica a ela; além disso ele também engloba elementos não racionais, sem que se resuma nesses. No êxtase da fé há uma consciência da verdade e de valores éticos; amor e ódio, briga e conciliação, influências individuais e coletivas, como foram experienciadas no decurso da vida, tudo isso está integrado na fé.<sup>210</sup>

Ironicamente, a solução para o caso encontrava-se mesmo no interior da religiosa: não em seu interior espiritual, mas no interior de seu corpo. Ela havia esquecido um *diu* em seu aparelho reprodutor e o mecanismo estava causando toda a reação alérgica. O episódio traz, aqui, um duplo simbolismo que acaba dando sentido a tudo que foi desenvolvido ao longo da trama. O *diu* era do tipo *cruz de cobre*, tendo exatamente a forma de uma cruz. E esta cruz encontrava-se naquilo que definia mais profundamente a identidade da religiosa: seu aparelho reprodutor. Assim, antes de mais nada, ela era uma mulher e, como tal, só teria sua humanidade resgatada ao assumir todas as condições e contradições de seu gênero humano. Por isso, na cruz que Irmã Augustine renegava, se encontrava sua salvação.

---

<sup>209</sup> TILLICH, 1974, p. 07-09.

<sup>210</sup> TILLICH, 1974, p. 09.

Outro fato importante que se dá neste episódio é a descoberta de que o Dr. Chase havia sido seminarista. Esta revelação acontece em um diálogo entre ele e House, que o questiona sobre as razões de, explicitamente, Chase demonstrar aversão às irmãs e a tudo que se liga à Igreja.

House: *Você odeia as religiosas. Não se pode odiar alguém sem conhecer.*

Chase: *Conhece algum nazista? Eu odeio nazistas por uma questão de princípios.*

House: *Eu tenho uma teoria sobre como se tornar um bom menino, e não é pelas qualidades morais. Bons meninos aprendem a temer a Deus. A Igreja Católica é especialista neste tipo de treinamento: deixar bons meninos com medo do castigo divino. Então eles fazem o que seus pais mandam. Como estudar medicina, mesmo sendo a última coisa que querem. O que acha?*

Mais tarde, quando a paciente é colocada em um quarto esterilizado, onde só os médicos podem entrar, Chase se oferece para acompanhá-la em sua oração e conta sua história. Ele comenta a passagem de Pd 1, 7<sup>211</sup>, na tentativa de consolar a enferma a partir de sua fé. O médico lhe diz que esta era sua passagem predileta, mas que, no decorrer de sua trajetória no seminário, deixara o medo vencer a fé. No final do episódio, é o Dr. Chase que comunica à religiosa a causa de sua doença e esta lhe diz que sua passagem preferida é Lc 15, 32, onde se lê “*Mas, era preciso festejar e nos alegrar, porque esse seu irmão estava morto, e tornou a viver; estava perdido, e foi encontrado*”. Ela lhe diz, então, que Deus sempre estará esperando a volta de Chase.<sup>212</sup>

Pensando-se, então em uma primeira possibilidade de desencantamento das experiências religiosas contemporâneas, podemos afirmar a necessidade de um resgate da dimensão da fé como integralidade ressignificadora da vida. No caso relatado, a dimensão religiosa encontra-se reduzida à moralidade, com o agravamento da negação da dimensão corporal. A identificação do elemento religioso exclusivamente com a dimensão moral anula a *mistagogia* da experiência de fé, uma vez que, na fé, nos encontramos sempre diante daquilo que é *fascinatum* e *tremendum*, que fascina e amedronta, que cria, mas também aniquila. Assim, quando predomina a moralidade nos discursos e nas práticas religiosas, acaba-se identificando santidade com retidão de caráter e a obediência à *vontade de Deus*, que geralmente será similar à obediência às leis, regras e parâmetros impostos na sociedade, é entendida como sacrifício necessário à salvação. No caso de Irmã Augustine, inicialmente até se poderia associá-la aos místicos que carregam estigmas e chagas em seu corpo – e House

<sup>211</sup> “*Desse modo, a fé que vocês têm será provada como o ouro que passa pelo fogo. O ouro vai desaparecer, mas a fé que vocês têm, e que vale muito mais, não se perderá, até o dia da revelação de Jesus Cristo. Então, por essa fé, vocês receberão louvor, glória e honra*”.

<sup>212</sup> Mais detalhes sobre o Dr. Robert Chase se encontram na seção 1.3.4 do primeiro capítulo, onde narramos com mais detalhes a participação do médico australiano neste episódio.

chega a fazer uma piada com isso no início do episódio – mas o que se vê é uma alienação da própria situação que ela vivia e uma fuga da realidade, na qual a enfermidade se associava a alguma manifestação divina. O desencantamento, então, encontra-se exatamente na compreensão das dores e chagas existenciais como experiência de sagrado, a partir da qual a vida possa ser relida e religada à sua centralidade.

#### 4.2 Por que Deus sempre leva a fama? Fé, ciência e dúvida

Apresentado um caso no qual a dimensão religiosa é compreendida como negação do que pode ser compreendido por moralmente incorreto, abordamos agora uma segunda característica de experiência religiosa recorrente em nosso contexto atual. No episódio *House X Deus*<sup>213</sup> apresenta-se o caso de um jovem pregador pentecostal que, supostamente, estaria curando pessoas de muitas enfermidades. Isso é mostrado no *teaser* de abertura, onde o personagem faz um inflamado discurso sobre os limites da ciência e da medicina diante do poder da fé e da ação de Deus.

Pastor: *Estão sentindo o Espírito?*

(A assembleia aplaude. Em seguida, o Pastor pede que todos sentem.)

Pastor: *E no 39º anos de seu reinado, Asa contraiu uma doença que se agravou. No entanto, ele não procurou a ajuda do Senhor, mas dos médicos.*<sup>214</sup> *Não há nada errado em procurar um médico. Mas ele cura com o poder que Jesus deu aos discípulos? Os homens da ciência são cegos, não sabem que não daríamos um passo se Deus não quisesse.*

(Ele se aproxima de uma fiel, uma senhora que anda utilizando um andador.)

Pastor (impondo as mãos sobre a fiel): *Agnes, obrigado por me deixar ser o instrumento do amor divino por você.*

(O Pastor retira o andador e ela permanece de pé sem apoiar-se no aparelho)

Pastor: *Na fé, tudo é possível. Amigos, quero que deixem Agnes sentir a onda de fé que a está elevando às mãos de Deus.*<sup>215</sup>

<sup>213</sup>HOUSE X Deus. In: HOUSE - SEGUNDA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por John F. Showalter. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 19.

<sup>214</sup> Cf. II Crônicas 16, 1-14. A passagem narra o final do reinado de quarenta e um anos do Rei Asa, que nas escrituras é reconhecido como profundamente fiel a Javé. No trigésimo sexto ano de seu reinado, porém, ele recorre a uma aliança política com um rei inimigo para evitar uma nova guerra. Isto é interpretado como rompimento da aliança com Javé, com o agravante que o acordo com o rei estrangeiro fora selado com os tesouros do templo. Assim, o fato de Asa recorrer a médicos e não a Javé para curar sua doença, não é determinante para sua morte, mas é colocado como consequência do afastamento de Asa da presença de Deus.

<sup>215</sup> HOUSE X Deus. In: HOUSE - SEGUNDA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por John F. Showalter. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 19.

Agnes dá alguns passos por conta própria. A assembleia e o pastor entoam cantos de louvor, porém, é o próprio pastor que começa a passar mal: ao erguer seus braços estes ficam paralisados e ele não consegue mais movê-los. Contrariando o que acabara de pregar, ele pede para que o levem a um hospital. Uma vez que ainda não se sabe o que está prejudicando sua saúde, o caso é passado para a equipe de House.

Neste episódio encontra-se uma das frases mais famosas do personagem principal a respeito da questão religiosa. Quando sua equipe está relatando o caso e descrevendo o paciente, é dito que o jovem alega receber mensagens diretamente de Deus, que, através dele, realizava curas milagrosas. Quando o Dr. Foreman diz que isso pode significar apenas que o paciente é uma pessoa muito religiosa, House retruca dizendo: “*Não. Se você fala com Deus, você é religioso. Se Deus fala com você, você é psicótico.*” Instaura-se, aí, o óbvio conflito entre a racionalidade de House e a fé do pregador, verbalizada quando House vai visitar o paciente e conversa com ele.

House: *Então você é um curandeiro da fé. Ou esse termo é pejorativo e você prefere algo como “gerenciamento de saúde divino”? Deus não disse que eu estava vindo?*

Pastor: *Gosto de “curandeiro da fé”, Dr. House.*

House (fingindo surpresa): *Essa foi boa! Nem usou: “Vejo um H e um jaleco”.*

Pastor: *As enfermeiras falam muito no senhor.*

House: *Não acredite nelas. É que uso uma meia dentro das calças. Fé não é sinônimo de ignorância? Nunca entendi como tanta gente acredita no que não pode ser provado como se fosse uma façanha.*

Pastor: *Deus pede nossa confiança. Não se pode amar alguém sem confiar.*

House: *Confiança deve ser conquistada. Não se pode confiar em quem se esconde.*

Pastor: *Você não confia em ninguém.<sup>216</sup>*

Desta forma, o que House parece questionar é a razoabilidade daquilo que é assumido por seu paciente: o jovem parece definir fé a partir de um recorrente erro de interpretação da afirmação tomista de que a fé, na impossibilidade de ser comprovada, precisa ser preenchida por um ato de vontade. Isso leva, ao mesmo tempo, a um entendimento de fé como conhecimento de baixo grau de certeza<sup>217</sup> e a uma interpretação de ciência como *tentação*, que pode enfraquecer a fé. Esta é uma tendência nascida de um estilo de vida cristã que, contrapondo *igreja e mundo*, identifica a vida cristã como testemunho de adesão a uma existência que demoniza a realidade.

---

<sup>216</sup> HOUSE X Deus. In: HOUSE - SEGUNDA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por John F. Showalter. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 19.

<sup>217</sup> TILLICH, 1974, p. 27.

Daí resulta um antagonismo radical entre o que deve ser *Igreja* e o que deve ser *mundo*. Na Igreja existem *forgiven sinners* (pecadores perdoados), no mundo *unforgiven sins* (pecados não perdoados); a Igreja é obediente a Deus, o mundo é desobediente; a Igreja é santa, o mundo é cheio de mentiras e violência; a Igreja é o *peaceable kingdom* (reino pacífico), o mundo pecador é marcado pela brutalidade; a Igreja revela a união das pessoas, o mundo está em conflito permanente e em desunião. A primeira missão da Igreja é seguir o estilo de vida e o ensinamento de Jesus e, desse modo, revelar ao mundo que ele é mundo.<sup>218</sup>

Nesse sentido, precisamos voltar à pregação realizada pelo pastor no início do episódio: segundo sua lógica, a ciência e a medicina são eficientes, mas não se comparam ao *poder de Deus*, que, entre outras coisas, pode também curar as pessoas. Até certo ponto, o pregador não está errado: o conhecimento científico e aquilo que ele denomina como *poder de Deus* realmente não podem ser comparados, mas não de maneira qualitativa. A impossibilidade de traçar uma similaridade entre fé e ciência dá-se pela natureza dos dois tipos de conhecimento. Enquanto as ciências naturais descrevem estruturas e relações do universo físico, na medida em que elas podem ser verificadas experimentalmente e formuladas matematicamente<sup>219</sup>, a fé desencadeia um processo de conhecimento existencial através do qual o ser humano chega à percepção do infinito na finitude e do incondicional em meio aos fatores que o condicionam e limitam. Em ambos os processos não se prescinde da presença da razão.

É necessário especificar a relação entre a fé e a razão do espírito humano. Inicialmente, precisa-se perguntar em que sentido é usada a palavra *razão*, quando ela é contraposta à fé. Será no sentido do procedimento científico, do pensamento rigidamente lógico e do cálculo técnico? Ou será ela entendida, como em quase todas as épocas de nossa cultura ocidental, como a fonte dos sentidos, normas e princípios? Na primeira hipótese a razão é o instrumento para o conhecimento e domínio da realidade, ao passo que a fé indica o alvo, a cujo serviço está todo cálculo e domínio da realidade. O primeiro tipo de razão poderia ser chamado de razão técnica, uma vez que ela se ocupa com os meios e não com o fim. A segunda significação da razão está relacionada com aquilo que faz do homem um homem e o diferencia de todo outro ser. [...] Se a fé estivesse em contradição à razão, ela teria que levar à desumanização do homem.<sup>220</sup>

Sendo finita, a razão humana intui o infinito e, em resposta, produz cultura e conhecimento, através dos quais o mundo se torna conhecido e pode ser transformado. Esta dinâmica, porém, encontra-se ainda no âmbito da finitude. Por isso, a realização da razão se dá quando, por seu exercício, o ser humano faz a experiência daquilo que não pode ser criado

---

<sup>218</sup> MOLTSMANN, 2012, p. 48.

<sup>219</sup> TILLICH, 1974, p. 54.

<sup>220</sup> TILLICH, 1974, p. 50-51.

por ele e não está sob seu controle e, em uma dimensão extática, se deixa ser possuído por este mistério.<sup>221</sup> House passou por uma significativa experiência extática quando enfrentou a crise de quase amputação de sua perna, mas, mesmo vivenciando o transcender de sua condição existencial, recusou-se a associar isso a algo mais do que a reações de seu próprio organismo ao tratamento que estava fazendo.<sup>222</sup> Como resultado, o médico vive uma razão quebrada, que talvez seja simbolizada no seriado por sua perna defeituosa e pelas dores que o acompanham.

Assim, *House X Deus*, ao apresentar alguns conflitos reentrantes entre fé e razão, nos leva à indagação a respeito dos critérios para o discernimento desta crise e do juízo crítico para reconhecer tanto a fé como a razão naquilo que elas possuem como potencial de comunhão e não como dicotomia. Para Tillich, o elemento de equilíbrio nesta relação é aquilo que se denomina como *revelação*: é através dela que tanto uma fé supersticiosa quanto uma razão reduzida ao conhecimento experimental encontrarão uma possibilidade de superação de seu estado de alienação e poderão entrar em diálogo. O que ocorre em nossa cultura atual, porém, é que o termo *revelação* acaba remetendo exclusivamente a um contato sobrenatural com a divindade, a partir da qual esta revela sua vontade, que deve ser cumprida sem questionamentos – situação que descreve fielmente o paciente de House neste episódio. A superação desta visão, que nada mais descreve além de um estado de alienação, se dá por um caminho de compreensão existencial: revelação é a descoberta daquilo que nos toca incondicionalmente e que, nesta experiência, nos faz perceber que todas as capacidades e dimensões que possuímos encontram nisto seu sentido último. Diante deste horizonte, a vida é ressignificada em sua totalidade, chegando-se a uma comunhão profunda entre todos os seus âmbitos, quebrando a alienação que torna o ser humano uma vítima das circunstâncias. É a partir desta qualidade de experiência que se pode realmente falar em fé. A alienação, porém, mesmo quebrada, não é anulada e pode penetrar nesta experiência, mudando a fé em idolatria, principalmente ao confundir as testemunhas do incondicional com o próprio incondicional. Da mesma forma, a alienação pode transformar a fé em uma preocupação provisória que, ao interferir nas provisoriiedades da razão, eleva esta ao patamar de incondicionalidade. Por isso, uma *revelação* também precisa ser compreendida como provisória, uma vez que está inscrita no tempo e precisa ser ressignificada por suas testemunhas e os herdeiros desta.<sup>223</sup>

---

<sup>221</sup> TILLICH, 1974, p. 51.

<sup>222</sup> Conforme relatamos na seção 2.1.3.

<sup>223</sup> TILLICH, 1974, p. 52-53.

A história da fé é uma luta constante com a distorção da fé, e o conflito entre razão e fé é um dos mais nítidos sintomas dessa distorção. As batalhas decisivas nessa luta são os grandes eventos de revelação, e a batalha vitoriosa seria uma revelação de validade última, em que a distorção entre fé e razão está em princípio superada. O cristianismo clama de si estar fundamentado em semelhante revelação. É essa uma reivindicação que precisa ser comprovada sempre de novo no curso da história.<sup>224</sup>

Assim, para House as coisas estão muito claras: o pastor tem uma ilusão de grandeza e uma doença a ser tratada. O caminho a seguir é curá-lo da doença e, ao mesmo tempo, desfazer suas fantasias sobre Deus. Para o paciente tudo também está claro: Deus está lhe dizendo algo com aquela situação, tornando enfermo alguém que curou muitas pessoas. Nesse meio tempo, o médico encontra um placar desenhado no quadro branco que ele utiliza para rabiscar seus diagnósticos: de um lado, está ele próprio e de outro está Deus. Alguém quer ver quem se sai melhor neste embate e desta brincadeira deriva o título do episódio, que simboliza aquela que talvez seja a questão mais polêmica a respeito da relação entre fé e razão ou entre fé e ciência: a apropriação de processos de cura pelo âmbito religioso. Historicamente as religiões sempre ofereceram sistemas simbólicos e interpretativos a respeito de situações onde doença, morte e sofrimento se fazem presentes. A própria palavra *terapia* tem seu conceito original mais ligado a práticas religiosas do que a procedimentos da ciência médica, significando algo como disposição e ação para oferecer assistência e acompanhar o enfermo. No âmbito religioso, aliás, as palavras saúde e salvação encontram-se semanticamente ligadas, chegando quase a confundir-se.<sup>225</sup> Rituais curativos, por isso, acabam sendo facilmente tomados como uma demonstração de poder da fé sobre o conhecimento científico por supostamente libertarem a pessoa de limitações trazidas pela enfermidade, uma vez que restabelecer a própria saúde acaba se tornando o horizonte de absoluto para quem sofre na própria pele o mal de alguma doença. Da maneira como o episódio demonstra, os rituais e procedimentos realizados pelo pastor remetem a uma *teologia de retribuição*, na qual se estabelece uma lógica de causa e efeito, relacionando questões como doença e morte à fidelidade a Deus.

Esta doutrina e teologia tratam fundamentalmente a vida humana e seus problemas físicos, psíquicos, sociais e econômicos a partir do enfoque bênção – maldição, no qual Deus premia os fiéis com riqueza e saúde e castiga os infiéis com doença e miséria. Ao redor da bênção estão situações de bem-estar, saúde, longevidade, fama, honra, fecundidade e prosperidade; enquanto junto às maldições estão as situações

<sup>224</sup> TILLICH, 1974, p. 53.

<sup>225</sup> VILHENA, Maria Ângela. Viver, adoecer, sofrer e morrer nas religiões. In: MARTINI, Antonio. MARTINS, Alexandre Andrade (orgs.). *Teologia e Saúde: Compaixão e Fé em meio à vulnerabilidade humana*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 60-61.

de empobrecimento, doença, deficiência física, humilhação, morte, esterilidade e sofrimento.<sup>226</sup>

Ao acenar com a possibilidade de uma cura milagrosa, o pregador nada mais faz do que identificar a si próprio como portador de um poder capaz de desfazer maldições. Sendo este poder um atributo divino, que o próprio Deus teria lhe confiado, o pastor praticamente se coloca como um *messias* para sua comunidade: ele teria sido *ungido* e, através dele, Deus estaria demonstrando sua vontade. House questiona este entendimento de fé e poder curativo, perguntando se o pastor acompanhava as pessoas que ele supostamente havia curado, para verificar se aquilo que ele fez realmente havia resolvido o problema daquelas pessoas. Se não havia acompanhamento e a posterior verificação de que os sintomas da doença haviam retornado, aquilo que o pastor fazia nada mais era do que provocar uma espécie de efeito anestésico, movido pelo estado emocional da pessoa e a consequente elevação de sua adrenalina. Por isso, se o referencial para estas práticas forem as diversas narrativas encontradas no evangelho a respeito das curas realizadas por Jesus, faz-se necessária uma leitura de contexto para compreender estas ações. O agir messiânico de Jesus tem sempre o Reino como horizonte, tendo por objetivo antecipar a vida em plenitude sonhada por Deus para suas criaturas. As curas também se inserem nesta sistemática, uma vez que a doença é entendida como ação misteriosa do mal sobre a criação. Curar, então, significa restaurar a criatura humana à sua originalidade e consequente proximidade com Deus.

Se Deus vem e corrige este mundo arruinado pelos poderes contrários a Deus, não estamos diante de algo milagroso ou extraordinário, mas diante de algo evidente. É o que exatamente se espera. No contexto das interpretações bíblicas, as curas de Jesus são *milagres do Reino*. No brilho matinal da nova criação de todas as coisas elas nem mesmo constituem milagres, mas simplesmente aquilo que então deverá vir. Somente quando se perde a grande esperança na proximidade da nova criação de todas as coisas e quando não se vê mais para frente, para o futuro, somente então as narrativas aparecem como *milagres* num mundo sem transformação. No contexto da esperança da vinda de Deus, porém, as curas de Jesus se tornam recordações inextinguíveis desse futuro.<sup>227</sup>

Nunca se pode, por isso, fazer a leitura destes milagres como arbitrariedade intimidadora de Cristo, no sentido de demonstrar seu poder. Pelo contrário: em algumas destas passagens, Jesus pede segredo sobre o que aconteceu ou se retira após o fato, evitando

---

<sup>226</sup> DA SILVA, Rafael Rodrigues. Saúde e teologia: um olhar crítico sobre a teologia da retribuição. In: MARTINI, Antonio. MARTINS, Alexandre Andrade (orgs.). *Teologia e Saúde: Compaixão e Fé em meio à vulnerabilidade humana*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 81.

<sup>227</sup> MOLTSMANN, 2007. p. 85.

ser tomado como novo líder político pelo povo. Uma chave de leitura importante para esta questão, por isso, é a hermenêutica judaico-cristã da aliança com Deus, que se concretiza na medida em que Deus cumpre suas promessas. Esta fidelidade de Deus para com seu povo, mesmo não correspondida, não pode ser compreendida como uma retribuição de Deus aos que lhe agradam, mas como justiça aos mais atingidos pelo *mysterium iniquitatis*. Tal compreensão pressupõe a dimensão da cura como sinal de um tempo novo e não como simples volta à normalidade. Por isso, no lado oposto ao das ações do pastor, encontramos também uma medicina que acena exatamente para as mesmas coisas, com a promessa de uma vida livre de qualquer enfermidade. É preciso nos perguntar a quem servem estas práticas.

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência, ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.<sup>228</sup>

Se historicamente podemos entender a luta humana para sobreviver no planeta como busca por autolibertação da dependência da natureza e das próprias contingências corpóreas, podemos concluir que foi nesta dinâmica de viver que se foi afirmando cada vez mais uma identidade humana, ou seja, a capacidade para agir livremente. Esta identidade, porém, foi se confundindo cada vez mais com a *vontade de poder*, uma vez que tanto libertação quanto poder lidam com a falta e o negativo: quanto maior a necessidade, mais queremos ter e, quanto mais temos, mais queremos manter o conquistado. Dessa forma, de uma luta para sobreviver em meio à natureza hostil, o ser humano passa cada vez mais ao papel de controlador do mundo, determinando o quanto pode a respeito das contingências de sua existência física, social, espiritual e privada. Nesse sentido, a medicina é um dos campos que mais recebem atenção, por trazer esperanças libertadoras para as pessoas em âmbito pessoal: através dela, espera-se melhorar a própria condição humana e ampliar a capacidade para a felicidade que as pessoas podem ter. Nestas promessas, no entanto, chega-se quase a um limiar daquilo que realmente é humano: na promessa da superação de doenças infecciosas e virais, pode-se chegar a um modelo de mundo asséptico; no desenvolvimento da psicofarmacologia oculta-se a utopia de uma vida sem dor; o avanço de técnicas de

<sup>228</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 30. ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 80.

transplante de órgãos, com a ideia de partes substituíveis do corpo, entrevê a possibilidade de uma vida sem fim; e a moderna eugenia, com o propósito de acelerar a evolução humana, pode acabar se relacionando com a visão de gerações superiores geneticamente.<sup>229</sup>

Nenhuma garantia de felicidade está vinculada ao progresso científico. Os progressos da humanidade são sempre desiguais, não simultâneos e descoordenados. Abalam o equilíbrio natural e social da ordem corrente, provocando tensões e conflitos. Do ponto de vista espacial, o progresso biomédico acarretou novos conflitos sociais entre pobres e ricos, homem e mulher, famílias pequenas e sociedade. No plano temporal ele perturbou a seqüência de gerações pelo envelhecimento, de um lado, e pela maturidade precoce, de outro. No nível pessoal, ele abalou o equilíbrio entre eu e o corpo e produziu novos conflito de identidade.<sup>230</sup>

Por isso, é preciso questionar se os ideais atualmente almejados pelo ser humano através das possibilidades da medicina não acabam, na verdade, desencadeando um processo de desumanização. Afinal, uma vida sem dor pode tornar-se uma vida sem amor, da mesma forma que uma vida sem resistência e luta também pode se tornar uma vida sem vivência. O projeto de uma vida infinita, por sua vez, pode tirar o caráter de unicidade da existência, tornando-a monótona e vazia. Se observarmos com atenção, todas as consequências da utopia biomédica já estão presentes no jeito de viver da sociedade industrial e a mesma indústria médica e farmacêutica fabrica dezenas de novos psicofármacos para combater a sensação de vazio com a qual as pessoas vivem. Por isso, proporcionalmente à concretização das grandes metas biomédicas de nossa sociedade, acontece a dissolução das motivações éticas que a princípio impulsionavam estes mesmos projetos. No fundo, todo progresso médico acaba se voltando para a potencialização humana no mercado de trabalho e o mercado de trabalho se torna cada vez mais desumano.<sup>231</sup>

Paralelamente ao caso do pastor o episódio apresenta uma paciente do Dr. Wilson que, acometida por um câncer, não apresenta melhora. Em sua conversa com o oncologista, ela diz que tem vivido a angústia de não saber até quando viverá e, por isso, não saber se verá novamente aquilo que é cotidiano se repetir: a mudança de estações, o aniversário de pessoas próximas e os próprios planos que ela fizera para sua vida. É exatamente nesta personagem que se pode perceber um sentido diferenciado das questões que o episódio aborda: o clamor desta mulher é pela justiça de poder ter perspectivas e dar sentido para a própria vida. Sua angústia e seu desencanto diante do que está vivendo expressam quase que um luto

---

<sup>229</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 167-169.

<sup>230</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 171.

<sup>231</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 172.

antecipado por tudo aquilo que ela não chegará a ser. Por isso, uma virada narrativa se dá quando o jovem pastor, perambulando febril pelo corredor do hospital, acaba encontrando esta paciente e, entrando em uma espécie de transe espiritual, anuncia que ela está curada. O fato parece se confirmar quando, posteriormente, ao receber novos exames de sua paciente, o Dr. Wilson constata que o tumor havia regredido significativamente: o oncologista chega a reclamar com House, pelo fato do paciente dele ter dado falsas esperanças à sua paciente que, segundo ele, já estava lidando bem com a proximidade de seu final. Obviamente, House fica bastante incomodado com este fato e também pede a Wilson que proíba o contato dela com o pastor. Junto a este fato ocorrem também algumas *adivinhações* do pastor quanto a situações corriqueiras ou sigilosas da equipe médica: desde uma desavença entre o Dr. Foreman e a Dr.<sup>a</sup> Cameron, até o fato de House não ter convidado Wilson para jogar pôquer em sua casa. Tudo isso é abordado pelo paciente sem ninguém lhe ter dito nada. Para House, há algum elo perdido nesta corrente.

House começa a esclarecer o caso quando descobre que Wilson vinha tendo um caso amoroso com a paciente cancerosa. Por consequência, Wilson relatava a ela tudo que acontecia no cotidiano do hospital. Como a paciente estava diariamente conversando com o pastor, após sua suposta cura, ela acabara lhe falando dos pequenos fatos cotidianos que envolviam a equipe médica. Seguindo a lógica destes acontecimentos, House chega a um diagnóstico conclusivo sobre a enfermidade do rapaz: de início lhe havia chamado atenção o fato do jovem tomar muita água, continuamente. O pastor lhe havia dito que gostava de purificar o organismo e, para o médico, souu estranho alguém que se considerava tão puro diante de Deus ter tanta preocupação com a purificação de seu corpo. Juntando estas pistas, House descobre que ele era portador de uma doença venérea e a transmitiu para a outra paciente, o que fez o tumor dela regredir. Bastante importante, por isso, é a sequência em que House vai ao quarto do rapaz e o encontra pronto para ir embora, alegando que Deus lhe dissera para não permitir que nenhum outro exame ou procedimento fosse realizado nele. Junto está o pai do paciente, que sempre o acompanha e é seu grande incentivador nas atividades da igreja. Como o paciente é menor de idade, House, acompanhado por Wilson, apela ao pai para que ordene a seu filho que faça o novo exame, o que é recusado veementemente pelo jovem pastor. No diálogo que se segue, chega-se a uma importante questão a respeito da fé.

Pastor: *Não vou mudar minha opinião. Chega de testes. Deus sabe o caminho.*

House: *Você ajudou aquela mulher lhe passando um vírus.*

Pastor: *Ela está curada. Eu tenho um dom.*

House: *Não tem dom nenhum. Você tem encefalite herpética. Você a contagiou coçando uma ferida e tocando nela.*

Pai: *Herpes se pega fazendo sexo, certo?*

House: *Ou por feridas de frio. Seu filho pegou fazendo sexo.*

Pastor: *Não. Não tenho feridas. Meu corpo está limpo.*

House: *O herpes se esconde. Durante a crise ele vai e volta.*

Pastor: *Pai, eu nunca...*

House: *Já se perguntou por que um filho perfeito de Deus fica tão desesperado para purificar o corpo, a ponto de tomar muitos litros de água por dia?*

Pastor: *Pai, tenha fé em mim.*

Pai: *Tenho fé em Deus. Em você eu confio, tanto quanto se pode confiar em um adolescente. Deixe-os examiná-lo*

House: *Relaxe. Com algumas orações e Aciclovir, logo voltará a caçar carolas.*<sup>232</sup>

Neste sentido, há um claro discurso de autoridade por parte do personagem para encobrir uma verdade que ele camuflava: ele mantinha relações sexuais com várias das fieis de sua igreja que o procuravam em busca de oração, aconselhamento e ajuda. É exatamente na negação destas contradições que acaba se encontrando o mal que quase tira a vida do pastor. Como o pastor se apresentava de forma messiânica, tudo aquilo que ele fazia estava automaticamente justificado, mesmo que ele realizasse exatamente aquilo que ele publicamente condenava. Este modelo religioso aliena a experiência religiosa da totalidade da vida e, pode-se dizer, chega ao seu cúmulo quando promove coisas como rituais de cura e exorcismo, querendo comprovar, com isso, ser portadora de uma verdade absoluta. Sua grande perversidade é a demonização da dúvida diante daquilo em que se crê. Tal prerrogativa só tem sentido quando a fé é entendida como crença em alguma coisa, pois aí dúvida e fé são realmente irreconciliáveis. A compreensão de fé como estar tomado por aquilo que nos toca incondicionalmente, porém, torna a dúvida um elemento necessário da fé. Esta dúvida, porém, não é a de caráter metódico ou dedutivo, referente a fatos ou consequências lógicas, uma vez que toda teoria cientificamente construída apresentará uma margem de dúvidas: a dúvida que integra o processo da fé é de caráter existencial, pois, no âmbito da fé, a certeza que se tem é a de se estar diante da incerteza. Por isso, não se deve entender a dúvida como rejeição da fé, mas como polo que, juntamente à fé em si, determina o estado interior de uma pessoa possuída pelo incondicional. A dúvida, assim, é confirmação da fé, comprovando sua seriedade e a incondicionalidade de sua perplexidade. Fé libertadora é aquela que traz a dúvida como parte integrante, pois é certeza na medida em que se volta para o infinito e

---

<sup>232</sup> HOUSE X Deus. In: HOUSE - SEGUNDA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por John F. Showalter. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 19.

dúvida ao ser experimentada por um ser finito. O caráter dinâmico da fé, por isso, mostra-se na integração das incertezas, que devem ser suportadas corajosamente.<sup>233</sup>

Na sequência final do episódio, o jovem pastor vai ao encontro de House no consultório deste para despedir-se:

House: *Entre.*

Pastor: *Meu pai mandou vir pedir desculpas.*

House: *Continua ouvindo as vozes?*

Pastor: *Você tem sorte. Vive com a certeza de que o que faz é certo. Sei como isso é reconfortante. Boa sorte.*<sup>234</sup>

Ao acompanhar a série como um todo, sabe-se que as certezas de House são limitadas e que o drama do médico se encontra exatamente no extremo oposto do pastor. Se o jovem religioso precisa de um ato de vontade para não deixar que sua razão lhe traga dúvidas a respeito do que crê, House sabe que geralmente sua razão o guiará a um vazio de sentido, afinal de contas ele acredita que *todo mundo mente*. House encara a vida ceticamente: não afirmando nada, nega toda certeza, chegando ao limite do desespero e ao cinismo. Esta atitude tem como fruto uma indiferença que liberta de quaisquer compromissos e esta impossibilidade de chegar à verdade revela, na verdade, uma paixão infinita pela verdade.<sup>235</sup> É a respeito disso que se trava o último diálogo da história. Finda a conversa com o pastor, House conversa com Chase e Wilson. O placar marca três pontos para Deus e dois pontos para House.

House: *Não vai marcar meu último ponto?*

Chase: *Sabia que era eu?*

House: *E quem mais?*

(Chase marca mais um ponto para House, deixando-o empatado com Deus)

House: *Não deveria tirar um ponto de Deus?*

Chase: *O tumor regrediu.*

House: *Por causa do vírus.*

Chase: *Mas ela tinha que ter o câncer certo, ele tinha que ter o vírus certo, a exposição...*

House: *Ela ganhou na loteria.*

Chase: *Você diz isso, Deus diz milagre.*

House: *Deus fez o garoto transar, depois coçar a ferida, tocar o rosto da mulher e lhe dar mais uns meses. Deus é outro mentiroso e manipulador.*

Wilson: *Mas não tão perfeito quanto você. É possível acreditar em algo e não conseguir viver à altura da crença.*

House: *Como está a sua namorada?*

Wilson: *Ela conseguiu um tempo extra. Não muito.*

House: *Ela não se abalou?*

<sup>233</sup> TILLICH, 1974, p. 15-19.

<sup>234</sup> HOUSE X Deus. In: HOUSE - SEGUNDA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por John F. Showalter. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 19.

<sup>235</sup> TILLICH, 1974, p. 17.

Wilson: *Não. Prefere acreditar em algo mais poderoso do que ela.*

House: *Ela ainda acredita...*

Wilson: *É a fé. Ela vai para Florença.*

House: *Vai sair da casa dela?*

Wilson: *Vou.*

House: *Vai voltar a morar comigo?*

Wilson: *Acho que não é uma boa ideia.*

House: *Mas nós estamos bem.*

Wilson: *House, você é... Você é exatamente do jeito que Deus o fez.*<sup>236</sup>

O fato da paciente de Wilson realizar uma viagem para Florença é bastante significativo. No início do episódio, ao conversar com ela, o oncologista tenta convencê-la a viajar e ela responde negativamente, alegando que, no estado em que se encontrava, aquela não seria a viagem com a qual havia sonhado. Agora, apesar de seu estado, ela resolve viver a experiência de viajar e isto pode ser identificado como fé: a paciente coloca-se na perspectiva de uma realidade maior que sua morte e não apenas na espera de uma cura milagrosa. Possuída por um novo gosto de viver, começa a experimentar a eternidade.

### 4.3 Deus não é uma alucinação

Tendo abordado no tópico anterior o problema de uma experiência de fé que se afirma na negação da dúvida, queremos agora desenvolver aquilo que se encontra no outro extremo: a desilusão com aquilo que se professa e a conseqüente falta de significação para a vida. O episódio *Infidel*<sup>237</sup> apresenta o caso de um sacerdote católico que vai parar no hospital após sofrer uma alucinação. No *teaser* de abertura, conhece-se este personagem limpando e organizando um refeitório onde se realiza a distribuição de alimentos e roupas para moradores de rua. Após entregar um casaco para um último morador que lhe bate à porta, o personagem se recolhe a um dormitório. A linguagem visual da seqüência não permite perceber que o ambiente é o interior de uma igreja e nem que aquele personagem seja um sacerdote. Isto só fica claro quando ele, já no dormitório, bebendo uma garrafa de uísque e apresentando uma

<sup>236</sup> HOUSE X Deus. In: HOUSE - SEGUNDA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por John F. Showalter. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 19.

<sup>237</sup>INFIEL. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por David Hoselton. Dirigido por Greg Yaiatane. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 15.

exaustão profunda, retira seu casaco e deixa aparente um *colarinho romano*. Nisso, ele escuta batidas em sua porta. Primeiramente, ele grita, de onde está, para que a pessoa vá embora. Como há insistência ele resolve atender a porta e, ao abri-la, surpreende-se com o que vê, dizendo: *Isto não tem graça*. Diante dele está alguém caracterizado como o Cristo crucificado: um homem seminu, com uma coroa de espinhos e feridas aparentes em suas mãos e seus pés, além da marca de açoites por todo corpo. Este homem responde: *Ninguém está rindo, Daniel*. Nisso, Daniel repara que o homem está flutuando, acima do chão. Encerra-se o *teaser*.

Aturdido com a visão, Padre Daniel procura o *Princeton-Plainsboro Teaching Hospital*, sendo atendido no pronto-socorro pela Dr.<sup>a</sup> Cameron. Aparentemente seu estado não apresenta nenhuma gravidade, sendo compreendido como alucinação em decorrência do alcoolismo. House, porém, tem sua atenção despertada por aquilo que a Dr.<sup>a</sup> Cameron lhe relata: que se trata de um sacerdote católico alcoólatra, que viu Jesus em uma alucinação. House fica intrigado com o fato do sacerdote considerar a visão de Cristo uma alucinação e assume seu caso, sem muita certeza de que seja algo mais sério do que algum delírio causado pelo alcoolismo. Para surpresa da equipe médica, o quadro de saúde do sacerdote começa a se agravar, sem que se tenha um diagnóstico preciso do que está acontecendo. Obviamente, o interesse de House pelo caso se redobra e ele começa sua habitual investigação da vida pregressa do paciente.

Um primeiro aspecto a ser observado neste episódio é o da problemática do *cuidado com os cuidadores*: tanto o Padre Daniel quanto House são pessoas que assumiram um projeto de vida no qual se ocupam com o cuidado e a recuperação de outras pessoas. Tanto um quanto outro lidam com este cuidado em níveis extremos e, em muitos casos, são derrotados por aquilo que combatem. Isso também faz deles seres humanos em sofrimento contínuo, explícita ou implicitamente. Nesse sentido, é bastante comum que estas pessoas desenvolvam alguns mecanismos de defesa para se protegerem dos desgastes que seu ofício acaba trazendo, refugiando-se, assim, em atitudes de negação, sarcasmo ou alienação espiritual.<sup>238</sup> Assim, enquanto House disfarça sua dor com ceticismo e sarcasmo, Daniel se refugia no alcoolismo. A questão que atormenta o sacerdote católico, porém, parece não ser apenas o desgaste no atendimento a moradores de rua. Esta situação começa a ficar clara quando o Dr. Taub e o Dr. Kutner realizam uma entrevista inicial com o paciente:

---

<sup>238</sup> Cf. HEIMANN, Thomas. DE OLIVEIRA, Roseli Margaretha Kühnrich. Cuidando de cuidadores: um olhar sobre os profissionais de ajuda a partir do conceito de cuidado integral. In: NOÉ, Sidnei Wilmar. *Espiritualidade e Saúde – Da cura d’almas ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 92.

Padre Daniel: *Eu não estava bêbado. Tomei uma ou duas bebidas.*  
 Dr. Taub: *As pessoas subestimam os efeitos do álcool...*  
 Padre Daniel: *Eu ia tomar seis. Sei como o álcool me afeta. Não foi o álcool.*  
 Dr. Kutner: *Morou em Manhattan três anos, depois um ano em Oregon, dezoito meses no Novo México, menos de um ano em Wisconsin e agora está em Trenton há seis meses.*  
 Padre Daniel: *Isso.*  
 Dr. Kutner: *Quanto mais soubermos mais poderemos ajudá-lo.*  
 Padre Daniel: *Não tem relevância médica.*  
 Dr. Kutner: *Não tem como saber se não tiver feito medicina.*  
 Padre Daniel: *Há quatro anos um jovem do grupo da minha paróquia me acusou de contato inadequado. Eu era inocente. A Igreja me transferiu por achar mais fácil para todos. Quando meus paroquianos descobriram porque fui transferido, eles ficaram... insatisfeitos. Fui transferido de novo e de novo. Como isso pode ter relevância médica?*  
 Dr. Taub: *O garoto mentiu?*  
 Padre Daniel: *Ele estava confuso.*  
 Dr. Taub: *Confuso se você o molestou ou não?*  
 Padre Daniel: *Queriam saber porque me mudei tanto. Eu disse. Me digam porque tive alucinação.*  
 Dr. Taub: *Sífilis pode explicar a alucinação.*  
 Padre Daniel: *Não sou sexualmente ativo.*  
 Dr. Taub: *Não precisa admitir que abusou do garoto. Nem sempre foi padre.*  
 Padre Daniel: *Queriu ser desde os doze anos. Virei seminarista aos dezessete.*  
 Dr. Taub: *Pode não ter sido alucinação. Pode ter visto Jesus.*  
 Padre Daniel: *Não sou louco.*  
 Dr. Kutner: *Ver Jesus faz de você um louco? Isso é estranho para um padre.*  
 Padre Daniel: *Agora é só um trabalho. O conto de fadas acabou faz tempo.*<sup>239</sup>

Ao nos propormos a desenvolver uma tese abordando sintomas de uma teologia do desencantamento, parece-nos que a situação apresentada neste episódio seja uma das mais emblemáticas nesse sentido. Se o caso da Irmã Augustine revelava o problema de uma experiência de fé moralista e o do pastor apontava para o problema de uma fé que prescindia de razão, o Padre Daniel parece representar aqueles que, dedicando sua vida a um projeto alimentado pela fé, se desiludem e caem em um vazio de sentido quase absoluto. Nesse sentido, podemos nos referir a uma situação onde as ameaças de vacuidade e insignificância alimentam uma profunda situação de ansiedade. Esta situação emerge quando o ser humano é cortado em sua capacidade criadora, ou seja, de participar criativamente e com potencial transformador das realidades onde se encontra inserido. Perde-se, com isso, a *devoção* à realidade que originalmente havia revelado a sacralidade da vida e passa-se a procurar um sentido original que supere as expressões tradicionais às quais até então se respondia e a própria realidade na qual nos encontramos inseridos. O resultado é a descoberta de que o centro espiritual que era referência para o todo da existência se perdeu, não sendo possível

<sup>239</sup> INFIEL. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por David Hoselton. Dirigido por Greg Yaiatane. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 15.

produzir uma nova espiritualidade original por conta própria. Cresce, com isso, uma ansiedade que leva ao limiar da insignificação.<sup>240</sup>

Isto é decisivo para um período no qual, igual ao nosso, a ansiedade da dúvida e insignificação é dominante. Por certo a ansiedade do destino e da morte não está ausente de nosso tempo. A ansiedade do destino foi incrementada pelo grau em que o rompimento esquizofrênico de nosso mundo removeu os derradeiros remanescentes da anterior segurança. E nem a ansiedade da culpa e condenação está faltando. [...] Os séculos de repressão puritana e burguesa dos impulsos vitais produziram quase tanto sentimento de culpa como a pregação de inferno e purgatório na Idade Média.<sup>241</sup>

Culpa, insignificação e ansiedade, sensações vividas pelo Padre Daniel e amortecidas tanto no alcoolismo quanto na aceitação das inúmeras transferências paroquiais – sem a decisão de enfrentar frontalmente o problema e resolvê-lo definitivamente – são experiências de aniquilação existencial ainda em vida. Beirando o desespero, estas atitudes anulam o significado de quaisquer projetos de vida, pois vão, aos poucos, matando possibilidades de esperança. A interpretação adotada pelo Padre Daniel é a de que este estado de vida retira todo o sentido daquilo que ele cultivava como fé e que esta, nas atuais circunstâncias, talvez não passasse de uma alucinação. Esta questão é reforçada em um diálogo posterior entre House e o sacerdote.

House: *Você é mesmo virgem?*

Padre Daniel: *Precisa me tratar. Não acreditar em mim.*

House: *Antes de tratá-lo temos que diagnosticá-lo. Não acreditar em você dificulta as coisas.*

Padre Daniel: *Eu só disse a verdade.*

House: *Você perdeu sua fé porque um adolescente se confundiu.*

Padre Daniel: *A Igreja me abandonou. Meu Deus me deixou e não consegui entender porque Ele fez isso.*

Dr. Kutner: *Deus deu livre-arbítrio à Igreja e ao garoto. O livre-arbítrio deles magoou você. Então, você é uma vítima da dádiva divina aos homens.*

Padre Daniel: *Ah, sim... Deus quer dar sentido à vida, a vida não faz sentido sem o livre-arbítrio, com o livre-arbítrio há sofrimento, Deus quer sofrimento. Cansei desse argumento antes mesmo de terminar de dizê-lo. Mesmo que eu acreditasse nisso, o que Deus está fazendo? Só coisas grandiosas? Força maior, furacões, terremotos, extermínio de inocentes? É melhor rezarmos.*

House: *Cara! Como eu queria que ele não fosse um pedófilo!*<sup>242</sup>

A formulação do personagem a respeito da suposta ausência ou apatia de Deus diante do mal remete à concepção epicurista, de uma teodiceia contextualizada em uma

<sup>240</sup> TILLICH, 2001, p. 36-37.

<sup>241</sup> TILLICH, 2001, p. 134.

<sup>242</sup> INFIEL. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por David Hoselton. Dirigido por Greg Yaiatane. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 15.

racionalidade que buscava superar a dimensão mítica. Esta formulação encontra um ambiente bastante apropriado para se disseminar na sociedade iluminista, da qual nossa sociedade é herdeira, que, idolatrando o progresso e seu consequente otimismo, relaciona a ideia de Deus com poder e lhe destitui o potencial frente ao mal.<sup>243</sup> O questionamento sobre a ausência de Deus nas realidades de sofrimento, porém, nada mais é do que o próprio clamor do Cristo crucificado e abandonado na cruz.<sup>244</sup> Este estado, se identificado em um âmbito de enfermidade psíquica, revelará que o Padre Daniel carregava sobre si o peso da lei a que se submetia eclesialmente e que acabou se tornando também um prisioneiro de seus atos e suas obsessões. Existencialmente, o personagem encontra-se em uma espécie de círculo diabólico, adentrando cada vez mais em uma sistemática regulada pela morte, na qual até as melhores intenções resultam nas piores consequências.<sup>245</sup>

Do ponto de vista médico, a morte representa um desses labirintos diabólicos, que leva a cabo negativamente os pressupostos ciclos reguladores da vida, entre respiração, cérebro, coração e circulação sanguínea. Este processo conduz à morte apenas quando o mesmo processo de reação pode chegar até o fim. O que significa que toda interrupção do ciclo diabólico detém a morte. (tradução nossa)<sup>246</sup>

Na intenção de simbolizar este estado, o desenrolar da história mostra que, na medida em que o quadro de saúde do sacerdote se agrava, surgem sintomas que, à semelhança da hanseníase, começam a deteriorar partes de seu corpo. Interessa-nos, por isso, perguntar pela qualidade de experiência de fé que o personagem está vivendo, o que nos remete à pergunta de Tillich frente a situações como estas: Existiria alguma força ou coragem capaz de superar este estado, uma vez que ansiedade, culpa e insignificância reduzem tudo a um vazio de sentido? Há de se considerar, nesse sentido, que, em muitas circunstâncias, se opta, em estados como este, pelo salto da dúvida à certeza dogmática ou à adoção de símbolos e rituais que ofereçam alguma margem de segurança.<sup>247</sup> De certa forma, são estas atitudes que identificamos na religiosa e no pastor, descritos anteriormente: para ela, a incorporação a uma congregação religiosa apagava seu passado; para ele, uma fé sem dúvidas justificava seus atos. No ceticismo do Padre Daniel, porém, por mais estranho que pareça é que se encontra uma possibilidade de encontro com esta força de superação.

<sup>243</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 190-191.

<sup>244</sup> Ver o capítulo 2, seção 2.2.1.

<sup>245</sup> MOLTMANN, 1975, p. 400-402.

<sup>246</sup> MOLTMANN, 1975, p. 404.

<sup>247</sup> TILLICH, 2001, p. 135-136.

Só há uma resposta possível se não se tenta escapar à questão: a saber, que a aceitação do desespero é, em si fé, e está na linha divisória da coragem de ser. Nesta situação a significação da vida é reduzida ao desespero sobre a situação da vida. Mas, tão longe quanto este desespero é um ato de vida, ele é positivo em sua negatividade. Falando cingidamente, pode-se dizer que é verdadeiro para a vida ser cínico a respeito dela.<sup>248</sup>

Assim, o desencantamento do Padre Daniel quanto à maneira como havia vivido sua fé até então – desencantamento esse que o torna praticamente um *irmão espiritual* de House – o leva a outra categoria de experiência de fé. Se fé é deixar-se possuir por um horizonte absoluto, que se apresenta como *fascinosum e tremendum*, Daniel parece estar vivendo uma aniquilação existencial e, do meio de sua angústia, se perguntando pelo *silêncio de Deus*, que lhe parece indiferente ao seu sofrer. Se o sacerdote é o grande paradigma desta questão, outros personagens vivem uma situação semelhante no decorrer da história. Temos, por exemplo, o Dr. Foreman e a Dr.<sup>a</sup> Thirteen, que, recebendo um ultimato de House, precisam decidir entre terminar seu namoro e continuar na equipe ou continuar namorando e serem demitidos. Com isso, um personagem precisa depositar total confiança no outro e cada um dos dois acaba fazendo um sacrifício pessoal em nome de sua relação e de sua carreira. Ao mesmo tempo, a chefe de House, Dra. Cuddy, convida o médico para participar da cerimônia de apresentação de sua filha na Tradição Judaica, sendo rebatida por House, que diz ser este tipo de cerimônia uma demonstração de hipocrisia. Todas estas situações estão interligadas ao sentimento de desilusão do sacerdote: ele se sente abandonado por Deus, em função da acusação que levantaram contra ele e dos contínuos sofrimentos que vem tendo desde então. Não é à toa que, quando feridas aparecem na pele dele, House o compara a Jó.

Com sua saúde cada vez mais frágil, o sacerdote começa a apresentar sintomas que dão a entender que ele está aidsético. Diante dessa possibilidade, a equipe procura o jovem ao qual o sacerdote se referira para lhe pedir que faça um exame de HIV. Se houvesse confirmação deste quadro, se confirmaria também a culpa do sacerdote e o caso estaria encerrado, fechando o ciclo infernal ao qual Daniel se encontrava preso. O rapaz é localizado pelo Dr. Taub e, de início, fecha-se a qualquer diálogo a respeito do ocorrido entre ele e o Padre Daniel. Depois, relutante, vai ao hospital e encontra-se com o sacerdote, em uma cena visualmente tocante: ajoelhado ao lado da cama, ele recebe o perdão e a bênção do sacerdote, já em estado grave de doença. Não há, porém, nenhuma confissão por parte dos dois, apenas uma troca de olhares e um pranto em comum. Como a suposição da AIDS, porém, vem do

---

<sup>248</sup> TILLICH, 2001, p. 136.

conjunto de sintomas que o paciente apresenta e nem o sacerdote, nem o adolescente permitiram a realização dos exames para confirmar a doença, a equipe não tem total certeza do diagnóstico. É então que, conversando com Wilson a respeito de ir ou não à cerimônia de apresentação da filha da Dr.<sup>a</sup> Cuddy, House acaba tendo um *insight* do que está acontecendo: se nem todos os sintomas fossem, necessariamente, sintomas, a eliminação de um deles comporia o quadro de outra doença, bem diversa da AIDS.

Wilson: *Pensou melhor sobre a Cuddy?*

House (sem tirar os olhos do quadro onde escreveu os sintomas do Padre Daniel): *Não. Mas sinta-se à vontade para tagarelar.*

Wilson: *Criar uma criança sozinha é assustador. Ela está fazendo o que você faz, o que todos fazem: tentando evitar o sofrimento.*

House: *A religião não é o ópio do povo. É o placebo do povo. Se não acha hipócrita...*

Wilson: *Não acho nada. Estou tentando lhe dar um motivo racional para perdoar a hipocrisia dela e não se sentir hipócrita por ir.*

House (irônico): *Desculpe. Prossiga.*

Wilson: *Muito bem. Mesmo que exista uma verdade absoluta, não sabemos de tudo. Não pode condená-la por reconhecer isso.*

(House olha fixamente para o quadro, levanta-se e começa a cobrir os sintomas lá escritos com uma pasta)

Wilson: *Está eliminando sintomas?*

House: *Não dá para saber de tudo.*

Wilson: *Isso aqui é medicina, não metafísica.*

House: *A verdade é a verdade (House apaga a palavra alucinação). Faz sentido.*

Wilson: *Não faz sentido! Não pode eliminar um sintoma.*

House: *Posso, se não for sintoma.*

Wilson: *E o que é, então?*

House: *Não é um sintoma.*<sup>249</sup>

Assim, entre todas as reações orgânicas apresentadas pelo sacerdote, House se convence de que uma delas não era integrante do ciclo de enfermidade que ele estava tentando compor para chegar ao diagnóstico. E o único sintoma que, aos olhos do médico, poderia ser falso era exatamente aquele que fizera Daniel procurar ajuda: aquilo que, até então, todos consideravam uma alucinação, ou seja, o Cristo Crucificado-Ressuscitado que batera à porta do clérigo. A figura que se colocou diante dele naquela noite não seria, então, um produto de sua mente ou uma consequência de seu alcoolismo: era, sim, o símbolo mais fiel e misterioso da vida daquele homem, que se fizera discípulo de um condenado. E é esta revelação que coloca por terra quaisquer argumentos a respeito da ausência ou da apatia de Deus diante do sofrimento causado pelo mal. Em uma perspectiva cristã, e este é o caso do personagem, a fé é compreendida naquilo que é revelado em Cristo e admitir que o crucificado é o Cristo confere outro sentido para a compreensão de fé e da própria identidade humana.

<sup>249</sup> INFIEL. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por David Hoselton. Dirigido por Greg Yaiatane. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 15.

Deus não se fez homem segundo nossas idéias de humanidade. Se fez homem de um jeito que não queremos ser, como um rechaçado, maldito, crucificado. *Ecce homo!* Eis o Homem! Isto não é uma sentença através da qual podemos deduzir e confirmar nossa humanidade, embasada na idéia de que os iguais conhecem seus iguais, mas é uma profissão de fé, que reconhece a humanidade de Deus no Cristo desumanizado da cruz. [...] O rebaixamento até a morte na cruz corresponde à essência de Deus na contradição do abandono. Se a Jesus crucificado se chama *imagem vivente do Deus invisível*, isto significa: este é Deus e assim é Deus. Deus não é maior que este rebaixamento. Deus não é mais glorioso que esta entrega. Deus não é mais poderoso que esta impotência. Deus não é mais divino que esta humanidade. (tradução nossa)<sup>250</sup>

Assim, descartando a alucinação como sintoma, House chega ao diagnóstico: o sacerdote seria portador de uma enfermidade genética que causa baixa imunidade. Ao mesmo tempo em que esta enfermidade era facilmente tratável, ela o eximia da culpa de abuso sexual.

House: *Você não vai morrer. Você tem a Síndrome de Wiskott-Aldrich. Enfraquece o sistema imunológico, deixando-o suscetível aos sintomas da AIDS sem ter AIDS. E você não pegou. Você nasceu com isso. Outra dádiva de Deus.*

Padre Daniel: *Tem certeza?*

House: *O exame deve confirmar. Explica todos os sintomas: o dedo, o peito, os olhos e a pele (Daniel teve um dedo necrosado, apresentou feridas em seu peito, que evoluíram para feridas em todo seu corpo e perdeu a visão de seu olho direito).*

Padre Daniel: *E a alucinação?*

House (sem muita firmeza): *O uísque explica isso.*

Padre Daniel: *Foi apenas coincidência?*

House: *Coincidências acontecem.*

Padre Daniel: *Foi essa coincidência que me trouxe aqui.*

House: *Você prometeu que não faria isso...*

Padre Daniel: *Einstein disse: "As coincidências são o jeito de Deus permanecer anônimo".*

House: *Uma mulher na Flórida disse: "Estou vendo Jesus no meu sanduíche de queijo".*

Padre Daniel: *Você nem achou que eu estivesse doente.*

House: *O fato de eu ter errado não é uma prova de que Deus exista.*

Padre Daniel: *Só quero entender como minha vida vira de ponta-cabeça num único dia.*

House: *Não se preocupe. Sua vida já vai voltar a ser chata. Tudo que aconteceu com você tem uma explicação racional.*

Padre Daniel: *Eu sei. É que são muitas coincidências.*<sup>251</sup>

Talvez este seja o episódio mais emblemático para reconhecermos uma teologia do desencantamento: o personagem que é tratado por House traz em si boa parte da problemática de descrédito e vazio de sentido que instituições religiosas parecem viver em nosso tempo. Ao observarmos a trajetória de Daniel como alguém que, em plena juventude adere a uma

<sup>250</sup> MOLTMANN, 1975, p. 284-285.

<sup>251</sup> INFIEL. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por David Hoselton. Dirigido por Greg Yaiatane. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 15.

proposta de vida consagrada, é ordenado como sacerdote, assume a liderança de comunidades e se coloca entre os jovens, para depois passar por uma experiência de queda vocacional, na qual aquilo que era assumido com coragem e alegria se torna um fardo quase que insuportável, podemos nos perguntar a respeito de uma possível e necessária renovação de processos por parte destas instituições. Um fator importante, neste contexto, é o desenvolvimento de um senso de integralidade, superando a ideia de que a experiência religiosa seja exclusivamente uma vivência de conforto e consolo diante das dores e crises da vida. Por isso, o fato de House não considerar mais a aparição de Cristo como alucinação é o ponto central do episódio, uma vez que tudo parece ficar claro a partir desta experiência: foi a suposta alucinação que levou o sacerdote ao hospital, onde acabou sendo tratado por House e resolvendo as questões que há muito o afligiam. Teologicamente falando, é como se, naquele momento de profundo sofrimento e desilusão do clérigo, o próprio Cristo se apresentasse a ele em solidariedade, acompanhando-o em sua árdua jornada de redenção.

Na História da Salvação, em que Deus vai refazendo os laços de relação dEle com sua Criação, o ponto central é a encarnação do Filho, que se torna *Deus conosco*, como antecipação do cumprimento das promessas salvíficas.<sup>252</sup> Assumir a carne humana, para Deus, poderia parecer, à primeira vista, demonstração de força e poder: Deus poderia andar entre nós sem que o percebêssemos para depois nos acusar de todos os pecados que escondemos em nosso cotidiano. A fé cristã, porém, afirma o contrário, pois o *Cristo de Deus* faz a experiência de esvaziamento, tornando-se cada vez mais, em sua jornada rumo à cruz, irmão solidário daqueles que sofrem. Este *sofrer de Deus* no sofrimento humano torna a encarnação o grande ato de solidariedade na dinâmica da criação e da redenção: Deus não age de forma intervencionista, mas participativa; sua ajuda não é paternalista, mas fraterna. Só pode agir assim quem tem como ponto de partida a alteridade e, neste caso, uma radical alteridade que chega à experiência concreta de quem é radicalmente diferente.

Isto dá sentido à forma como a seqüência deste diálogo é fechada. Mostra-se um close do perfil de House, descansando sua cabeça em sua bengala, que parece aludir ao báculo pastoral: House pode ter sido, ao fazer daquele que era diferente de si o seu próximo, o pastor que resgatou e cuidou da ovelha perdida, mesmo que involuntariamente.

---

<sup>252</sup> MOLTSMANN, 2004. p. 269.

#### 4.4 Algumas conclusões a respeito da fé de Gregory House

À primeira vista, House parece rejeitar quaisquer discursos institucionalizados de fé ou práticas religiosas em geral. Agindo e pensando como um positivista, o médico parece tomar referenciais religiosos como infantilidade, afirmando que a medicina por ele praticada é que traz a real salvação – ou, pelo menos, uma boa explicação para a condenação de alguma doença irreversível. Em dois dos episódios analisados, porém, a sequência final mostra House ao piano, tocando algum tema religioso, sozinho em seu apartamento. Em *Criticado de uma forma ou de outra* ele toca *Noite Feliz*, enquanto são mostrados flashes dos outros personagens celebrando o Natal. Em *Infiel*, ele executa uma música da tradição judaica enquanto são mostradas cenas da cerimônia de iniciação da filha da Dra. Cuddy. O clima destas sequências é claramente nostálgico e bastante revelador sobre o personagem: ao mesmo tempo em que alguém obcecado pela verdade, como ele, mantém um estranhamento com supostas *verdades reveladas* das tradições religiosas, ele parece reconhecer que há algo verdadeiro e necessário em toda aquela simbologia e ritualística. House não é um ignorante quanto às religiões. Pelo contrário, ele demonstra, em vários episódios, ser um profundo conhecedor de variadas tradições. Talvez, por isso, tenha uma atitude tão contrária à adesão a estes sistemas: sabendo o significado original de muitos rituais e símbolos e observando o fato da maioria das pessoas viverem sua dimensão religiosa de forma infantilizada, ele entende este tipo de experiência como alienante e até prejudicial em alguns casos. O fato é que, consciente ou inconscientemente, House vive uma dimensão de fé em nível mais profundo: sua ironia diante da vida, seu sofrimento assumido e não disfarçado ou evitado, sua obsessão pela verdade e sua ritualização existencial solitária através da música configuram sua vida diante de um horizonte misterioso e que determina seus rumos. House rejeita expressões de fé movidas apenas pela vontade ou pelas emoções, pois, sabendo que todo mundo mente, consegue fazer a leitura das verdades às quais as pessoas são realmente fieis, mesmo que não admitam. Nesse sentido, o suposto ateísmo de House precisa ser entendido neste nível de compreensão: ao rejeitar expressões religiosas institucionalizadas ou supostas manifestações de fé que excluem o raciocínio e o senso crítico, o que ele está afirmando?

O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus. Esse símbolo está presente em todo ato de crer, mesmo quando esse ato de crer inclui a negação de Deus. Onde realmente existe o estar possuído pelo incondicional, Deus

só pode ser negado em nome de Deus. Um deus pode negar outro deus, mas o estar possuído incondicionalmente não pode negar o seu próprio caráter – o de incondicional. Nesse fato é que se encontra a confirmação daquilo que se quer dizer com a palavra *Deus*. Ateísmo, portanto, só pode ser compreendido como tentativa de rejeitar toda preocupação incondicional, o que significa, por conseguinte, rejeição da pergunta pelo sentido da vida. A indiferença diante desta pergunta de enorme pertinência é a única forma concebível de ateísmo. [...] Em todos os casos permanece de pé que aquele que nega a Deus com paixão incondicional, afirma a Deus, porque ele manifesta algo incondicional.<sup>253</sup>

Deus é símbolo de Deus, ou seja, tudo aquilo que experimentamos como incondicional acaba sendo divinizado. Deus é a palavra que nossa cultura criou para expressar esta situação. House, portanto, ao rejeitar Deus, na forma como este símbolo se apresenta no contexto do seriado – e que não deixa de ser um símbolo de nosso contexto – apresenta outro Deus, que é a própria urgência que a fragilidade da vida apresenta. O engano, por isso, é pensar que House encontra sua incondicionalidade no pensamento lógico. Este é apenas um instrumental de que o diagnologista lança mão para dar conta daquilo que realmente mexe com ele: em suas próprias palavras, *resolver quebra-cabeças*. Sua fascinação por enigmas, porém, não se encontra direcionada a quaisquer questões, mas à busca de salvação para a vida diante da ameaça da morte. Aquilo que House e sua equipe enfrentam, afinal, nada mais é do que a encarnação mais primordial do mistério do mal, que atinge o ser humano fazendo-o experimentar, no presente, sua aniquilação futura. O que House toma por enigma, então, pode remeter ao Mistério fascinante e tremendo de uma existência ressignificada na transcendência através da situação de enfermidade. Entende-se, assim, por que ele não fica à espera de milagres que, a um modo de *deus ex-machina*, resolvam o problema que a enfermidade expõe. Ao invés disso, sua atitude é de abertura à experiência de testemunhar e participar do mistério da morte, da angústia da vida e do fascínio da esperança.<sup>254</sup>

Seguindo-se por esta linha e buscando uma sistematização do que buscamos desenvolver nesta parte de nossa tese, destacamos três questões a respeito da fé que podem ser intuídas nos episódios analisados.

**- Fé e conversão não podem pressupor a negação de experiências de vida não desejáveis:** aquilo que ocorre com a Irmã Augustine parece remeter diretamente a uma fé embasada em um forte acento moral, diante da qual quaisquer atitudes que não correspondam a este modelo são vistas de forma condenatória. Entra, aqui, o imperativo de fé como integração de toda existência, diante de um horizonte incondicional.

---

<sup>253</sup> TILLICH, 1974, p. 33.

<sup>254</sup> GOSO, 2010, p. 28.

- **Uma experiência de fé que demoniza a dúvida é idolátrica:** o pastor retratado no episódio *House X Deus* exortava seus fieis a não terem dúvidas, não por uma questão de temor a Deus, mas por uma necessidade de autoafirmação. Assim, esse viés autoritário precisa ser relativizado com a acolhida de todas as perguntas e questionamentos diante do sagrado, uma vez que o humano, na fé, se lança ao risco infinito e não pode fazê-lo sem suas perguntas.

- **Aquilo que parece ser falta de fé pode ser fé em um nível mais profundo:** assumindo-se que a experiência de fé não pode ser realizada apenas em nível racional ou emocional, mas de forma extática, a situação do Padre Daniel pode ser tomada como testemunho de uma fé profundamente entranhada. O sofrer deste sacerdote mostra-se como um *sofrer em Deus* tão intrínseco que ele refaz sua jornada junto ao próprio crucificado-ressuscitado. Assim, em um contexto no qual o estado depressivo é tomado por doença, o estado do Padre Daniel e do próprio House parecem ser gritos proféticos contra uma sociedade higienista, que elimina conflitos em nome da produtividade.

Tendo estes pressupostos colocados no horizonte, passamos à última parte de nossa tese. Após problematizarmos a identidade humana e a experiência de fé pelo viés do desencantamento, queremos discutir a situação na qual todas as questões parecem encontrar seu sentido e seu fim: a perspectiva da morte e a expectativa de eternidade.



## 5 TODO MUNDO MORRE: O DESENCANTAMENTO NO FIM DA VIDA HUMANA

O episódio piloto de House se chama *Todo mundo mente*<sup>255</sup>. Nele, o diagnologista cuida do caso de uma professora, Rebecca Adler, acometida por uma enfermidade que parece lhe afetar o cérebro. Após várias tentativas frustradas de chegar a um diagnóstico e ao tratamento correto, Rebecca está à beira da morte e parece não haver nada mais a ser feito. É quando House tem um *insight* a respeito da doença que a acometia e este *insight* surge quando o médico descobre uma mentira a respeito da identidade da paciente: Wilson havia alegado que Rebecca era sua prima, para forçar House a pegar o caso. Wilson é judeu, porém, a equipe de House encontra presunto na geladeira da paciente, ao investigar secretamente sua casa. Judeus não comem presunto e, como House imaginava que a paciente era prima de seu amigo, supôs que ela fosse judia e que, portanto, não comesse presunto. E o problema era exatamente este alimento que, vencido, a fizera contrair uma verminose que estava atacando seu cérebro. A paciente, porém, após ter passado por tantas tentativas de equipe em encontrar o diagnóstico correto, recusa-se a continuar quaisquer tratamentos e quer voltar para casa. Diante da última chance de salvá-la, House vai conversar com ela.

House: *Sou o Dr. House. É um prazer te conhecer. Está sendo idiota. Você tem uma tênia no cérebro. Não é agradável, mas se não fizermos nada, vai morrer no final da semana.*

Rebecca: *Você chegou a ver o verme?*

House: *Quando você estiver melhor, eu te mostro meus diplomas.*

Rebecca: *Você também tinha certeza que era vasculite. Agora eu não posso andar e estou usando fraldas. O que este tratamento vai fazer comigo?*

House: *Não estou falando de tratamento. Estou falando de cura. Mas, como posso estar enganado, você prefere morrer.*

Rebecca: *O que te deixou manco?*

House: *Eu tive um enfarto.*

Rebecca: *Coração?*

House: *É o que ocorre quando o fluxo de sangue fica obstruído. No coração é um enfarto. Nos pulmões é embolia pulmonar. No cérebro é um derrame. Eu tive na coxa.*

Rebecca: *Não tinha nada que pudessem fazer?*

House: *Poderiam ter feito, com o diagnóstico certo. Mas o único sintoma era a dor. É raro alguém sentir a morte muscular.*

Rebecca: *Você achou que ia morrer?*

House: *Eu queria ter morrido.*

---

<sup>255</sup> TODO mundo mente (episódio piloto). In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido e produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 1. O primeiro episódio de House foi ao ar em 16 de novembro de 2004, nos Estados Unidos. No Brasil, foi exibido em 14 de abril de 2005, no canal pago Universal Channel.

Rebecca: *Então, se esconde em seu escritório, se recusa a ver os pacientes, porque não gosta de como as pessoas olham para você. Sente-se desiludido com a vida e agora quer se vingar do mundo? Mas quer que eu lute contra isso? Por quê? O que o faz pensar que sou muito melhor do que você?*

House: *Você está com medo e quer descontar em mim?*

Rebecca: *Só quero morrer com um pouco de dignidade.*

House: *Isso não existe! O organismo decai, às vezes com noventa anos, ou às vezes antes de nascermos. Sempre acontece e nunca tem dignidade nisso. Não importa se anda, enxerga ou se você mesmo se limpa. É sempre feio, sempre. Podemos viver com dignidade, mas não morrer com ela.<sup>256</sup>*

O que House descreve neste diálogo nada mais é que o princípio da entropia, que permeia cada ser vivo do planeta. É bastante significativo que isso se dê logo no episódio inaugural do seriado, pois, de certa forma, a conversa acaba revelando o tom com o qual assuntos como morte, vida e enfermidade serão abordados, bem como a que tipo de ideias a linha dramática da produção se contrapõe: inseridos em uma cultura com tendência à superficialidade e ao silêncio, não só a respeito da morte, mas da própria condição humana, alimentamos uma espécie de romantização idealizada sobre estas questões. Assim, ao invés de nos aproximarmos destas realidades, nos afastamos e as tornamos estranhas para nós.

A sociedade, podemos dizer, é uma maciça operação de acobertamento. E, ainda assim, o melhor que essa fuga já conseguiu produzir foi uma fina película de ordem, sempre perfurada, rasgada e dobrada pelo caos sobre o qual ela se estende: o caos constantemente invade a imanência suposta – o dado, o familiar, o domesticado em aparência. E a invasão é, como a própria imanência, um evento cotidiano, familiar, embora nunca de todo domesticado: manifesta-se pelo surgimento da alteridade irredutivelmente nova, radical e por uma via de destruição, aniquilamento e morte.<sup>257</sup>

Não há, portanto, dignidade na morte. Ela sempre é *feia*, não importando quando ela chegue. Isso não significa, no contexto do seriado e na perspectiva de desencantamento nele presente, que a morte deva ser acobertada, amenizada ou *embelezada* pelos parâmetros de convivência socialmente adotados. Aquilo que House tenta desconstruir na conversa com sua paciente é a domesticação de um fato que, por si só, desconstrói tudo aquilo que é conhecido. Por mais que Rebecca quisesse *morrer com dignidade*, quaisquer parâmetros de dignidade se tornariam irrelevantes frente à inevitável falência de sua dimensão corporal. A dignidade na morte de Rebecca, por isso, seria mais algo que seus entes queridos garantiriam para despedir-

<sup>256</sup> TODO mundo mente (episódio piloto). In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido e produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 1. O primeiro episódio de House foi ao ar em 16 de novembro de 2004, nos Estados Unidos. No Brasil, foi exibido em 14 de abril de 2005, no canal pago Universal Channel.

<sup>257</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 26.

se dela respeitosamente do que algo que faria alguma diferença para ela. A morte é presença encarnada do caótico em cada ser vivo, atuando como uma espécie de memória de nossa origem e nosso destino neste planeta. A entropia, destino de todo vivente, porém, pode não significar, em si, uma aniquilação completa daquilo que existe, pois o caótico, ao desestruturar o estabelecido, pode gerar novas possibilidades.

Um bom ponto de partida para abordarmos este assunto, por isso, é o fato de que o ser humano cultiva, desde os primórdios da espécie, o sonho da imortalidade: primeiramente como utopia religiosa e atualmente como possibilidade científica. Por isso, hoje, esta perspectiva nos leva a questionar se uma vida sem fim não significaria o fim da vida e se mesmo um mundo sem fim não seria o fim do mundo.<sup>258</sup> Se a entropia, conforme já abordamos, parece ser inevitável, acreditamos que seja também necessária como processo de vida ecologicamente inserida. O drama humano, diante desta realidade, é a consciência de que este fim, sendo inevitável, pode vir a anular quaisquer sentidos atribuídos à vida ao longo do tempo. Uma possível chave de leitura para esta questão, por isso, parece ser a compreensão de tempo constituída em nossa cultura através da filosofia e da teologia: levando-se em conta a categoria denominada *tempo irreversível*, compreendida a partir das experiências religiosas das três religiões abraâmicas e aplicável aos processos naturais e históricos que todos conhecemos, percebe-se o tempo em um passado irrecuperável e em um futuro ainda não alcançado.<sup>259</sup> Por este ponto de vista talvez se possa começar a compreender a maneira como House se refere à morte para sua paciente: Como ela poderia morrer com dignidade se sua vida estava sendo interrompida, aniquilando tanto sua história quanto seus projetos? Há de se levar em consideração, no caso específico, que ela se estava recusando a iniciar um novo tratamento, após várias tentativas e vários erros da equipe de House. Rebecca estava desistindo e, por isso, House a chama de *idiota*: de certa forma, a paciente estava adiantando a própria morte com sua indiferença.

Sem dúvida, a morte pode ser definida pelo falecimento de órgãos importantes para vida, mas é experienciada pelo homem no amor, que corporifica a alma e anima o corpo. [...] E, inversamente, quanto mais se esvai o interesse pela vida, menos sentimos a tristeza e a dor, porque já antecipamos psiquicamente a morte. Hoje muitas pessoas desenvolveram, com auxílio de drogas, técnicas para não ter mais que vivenciar a vida no caso da morte; técnicas de indiferença e apatia. Por isso, uma ética da vida aceita, amada e vivenciada deve, por sua vez, exercitar posturas em relação à morte e libertar a morte de seu recalque ou embelezamento.<sup>260</sup>

---

<sup>258</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 100-101.

<sup>259</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 116.

<sup>260</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 184.

Assim, nesta parte final de nossa tese, queremos levantar exatamente esta discussão: após propormos um desencantamento e, portanto, uma visão mais realista, a respeito do ser humano e de sua experiência religiosa, queremos elaborar um desencantamento a respeito da inevitável realidade do morrer, de acordo com o que percebemos de teológico no seriado. Nosso interesse por esta questão em nossa pesquisa se dá por um motivo muito simples: a realidade da morte não é nada mais do que o tema central de House. Se há algo, aliás, que marca o seriado do início ao fim é exatamente o combate obcecado de House contra a morte, com seu trabalho de diagnologista. É interessante constatar, aliás, que muitas são as vezes em que parte das situações são revertidas com o médico conscientizando seus pacientes a respeito de sua real situação e, por consequência, desconstruindo parte daquilo que eles consideram correto. De certa forma, House mata seus pacientes antes de recuperar suas vidas. Nesse sentido, ao considerarmos ter abordado satisfatoriamente estas situações ao longo da tese, desejamos discutir a problemática da morte e da escatologia a partir de um caso único: a morte do próprio House.

### **5.1 Ninguém morre com dignidade: o fim da vida é um prédio em chamas, desabando sobre sua cabeça**

O último episódio de House se chama *Todo mundo morre*<sup>261</sup> e encerra a oitava e última temporada do seriado, sendo seu 177º episódio. A história se passa, na maior parte do tempo, no interior de um prédio em chamas, no qual encontramos House deitado no chão, ao lado de um cadáver. Sendo o episódio final de todo o seriado, pretende-se pronunciar, nele, uma palavra final sobre o universo de Gregory House. Portanto, tudo o que acontece neste episódio é uma metáfora sobre a vida dele. Nesse sentido, é importante situarmos alguns fatos que se dão na última temporada do seriado e que, de certa forma, preparam o terreno para a narrativa do episódio final: No início da temporada, House está cumprindo pena por ter destruído a casa da diretora do hospital. Prestes a sair em liberdade condicional, o médico é

---

<sup>261</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22. O episódio foi exibido, nos Estados Unidos, em 21 de maio de 2012 e, no Brasil, em 21 de junho de 2012.

buscado na penitenciária pelo Dr. Foreman, que assumira a direção do Hospital-Escola Princeton Plainsboro. Ao longo da temporada, então, House vive sob a ameaça de voltar para a prisão, ao mesmo tempo em que Foreman e Wilson tentam mantê-lo sob controle. Sem dúvida, o fato mais importante que se dá neste contexto é a descoberta de Wilson de que ele próprio está com câncer. Sendo um oncologista, o melhor amigo de House sabe que seu quadro é irreversível e se recusa a fazer quimioterapia, para não viver seus efeitos colaterais. House acaba realizando uma sessão de quimioterapia forçada em seu amigo, mas os exames realizados posteriormente não mostram melhora.

*Wilson: Não farei mais quimioterapia.*

*House: Belo plano. Morrerá em cinco meses.*

*Wilson: Tentamos a cura. Não funcionou. Pensei muito no assunto. Mais cinco meses é um período razoável. Um ano no hospital, morrendo de dor... Não é.*

*House: Com duas semanas de quimio e duas de intervalo, você terá bem mais que um ano. Talvez dois ou três.*

*Wilson: House... Sinto muito.*

*House: Não vou deixar você simplesmente morrer!*<sup>262</sup>

Restam, assim, cinco meses de vida para Wilson e esta perspectiva acaba levando House a, aos poucos, perder o pouco controle que vinha mantendo sobre seus impulsos. Temendo algo mais sério, Foreman compra ingressos para uma temporada inteira de corridas no jôquei clube e os dá de presente a House, convidando-o a irem juntos assistir. As corridas acontecerão um mês após o *prazo final* da sobrevida de Wilson. Com o desenrolar dos fatos e a recusa de Wilson em realizar o tratamento, House acaba jogando o pacote de ingressos dentro de um vaso sanitário do hospital, causando uma inundação. O ato é entendido como vandalismo pela justiça e o médico tem sua liberdade condicional revogada, devendo voltar para a prisão e cumprir seis meses de pena. Um mês a mais que a sobrevida de Wilson.

Assim, no último episódio, House encontra-se frente a este dilema, pois se havia comprometido com seu amigo em acompanhá-lo em seu tempo final. Para driblar a justiça, ele tenta um acordo com Foreman, propondo-se a pegar vários casos de alto risco ao mesmo tempo – com pacientes dependendo da atuação do médico para sobreviver, a justiça não poderia colocá-lo na prisão e com o próprio Wilson, propondo que seu amigo assumisse a responsabilidade pela inundação. Segundo House, o fato de Wilson ser um paciente terminal de câncer o livraria da prisão. Estas tentativas, porém, não surtem resultado e, cada vez mais, House fica sem opções. Aparece, nesse contexto, um paciente que House descobre ser viciado

---

<sup>262</sup> A ESCOLHA. In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por Garret Lerner, Russel Friend e David Foster. Dirigido por Michael Sapochnik. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 21.

em heroína e que, devido a diversos fatores, estava com sua saúde agravada a um ponto irreversível. De certa forma, este personagem funciona como um espelho para House: corretor da bolsa de valores e com uma vida familiar bem sucedida, ele tornou-se viciado em heroína após um acidente.

House: *Sente-se melhor?*

Paciente: *Não vou parar de usar drogas.*

House: *Você era corretor de valores. Filho de um corretor de valores. Casado e com filhos.*

Paciente: *E eu era infeliz.*

House: *Você diz que era infeliz porque precisa justificar o vacilo.*

Paciente: *Só que não vacilei. Digo, vacilei. Mas não estou infeliz. Não mais. Me lesionei esquiando e os analgésicos não resolviam. Um amigo me deu heroína. Assim que entrou nas minhas veias, parecia que Deus havia se apossado do meu corpo. Parecia não haver dor nem tristeza na minha vida, nem na de mais ninguém.*

House: *Mas aí, você perdeu tudo.*

Paciente: *Porque a realidade é que é uma bosta.*<sup>263</sup>

De certa forma, House começa a compreender a própria situação na conversa com esse paciente: sua dor física, ampliada existencialmente, deixara a realidade insuportável, até o ponto em que não havia mais saída. Após este diálogo, surpreendentemente, o paciente se oferece para assumir a culpa no lugar de House, mas o médico acaba descobrindo que o mal que afetava o paciente era outro. Após uma cirurgia, o paciente não corre mais risco e House ainda está com seu dilema. É então que o médico encontra uma solução inusitada para seu problema: já que a realidade não responde mais à vontade dele, ele resolve fugir da realidade. Indo ao encontro de seu paciente no lugar em que este se costumava drogar, House pretende utilizar heroína para aliviar sua tensão. O prédio, porém, acaba por incendiar-se e o paciente é encontrado morto. Sem heroína, a decisão de House é permanecer lá e morrer.

Ao identificarmos a realidade da morte com um prédio que desaba sobre aqueles que estão em seu interior, é inevitável que nos remetamos à alegoria da casa construída sobre a areia e da casa construída sobre a rocha<sup>264</sup>: a primeira desaba quando chega a tempestade – e grande é a sua ruína – e a segunda permanece de pé. A diferença entre as duas casas são as bases sobre as quais elas são construídas. A casa construída sobre a areia simboliza aqueles que ouvem a Palavra e não a põem em prática; a casa sobre a rocha, pelo contrário, representa os que ouvem a Palavra e a põem em prática. Se, no contexto dos Evangelhos, ouvir e praticar a Palavra traz o significado de nortear a existência pela dimensão kenótica do amor – pois a Palavra é Cristo e esta é sua práxis – precisamos perguntar sobre a palavra segundo a qual

<sup>263</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>264</sup> Lc 6, 46-49.

vive Gregory House e se esta palavra se revela como rocha ou como areia. Aliás, cabe questionar o que seria rocha e o que seria areia em nosso contexto atual.

Conforme já analisamos nos dois capítulos anteriores, House apresenta-se como uma figura estética que reúne em si algumas características e anseios da humanidade de nosso tempo, ao mesmo tempo em que se contrapõe a modelos culturalmente instituídos e aceitos dentro do que se convencionou como normalidade. Como ser humano, House rejeita padrões deontológicos, erigindo sua ética a partir das necessidades apresentadas por seu próximo – principalmente aqueles que se encontram em situação de sofrimento. No âmbito transcendente, House assume sua dor e sua miséria existencial, questionando e rejeitando expressões de fé que alienam as pessoas daquilo que a realidade lhes exige. Por isso, de certa forma, ao longo do seriado, House foi a tempestade que causou a ruína de várias casas erigidas sobre a areia. Mas, e ele? Como aquilo que ele sempre afirmou e defendeu como postura existencial resiste à tempestade final que se abate sobre sua existência?

Uma boa chave de leitura para esta questão pode ser a constatação de que a situação vivida por House nesta história derradeira foi contada, na verdade, ao longo de todo o seriado. A vida do médico sempre esteve em colapso – pelo menos desde o episódio ocorrido com sua perna – mas esta situação sempre era amenizada por sua atitude irônica e pelas altas doses de *Vicodin*. De um jeito ou de outro, House construiu seu prédio existencial e é ele que desaba, neste momento, atingido por toda a ansiedade que o médico foi acumulando ao longo de sua vida. Há, porém, outro fator importante neste jogo simbólico: mais do que simbolizar a situação de House, acreditamos ser este prédio que desaba, tomado pelas chamas, um símbolo coerente com a identidade do ser humano de nossa época. Alimentando uma identidade balizada por uma série de regras e supostos valores estabelecidos para a manutenção do *status quo* e vivendo uma fé moralista e supersticiosa, que acaba servindo como fuga das dimensões mais profundas e desafiadoras da realidade, os homens e as mulheres que chegaram ao Século XXI têm, na finalização de sua existência, uma verdadeira ruína do construto que ergueram ao longo do tempo. Importante, por isso, é a análise desta questão à luz daquilo que Tillich evoca como ansiedade diante do destino e da morte: a incerteza do futuro irmanada com a certeza do morrer.

O medo da morte determina o elemento de ansiedade em cada medo. Ansiedade, caso não modificada pelo medo de um objeto, ansiedade em sua nudez é sempre a ansiedade do derradeiro *não-ser*. Num sentido imediato, ansiedade é o sentimento penoso de não ser capaz de resolver a ameaça de uma situação especial. Porém, uma análise mais exata mostra que na ansiedade referente a uma situação especial encontramos implicada a ansiedade referente à situação humana como tal. É a

ansiedade de não ser capaz de preservar o próprio ser, que jaz sob cada medo e constitui nele o elemento assustador.<sup>265</sup>

O que House vive nesta situação final é expressão da grande ansiedade de fundo ontológico que toda a humanidade experimenta a respeito do destino e da morte. Nesta situação, o ser humano tem claro, diante de si, todas as contingências que determinaram sua existência ao longo do tempo e que, de contingência em contingência, tudo que ele fez foi aproximar-se mais de seu fim definitivo. Mais do que isso, é um dar-se conta de que estas contingências podem não ter uma causa de fundo, mas que, dadas pelas circunstâncias da vida, nem sempre apresentarão um sentido final, ao qual possamos responder. Nesse sentido, na medida em que nosso destino supostamente se realiza, mais se revelam as contingências às quais estamos presos e, por trás delas, cada vez mais claro transparece o inevitável destino final do *não-ser*. Há possibilidade, sim, de nos rebelarmos contra esta situação, ao identificarmos as principais causas de nossas ansiedades e lutarmos contra elas. Esta luta, porém, pode apenas reafirmar a inevitabilidade da contingência final de tudo o que vive, pois o que produz a ansiedade não são as circunstâncias, mas a condição humana em si. Assim, se esta situação humana é simbolizada no prédio que desaba, é preciso perguntar por alguma possibilidade de atitude existencial que supere, inclusive, o destino inevitável da morte.<sup>266</sup>

## 5.2 Conversando com os fantasmas existenciais: a recapitulação de todas as coisas

House foi parar no interior do prédio por causa de uma promessa: acompanhar seu melhor amigo em seus últimos dias de vida. Sua presença lá, portanto, não é uma simples fuga, pois ele já estivera na prisão e em uma clínica psiquiátrica antes. Ir até o prédio seguindo seu paciente toxicômano é praticamente um ato de desespero, diante da falência de todas as alternativas que ele teria para realizar aquilo que ele acreditava ser correto e verdadeiro para aquela situação. House prefere morrer a falhar com seu amigo. Mais do que isso: sendo alguém que sempre colocou seu raciocínio acima do bem e do mal – afinal, ele sempre encontrara a verdade através dele – House encontra-se na situação de desmonte do

---

<sup>265</sup> TILLICH, 2001, p. 30.

<sup>266</sup> TILLICH, 2001, p. 34-35.

futuro que havia planejado, por causa do passado que vivera até ali. Neste contexto, o episódio final da série acaba também elaborando uma alegoria a respeito de um fator muito importante para uma reflexão séria a respeito do morrer: a relação humana com o tempo. Como seres históricos, distinguimos passado e futuro pelo fato de vivermos o presente, que é o ponto temporal onde experimentamos o fim do que passou e o início da realização de nossas expectativas. O presente, por isso, pode ser compreendido na perspectiva da eternidade, por se fazer experiência de memória e projeto, irmanados em um instante do qual ainda não se pode ter total consciência.<sup>267</sup> Tal sensação é reforçada pela dinâmica narrativa do episódio, que ocorre em *flashbacks*, através dos quais House retoma os fatos que o levaram até ali. Esta recapitulação, porém, não acontece em uma situação de total solidão, pois, ao longo do episódio, House terá alguns interlocutores que o colocarão frente a frente com suas crenças e atitudes, levando-o a tomar uma decisão quanto ao seu fim. Seu primeiro interlocutor é aquele que apresentou ao médico um enigma sem solução: o Dr. Lawrence Kutner, que se suicidara alguns anos atrás.

[House verifica os sinais vitais do cadáver ao seu lado.]

Kutner: *Não se dê ao trabalho. Ele está morto.*

House: *Você também está morto.*

Kutner: *Mas o fogo não está. É melhor se levantar e procurar a saída.*

House: *Que eu saiba, já me levantei. Mas por que estou imaginando um ex-funcionário, que vi pela última vez com um tiro na cabeça, em vez de alguém com peitos maiores? Pode me explicar o que faz aqui?*<sup>268</sup>

Sempre pensando a partir de uma lógica cartesiana, House não tem dúvidas em tratar a aparição de Kutner como uma projeção de seu subconsciente. A questão, para o médico, é entender por que sua mente está fazendo isso, o que o leva a compreender que está novamente frente a um enigma: sua própria situação existencial. Sendo assim, a primeira pergunta a ser respondida é: Por que Kutner? Por que seu primeiro interlocutor nesta situação é o colega que, tendo se suicidado, o fez sentir-se impotente e culpado por não ter percebido o que ia acontecer? As respostas para estas perguntas aparecem na medida em que House vai se recordando dos fatos recentes que o fizeram chegar àquele lugar. A questão é óbvia, mas difícil de admitir.

Kutner: *Acho que já descobrimos porque está me vendo... O seu amigo suicida. Por que quer se matar?*

<sup>267</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 119-120.

<sup>268</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

House: *Eis um motivo: nem posso ficar doidão sem que um chato resolva me analisar a fundo. Não é uma conclusão muito simples? Serei preso, perderei meu emprego e meu melhor amigo. Preciso dizer mais?*

Kutner: *Acha que isso o resume? Médico e amigo do Wilson?*

House: *Também sou um tremendo barítono. Agora vá embora.*

Kutner: *Você é evasivo até com seu subconsciente. Morrer não é interessante. Você vive pelo que é interessante: enigmas, ideias, análises. A morte é o oposto de um enigma legal. É o nada eterno. Mas você não acha mais a vida interessante.*<sup>269</sup>

*Nada eterno* é a definição tácita de morte adotada por nossa cultura desde o advento da lógica moderna. Se, até então, se tinha na morte a saída do tempo para a eternidade e, com isso, o entendimento total da temporalidade da vida e do mundo, passa-se a viver uma lógica do *Memento mori*, segundo o qual contamos nossos dias aproveitando ao máximo a limitação de nosso tempo.<sup>270</sup> Para House esta contagem se dava na medida em que ele encontrava enigmas para resolver. Portanto, se neste momento parece não haver mais enigmas, ele pode ter resolvido o enigma final: sua vida mostrou-se uma resposta sem sentido. Perder o sentido, neste contexto, significa também perder o próprio interesse vital, ou seja, não conseguir mais se levantar e sair do prédio que desaba a tempo de salvar-se. Estar diante de um enigma cujas possíveis respostas resultam como impossibilidades, para House, é o equivalente a morrer. Na verdade, com esta atitude, House já está morto.

A pessoa estará viva na medida em que está interessada na vida e participa numa outra vida, confirmando a vida comum e abrindo-se com todos os sentidos à aventura da vida. [...] Quanto mais amarmos a vida e quanto mais perdermos a timidez, mais intensamente experimentaremos as dores da vida, as surpresas, as preocupações e a morte da pessoa que amamos. Ambas se implicam: quanto mais vivamente experimentamos a fortuna da vida, mais mortalmente será para nós a perda da vida, a morte. [...] Pode-se apresentar aqui uma contraprova: quando não se ama mais, mesmo a si próprio, quando nos tornamos indiferentes e não partilhemos nada com ninguém, morreremos. Paralisa-se o corpo vivente na apatia da alma.<sup>271</sup>

Se, diante do suicídio de Kutner, House se viu frente ao dilema de compreender os motivos que levam alguém a dar fim à própria vida, mesmo parecendo estar aberto às experiências que estas trariam, ele agora se colocará diante da culpa pela interrupção da vida de alguém. A segunda interlocutora de House, a partir de seu subconsciente, perdeu sua vida por culpa do médico, ainda que indiretamente.

<sup>269</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>270</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 129.

<sup>271</sup> MOLTSMANN, Jürgen. O que é a vida humana?. *Humanística e Teologia*, Porto, Tomo XXVIII, Fascículo ½, p. 66-87, 2007, p. 87.

Amber: *Deixe de ser idiota.*  
 House: *Me devolve o Kutner?*  
 Amber: *Por quanto tempo vai se lamentar?*  
 House: *Como é o Inferno? A unidade é o maior problema?*<sup>272</sup>

Frente à projeção subconsciente de Amber, House recorda mais detalhes do caso, principalmente a descoberta de que seu paciente era viciado em heroína. Conforme já relatamos, House tem, frente a este fato, o vislumbre de uma alternativa para acabar com toda a tensão que está vivendo.

Amber: *Está argumentando que ele é um modelo?*  
 House: *Ele está feliz.*  
 Amber: *Ele está morto. Você ouviu o que quis. O mais interessante, sempre, é porque você quis ouvir isso. Você não estava preocupado.*  
 House: *É claro que eu estava. Meu plano falhou.*  
 Amber: *O plano não importava. Nem o plano B importava. O Wilson não importava. A cadeia não importava. A única coisa que tinha alguma importância era o enigma.*<sup>273</sup>

House recorda ter descoberto o problema do paciente: ele havia inalado o pedaço de um galho acidentalmente e isto estava causando os sintomas de uma doença degenerativa. Antes desta descoberta, com o suposto diagnóstico da enfermidade que o mataria, o paciente havia se oferecido para assumir a culpa pela inundação do hospital que House causara. Ironicamente, a resolução do caso e a salvação da vida do paciente condenaram House a voltar para a prisão.

Amber: *Você está sorrindo.*  
 House: *Eu estava. Não estou mais. Porque um momento legal não nos faz esquecer um amigo morrendo.*  
 Amber: *É claro que faz, idiota. Ele vai morrer, você vai chorar e voltar a fazer o que ama.*  
 House: *Todos os pacientes que eu tive, daqui a setenta anos estarão tão mortos quanto o Wilson. Todo mundo morre. É inútil.*  
 Amber: *Quando você desvenda um enigma o mundo faz sentido e tudo parece certo. E sempre haverá outro, pois as pessoas sempre adoecem. É fútil e insignificante, mas se não se importa de idiotas viverem, por que daria a mínima para futilidade? Isso te deixa feliz. Por que precisa de mais do que isso? Vá para casa.*<sup>274</sup>

Ao longo da exibição do seriado, House criou fama de materialista e ateu. Nada mais equivocado: o médico sempre se moveu pelos enigmas que enxergava nas enfermidades que

<sup>272</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>273</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>274</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

precisava diagnosticar. Eram constantes, inclusive, os atritos com a direção do hospital causados por sua sistemática recusa em acolher casos que ele não considerasse *interessantes*. House, na verdade, pautava sua atividade médica e sua própria vida pela tentativa de se aproximar da dimensão mais misteriosa da vida: em cada diagnóstico descoberto, acontecia uma experiência de unidade existencial que, de certa forma, renovava o sentido de ser para o médico. Tal atitude pode ser identificada como a *preocupação última* de House, através da qual ele tentava superar os limites daquilo que percebia ser transitório. Assim sendo, a fascinação de House pelos enigmas pode ser reconhecida como seu ato de fé e, portanto, sua expressão de busca pelo infinito em meio à finitude. O que torna esta constatação mais interessante é o fato de, sendo um cientista cartesiano, House tentar sempre se manter como sujeito que observa um objeto. Na medida em que se aprofundava na investigação dos casos, porém, o médico sempre chegava a um ponto de intuição da verdade na qual a divisão entre sujeito e objeto era suprimida: a solução sempre estava nas verdades não ditas pelos pacientes e nas mentiras que estes sustentavam para manter suas vidas dentro dos parâmetros de normalidade do contexto social. Assim, House acabava revelando processos idolátricos presentes nas vidas de seus pacientes e colocava-os diante de verdades das quais eles não poderiam mais se ocultar.<sup>275</sup>

O drama do médico neste último episódio é colocar-se diante do enigma que sua própria vida se tornou: sofrendo fisicamente por causa de suas dores crônicas, ele foi rompendo laços afetivos até o ponto de uma total solidão, na qual sobraram apenas suas culpas e frustrações como interlocutoras. House está diante do sagrado e do demoníaco do mistério da vida e, da mesma forma que experimentou o infinito em cada caso resolvido, experimenta agora o esmagamento da finitude que se anuncia em sua iminente aniquilação. Após a conversa com Amber o médico se ergue e se dirige a uma porta. Ao abri-la, porém, encontra o outro lado tomado pelas chamas e, recuando para procurar outra via de fuga, acaba fazendo o chão ceder, caindo no andar de baixo. É neste lugar que encontrará seu terceiro fantasma existencial. Desta vez, porém, trata-se de alguém que ainda está vivo, mas que não participa mais de sua vida: sua ex-esposa, Stacy.

Stacy: *E quanto a Deus? Você estava indo embora e parou. Por quê?*

House: *Você acha que não vou embora porque acredito em Deus? Ele está me chamando?*

Stacy: *Talvez essa queda tenha sido um sinal. Talvez signifique que o universo o odeia. Alguma coisa. Você realmente não acredita? Nem mesmo num pedacinho recôndito de um canto escuro de sua mente?*

---

<sup>275</sup> TILLICH, 1974, p. 11-12.

House: *Não. Só que um pedacinho recôndito de um canto escuro está aqui me dizendo...*

Stacy: *Isto basta! Num prédio em chamas, diante da morte iminente, mais do que basta.*

House: *A aposta de Pascal é fácil.*

Stacy: *Dizer que é fácil é fácil. Por que é errado? Não seja lógico. Se desespere. Você precisa ter ao que se apegar.*

House: *Não posso viver com base em algo que não acredito.*

Stacy: *Mas pode morrer com base em algo que não acredita? E o amor? Vivi anos com você. Sei que acredita no amor.*<sup>276</sup>

Sempre que se deparava com questões ligadas à fé e a instituições religiosas, House utilizava o argumento de que, não tendo base lógica, a fé não passa de uma alienação à qual nos submetemos por um ato de vontade irracional. O problema do médico foi sempre ter reduzido fé à crença, o que, absolutamente, não é fé, conforme já dissertamos no quarto capítulo desta tese e em outros momentos. Interessa-nos, porém, explorar os motivos pelos quais House tem uma projeção subconsciente de sua esposa – que ainda está viva – perguntando-lhe por questões religiosas mais específicas.

A ex-esposa de House apareceu nos últimos episódios da primeira temporada e no início da segunda. Ela já estava em seu segundo casamento e vem procurar House para tratar seu novo marido. Através de sua presença, fica-se sabendo, ainda no início da série, o que aconteceu com a perna de House e, de relance, percebe-se que o médico tinha outra atitude diante da vida antes de ganhar suas dores crônicas.<sup>277</sup> Assim, se afirmamos que House encontrava sua dimensão incondicional ao resolver o enigma humano que se manifestava no mistério da enfermidade, pode-se intuir, agora, que o médico perdera, ao abandonar sua esposa, certa perspectiva de unidade que se tornava possível em sua vida. Por esta razão ele ouve Stacy falando primeiramente a respeito de Deus – questionando se, mesmo naquele momento, House ainda não acreditava na Sua existência – para depois associar esta questão ao amor. É preciso, por isso, desvelar as questões de fundo que são levantadas nestes que parecem ser os momentos derradeiros e, por isso, decisivos na vida do médico. Parece-nos, nesse sentido, que não se está discutindo nada mais do que a identidade de Gregory House: quem afinal ele se tornou com suas decisões, consciência e sofrimentos. No que ele acredita e no que ele deixou de acreditar. Abordar diretamente a questão religiosa, por isso, é uma pergunta sobre identidade e não necessariamente sobre prováveis esperanças de salvação diante da morte. House nunca abriu mão de suas certezas e suas certezas constituíram sua

---

<sup>276</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>277</sup> Descrevemos esta situação no capítulo 2, seção 2.1.3.

identidade: assim, a face de Deus que se revela em sua vida é a do Ser-em-si e não a de um ser *todo-poderoso*.<sup>278</sup>

O drama vivido por House no último capítulo de sua história é, sem dúvida, um símbolo possível para a perspectiva de finalização da vida nos tempos em que vivemos. Ao regular sua vida por falsos absolutos, o ser humano depara-se com grandes vazios existenciais que, ao invés de responderem às suas questões mais profundas, apenas revelam que a própria pessoa se tornou um objeto para promovê-los.

As coisas finitas, que ilusoriamente reivindicam infinitude para si, como por exemplo *a nação* ou *vencer na vida*, não tem a capacidade de superar a separação de sujeito e objeto. Aqui se trata sempre de um objeto, ao qual o crente se dirige como um sujeito. Ele o pode alcançar com os meios cognitivos comuns e com ele lidar com os métodos usuais. [...] Quanto mais a fé se transforma em idolatria, menos ela consegue superar a separação entre sujeito e objeto. Pois esta é a diferença entre a fé verdadeira e a fé falsa: na fé verdadeira a preocupação incondicional é o estar tomado pelo que é verdadeiramente incondicional; a fé idólatra, em contraste, eleva coisas passageiras e finitas à categoria de incondicionais. Esta adulteração leva fatalmente à frustração existencial, que solapa as bases da existência humana.<sup>279</sup>

A busca humana por um horizonte absoluto, por isso, não pode ser tomada como algo a que se dê garantias ou mesmo que possa realmente ter um fim. Pelo contrário: a exemplo do que ocorre com House, o fim da vida pode ser um momento de revisão histórica, na perspectiva de responder pela unidade ontológica, perseguida desde que deixamos o ventre materno. O que nos leva à pergunta de Stacy a respeito do amor. Lembrando seus últimos dias no hospital, House recorda uma conversa com Wilson na qual tentou convencer o amigo a assumir a culpa pela inundação do hospital. House se livraria da cadeia e poderia acompanhar Wilson nos últimos meses de vida deste. Wilson, porém, recusa-se a mentir para livrar House e o faz alegando querer ensinar seu amigo a aceitar as consequências de suas atitudes.

Stacy: *O Wilson está certo. Ele sempre está certo. Sempre foi o seu lado bom.*

House: *Sempre me perguntei por que não sou fotogênico.*

Stacy: *Ele sempre assumiu esse papel. Você nunca teve que desenvolver uma consciência.*

House: *As pessoas não mudam e a consciência não surge do nada.*

Stacy: *Você está errado, Greg. E é por isso que ficará melhor sem ele. Recorre a ele para encontrar o que precisa encontrar dentro de si mesmo. Algo que você pode encontrar.*

[Stacy dá a mão para House. Na medida em que ele se ergue, o cenário muda, do prédio em chamas, para a sala de uma casa. Stacy, agora, tem uma criança no colo.]

Stacy: *Segure o seu filho.*

[House segura a criança e a olha nos olhos.]

<sup>278</sup> TILLICH, 2009, p. 63.

<sup>279</sup> TILLICH, 1974, p. 12.

House: *Isto é um motivo para morrer. É o que minha vida poderia ter sido, não o que pode ser.*

Stacy: *Se podia ter sido, você ainda é capaz.*

House: *Você está casada. A Cuddy foi embora.*

Stacy: *Não somos as únicas capazes de amá-lo.*

House: *Por que seria tão fácil? São só fantasias idiotas, que contrariam toda a lógica do meu corpo.*

[House deita-se no chão.]

Stacy: *Levante-se! Você não precisa morrer aqui!*<sup>280</sup>

Segurar em seus braços um filho que nunca foi concebido, na sala de uma casa que poderia ter habitado com uma mulher da qual se separou não é uma lembrança do passado, mas o vislumbre de um *presente passado*, com todas as lembranças e expectativas daquilo que sua vida teria sido em outras circunstâncias e sob outras decisões. A experiência pela qual House está passando, por isso, nada mais é do que uma vivência de eternidade que emerge de seu presente imediato. Esta dinâmica não se dá por um passe de mágica ou por ação de forças do além: ela nada mais é do que a dimensão mais profunda do presente, que é o tempo onde, espiritualmente, passado e futuro convivem simultaneamente. Pode-se dizer, neste contexto, que, enquanto durar o que se denomina por *hoje*, estende-se no tempo a eternidade como abertura de possibilidades futuras, não de forma absoluta, mas sempre de maneira relativa àquilo que o ser humano, *imago Dei*, consegue projetar. Aqui, faz-se necessário esclarecer que esta experiência não pode ser compreendida na simples temporalidade cronológica, na qual os dias vividos se tornam uma simples contagem regressiva para a morte, mas em uma outra qualidade de tempo, que se denomina *kairos*. Trata-se, nesta categoria de compreensão do tempo, de uma compreensão do *tempo certo*, da *ocasião oportuna*, da *chance única*, que se desvela na escuridão do momento vivido.<sup>281</sup>

A compreensão kairológica do tempo é acentuada na *experiência extática* do presente como *momento cumprido*. A experiência extática – também chamada mística – do presente interrompe o fluxo temporal histórico de futuro e passado. Nela desaparecem as lembranças e expectativas. Estamos totalmente *aí* e nos esquecemos de nós mesmos e de nossa temporalidade. A eternidade no tempo não é uma categoria da vida extensiva, mas da intensiva. É a experiência do *tempo cumprido* na totalidade da vida vivida: se estou *totalmente aí*, se me dou *totalmente*, se me exponho *totalmente*, se posso me demorar *totalmente*, então experiencio a eternidade presentificada.<sup>282</sup>

<sup>280</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>281</sup> MOLTMANN, 2007, p. 126-127.

<sup>282</sup> MOLTMANN, 2007, p. 128.

House, porém, não consegue abraçar o que poderia ter sido de sua vida como esperança de um vir-a-ser. Ele não está totalmente inserido nesta experiência, mas dividido por sua consciência das consequências que deverá sofrer por seus atos e pela culpa de ter falhado com seu amigo. Tem lugar, por isso, o diálogo com uma última interlocutora.

House: Aqui é o Inferno? Uma eternidade de gente chata tentando me convencer a viver?

Cameron<sup>283</sup>: Quem disse que vim convencê-lo a viver?

House: Nunca pensei que me odiasse.

Cameron: Eu não odeio você. Eu amo você.

House: Mas acha que mereço morrer.

Cameron: Não como um castigo. E sim como uma recompensa. Acho que você já sofreu o bastante. Já deu o bastante. Acho que você merece a chance de simplesmente... desistir.

House: Como Wilson fez.

Cameron: Como Wilson fez. Aceitou a decisão dele de que parar de sofrer era melhor que sofrer. Por que não pode se dar esse presente? Entregue os pontos. Adormeça.

House: Eu tive a chance de evitar isto.

Cameron: Você teve muitas chances e deixou todas escaparem.

House: Desta vez, foi diferente.

Cameron: Sempre é diferente, mas a razão é a mesma. Você é arrogante, autodestrutivo, só se preocupa com você mesmo.

House: Naquele momento com o paciente, na parte da conversa que eu pulei, eu disse que ele estava morrendo.<sup>284</sup>

Na parte da conversa que House *pulou* em suas recordações, o paciente, ao receber a notícia de que iria morrer, se oferece para assumir a culpa no lugar do médico. House indaga o porquê da atitude, uma vez que ele não tinha conseguido salvá-lo e o paciente lhe responde que House havia tentado e que isso, por si só, já tinha valor. House tenta racionalizar a atitude do paciente e percebe que ela não tem sentido: o paciente havia sido egoísta na maior parte de sua vida e, agora que estava morrendo, se tornava solidário com alguém que lhe era praticamente estranho.

House: Você está fazendo isso porque está morrendo.

Paciente: Faça isso porque não tenho mais nada a perder.

House: Antes, você não fazia nada por ninguém. Agora que está morrendo, quer ajudar um desconhecido. Você se tornou uma pessoa melhor por estar morrendo. E o mundo é um lugar melhor porque não salvei você.

<sup>283</sup> Alison Cameron, personagem interpretado por Jennifer Morrison. Descrevemos a médica imunologista no primeiro capítulo, seção 1.3.3.

<sup>284</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

É neste momento, porém, que House percebe uma anomalia no pescoço do paciente e, com isso, encontra o verdadeiro problema que o estava matando e acaba salvando-o. Com isso, perde seu álibi e acaba parando no prédio.

Cameron: O que quer dizer? Que se preocupou mais com ele do que com você? Você se preocupou mais com o enigma do que com você?

House: Se eu tivesse ficado quieto teria sido apenas um enigma. Mas falei porque sabia que havia mais.

Cameron: Sabe que dá no mesmo, ou não discutiria enquanto o fogo lhe queima os pés. Está com medo de decidir e tenta discutir até que o destino decida por você. Optou pela saída covarde. Pior ainda: é covarde demais até para admitir que optou pela saída covarde.

House: Você tem razão. Mas eu posso mudar.<sup>285</sup>

House sempre definia as pessoas por duas frases: *Todo mundo mente e as pessoas não mudam*. A partir desta base, House estabeleceu todas as suas relações embasadas em um ceticismo generalizado a respeito da humanidade e suas crenças. Por isso, quando o último episódio da série foi exibido, chamou bastante atenção o fato do médico afirmar que ele poderia mudar. De certa forma, a afirmação de House mostrou-se errônea ao longo de todo o seriado, pois a maioria de seus pacientes acabava, sim, sofrendo mudanças profundas em suas vidas depois do contato com o médico. Por outro lado, ele não deixava de estar certo ao identificar nas pessoas uma identidade que se situava para além dos discursos e das posições assumidas socialmente. Esta dinâmica de relações que, ensaiada com vários personagens ao longo do seriado, chega ao seu ápice com o personagem principal, revela o processo que Tillich denomina como *aceitação da aceitação*, no contexto dos processos existenciais de relação com a vida e a morte. Trata-se da aceitação a despeito do inaceitável, quando o ser humano se coloca diante do *Ser-em-si* e experimenta uma acolhida que integra todas as culpas e todos os méritos, sem nada esconder ou excluir.

E decisivo para esta autoafirmação é o fato de ela ser independente de qualquer condição prévia moral, intelectual ou religiosa: não é o bom, ou o sábio, ou o piedoso, quem está destinado à coragem de aceitar a aceitação, mas aqueles que são faltos de todas estas qualidades e estão certos de serem inaceitáveis. Isto, contudo, não significa aceitação de si como si próprio. Não é uma justificação da própria individualidade ocidental. Não é a coragem existencialista de ser como si próprio. É o ato paradoxal no qual se é aceito por aquilo que transcende infinitamente o próprio eu individual. É, na experiência dos reformistas, a aceitação do pecador inaceitável em comunhão de julgamento e transformação com Deus.<sup>286</sup>

<sup>285</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>286</sup> TILLICH, 2001, p. 128-129.

Solitário, House acaba tendo como interlocutores suas lembranças subconscientes carregadas de culpa: o funcionário que se suicidou; a namorada do melhor amigo que perdeu a própria vida por culpa da irresponsabilidade dele; a ex-esposa, de quem se afastou para viver a solidão de suas dores; a jovem médica que fora apaixonada por ele e que teve seu casamento destruído pelo médico. House chega ao fim como um desgraçado miserável, que não consegue ser aceito nem por suas recordações. Por isso, seu ato de aceitação não o deixa inerte esperando pelo fim inevitável. Ao colocar suas neuroses no lugar certo, compreendendo melhor tudo aquilo que o movia, House ergue-se e caminha até a saída. Lá fora, Wilson e Foreman, que haviam ido em busca de House, estão em frente ao prédio em chamas e observam o médico chegando à porta. Antes que ele saia, porém, uma viga em chamas desaba por cima dele e o prédio explode. House está morto.

### 5.3 A estrada aberta da eternidade

Foreman, Wilson e os outros membros da equipe de House observam os bombeiros retirarem um cadáver de dentro dos escombros do prédio. Mais tarde, no hospital, ambos têm a confirmação da identidade do cadáver: aquele era o corpo de Gregory House. Seguem-se os funerais do médico, diante de uma urna com suas cinzas. Alguns de seus ex-colegas e funcionários realizam seus discursos fúnebres. Stacy diz que House foi um namorado difícil, mas que ela nunca deixou de amá-lo e que ele havia sido verdadeiramente seu marido. Foreman fala que House havia sido seu chefe e seu funcionário e que, em ambas as situações, ele havia aprendido com o diagnologista. Taub diz que House o fez ser um pai melhor, mesmo sem querer fazê-lo. Thirteen relata que House estava disposto a matá-la quando sua doença degenerativa chegasse ao estágio terminal. Chase diz que nem sempre era fácil lidar com ele e Allison fala que, no fundo, ele sabia amar. Finalmente, chega a vez de Wilson se pronunciar.

*Wilson: Ele era meu amigo. O que temos que lembrar, o que não podemos esquecer, é que Gregory House salvava vidas. Ele curava. E, no fim das contas...o House era um sacana. Ele zombava de todo mundo: pacientes, colegas, os amigos escassos, quem não se enquadrasse em seus ideais insanos de integridade. Dizia estar numa busca insana pela verdade, mas, na verdade, era um sacana amargo que gostava de fazer os outros sofrerem. E provou isso ao morrer de forma egoísta, sob o efeito de*

*narcóticos e sem pensar em ninguém. Ele traiu todo mundo que gostava dele. Ele sempre precisou de mim, mas quando eu precisei dele...*<sup>287</sup>

De certa forma, o ritual dos discursos ou elogios fúnebres é uma tentativa de sinalizar a justificação da vida humana por Deus. Popularmente, costuma-se dizer que alguém, ao morrer, perde todos os seus defeitos e se torna a pessoa mais virtuosa que já habitou este planeta. Tal prática, apesar de apresentar-se em um formato ritualístico cristão, tem em seu fundo a moralidade moderna, que busca afirmar a vida pelos méritos que alguém conquista com seus esforços. House nunca se esforçou para agradar alguém ou ser elogiado. Assim, a sinceridade com que Wilson descreve as características de seu amigo talvez seja o retrato daquilo que as pessoas realmente vivem, mas costumam a admitir. A diferença é que House, ao assumir isso como identidade, incorpora uma autenticidade e uma liberdade custosas de se alcançar em tempos tão moralistas quanto os que vivemos atualmente e, surpreendentemente, se aproxima bem mais do conceito de justificação em Deus.

Deus diz sim também à vida humana que destruiu a si mesma e a vida de outros, a fim de restaurá-la e restabelecê-la. Este é o sentido da doutrina da justificação em Paulo: só a partir da graça e só pela fé as vítimas e os autores são justificados. [...] Também a vida premida pela culpa e arruinada pela morte é aceita por Deus e conhecida e amada como sua criação. A definição mais concisa da existência humana é, portanto: o ser humano é justificado por Deus. Daí resulta que a vida humana está fundada tanto em afirmação como em reconhecimento, pois, neste mundo, ela é rejeitada e impedida de diversas maneiras. Por outro lado, é condenada, pelos medos da culpa, à falta de sentido.<sup>288</sup>

O que justifica a vida de House, portanto, não são suas possíveis *boas ações*, mas o simples fato de ser humano, e, como tal, sofrer as consequências de suas buscas, angústias e dores: sua dor sempre foi pública. Ao longo desta tese, aliás, tocamos várias vezes na questão da identidade humana, reconhecendo nela a integração de todas as experiências e decisões tomadas ao longo da vida, sendo importante superar um modelo de pessoa moldado à imagem de uma sociedade que tem em seu cerne a produtividade e o lucro. Ao mesmo tempo, porém, naquilo que Wilson fala sobre seu amigo, também é preciso reconhecer a dimensão de degradação da vida à qual House havia chegado. É quase como que, ao assumir explicitamente sua identidade sem se preocupar com o julgamento alheio a respeito dela,

<sup>287</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

<sup>288</sup> MOLTMANN, 2012, p. 77.

House vivesse uma liberdade sem limites diante das pessoas. Esta liberdade, porém, pode ter sido a liberdade de despencar em queda livre, sem nada que o segurasse. Por isso, talvez não se possa, em si, falar em liberdade nesta atitude de House, mas simplesmente em fuga: a identidade de House formou-se na reação à dor e isso, em si, o levou a não ter mais opções, a não ser morrer.<sup>289</sup>

Aquilo que foi dito pelos outros colegas de House, porém, também é verdadeiro. Apesar de lidar com a vida de forma defensiva e reativa, House salvava vidas. Apesar das mentiras e da ironia, House não abandonava seus casos. Apesar do autoexílio existencial que impôs a si mesmo, House ansiava pelo encontro definitivo, que resignificaria sua vida. Por isso, sua vida também é justificada naquilo que o reconcilia com o próprio existir: o amor, compreendido aqui na forma da *kenosis*, radical esvaziamento existencial que nada retém e tudo partilha. Pode parecer contraditório, diante do relato de Wilson, identificar House com esta atitude, porém, é preciso lembrar que tudo aquilo que House renegava eram exatamente os elementos que faziam da vida uma grande e contínua mentira. A questão é que, em uma cultura que evita conflitos e busca amenizar contradições, amar pode não ser algo necessariamente agradável.

A esta liberdade, denominamos fé. Aquele que acredita não precisa mais fugir, nem através de uma ironia que o torne intocável, nem em utopias inalcançáveis. Ele não põe sua confiança em um saudosismo romantizado de uma *época dourada*. Ele não passa a olhar exclusivamente para o próprio interior, buscando purificar seu coração. Nem perde a si mesmo em sonhos de um *mundo melhor*. Ele encontra, surpreendentemente, *paz em meio à tribulação* e o *sim reconciliador* em meio aos *nãos justificadores*. Ele encontra certeza entre as incertezas e sua identidade humana entre aquilo que não é mais humano e anula identidades. Ele pode se dar a um mundo não redimido com amor, humildade e paciência, sem a preocupação de perder a si mesmo e sem a compulsão de encontrar sua realização. (tradução nossa)<sup>290</sup>

Durante o discurso de Wilson, um celular começa a tocar. Após os participantes da cerimônia verificarem seus aparelhos, Wilson percebe que o som vem do bolso de seu casaco. O médico encontra, no seu bolso, um celular que não é o seu e, nele, uma mensagem que diz “Cale-se, seu idiota!”. Terminada a cerimônia, Wilson dirige-se à sua casa e, ao chegar, encontra House sentado nas escadas que dão acesso ao prédio.

House: *Oi...*  
Wilson: *Como?...*  
House: *Sai pelos fundos do prédio.*

<sup>289</sup> MOLTMANN, 2012, p. 119.

<sup>290</sup> MOLTMANN, 1976, p. 115.

Wilson: *E o corpo?*

House: *Troquei a ficha odontológica.*

Wilson: *Você está destruindo sua vida. Não tem como voltar atrás. Passará anos na cadeia. Nunca mais poderá ser médico.*

House: *Eu estou morto, Wilson. Como quer passar seus últimos cinco meses?*<sup>291</sup>

Compreendemos a solução dramaturgica utilizada para dar fim ao seriado sob dois pontos de vista: primeiramente, parece-nos que se quis mostrar que House seria esperto o suficiente para passar a perna na própria morte ou, pelo menos, nas expectativas que todos alimentavam quanto ao desfecho de seu drama. Cabe lembrar que o personagem tem como inspiração de fundo o detetive Sherlock Holmes e que o escritor Arthur Conan Doyle, na novela policial *The Final Problem*, faz o seu personagem morrer, para poder se dedicar a outras histórias que desejava escrever. Por pressão do público, porém, Holmes reaparece na história *The Adventure of the Empty House*, dando uma explicação engenhosa de como havia sobrevivido. O outro ponto de vista é de caráter teológico e, obviamente, é a partir dele que faremos nossa análise, pois, através deste prisma, compreende-se o que se passa com o personagem na categoria da ressurreição.

House está morto. Mas está vivo e, agora, não tem mais nada a perder. A decisão que Gregory House tomou a favor de seu amigo exigiu total esvaziamento e desapego a tudo que havia sido construído em sua história até ali. A partir daquele momento, House estaria totalmente presente na vida de Wilson, até o fim. Dessa forma, identifica-se claramente que o processo histórico pelo qual House passou, teve um fim e que tudo aquilo que ele vivera, chegara a uma conclusão. Tanto é que, após a sequência em que House e Wilson dialogam na escadaria do prédio, mostra-se os demais personagens do seriado seguindo com suas vidas em cenas onde transpareciam a influência e as marcas que a vida de House havia deixado neles. Assim, Robert Chase, o filho pródigo que não encontrava seu lugar, é mostrado como sucessor de House no departamento de medicina diagnóstica; Taub está em um restaurante, reconciliado com suas ex-esposas e assumindo a paternidade de suas filhas; Allison aparece com sua nova família – marido e filho – olhando para uma foto que mostra a equipe original de House; e Foreman encontra, acidentalmente, o crachá de House sob o pé de uma mesa de seu escritório. Sorrindo, parece compreender que House solucionou mais um caso. Assim, de algum jeito, o médico, em sua ausência definitiva, permaneceria presente na vida de todos aqueles com quem conviveu e, certamente, a história destes se encontrava definitivamente marcada pela presença dele. Para House, porém, não há mais volta. Tudo aquilo,

---

<sup>291</sup> TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

definitivamente, ficara para trás. Então de todas as coisas que compunham a vida do médico, tudo se reduz ao que ele, no momento de sua maior crise, identificou por essencial: o amor por seu amigo Wilson.

Ao identificarmos esta narrativa como metáfora de ressurreição, por isso, estamos nos colocando na contramão de supostas imaginações a respeito de vida após a morte e buscando um entendimento desta categoria teológica à luz da ressignificação existencial, experimentável no cotidiano da vida. Desta forma, assumimos a ideia de Moltmann a respeito do assunto, traduzida na expressão *ressurreição da vida*: para além da carne e do corpo – se desfazer a importância de ambos os termos para a afirmação da ressurreição – é necessário compreender a *vida vivida*. Carne e corpo não são, aqui, simples objetos inanimados, mas lugares onde a história humana se escreve, com suas particularidades e suas universalidades. Nesta compreensão, o próprio morrer passa a ser compreendido no âmbito de integração com o viver e não mais como interrupção deste.<sup>292</sup>

Dessa maneira, chegamos à relevância da esperança na ressurreição para a vida corporal aqui: Quem ama a vida à luz da esperança na ressurreição, se torna apto à felicidade. Todos os sentidos ficam alertas, o intelecto e o coração se abrem para a beleza da vida. Com esse amor à vida, porém, nos tornamos também sensíveis e percebemos as dores, as decepções e as preocupações desta vida precíval. Em última instância, a vida dos que amam se torna viva interiormente e vulnerável exteriormente. O que vida e morte realmente são, experimentamos no amor, pois no amor saímos de nós mesmos, nos tornamos aptos à felicidade e vulneráveis ao mesmo tempo.<sup>293</sup>

Ao encontro disso vai a sequência final do seriado: House e Wilson pilotando duas motos, preparam-se para iniciar sua jornada final. Sabe-se que, cronologicamente, Wilson tem menos de um ano de vida pela frente e que, neste meio tempo, seu estado de saúde irá piorar. Sabe-se que House, após esta jornada, precisará recomeçar *do zero*, pois está oficialmente morto. Aquilo que os dois viverão juntos, porém, parece dar um significado muito maior às suas vidas do que as tenebrosas perspectivas daquele futuro próximo. House e Wilson viverão intensamente algo para o que parece que toda sua existência foi preparada. Esta experiência, assim, rompe com a lógica do *chronos* e aponta para uma qualidade *kairológica* do tempo. Sentindo que ali suas vidas se cumpriam, ambos experimentam uma plenitude de vida que sinaliza para a plenitude perene da eternidade.<sup>294</sup> Antes de partirem, Wilson lembra a House que o câncer vai piorar com o tempo e que ele ficará mais fraco. A resposta de House, suas

<sup>292</sup> MOLTSMANN, 2012, p. 125.

<sup>293</sup> MOLTSMANN, 2012, p. 126.

<sup>294</sup> MOLTSMANN, 2007, p. 128.

últimas palavras em uma série que durou oito anos, é: *Esse papo de câncer é chato*. E os dois partem sem rumo, tendo apenas um ao outro.



## CONCLUSÃO

Há certo consenso entre o público que acompanhou House, dizendo que a série deveria ter sido encerrada em sua quinta temporada. Nela, os autores fizeram House chegar ao limite de seu sofrimento, com o médico amargando a culpa pelas mortes de seus colegas e refugiando-se cada vez mais em sua dependência química. Nos últimos episódios daquela temporada, House quase provoca a morte de Chase e, vivendo um surto psicótico, tem uma alucinação na qual a diretora do hospital mantém relações sexuais com ele. Certo de que aquilo havia mesmo acontecido, espalha a todos a notícia de sua *conquista*, gerando uma crise de relações no hospital. Ao cair em si, House se dá conta de que estava fora de controle e concorda em internar-se em um hospital psiquiátrico. A última cena do último episódio<sup>295</sup> da quinta temporada mostra o médico dando entrada na Clínica Mayfield. Teria sido um final digno para o personagem, além de uma saída dramática de qualidade: finais em aberto sempre deixam espaço para a imaginação de quem assiste. Houve, porém, a decisão de dar continuidade à produção e, com isso, o seriado estendeu-se por mais três temporadas. Mesmo sendo também consenso entre os espectadores de que as três últimas temporadas tenham sido irregulares e bem mais fracas que as anteriores, acreditamos ter sido interessante mostrar os desdobramentos do tratamento psiquiátrico do médico e suas consequências.

Vivemos em um contexto no qual a tendência acaba sempre sendo a adaptação do diferente ao que se encontra estabelecido. House é uma série estadunidense e encontra-se, portanto, no seio da cultura que deu origem a esta linha de pensamento. Arriscamos dizer, assim, que, se o seriado fosse concluído com a internação de House, estaria se acenando para a *vitória* desta visão de mundo sobre aquilo que a série havia criticado até então. De certa forma, se estaria dizendo que o médico estava sofrendo as consequências do que fez e que o tratamento psiquiátrico o tornaria uma pessoa melhor e mais equilibrada. Assim, por mais que a decisão de dar continuidade à produção tenha sido movida por questões financeiras, consideramos acertada a proposta de mostrar o que houve com House após seu tratamento. E o acerto está exatamente em mostrar que existe um *depois* para estes processos de adaptação

---

<sup>295</sup> AMBOS os lados agora. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido Doris Egan. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 24.

forçada e que, na maioria das vezes, a única coisa que estes métodos conseguem é desumanizar quem passa por eles. Assim, ficamos sabendo que House, ao passar por uma terapia psicanalítica, logo descobre que o tratamento, ao invés de chegar à raiz de seus problemas, apenas o ajudava a adaptar-se a rotinas e aceitar as coisas como eram. Nesse sentido, a verdadeira terapia pela qual House passa se inicia no final da sexta temporada, estendendo-se pela sétima: a diretora do hospital, Lisa Cuddy, desta vez, realmente vai ao seu encontro e lhe declara seu amor. Naquele momento House sente-se realmente resgatado de toda sua miséria e começa a olhar as coisas por outra perspectiva. Tão grande é o efeito disso sobre ele que, tempos depois, quando ocorre o rompimento de sua relação com Cuddy, há também o rompimento de sua razão. As atitudes que traduzem isso o fazem ir parar na prisão. O que acontece na última temporada nada mais é do que a crise de adaptação do personagem, que agora é tutelado pela justiça. O resultado disso está descrito no último capítulo da tese: House prefere *a morte* à adaptação. Este quadro nos faz retomar nossas perguntas iniciais.

Quando iniciamos nossa tese, questionávamos sobre o que havia sobrado do ser humano que chegara a este tempo, querendo saber, mais especificamente, que discursos de fé constituiriam a identidade humana dos tempos em que vivemos. Esta interrogação não nos surgiu através da leitura dos grandes clássicos da teologia, mas da experiência de apreciação de várias produções da cultura pop contemporânea que, segundo o que percebemos e através de nossa formação prévia na área, pareciam apontar para algumas questões fundamentais da vida humana. Encarando estas produções como resultado e expressão de um contexto, passamos a observá-las como tais e a firmar *backgrounds* específicos de interpretação, sendo que, conforme já havíamos afirmado, o seriado protagonizado por Gregory House nos tocou sobremaneira neste sentido. Nele, primeiramente como espectadores e depois como pesquisadores, percebemos fortes incidências de discursos teológicos sem o comprometimento com instituições religiosas específicas, revelando nuances do fenômeno religioso que, até então, só conhecêramos no meio acadêmico. House tem teologia em seu subtexto e isso o torna objeto de estudos para a teologia. Queremos, por isso, retomar alguns pontos de nossa pesquisa que consideramos importantes para este fechamento.

Ao longo de toda a tese afirmamos que a humanidade se constitui da consciência dos próprios condicionamentos e pela busca de uma dimensão incondicional, através da qual a pessoa reencontre sua primordial unidade existencial. Disso se constitui, basicamente, a experiência religiosa, em seu sentido etimológico mais básico.<sup>296</sup> Nesse sentido, interessa-nos

---

<sup>296</sup> TILLICH, 1974, p. 5-6.

retomar um ponto central a respeito da constituição religiosa do ser humano: de acordo com Tillich, a linguagem religiosa se expressa, inevitavelmente, através de símbolos e estes, ao adquirirem historicidade, desdobram-se em mitologias.<sup>297</sup> Para Tillich, o símbolo sempre emerge da realidade, quando esta se encontra madura para isso e, por isso, integra esta própria realidade e nela subsiste até que a realidade de onde se formou não mais exista. Nesta dinâmica, o símbolo sempre dá acesso a dimensões inacessíveis da realidade e abre dimensões e estruturas da alma que, sem ele, permaneceriam adormecidas. Nisso, a arte guarda em si o grande potencial simbólico humano, uma vez que a apreciação artística se dá de maneira estática, envolvendo o ser como um todo.<sup>298</sup>

Podemos suspeitar, por isso, que Gregory House possa se constituir em um símbolo para este tempo e que suas histórias possam ser lidas como possíveis mitologias contemporâneas a respeito da identidade humana. Quando um símbolo representa a condição humana ele pode, por si, ser tomado também como símbolo religioso, não necessariamente institucionalizado. Como o símbolo religioso sempre aponta para uma experiência de sagrado, nossa principal constatação a esse respeito é o fato de percebermos que a identidade humana simbolizada no seriado se encontra caracterizada por um profundo desencantamento e que este desencantamento pode ser o elemento central para o resgate de uma humanidade integral, ou seja: no desencantamento pode-se intuir uma experiência de sagrado. Nesse sentido, compreendemos que House nos provoca quanto a três aspectos fundamentais para a autocompreensão humana: identidade, fé e finalidade da vida.

Conforme abordamos no terceiro capítulo de nossa tese, o personagem contrapõe-se a um modelo deontológico de pessoa, da qual se espera uma adaptação prévia a modelos de comportamento preestabelecidos. Consideramos este aspecto importante por constatarmos verdadeiros sinais de escravidão existencial no contexto sociocultural no qual vivemos: impulsionado pela globalização, ganha cada vez mais força um discurso moralista, que pretende definir a identidade humana a partir da resposta desta às instituições estabelecidas como normatizadoras do viver e da convivência. Respondendo a isso, homens e mulheres deste tempo correm o risco de reduzir-se a reprodutores de comportamentos padronizados, com um senso crítico cada vez mais baixo. O mais sério desta situação é o fato de que este comportamento não se dá por uma simples opção ou posicionamento político ou social: ele nasce de um profundo ato de fé que, a princípio, responde ao desejo de realização humana.

---

<sup>297</sup> Esta questão é didaticamente tratada pelo autor no capítulo terceiro de *A Dinâmica da Fé*.

<sup>298</sup> TILLICH, 1974, p. 30-32.

Conforme desenvolvemos em nossa pesquisa, Tillich descreverá isso como um processo idolátrico, cujo resultado será o vazio existencial.

O sucesso como preocupação última não é um desejo natural de realização de possibilidades humanas de maior alcance e sim, muito mais, a disposição de sacrificar todos os outros valores da vida ao poder e prestígio social. O medo de não obter sucesso satisfatório é uma forma distorcida de medo ante o juízo de Deus: sucesso é graça; fracasso é rejeição por parte de Deus. Dessa maneira, conceitos que refletem uma realidade por demais terrena, como sucesso e dinheiro, se transformam em símbolos idólatras daquilo que realmente tem validade última.<sup>299</sup>

Interessante perceber que Tillich se refere à busca por sucesso como *realidade terrena*, certamente em contraposição a uma *realidade eterna*. Questionamos, porém, estes elementos idolátricos como *realidades terrenas*: nossa compreensão, a partir desta tese, é que *terreno* se refere àquilo que é profundamente humano e, portanto, religioso. Talvez pudéssemos nos referir aos fatores citados por Tillich como *realidades artificiais*, uma vez que afastam a pessoa daquilo que a constitui como tal. E é aí que se encontra o desencantamento: ao desfazer as ilusões de realização a partir da artificialidade, pode-se chegar ao que se encontra na dimensão mais profunda da vida e responder à vocação humana. House é o arquétipo da pessoa desencantada e, além disso, toma contato com outras pessoas na situação de desencantamento por excelência: a enfermidade. Por essa razão, ao ignorar as regras morais vigentes e estabelecer uma convivência embasada nas necessidades de seus pacientes, House torna-se uma figura libertadora. Através de sua atitude anárquica pode-se entrever algo de essencial na condição humana que, geralmente, permanece oculto pelas convenções socialmente assumidas. Este desencantamento, que toca na condição humana, abrange também as experiências de fé que se tem realizado em nossos tempos.

O elemento religioso encontra-se onipresente no seriado, conforme já descrevemos em nossa pesquisa. Queremos destacar, nesse sentido, o quanto House se contrapõe a uma tendência infantilizada de vivência religiosa que tem predominado em nossa cultura nos últimos tempos. Primeiramente, a postura cética do personagem desconstrói quaisquer tentativas de absolutizar discursos religiosos, ao mesmo tempo em que, ao confrontar seus pacientes com a finitude da vida, descortina a inevitável dimensão misteriosa da existência. Ainda nos baseando em Tillich, identificamos claramente no seriado a experiência de fé como abertura a uma realidade absoluta. House vive em função da resolução de enigmas, que no caso dele são as doenças de seus pacientes, e, ao fazê-lo, experimenta a unidade fundamental

---

<sup>299</sup> TILLICH, 1974, p. 32.

da vida. Ampliando este conceito, podemos compreender o próprio ser humano como mistério que, diante de um olhar transcendente, reúne os fragmentos da vida em um mosaico de eternidade. Outro elemento importante, aqui, é o fato da série abordar a experiência da dimensão religiosa como integração de todas as coisas, na qual os sofrimentos e as misérias da vida são assumidos como parte da história de cada um. Nesse sentido, Moltmann afirma que o primeiro *locus teológico* é a própria pessoa, em sua busca desesperada por Deus e sua luta contra os aspectos obscuros da *face oculta de Deus*.<sup>300</sup> Ao combinarmos isso com a visão tillicheana de que *Deus é símbolo de Deus*<sup>301</sup>, temos um quadro de desencantamento com o construto religioso contemporâneo que nos leva a uma ressignificação significativa da fé. House, nesse sentido, pode atuar como memória de que a cultura religiosa que formou a cultura ocidental foi inaugurada num lugar de cruel sofrimento, motivo de escândalo e vergonha e do qual todos fogem.

A cruz nem se ama nem se pode amar. E, sem dúvida, só o crucificado vive aquela liberdade que muda o mundo, porque já não teme a morte. O crucificado foi, para seu tempo, escândalo e necessidade. Também hoje resulta defasado coloca-lo no centro da fé e da teologia. Contudo, apenas a recordação antiquada dele é que liberta os homens do dos atos presentes das leis e coações da história, abrindo-os para um futuro que não volta a obscurecer-se. (tradução nossa)<sup>302</sup>

House evoca as cruzes da existência humana, em si e naqueles com quem se encontra. E as cruzes simbolizadas nas histórias da série podem revelar os calvários dos quais todos participamos e que todos evitamos. Sempre nos chamou atenção no seriado, aliás, que a forma como a realidade da doença era abordada fugia do clichê romantizado que muitas produções adotam. Na maioria das vezes, a enfermidade surgia na trama como erupção de uma espécie de *imago Christi*, colocando os personagens em uma situação de calvário que se tornava o ponto referencial de suas vidas. Evocava-se, ali, o mistério do sofrimento que escapa à razão e clama por justiça a um Deus que parece não mais se revelar.

Em Moltmann, da mesma forma, encontramos importante chave de leitura a respeito da morte e da eternidade como experiências mediadas pelo amor ou pela ausência deste. Nesse sentido, ao incursionar pelo campo da saúde, da medicina e da bioética, em busca de ressignificações a respeito da *ressurreição da carne*, o teólogo hamburguense acaba se aproximando sobremaneira do *Leitmotiv* de House. Em Moltmann encontramos a afirmação de que a vida acontece ao se configurar em *vida interessada* e aberta ao futuro e isso é

---

<sup>300</sup> MOLTSMANN, 2004, p. 17.

<sup>301</sup> TILLICH, 1974, p. 33.

<sup>302</sup> MOLTSMANN, 1975, p. 09.

demonstrado no seriado a partir do próprio personagem principal, que, em muitas ocasiões, perde o interesse pela vida por tê-la reduzido às suas dores. Da mesma forma, o esvaziamento de House diante da iminência da morte de seu amigo pode ser interpretado à luz de uma eternidade experimentada na total doação e no esvaziamento, quando o amor se torna a possibilidade única da vida.

Por último, não poderíamos deixar de olhar esta tese sob o impacto de alguns fatos históricos recentes que, por acaso, parecem vir ao encontro de algumas questões que buscamos discutir. No ano de 2013, quando concluímos a redação de nossa pesquisa, o Brasil se viu tomado por manifestações de luta política que há tempos pareciam ter desaparecido de nosso cenário social. Nestas manifestações, protagonizadas por jovens intelectualmente alinhados a lutas populares históricas, observava-se exatamente um discurso de desencantamento a respeito do construto cultural que erigimos nos últimos tempos. Um grande símbolo disso é a frase *saímos do facebook e viemos para as ruas*, escrita a mão em inúmeros cartazes portados pelos manifestantes. Da mesma forma, em março deste mesmo ano, a Igreja Católica, ao eleger seu novo Pontífice, delega a um nativo da América Latina sua liderança. E este novo Papa, o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, autodenominado Francisco, vem promovendo um verdadeiro desencantamento no cristianismo contemporâneo ao adotar uma postura despojada e apontar para as periferias da humanidade como *locus ecclesial* por excelência. Ora, as periferias são exatamente o lugar da concretização do desencantamento da sociedade neoliberal e, portanto, o lugar de encontrarmos nossas cruces e nossas esperanças. Francisco vem rompendo com uma religiosidade infantilizada, individualista e intimista para retomar uma identidade religiosa realista e, portanto, plena de compaixão. Ou seja: concluímos uma tese sobre uma peça de ficção que se pretende realista, em um momento histórico no qual a realidade parece se tornar muito mais interessante que a ficção.

Por isso, toda análise realizada a respeito da figura de Gregory House e do seriado por ele protagonizado seria inútil se nos reduzíssemos ao âmbito da ficção e ficássemos conjeturando curiosidades e possibilidades a respeito dos personagens. Assim fosse, estaríamos, segundo Tillich, no âmbito da idolatria, tomando por horizonte último algo que é apenas representação do incondicional e que assim será compreendido dependendo do ponto de vista que se lance sobre a obra. Por isso, desde que começamos a acompanhar o seriado, em tempos anteriores à nossa decisão de elaborar uma tese a respeito dele, enxergamos em Gregory House não apenas um personagem da cultura pop, mas uma possível representação da humanidade, em plena crise de identidade que vivemos nesta mudança de época. Todos

nós somos um pouco de Gregory House quando, em um mundo que oferece milhares de informações o tempo todo, utilizamos nossa razão e nosso senso crítico como uma bússola, em busca de algum norte para a vida. Somos um pouco de Gregory House quando desconfiamos de crenças e expressões religiosas desligadas da realidade, que alienam a vida de sua unidade fundamental. Ao mesmo tempo, também somos Gregory House quando ansiamos pelo mistério da vida, buscando resolver o enigma apresentado no outro para encontrarmos pistas que resolvam nosso próprio enigma diante do *Totalmente Outro*. Somos um pouco de Gregory House ao, nos desencantando de tudo que parece compor nossa identidade, nos esvaziamos na experiência infinita do amor.



## REFERÊNCIAS

### Videografia

TODO mundo mente (episódio piloto). In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido e produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 1.

CRITICADO de uma forma ou de outra. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Sara B. Cooper. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 5.

AMALDIÇOADO. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Matt Witten e Peter Blake. Dirigido por Daniel Sackheim. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2005. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 13.

CONTROLE. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por Lawrence Kaplow. Dirigido por Randy Zisk. Produzido por Gerrit Van Der Meer: Universal Studios, d2005. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 14.

TRÊS Histórias. In: HOUSE – PRIMEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Paris Barclay. Produzido por David Shore: Universal Studios, d2005. 1 DVD (964 min), widescreen, color. Episódio 21.

HOUSE X Deus. In: HOUSE - SEGUNDA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por John F. Showalter. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 19.

O FILHO do sujeito em coma. In: HOUSE – TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido por Dann Attias. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 7.

UM DIA, uma sala. In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Juan J. Campanella. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 12.

FAMÍLIA – In: HOUSE - TERCEIRA TEMPORADA. Escrito por Liz Friedman. Dirigido por David Straiton. Produzido por Gerrit Van Der Meer e Lawrence Kaplow: Universal Studios, d2006. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 21.

A CABEÇA de House. In: HOUSE – QUARTA TEMPORADA. Escrito por Sara Hess & Liz Friedman. Dirigido por David Straiton. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2008. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 15.

O CORAÇÃO de Wilson. In: HOUSE – QUARTA TEMPORADA. Escrito por Peter Blake, David Foster, Doris Egan, Russel Friend e Garrett Lerner. Dirigido por Katie Jacobs. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2008. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 16.

MORRER muda tudo. In: HOUSE – QUINTA TEMPORADA. Escrito por Eli Attie. Dirigido por Deran Sarafian. Produzido por David Shore: Universal Studios, d2008. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 1.

INFIEL. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por David Hoselton. Dirigido por Greg Yaiatane. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 15.

AMBOS os lados agora. In: HOUSE - QUINTA TEMPORADA. Escrito por Doris Egan. Dirigido Doris Egan. Produzido por Marcy G. Kaplan, David Hoselton e David Foster: Universal Studios, d2009. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 24.

DERROTADO. In: HOUSE – SEXTA TEMPORADA. Escrito por David Shore. Dirigido por Katie Jacobs. Produzido por Bryan Singer: Universal Studios, d2010. 1 DVD (120 min.), widescreen, color. Episódio 1.

O TIRANO. In: HOUSE – SEXTA TEMPORADA. Escrito por David Blake. Dirigido por David Straiton. Produzido por Bryan Singer: Universal Pictures, d2010. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 4.

VINTE Vicodins. In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por Peter Blake. Dirigido por Greg Yaitanes. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Studios, d2011. 1 DVD (43 min.), widescreen, color. Episódio 1.

A ESCOLHA. In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por Garret Lerner, Russel Friend e David Foster. Dirigido por Michael Sapochnik. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 21.

TODO mundo morre (episódio final). In: HOUSE – OITAVA TEMPORADA. Escrito por David Shore, Peter Blake, Russel Friend e Eli Attie. Dirigido por David Shore. Produzido por Marcy G. Kaplan: Universal Pictures, d2012. 1 DVD (40 min.), widescreen, color. Episódio 22.

### **Wikipedia e web em geral**

A ILHA do Dr. Moreau. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Ilha\\_do\\_Dr.\\_Moreau](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ilha_do_Dr._Moreau)> Acesso em: 16 de janeiro de 2013.

ALBERT Einstein. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Albert\\_Einstein](http://pt.wikipedia.org/wiki/Albert_Einstein)> Acesso em: 10 de abril de 2013.

- ANARQUISMO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anarquismo>> Acesso em: 16 de janeiro de 2013.
- ANNE Dudek. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Anne\\_Dudek](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anne_Dudek)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- BRYAN Singer. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bryan\\_Singer](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bryan_Singer)> Acesso em: 15 de janeiro de 2013.
- DAVID Shore. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/David\\_Shore](http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Shore)> Acesso em: 15 de janeiro de 2013.
- EDGAR Morin. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar\\_morin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_morin)> Acesso em: 10 de novembro de 2012.
- EMMY award. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Emmy\\_award](http://pt.wikipedia.org/wiki/Emmy_award)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- ERA Vitoriana. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Era\\_vitoriana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_vitoriana)> Acesso em: 16 de janeiro de 2013.
- ERNST Bloch. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst\\_Bloch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Bloch)> Acesso em: 25 de abril de 2013.
- FRANKENSTEIN. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein>> Acesso em: 16 de janeiro de 2013.
- GILLES Lipovetsky. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilles\\_Lipovetsky](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gilles_Lipovetsky)> Acesso em: 10 de novembro de 2012.
- HUGH Laurie. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hugh\\_laurie](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hugh_laurie)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- JENNIFER Morrison. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jennifer\\_Morrison](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jennifer_Morrison)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- JESSE Spencer. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesse\\_Spencer](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesse_Spencer)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- KAL Penn. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Kal\\_Penn](http://pt.wikipedia.org/wiki/Kal_Penn)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- KATIE Jacobs. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Katie\\_Jacobs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Katie_Jacobs)> Acesso em: 15 de janeiro de 2013.
- LIBERTARIANISMO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Libertarianismo>> Acesso em: 16 de janeiro de 2013.
- LISA Edelstein. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisa\\_Edelstein](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lisa_Edelstein)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.

- MANUEL Castells. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel\\_castells](http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_castells)> Acesso em: 10 de novembro de 2012.
- MASSIVE Attack. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Massive\\_attack](http://pt.wikipedia.org/wiki/Massive_attack)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- MAX Planck. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Max\\_Planck](http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Planck)> Acesso em: 10 de abril de 2013.
- MAX Weber. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Max\\_Weber](http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber)> Acesso em: 28 de maio de 2013.
- MIGUEL Nicolelis. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_nicolelis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_nicolelis)> Acesso em: 10 de novembro de 2012.
- OLIVIA Wilde. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Olivia\\_Wilde](http://pt.wikipedia.org/wiki/Olivia_Wilde)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- OMAR Epps. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Omar\\_Epps](http://pt.wikipedia.org/wiki/Omar_Epps)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde. Disponível em: <<http://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf>> Acesso em 11 de maio de 2013.
- PETER Jacobson. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter\\_Jacobson](http://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Jacobson)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- PRAGMATISMO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pragmatismo>> Acesso em: 16 de janeiro de 2013.
- ROBERT Sean Leonard. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert\\_Sean\\_Leonard](http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Sean_Leonard)> Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- SHERLOCK Holmes. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sherlock\\_holmes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sherlock_holmes)> Acesso em: 16 de janeiro de 2013.
- VICODIN. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vicodin>> Acesso em: 14 de junho de 2013.
- WOLFHART Pannenberg. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfhart\\_Pannenberg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Wolfhart_Pannenberg)> Acesso em: 25 de abril de 2013.
- ZYGMUNT Bauman. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Zygmunt\\_Bauman](http://pt.wikipedia.org/wiki/Zygmunt_Bauman)> Acesso em: 10 de novembro de 2012.

## Bibliografia

- ALVES, Rubem. **O Enigma da Religião**. Campinas: Papyrus, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BLITRIS. **A Filosofia em House**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009.
- BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e transversalidade Hipóteses sobre a transgressão de fronteiras. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 39, n. 2, 1999.
- CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da Arte**. São Paulo: Paulinas. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- COURTÉS, Joseph; GREIMAS, Algirdas Julius. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2011.
- DA SILVA, Rafael Rodrigues. Saúde e teologia: um olhar crítico sobre a teologia da retribuição. In: MARTINI, Antonio. MARTINS, Alexandre Andrade (orgs.). **Teologia e Saúde: Compaixão e Fé em meio à vulnerabilidade humana**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 75-90.
- DE SOUZA, Vitor Chaves. “O inferno está vazio e os demônios estão aqui”: uma reflexão existencialista sobre a história dos infernos em diálogo com o demoníaco em Paul Tillich. **Correlatio**, Brasil, 10, mar. 2012. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/2973>> . Acesso em: 22 Jun. 2013. p. 43-65.
- DELLEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: !34, 1992.
- FORTE, Bruno. **Teologia em diálogo – para quem quer e para quem não quer saber nada disso**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 30. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- GARGANI, Algo. A experiência religiosa como evento e interpretação. In DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gianni. **A Religião**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p. 125-140.
- GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Loyola, 2002.
- GOSO, Diego. **Il Vangelo secondo... Dr. House**. Cantulapa: Effatà, 2010.
- GRUEN, Wolfgang. **O Ensino Religioso na escola**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HEIMANN, Thomas. DE OLIVEIRA, Roseli Margaretha Kühnrich. Cuidando de cuidadores: um olhar sobre os profissionais de ajuda a partir do conceito de cuidado integral. In: NOÉ, Sidnei Wilmar. **Espiritualidade e Saúde – Da cura d'almas ao cuidado integral**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 79-98.

HOLTZ, Andrew. **A Ciência Médica de House**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

JACKMAN, Ian. **O guia oficial de House**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

LELOUP, Jean-Yves. A antropologia dos Terapeutas de Alexandria e de Graf Durckheim. In: BOFF, Leonardo. LELOUP, Jean-Yves. **Terapeutas do deserto**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 49-64.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Sociedade Pós-Moralista**. Barueri: Manole, 2005.

MACHADO, Renato Ferreira. House: a teologia subliminar de um seriado sobre saúde. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p.385-401.

MACHADO, Renato Ferreira. Dr. House e a dúvida teológica: a crise das experiências de fé contemporâneas no limite da identidade corporal. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E XII SEMANA DE ESTUDOS DA RELIGIÃO: A RELIGIÃO NA MÍDIA, A MÍDIA NA RELIGIÃO, 5., 2011, Goiânia. **Anais do V Congresso Internacional em Ciências da Religião e XII Semana de Estudos da Religião: A Religião na Mídia, a Mídia na Religião - Religião, Transformações Culturais e Globalização**. Goiânia: PUC - Goiás, 2011.

MARTINI, Antonio. Cuidar: aspectos éticos e espiritualidade na saúde. In: MARTINI, Antonio. MARTINS, Alexandre Andrade (orgs.). **Teologia e Saúde: Compaixão e Fé em meio à vulnerabilidade humana**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 183-201.

MOLTMANN, Jürgen. **A Vinda de Deus – Escatologia Cristã**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. **Ciência e Sabedoria**. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. **Dio nel Progetto del Mondo Moderno – Contributi per una rilevanza pubblica della teologia**. Brescia: Queriniana, 1999.

MOLTMANN, Jürgen. **El Dios Crucificado: la cruz de Cristo como base y crítica de toda teología Cristiana**. Salamanca: Sígueme, 1975.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de Reflexão Teológica – Caminhos e formas da teologia cristã**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

MOLTMANN, Jürgen. **Man – Christian Anthropology in the conflicts of the present**. Philadelphia: Fortress, 1976.

MOLTMANN, Jürgen. O que é a vida humana? In: **Humanística e Teologia**, Porto, Tomo XXVIII, Fascículo ½, p. 66-87, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. **Vida, esperança e justiça**: um testamento teológico para a América Latina. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. O que é a Vida Humana? Antropologia e desenvolvimento biomédico. In: **Humanística e Teologia**. Porto, tomo XXVIII, fascículo 1 / 2, p. 67-87, dez. 2007.

MOLTMANN, Jürgen. **Ética da Esperança**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**: Repensar a reforma. Reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **O Cinema ou o Homem Imaginário**. Tradução Antônio-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

PARRELLA, F.. Vida e Espiritualidade no pensamento de Paul Tillich. In: **Correlatio**, Brasil, 3, apr. 2010. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1764/1750>>. Acesso em: 30 Mar. 2013.

PINHO, Arnaldo de. Notas Biográficas e Teológicas sobre Jürgen Moltmann. In: **Humanística e Teologia**. Porto, tomo XXVIII, fascículo 1 / 2. p. 51-65. dez. 2007.

REGAZZONI, Simone. A Hiperética de House. In: BLITRIS. **A Filosofia em House**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. p.24-27.

SANDERS, Lisa. **Todo paciente tem uma história para contar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SOBRINO, Jon. **Onde está Deus?**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

TESTINO, Chiara. A ética de House. In: BLITRIS. **A Filosofia em House**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2009. p. 45-83.

TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

TILLICH, Paul. **A Dinâmica da Fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

TILLICH, Paul. Entrevista à revista Time, 06 de março de 1959, p. 47. Apud. CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da Arte**. São Paulo: Paulinas. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

TILLICH, Paul. **Moralidad y algo mas**. Buenos Aires: America 2000, 1974.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VILHENA, Maria Angela. Viver, adoecer, sofrer e morrer nas religiões. In: MARTINI, Antonio. MARTINS, Alexandre Andrade (orgs.). **Teologia e Saúde**: Compaixão e Fé em meio à vulnerabilidade humana. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 59-74.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.